

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL**

MONIQUE AMARAL DE FREITAS

**"Da ponte pra cá":** variação linguística e significado social no Extremo da Zona Sul de São Paulo

Versão Corrigida

São Paulo  
2023

MONIQUE AMARAL DE FREITAS

**"Da ponte pra cá":** variação linguística e significado social no Extremo da Zona Sul de São Paulo

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Ronald Beline  
Mendes

Versão Corrigida

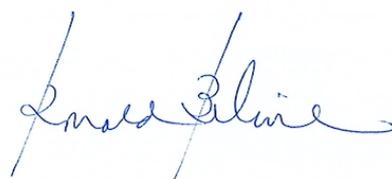
São Paulo

2023

**ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE****Termo de Anuência do (a) orientador (a)****Nome do (a) aluno (a): Monique Amaral de Freitas****Data da defesa: 29/09/2023****Nome do Prof. (a) orientador (a): Prof. Dr. Ronald Beline Mendes**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 18/12/2023



---

*(Assinatura do (a) orientador (a))*

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

F" Freitas, Monique  
"Da ponte pra cá": variação linguística e significado social no Extremo da Zona Sul de São Paulo / Monique Freitas; orientador Ronald Mendes - São Paulo, 2023.  
260 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Linguística. Área de concentração: Semiótica e Lingüística Geral.

1. Falar paulistano. 2. Zona Sul de São Paulo. 3. Significado social. 4. Variação linguística. 5. Sociolinguística. I. Mendes, Ronald, orient. II. Título.

FREITAS, Monique Amaral de. "Da ponte pra cá": variação linguística e significado social no Extremo da Zona Sul de São Paulo. Tese (Doutorado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Linguística..

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Dedico este trabalho às minhas avós, que ao longo de suas vidas tiveram o acesso ao mundo da palavra escrita negado.

Dedico também à Marco Pezão (*in memorian*), Tula Pilar (*in memorian*), Dora (*in memorian*), e a todos(as) os(as) artistas e articuladores(as) da cultura periférica, que fazem acontecer todos os dias “milagre de gente”.

## **Agradecimentos**

À CAPES, pela bolsa de pesquisa que tornou a realização deste trabalho possível.

Ao meu orientador, Ronald Beline Mendes, por ter generosamente aberto as portas de seu grupo de estudos e por ter aceitado orientar esta pesquisa. Agradeço pelas leituras, sugestões e pelo acompanhamento ao longo desse processo.

Às professoras membros da banca de defesa, Livia Oushiro, Anna Christina Bentes e Rosane Berlinck, pela leitura gentil e enriquecedora desta tese. Foi uma grande honra ter meu trabalho lido e avaliado por pesquisadoras que tanto admiro.

Aos professores Olga Coelho Sansone, Paulo Segundo e José Guilherme Cantor Magnani da FFLCH-USP, que me acolheram de diferentes formas ao longo de minha trajetória na instituição, seja orientando estágios docentes, me recebendo em seus grupos de estudos ou como aluna especial em suas disciplinas.

Aos integrantes do GESOL, que proporcionaram interlocuções incríveis e as melhores companhias: Amanda, Maria, Wendel, Luigi, Larissa, Isabel, Giovana, Germano, Pedro e Gustavo.

Mais uma vez à Amanda, Maria e Wendel pelas contribuições para esta pesquisa, pelo apoio, pelas prosas acompanhadas por bolo e café e por todo o carinho e amizade. Vocês foram luz nessa caminhada e são parte das minhas melhores memórias deste período. Vou ser sempre muito grata a cada um de vocês.

Ao meu companheiro Diego, por não me deixar desistir, pelas contribuições para esta pesquisa, pela paciência, por ter segurado as pontas em diversos momentos, pela amorosidade, por ter me ajudado a levantar em todas as vezes em que eu caí, por tudo.

Aos meus pais, por nunca deixarem de acreditar em mim.

Às dezenas de moradores da Zona Sul que me receberam em seus locais de trabalho, estudo, lazer e em suas casas.

À equipe da escola CIEJA Lélia Gonzalez, em especial à Cibele e Agatha, à assistente social responsável pelo NCI Jardim Ângela, aos alunos e professores do MOVA Jd. Ângela, aos membros do Fórum de Pesquisadores M'Boi Mirim, aos colegas Luiz Fernando e Cláudia, bem como a todos(as) aqueles(as) que me auxiliaram na busca por participantes para as entrevistas realizadas para esta pesquisa.

À Marco Pezão (*in memorian*), Suzi, Binho, Diane, Dora (*in memorian*), Alai, Otilia, Tubarão, Luan, Djalma, Zilda, ZÁ, Serginho, Tatiana e a todos os poetas, atores, artistas produtores culturais que carinhosamente me receberam durante suas atividades e permitiram que eu conseguisse viver um pouquinho da “revolução das andorinhas” que acontece a cada encontro de trabalhadores da palavra.

*"Mas já observei os nossos políticos. Para observá-los, fui na Assembléia. A sucursal do Purgatório, porque a matriz é a sede do Serviço Social, no palácio do Governo. Foi lá que eu vi ranger de dentes. Vi os pobres sair chorando. E as lágrimas dos pobres comove os poetas. Não comove os poetas de salão. Mas os poetas do lixo, os idealistas das favelas, o expectador que assiste e observa as tragédias que os políticos representam com relação ao povo."*

*(Carolina de Jesus, 1960)*

*"Nóis é Ponte e atravessa qualquer rio  
Não se subestime  
Mostre força  
Encare o real  
Deixe de lado o mal  
Sem ser bom de todo  
Senão o mundo te faz tolo  
E ninguém é biscoito  
Pra se deixar comer*

*Nóis é Ponte e atravessa qualquer rio"*

*(Marco Pezão, 2013)*

## RESUMO

FREITAS, Monique Amaral de. "Da ponte pra cá": variação linguística e significado social no Extremo da Zona Sul de São Paulo. 2023. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Esta pesquisa se insere no campo da Sociolinguística e tem como enfoque a investigação de padrões sociolinguísticos na região do Extremo da Zona Sul da cidade de São Paulo e de suas relações com a construção de uma noção de diferença (simbólica e geográfica) por parte de moradores dessa região em relação às regiões mais centrais da cidade. Para tanto, são adotadas mais de uma estratégia metodológica, são elas: (1) a entrevista sociolinguística aos moldes propostos pelo Projeto SP2010 (Mendes & Oushiro, 2013), tendo como participantes moradores nascidos ou migrados para a região ainda na infância; (2) a pesquisa participativa etnográfica em saraus tradicionais da região, entendidos aqui como “comunidades de práticas” (Labov, 2006[1966]), são eles o Sarau da Cooperifa, o Espaço Cultural I Love Laje e o Sarau do Binho, delimitados por sua importância para o movimento cultural da região e por sua abertura à presença da pesquisadora em suas atividades; (3) a análise qualitativa do discurso de três falantes icônicos membros das comunidades de práticas em situações comunicacionais registradas em vídeo e disponíveis online, os participantes são representantes escolhidos dos mesmos saraus em que houve incursão etnográfica da pesquisadora. Quanto à estratégia (1), observa-se as mesmas variáveis linguísticas estudadas por Oushiro (2015), isto é, /e/ nasal, /r/ em coda e as concordâncias nominal de número e verbal de primeira e terceira pessoa do plural; quanto à estratégia (2), interrompida em virtude da conjuntura sanitária do período 2020-2022, a incursão etnográfica visou a compreensão da relação entre práticas linguísticas e significados sociais localmente (Eckert, 2018) negociados. Sua contribuição termina por ser a de contextualização dos dados provenientes da estratégia (3), que consiste na análise de trechos de das falas de Binho e Suzi e a de Sérgio Vaz, entendidos como indivíduos icônicos. Suas falas foram analisadas, respectivamente, em dois momentos distintos de uma mesma situação comunicacional, para os dois primeiros, e em duas situações comunicacionais diferentes, no caso do terceiro, com vistas a verificar como as variáveis linguísticas (-r), CN, CV e determinados Marcadores Discursivos (como “mano” e “tá ligado” são combinadas na mobilização de significados sociais associados ao EZS. Os resultados das análises das duas amostras indicam que, embora a região não se caracterize como uma comunidade de fala

distinta da paulistana, é possível identificar usos estilísticos de elementos reconhecidos como parte de um registo popular paulista por parte dos articuladores culturais do sarau que potencialmente tipifiquem um falar “da periferia”.

Palavras-chave: Falar paulistano. Variação linguística. Zona Sul. Sociolinguística.

## ABSTRACT

FREITAS, Monique Amaral de. "Da ponte pra cá": linguistic variation and social meaning in São Paulo Far South. 2023. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

This study is situated in the field of Sociolinguistics and focuses on investigating sociolinguistic patterns in the Sao Paulo Far South and their relationship with the construction of a notion of difference (symbolic and geographic) by the residents of this region in relation to the central regions of the city. To achieve this, multiple methodological strategies are adopted, including: (1) sociolinguistic interviews following the guidelines of the SP2010 Project (Mendes & Oushiro, 2013), involving residents born or migrated to the region in their childhood; (2) participatory ethnographic research in traditional cultural gatherings in the region, understood here as "communities of practice" (Labov, 2006[1966]), including the Sarau da Cooperifa, Espaço Cultural I Love Laje, and Sarau do Binho, chosen for their significance in the local cultural movement and their openness to the researcher's presence during their activities; (3) qualitative discourse analysis of three iconic speakers who are members of these communities of practice in communicative situations recorded on video and available online. These participants were selected as representatives of the same cultural gatherings that were subject to ethnographic inquiry by the researcher. Regarding strategy (1), the same linguistic variables studied by Oushiro (2015) are observed, including /e/ nasal, /r/ in coda, and nominal concordances of number and verbal concordances of the first and third person plural. As for strategy (2), which was interrupted due to the sanitary circumstances of the 2020-2022 period, the ethnographic inquiry aimed to understand the relationship between linguistic practices and locally negotiated social meanings (Eckert, 2018). Its contribution lies in contextualizing the data from strategy (3), which consists of the analysis of excerpts from the speeches of Binho and Suzi and Sérgio Vaz, understood as iconic individuals. Their speech was analyzed in two different moments of the same communicative situation for the first two and in two different communicative situations for the third. This analysis aims to determine how linguistic variables (-r), nominal concordance, coda-vowel (CV), and specific Discursive Markers (such as "mano" and "tá ligado") are combined in mobilizing social meanings associated with the Extreme South Zone. The results of the analysis of both samples indicate that, although the region does not constitute a distinct speech community from that of São Paulo, it is possible to identify stylistic

uses of elements recognized as part of a popular São Paulo register by the cultural participants of the Sarau, potentially typifying a "peripheral" way of speaking.

Keywords: São Paulo speech. Linguistic variation. South Zone. Sociolinguistics.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa da cidade de São Paulo .....	51
Figura 2 - Fachada do espaço cultural I Love Laje .....	68
Figura 3- Estandarte do Sarau do Binho.....	70
Figura 4- Nuvem de palavras sobre a avaliação de [ejn].....	90
Figura 5 - Gráfico com a proporção de ocorrência de [ejn] por Faixa Etária.....	102
Figura 6 - mapa do (-r) no estado de São Paulo .....	111
Figura 7 - Nuvem de palavras sobre a avaliação de retroflexo .....	120
Figura 8 - Nuvem de palavras sobre a avaliação de tepe.....	125
Figura 9 - reportagem O globo (CN).....	139
Figura 10 - Nuvem de palavras sobre CNØ .....	140
Figura 11- distribuição de CN- Ø por nível de escolaridade .....	148
Figura 12- distribuição de CN- Ø pelas Faixas Etárias .....	149
Figura 13- distribuição de CV- Ø por Escolaridade .....	166
Figura 14 - grafo com os termos mais frequentes utilizados nas respostas dos participantes sobre a expressão “da ponte pra cá” .....	171
Figura 15- O verso “Vida loka é quem estuda” grafitado no muro de um bairro da zona sul	198
Figura 16 - O verso “Vida loka é quem estuda” grafitado em uma pista de skate em Caraguatatuba, litoral de São Paulo.....	198
Figura 17-Sergio Vaz no Az Ideias Podcast.....	220

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1- Estratificação da amostra de 35 falantes do EZS, com número de entrevistados por célula.....	76
Quadro 2 - Distribuição geral das ocorrências de (EN) .....	96
Quadro 3 - Proporção das ocorrências de (EN) nas sessões de leitura.....	96
Quadro 4 - Variáveis linguísticas da análise de (EN) .....	97
Quadro 5- distribuição geral de (-r).....	127
Quadro 6 - distribuição de (-r) no subconjunto de dados .....	128
Quadro 7- resultados dos diferentes estudos sobre (-r) na cidade de São Paulo .....	134
Quadro 8- distribuição de CN no subconjunto de dados .....	144
Quadro 9 - Variáveis linguísticas da análise de (CN-SNs).....	145
Quadro 10 - distribuição geral de CV para 1PP .....	157
Quadro 11- Variáveis linguísticas da análise de CV para 1PP .....	158
Quadro 12 - ocorrências de CV-∅ de 1PP .....	159
Quadro 13- distribuição geral de CV para 3PP .....	163
Quadro 14 - variáveis linguísticas 3PP.....	163

## ÍNDICE DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Resumo dos resultados do modelo de regressão (efeitos mistos) para a variável /e/ nasal para as variáveis selecionadas .....	99
<b>Tabela 2</b> - Resumo dos resultados do modelo Análise de regressão (de efeitos mistos) de (EN) para Classe Morfológica.....	100
<b>Tabela 3</b> - Resumo dos resultados do modelo Análise de regressão (de efeitos mistos) de (-r) para Classe Morfológica.....	129
<b>Tabela 4</b> - Resumo dos resultados do modelo Análise de regressão (de efeitos mistos) de (-r) para Contexto Fônico Seguinte .....	130
<b>Tabela 5</b> - Resumo dos resultados do modelo Análise de regressão (de efeitos mistos) de (-r) para Posição, Tonicidade e Contexto Fônico Precedente .....	131
<b>Tabela 6</b> - Resumo dos resultados do modelo Análise de regressão (de efeitos mistos) de (-r) para as variáveis sociais.....	132
Tabela 7 - Resumo dos resultados do modelo Análise de regressão (de efeitos mistos) de CN para as variáveis preditoras selecionadas .....	146
Tabela 8 - Resumo dos resultados do modelo Análise de regressão (de efeitos mistos) de CN para Classe Morfológica.....	147
<b>Tabela 9</b> - Resumo dos resultados do modelo Análise de regressão (de efeitos mistos) de CV (3PP) para as variáveis selecionadas .....	164

## ÍNDICE DE ANEXOS

<b>Anexo I- Roteiro da entrevista para a amostra estratificada .....</b>	<b>247</b>
<b>Anexo II - Lista de palavras (leitura) .....</b>	<b>251</b>
<b>Anexo III - Leitura de notícia.....</b>	<b>252</b>
<b>Anexo IV - Leitura de depoimento.....</b>	<b>252</b>
<b>Anexo V - Tabela com as ocorrências das variáveis por participante (amostra estratificada).....</b>	<b>253</b>
<b>Anexo VI - Teste de significância do modelo de regressão para (EN).....</b>	<b>254</b>
<b>Anexo VII - Resumo do teste de regressão de efeitos mistos de (EN) para a 3ª Faixa Etária .....</b>	<b>255</b>
<b>Anexo VIII - Resumo do teste de regressão de efeitos mistos de (EN) para a 2ª Faixa Etária .....</b>	<b>255</b>
<b>Anexo IX - Resumo do teste de regressão de efeitos mistos de (EN) para a 1ª Faixa Etária .....</b>	<b>256</b>
<b>Anexo X - Teste de regressão de efeitos mistos para CN sem a adição de “Falante” como efeito aleatório.....</b>	<b>257</b>

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>12</b>
<b>1. Dimensões teóricas .....</b>	<b>19</b>
1.1 Sociolinguística: movimentos analíticos .....	19
1.2 Comunidade de fala e comunidade de práticas .....	34
1.2 Significado social da variação .....	42
1.3 Compreendendo o espaço urbano a partir das ciências sociais .....	45
1.3.1 Os conceitos de segregação socioespacial e território .....	45
<b>2. Sobre onde e como: histórico do Extremo da Zona Sul e caminhos da pesquisa .....</b>	<b>50</b>
2.1 Situando a comunidade .....	50
2.1.1 A constituição do Extremo da Zona Sul de São Paulo .....	52
2.2 Rumos projetados <i>versus</i> rumos concretizados.....	65
2.2.1 A aproximação etnográfica e o percurso em campo.....	66
2.2.2 Novos rumos para a pesquisa .....	72
2.2.3 A amostra estratificada .....	75
<b>3. A variável /e/ nasal.....</b>	<b>80</b>
3.1 Atitudes e avaliações acerca de [ejn].....	84
3.2 Análises multivariadas.....	95
<b>4. A variável (-r).....</b>	<b>107</b>
4.1 Atitudes e avaliações acerca de (-r).....	116
4.3 Análise multivariada.....	127
<b>5. A variável Concordância Nominal.....</b>	<b>136</b>
5.1 Avaliações e atitudes sociolinguísticas acerca da marca zero de CN.....	139
5.2 Análise multivariada.....	144
<b>6. A variável Concordância Verbal .....</b>	<b>153</b>
6.1 Análise multivariada.....	157

<b>7. Significados sociais da variação no EZS.....</b>	<b>168</b>
7.1 Significados sociais da variação a partir da amostra estratificada.....	168
7.2 Discursos dos participantes da amostra estratificada sobre a expressão “da ponte pra cá”...170	
7.3 Contextualizando as comunidades de práticas: a história dos saraus do EZS.....	186
7.4 Construções estilísticas do “ser periférico” .....	203
7.4.1 Indiciação do “ser periférico” na fala de três falantes da amostra estratificada .....	203
7.4.2 Significados sociais e estilo sociolinguístico na performance de ícones culturais dos saraus do EZS.....	210
<b>Conclusão.....</b>	<b>229</b>
<b>Referências.....</b>	<b>236</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>247</b>

## **Introdução**

O pioneirismo acerca da descrição do português falado na cidade de São Paulo remonta ao começo da década de 1970, protagonizado pelo Projeto NURC/SP. O projeto construiu um robusto banco de dados de fala, composto por gravações de falantes nascidos em São Paulo, de ambos os sexos, com nível superior de escolaridade, distribuídos em três faixas etárias – de 25 a 35 anos, de 36 a 55 e de 56 anos em diante. Sem dúvidas, a construção dessa amostra da fala representou uma grande inovação para os estudos linguísticos da época, já que o estudo da língua falada não era então exatamente o seu foco e seu valor como documentação de uma importante fase histórica da constituição do português brasileiro contemporâneo é inegável.

Uma de suas limitações, contudo, refere-se justamente a essas características, que selecionavam uma parcela muito específica de falantes. Por exemplo, de acordo com os dados do Censo do IBGE daquele período, a taxa de pessoas com ensino superior na primeira faixa etária (25 a 35 anos) era de aproximadamente 1,9%; na segunda faixa etária (36 a 55), variava entre 1,1% e 0,56 %; na terceira faixa etária (56 anos em diante), entre 0,46% e 0,43%. A “variedade urbana culta” do português documentada pelo projeto representava dizia respeito, então, uma parcela muito pequena da população paulistana e, conseqüentemente, da “fala paulistana”.

Passados mais de 50 anos desse projeto pioneiro e considerando as transformações da população brasileira de modo geral, bem como a constituição urbana da cidade (cf. Capítulo 2) e as variações linguísticas inerentes a transformações com tal nível de profundidade, é razoável dizer que a “norma urbana culta” descrita pelo projeto já não disponibiliza uma fotografia atual da realidade sociolinguística de São Paulo.

Nas décadas seguintes ao NURC, contudo, surgem alguns trabalhos centrados no estudo do português falado na cidade de São Paulo interessados na investigação da variação sociolinguística entre falantes de outros perfis sociais. Os trabalhos de Rodrigues (1987) e Coelho (2006), por exemplo, destacam-se por trabalhar com sujeitos advindos de realidades distintas daquelas que, frequentemente, advêm os sujeitos que têm ocupado na linguística brasileira o papel de “falante nativo”. Com um intervalo de quase 20 anos de diferença entre elas, essas duas pesquisas investigaram a variação linguística na Brasilândia, na região

periférica da Zona Norte de São Paulo. Além disso, ambas se sobressaem em um cenário no qual, tradicionalmente, os trabalhos realizados na área de Sociolinguística no Brasil se debruçam sobre dados provenientes de grandes projetos de bancos de fala e no qual, não raro, há certo grau de distanciamento entre a comunidade e as pessoas envolvidas nos processos de coleta e análise dos dados<sup>1</sup>. No caso dos estudos conduzidos por Rodrigues (1987) e Coelho (2006), o trabalho em campo e um olhar etnográfico foram fundamentais para a construção de suas interpretações acerca dos padrões sociolinguísticos que encontraram.

Se esses dois trabalhos se dedicam à construção de amostras menores, de uma região específica da cidade, com características sociodemográficas também específicas e padrões sociolinguísticos particulares, a primeira estratégia voltada à construção de uma amostra representativa da fala paulistana, para além da variedade culta, é o Projeto SP2010 (Mendes, 2012; Mendes & Oushiro, 2013), que entrevistou paulistanos de diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade, tendo particular cuidado ao inserir falantes de diferentes zonas da cidade de São Paulo. Dele deriva a pesquisa de doutorado de Oushiro (2015), primeiro trabalho voltado a um conjunto de variáveis sociolinguísticas (simultaneamente) e à pergunta sobre se os paulistanos constituem “uma única comunidade de fala”. Essa tese de doutorado responde afirmativamente tal pergunta por meio da análise de 118 entrevistas sociolinguísticas obtidas a partir do projeto piloto que precedeu o Projeto SP2010 (Mendes & Oushiro, 2013). A pesquisa abrange várias “frentes”: como os padrões gerais de ocorrência de diferentes das variáveis /e/ nasal, /r/ em coda, Concordância Nominal de Número, Concordância Verbal de 1PP e 3PP; a observação de padrões em fala individual em comparação com os padrões gerais; a investigação da covariação entre variáveis dependentes e a avaliação dos paulistanos sobre essas variáveis, incluindo análise de comentários metalinguísticos. Além disso, a pesquisa explora a percepção dos paulistanos sobre uma variável linguística específica, o /r/ em coda, já bastante investigada do ponto de vista da produção, mas não do ponto de vista de sua associação indicial a múltiplos significados sociais.

A presente pesquisa continua, então, a percorrer a trilha de estudos sociolinguísticos com foco na cidade de São Paulo, em busca de um entendimento cada vez mais amplo do

---

<sup>1</sup> Discussão mais aprofundada nesse sentido foi proposta por Freitag (2016).

português paulistano e “do paulistano”, propriamente, enquanto “um ser sociolinguístico” específico. Nesse sentido, esta tese se volta ao Extremo da Zona Sul (EZS, daqui em diante), situado na periferia da cidade de São Paulo. Apesar de ser uma das áreas com maior densidade populacional da cidade, ainda não havia sido realizado, até o presente, nenhum estudo sociolinguístico dedicado aos paulistanos dessa região. Embora a amostra do Projeto SP2010 seja composta por falantes das regiões centrais e periféricas, definiu-se “periferia” como qualquer área fora do centro expandido da cidade. Além disso, a amostra SP2010 se caracteriza pela variável Zona da Cidade, sem, contudo, ser estratificada por ela – ou seja, a amostra não é balanceada de acordo com tal variável, de maneira que os falantes das extremidades da Zona Sul paulistana não são, nela, numericamente expressivos.

Considerando a dimensão do território que compõe o que se chama aqui de EZS, a quantidade de pessoas que lá vive e se constitui subjetiva e linguisticamente, bem como a relativa ausência de pesquisas empíricas que os tome como objeto de estudo, o esforço empreendido nesta pesquisa tem caráter inédito, em especial pela diversidade metodológica aqui proposta e pela abordagem “de dentro e de perto” que foi adotada, não sem desafios que serão explicitados posteriormente.

Devido ao complexo processo de urbanização do EZS, caracterizado pela segregação socioespacial em relação às áreas centrais da cidade (cf. Capítulo 2) e pelos movimentos sociais e culturais que emergem desse contexto, os habitantes dessa área desenvolveram um discurso sobre sua distinção da “São Paulo mais central”. Esse discurso é sintetizado principalmente na expressão “Da Ponte Pra cá”, popularizada pela música homônima do grupo de rap Racionais MCs, oriundo do Capão Redondo, um distrito do EZS.

Haja vista essa elaboração, que captura a tensão das dinâmicas urbanas periferia-centro, o interesse central deste estudo é verificar, tanto de um ponto de vista macrossocial quanto de um ponto de vista mais localizado, se tais discursos se alinham a padrões de variação característicos da região, distintos daqueles encontrados para a cidade de São Paulo como um todo.

Com relação ao nível mais “macrossociológico”, analisa-se, por meio de uma amostra de falantes da região, estratificada aos moldes do Projeto SP2010, as mesmas variáveis

linguísticas analisados por Oushiro (2015): (EN), (-r), CN e CV. Esta “primeira amostra” visa a permitir identificar se, em alinhamento aos discursos dos moradores do EZS sobre sua diferença com relação ao restante da cidade, os padrões de emprego das variantes dessas variáveis e de sua avaliação sociolinguística por falantes dessa região permitem entendê-la como uma comunidade de fala distinta da paulistana.

Quanto ao olhar mais “micro”, projetou-se investigar a relação entre essas mesmas variáveis linguísticas e significados sociais em uma comunidade de práticas da região que fosse localmente relevante na construção de uma “identidade zona sul”. Tal amostra seria composta por gravações realizadas enquanto os falantes estivessem engajados nos empreendimentos da(s) comunidade(s) de práticas a que pertencem, de modo a verificar como, junto a outras práticas sociais, as práticas linguísticas são mobilizadas na negociação de categorias localmente relevantes. A interpretação dos dados dessa amostra seria informada pelo trabalho etnográfico realizado pela pesquisadora na comunidade de práticas escolhida. Posteriormente, um indivíduo icônico desta comunidade seria convidado a gravar-se a si mesmo em diferentes situações interativas, com o propósito de identificar como um mesmo indivíduo faz uso de variantes de múltiplas variáveis linguísticas na projeção de diferentes tipos sociais (ou “personas”) e na construção de diferentes estilos, enraizados nas práticas em que se engaja (nos saraus?) – práticas estas que, por sua vez, estariam ideologicamente ligadas a uma concepção de EZS e ao construto “da ponte pra cá”.

O Capítulo 2 descreve a condução da pesquisa etnográfica em vários projetos culturais do EZS, com o objetivo de encontrar uma comunidade de práticas cuja observação participante permitisse atingir os objetivos da pesquisa originalmente projetada. Durante essa fase, os saraus literários se destacaram como ambientes particularmente relevantes para a condução do estudo, dada sua atuação na região. Entre os anos de 2018 e 2019, em visita a diversos saraus da região – como a Cooperifa, o Sarau do Espaço Cultural “I Love Laje” e o Sarau do Binho –, este último despontou como o mais adequado para a observação participante (por razões que se explicitam no Capítulo 2). No Sarau do Binho, também seriam conduzidas as gravações de uma “segunda amostra”, etnograficamente situada, que permitisse uma análise de empregos socialmente estratégicos das variáveis em foco – a fim de verificar, por exemplo, se os significados sociais

de certas variantes poderiam ser mais bem explicados no seio das práticas em que emergem seus usos.

Ao longo de todo o ano de 2019, realizou-se imersão no campo dos saraus, por dois motivos centrais. O primeiro deles é a necessidade de uma permanência prolongada na comunidade de práticas a fim identificar categorias sociais localmente relevantes e os significados sociais de suas práticas (que incluem as de natureza linguística). O segundo motivo está relacionado à importância de garantir que os participantes se sentissem à vontade durante as futuras gravações, a fim de minimizar a “marcação social” da presença da pesquisadora e seu impacto na espontaneidade das interações. As gravações dessa “segunda amostra” seriam realizadas no início do ano de 2020, tão logo o Sarau do Binho retomasse sua agenda de atividades (o que costuma ocorrer anualmente após o período do Carnaval). Entretanto, em função das medidas de isolamento social adotadas em face da pandemia de Covid-19, a partir de março de 2020, as atividades do sarau foram suspensas e a execução das gravações da “segunda amostra” e de um de seus membros icônicos foram inviabilizadas.

Mediante esse cenário, que se prolongou por todo ano de 2020 e de 2021 (as atividades presenciais dos saraus só passaram a ser gradualmente retomadas a partir de 2022), as estratégias analíticas adotadas para a realização desse enfoque mais localizado precisaram ser modificadas: selecionaram-se trechos de entrevistas concedidas por agitadores culturais de destaque no EZS – Suzi e Binho, do Sarau do Binho, e Sérgio Vaz, da Cooperifa. Essa nova estratégia, de cunho qualitativo, visa a identificar como esses falantes constroem diferentes estilos sociolinguísticos a depender do contexto interacional, mobilizando estrategicamente certos elementos linguísticos, dentre os quais as variáveis analisadas nos dados da “primeira amostra”, macrossocialmente estratificada.

Nos capítulos que se seguem, o primeiro faz uma exploração pormenorizada do campo da sociolinguística variacionista. Além disso, apresenta os conceitos das ciências sociais que são importantes para a compreensão da constituição do EZS como um território. O intuito principal do Capítulo 1 é, então, contextualizar as decisões teóricas e metodológicas adotadas na trajetória desta investigação.

No Capítulo 2 apresenta-os caminhos metodológicos percorridos por esta tese. Trata dos procedimentos de coleta e análise de dados, contextualizados, em sentido amplo, por um panorama histórico de desenvolvimento da cidade de São Paulo. A revisão da trajetória histórica da cidade situa o debate sobre a constituição da identidade política e cultural do EZS em cenário mais amplo de constituição de periferias e centro, bem como das interrelações entre esses aspectos da capital paulista.

Os capítulos 3, 4, 5 e 6 – respectivamente sobre (EN), (-r), (CN) e (CV) – apresentam uma breve descrição da literatura dedicada a cada uma dessas variáveis, discutem as suas avaliações sociolinguísticas (elaboradas em comentários metalinguísticos feitos pelos participantes das entrevistas da amostra estratificada) e explicitam os padrões de ocorrência das variantes na produção.

O Capítulo 7 é dedicado à investigação da relação entre variação e significado social. Propõe-se uma interpretação dos significados sociais dos padrões de variação identificados por meio da amostra estratificada, seguida de uma análise dos discursos dos seus participantes acerca da expressão “da ponte pra cá”, afim de verificar: (i) quais elementos aparecem de forma recorrente nesses discursos como características específicas da zona sul; (ii) os discursos metalinguísticos sobre o falar característico do EZS. Com base nas anotações realizadas durante o período de observação participante nos saraus e nos discursos metalinguísticos dos falantes do EZS entrevistados para a amostra estratificada, identificou-se “trabalho estilístico” (Eckert 2012, Hal-Lew, Moore & Podesva 2021) envolvendo três das variáveis estudadas na amostra estratificada – (-r), (CN) e (CV) –, além do uso de determinadas gírias e de certos marcadores discursivos. Em seguida, antes de avançar para uma análise das falas dos articuladores culturais Suzi, Binho e Sérgio Vaz, narra-se a história de surgimento e consolidação dos saraus, com a finalidade de contextualizar a criação das comunidades de práticas dos saraus do EZS e seu papel na constituição de significados sociais locais. Posteriormente, discute-se a relação entre as performances desses sujeitos – entendidas como práticas estilísticas – e a constituição de um falar não apenas característico do EZS, mas que tipifica o registro periférico.

Por fim, a conclusão faz um balanço sobre como o EZS se situa na paisagem sociolinguística da cidade de São Paulo e discute as limitações da presente pesquisa. Além

disso, desenvolvem-se considerações a respeito de possíveis contribuições das estratégias metodológicas adotadas neste trabalho, com vistas a futuras investigações de natureza semelhante, em São Paulo ou em outros lugares, principalmente aquelas que se interessem pela investigação de significados sociais nas relações entre língua e sociedade.

## 1. Dimensões teóricas

A fim de situar os principais pressupostos teóricos que norteiam as análises conduzidas ao longo desta pesquisa, este capítulo revê: (i) os diferentes movimentos analíticos comuns à sociolinguística variacionista (definidos, nos termos de Eckert [2012], como “ondas” da sociolinguística); (ii) os conceitos de comunidade de fala (Labov, 2006 [1966], 2008 [1972a]) e comunidade de práticas (Eckert & McConnell-Ginet, 2010 [1992]; Wenger, 1998), essenciais para situar os *loci* mobilizados nesta pesquisa, que inclui – tal como vimos anteriormente, na introdução – uma análise de padrões gerais de variação em uma amostra estratificada de falantes do EZS e uma interpretação dos significados sociais da variação a partir das práticas estilísticas de membros dos saraus literários, que se constituem como figuras de referência locais e (iii) os construtos das ciências sociais utilizados para a compreensão do espaço urbano em que se localiza o EZS.

### 1.1 Sociolinguística: movimentos analíticos

Dentro do grande campo dos estudos linguísticos, o termo “Sociolinguística” pode ser compreendido como uma vasta gama de subáreas que investigam a relação entre língua e sociedade (Trudgill & Hernández Campoy, 2007). Tomando essa definição mais ampla, um dos primeiros esforços na estruturação de uma área de investigação voltada para uma perspectiva socialmente contextualizada de práticas linguísticas é a Sociologia da Linguagem, proposta por Volóchinov (1929). Já o termo “Sociolinguística” aparece pela primeira vez em um artigo de Currie (1952), intitulado “*Projection of socio-linguistics: the relationship of speech to social status*”<sup>2</sup> (Coulmas, 2007). Apesar disso, o termo só se consolidou em meados dos anos 1960, tendo como um de seus marcos principais a realização de um congresso organizado por William Bright na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), em 1964. Desse evento teriam participado vários estudiosos advindos de tradições teóricas mais antigas, como William Labov, herdeiro da Dialetoologia Social, Dell Hymes, da Antropologia Linguística e especialistas das

---

<sup>2</sup> Tradução aqui proposta: “Projeção da sociolinguística: a relação da fala com o status social”.

áreas da intervenção social ou dos métodos experimentais, como sociólogos e psicólogos (Alkmin, 2001; Calvet, 2002).

Dentre as diferentes estratégias teórico-metodológicas desenvolvidas nesse período, destaca-se a Sociolinguística Variacionista, inaugurada por Labov (1963, 1966). Embora sua primeira pesquisa, sobre a relação entre padrões linguísticos e identidades sociais em Martha's Vineyard tenha sido publicada em 1963, foi a pesquisa de 1966, realizada em Nova Iorque, que teve como principal objetivo descrever padrões regulares de variação linguística e explicar os processos de mudança linguística. Esta pesquisa estabeleceu métodos e pressupostos teóricos a partir dos quais se inspiraram muitos outros estudos nos anos subsequentes. Ela teve como cenário de seu florescer o momento de maior repercussão do formalismo – especialmente aquele apresentado pela teoria chomskiana. Contrapondo-se à homogeneidade que as teorias formalistas sustentavam, a teoria laboviana tem como seu elemento mais paradigmático a concepção de heterogeneidade ordenada, que consiste na concepção de que o uso de formas linguisticamente indiferentes se dá em padrões sistemáticos, em correlação a fatores linguísticos e sociais.

O desenvolvimento da abordagem variacionista estabeleceu ainda outros construtos importantes. Um deles é a noção de estilo, que varia de mais casual a mais cuidadoso, de acordo com a automonitoração da fala: quanto mais atenção se presta à própria fala, mais o falante tende a se aproximar das formas linguísticas socialmente prestigiadas e, quanto menor tal nível de atenção, mais ele se aproxima do vernáculo – que pode ser definido como um repertório adquirido na infância e menos afetado pelas correções socialmente motivadas. Para acessar os diferentes estilos de fala, durante as gravações das entrevistas realizadas para a pesquisa, Labov recorreu a estratégias para conduzir os falantes a diferentes graus de atenção à própria fala, como, por exemplo, abordar temas que tivessem maior conotação emocional e fossem propícios para que os participantes ficassem mais sob controle do tema do que da forma de suas falas, bem como a utilização de textos para a realização de leituras que exigissem maior atenção do falante às formas linguísticas.

Outra inovação importante apresentada pelo trabalho de Labov é o construto da “mudança em tempo aparente”, que consiste na observação de indicadores dos estágios de

mudança linguística em uma amostra de fala sincrônica por meio da análise da distribuição dos padrões de variação em diferentes grupos etários.

Por meio da análise de dados de fala coletados via entrevistas sociolinguísticas e da correlação entre usos linguísticos e categorias macrosociológicas estratificadoras da amostra, Labov apresentou uma abordagem inovadora para a linguística, com contribuições teóricas fundamentadoras de um enfoque empírico quantitativo para o estudo da língua (Eckert, 2012). A identificação de um padrão regular de estratificação socioeconômica das variáveis em sua pesquisa (sobre o falar nova iorquino, por exemplo) foi posteriormente verificada por diversas outras investigações, em outras comunidades urbanas (cf. Wolfram, 1969, Trudgill, 1974, Macaulay, 1977; Cedergren, 1973; Modaresi, 1978; Scherre & Naro, 1991, entre muitos outros).

Adicionalmente, na perspectiva de Labov, a definição de comunidades linguísticas deve se guiar para além dos critérios geográficos e da interação entre falantes, sendo centrada na identificação de padrões linguísticos compartilhados, que caracterizariam a "comunidade de fala". Este construto, paradigmático para a teoria sociolinguística, será discutido em maior profundidade na seção seguinte.

Outra contribuição importante de seu trabalho está nos conceitos relacionados ao estatuto das variáveis na mudança linguística: (i) indicadores, que consistem em variantes linguísticas cujo valor social não é reconhecido conscientemente pelos falantes; embora o emprego de tais variantes seja estratificado por classe social, os falantes não fazem comentários metalinguísticos sobre elas; (ii) marcadores, que são variantes linguísticas que apresentam padrões de estratificação socioeconômica e estilística; na pesquisa sobre a mudança linguística, os marcadores são considerados um estágio intermediário de desenvolvimento ou mudança das variáveis, ocorrendo de baixo para cima; os falantes estariam menos conscientes acerca de um indicador do que de um marcador; (iii) estereótipos, que são variantes linguísticas sobre as quais os falantes frequentemente desenvolvem comentários metalinguísticos, que geralmente refletem algum estigma a elas associado.

Em linhas gerais, Labov (2006 [1966]) estabeleceu-se como referência essencial para uma série de trabalhos que se desenvolveram posteriormente. O tipo de empreendimento

compartilhado por eles constitui a abordagem macrossociológica dos estudos sociolinguísticos, designados por Eckert (2000, 2012) como a primeira onda de práticas analíticas da sociolinguística. Nos termos definidos pela pesquisadora, as características gerais dessa abordagem consistem na realização de estudos amplos de comunidades geograficamente localizadas, na investigação da correlação entre variáveis linguísticas e categorias macrossociais e na noção de estilo como decorrente da automonitoração da fala.

No Brasil, os estudos desse tipo encontram terreno fértil há décadas. Diversos grupos de pesquisadores que desenvolvem análises do fenômeno da variação linguística e assumem pressupostos centrais da Sociolinguística Variacionista baseiam suas pesquisas em bancos de dados de fala coletados de acordo com a metodologia macrossocial característica da primeira onda (Mendes & Oushiro, 2012). Alguns exemplos são o PEUL (no estado do Rio de Janeiro), o VARSUL (que reúne dados referentes aos três estados da região sul), o VALPB (no estado da Paraíba) e o Projeto Iboruna (no estado de São Paulo)<sup>3</sup>. Especificamente voltado para a cidade de São Paulo (onde se situa a área investigada nesta pesquisa), o Projeto SP2010<sup>4</sup> (Mendes & Oushiro, 2013; Mendes, 2013) consiste em uma amostra da fala paulistana composta por entrevistas realizadas com falantes de diferentes faixas etárias, escolaridades e zonas da cidade.

Esse extenso banco de dados possibilitou a pesquisa conduzida por Oushiro<sup>5</sup> (2015), que analisou quatro variáveis sociolinguísticas na fala de 118 paulistanos: a realização de /e/ nasal como monotongo ou ditongo, a pronúncia de /r/ em coda silábica como tepe ou retroflexo, a concordância nominal de número e a concordância verbal de primeira e terceira pessoa do plural. Na análise dessas variáveis, Oushiro (2015) investigou (i) quais identidades urbanas estão relacionadas aos seus usos; (ii) como os mecanismos de adesão ou resistência a certas normas linguísticas funcionam em diferentes grupos sociais; e (iii) se é possível considerar a cidade de São Paulo como uma única comunidade de fala. Seus resultados mostram que, embora

---

<sup>3</sup> Respectivamente: “Programa de Estudos sobre o uso da Língua” (<http://www.letas.ufjf.br/peul/>); “Variação Linguística Urbana no Sul do País” (<http://www.pucrs.br/fale/pos/varsul/>); “Variação Linguística no Estado da Paraíba” (<https://projetoalpb.com.br/>); e “Amostra Linguística do Interior Paulista” (<https://www.alip.ibilce.unesp.br/>).

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://projetosp2010.fflch.usp.br/>>. Acesso em 10 mar. 2022.

<sup>5</sup> Essa pesquisadora não apenas fez uso dos dados disponibilizados pela amostra, mas integrou e ajudou a coordenar a equipe que executou o Projeto SP2010.

todas as variáveis sociolinguísticas correlacionem-se a Sexo/Gênero, Classe Social e Nível de Escolaridade dos falantes, há diferentes tendências dentro da comunidade. Há, por exemplo, padrões divergentes quanto ao emprego de (-r) por parte de jovens de diferentes classes sociais, mudança em direção à variante padrão das concordâncias nominal e verbal nas regiões centrais e um cenário de variação estável nas regiões periféricas. Oushiro (2015) argumenta que tais padrões de variação podem ser mais bem compreendidos quando se consideram os significados sociais a que se associam as variantes.

Em sua interpretação, a rápida disseminação da variante ditongada de /e/ nasal se deve ao fato de se constituir como um marcador (Labov, 2008 [1972]) para os paulistanos, que não demonstram consciência acerca da variável nem se referem diretamente às suas diferentes variantes. Já a preferência pela variante retroflexa de (-r) entre jovens de classes baixas deve-se à reinterpretação de seu significado social como uma variante local e prestigiosa, em contraste com a variante fricativa presente nos falares de migrantes das regiões Norte e Nordeste, comparativamente mais estigmatizada. Ao mesmo tempo, embora as concordâncias nominal e verbal tenham um encaixe social bastante similar entre si, a concordância nominal não padrão ("os carro") é mais vigorosa, pois associa-se a significados como "masculinidade", "ser paulistano" e "ser morador da Mooca" (p. 129-135).

Diante de tais fatos, a despeito das diferentes tendências que se verificam na comunidade, a pesquisadora defende que a reprodução sistemática de padrões de encaixamento das variáveis entre os falantes permite dizer que São Paulo caracteriza-se como uma única comunidade de fala. A defesa desse ponto por Oushiro (2015) guarda relação com a orientação teórico-metodológica da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2006 [1966], 2008 [1972]) aos moldes labovianos. Embora a pesquisa explore aspectos referentes aos significados sociais associados aos padrões de variação para além das correlações reveladas pelas análises quantitativas (uma característica mais comum nos trabalhos de segunda e terceira onda, como se discute adiante), é estruturada a partir de uma perspectiva macrosociológica de análise, interessada, nos termos de Eckert (2012), sobretudo numa "*big picture*" da realidade sociolinguística da cidade de São Paulo.

Os pressupostos metodológicos da abordagem macrossociológica foram, contudo, questionados por diversos pesquisadores da área (cf., por ex., Romaine, 1982; Milroy, 1982). Uma das principais críticas consiste na relativização da agência atribuída aos indivíduos por essa abordagem, que se limitava à sua conformidade ou não a um senso de “prestígio” antagônico ao vernáculo e estabelecido pela comunidade de maneira consensual e homogênea. Como argumenta Coelho (2006), a “comunidade de fala” “pressupõe que falantes com pouco poder social compartilham os mesmos valores dos grupos dominantes” (p. 20).

Por outro lado, pesquisas como as de Labov (1972b) e Trudgill (1972) já indicavam a existência de padrões localmente situados de atribuição de valores positivos ao vernáculo. Ao estudar o inglês vernáculo afro-estadunidense em Nova Iorque, a primeira pesquisa identificou a atribuição de status a formas vernaculares entre meninos pré-adolescentes. A segunda verificou o favorecimento de formas não padrão na fala de homens da classe trabalhadora (em Norwich, Inglaterra), que vinha se disseminando também entre homens da classe média local. Trudgill (1972) argumenta que tal padrão se relaciona à associação dessas formas a noções de masculinidade, o que atribuiria um valor positivo localmente situado a formas linguísticas em princípio estigmatizadas (pela comunidade, no sentido amplo) – o que o pesquisador denomina de “prestígio encoberto”.

Essas duas pesquisas ilustram o seguinte ponto: se o emprego de formas prestigiadas pelo status quo em uma comunidade urbana pode representar “a busca e expressão de um prestígio socioeconômico, o uso de formas não padrão representaria um afastamento” dessa ordem estabelecida “e um atendimento a valores sociais ‘mais localizados’ (leia-se: entre subgrupos de informantes)” (Mendes, 2017, p. 110).

No entanto, conforme argumenta Eckert (2012), a centralidade dos construtos de vernáculo e o automonitoramento da fala como conceitos explicativos fundamentais para a variação nos estudos de primeira onda impediram que a agência dos indivíduos ganhasse um estatuto teórico dentro do modelo sociolinguístico dominante.

É nessa esteira que, no começo dos anos 1980, preocupados com a discussão do papel da agência social dos falantes nos usos vernaculares, teóricos como Milroy (1980) questionam a utilização do conceito de comunidade de fala (nos termos de Labov [1972] 2008) como

unidade analítica para o estudo da variação. Daí em diante, começariam a ganhar força estudos que Eckert (2012) entende como característicos da segunda onda da sociolinguística, definidos principalmente por seu aspecto etnográfico. Em linhas gerais, tais pesquisas se interessam pela constituição das variáveis linguísticas como produtoras de significados localmente situados e compreendem estilo não mais relativamente ao automonitoramento da fala, mas como as movimentações sociolinguísticas realizadas pelos falantes em atos de filiação a determinados grupos ou categorias locais, que por sua vez se conectam a categorias demográficas (Eckert, 2000, 2012).

Nessa linha, destacam-se os estudos de redes sociais (Milroy, 1987; 1992) e de comunidades de práticas (Eckert & McConnell-Ginet, 2010 [1992]). Com relação à noção de redes sociais, antes de ser mobilizado por sociolinguistas, o conceito já era utilizado por pesquisadores das ciências sociais que também estavam abordando as controvérsias sobre a relação entre indivíduo e sociedade em seus campos de estudo desde os anos 1960 (Milroy & Llamas, 2013 [2002]; Marteleto, 2001). Grosso modo, uma rede social pode ser vista como uma estrutura sem fronteiras, composta por laços que conectam pessoas entre si. Esses laços se estabelecem num *continuum* de intensidades, de mais fortes (entre familiares e amigos) a mais fracos (entre conhecidos) (Milroy & Llamas, 2012 [2002]). Quanto maior for o número de indivíduos conectados entre si, maior será a densidade da rede (Battisti, 2014).

Lidando com agrupamentos menores de falantes, "as redes sociais localizam as pessoas nas conexões de uma comunidade em que fica evidente o grau de integração de cada membro num determinado grupo" (Coelho, 2007, p. 20). Dessa forma, por meio da aproximação etnográfica, o pesquisador poderá observar como se dá a dinâmica da variação como ferramenta de negociação social entre os membros de uma rede.

Um dos estudos de redes sociais mais conhecidos na sociolinguística é o de Milroy (1987), sobre variação fonológica em redes sociais de Belfast (Irlanda do Norte). Sua pesquisa, realizada em três bairros de classe trabalhadora, demonstrou uma forte correlação entre o engajamento do falante em redes sociais definidas por etnia e localidade e a produção de variantes locais; além disso, o estudo evidenciou que formas vernaculares (Labov, 1972b) estigmatizadas pela sociedade de maneira geral podem associar-se a práticas locais e receber

valorização positiva, por sinalizar a pertença dos falantes com relação à região em que residem. Em linhas gerais, de acordo com os achados da pesquisadora, há uma relação indireta entre usar determinadas formas linguísticas ao valorizar uma identidade local e classe social. A ressignificação dessas formas, contudo, não teria sido satisfatoriamente identificada por uma pesquisa com enfoque macrossociológico.

Vale dizer que o foco dos estudos de segunda onda nas práticas contextualizadas não significa que ignorem as caracterizações abstratas que organizam a sociedade em aspectos macrossociológicos, mas sim as observam em suas especificidades de realização concreta em comunidades organizadas em escalas mais localizadas. Tomando emprestadas as palavras de Eckert e McConnel-Ginet (2010 [1992]), a máxima que define esses estudos é “pense praticamente e observe localmente”.

Assim, outro conceito caro aos trabalhos de segunda onda é o de comunidade de práticas<sup>6</sup>, que parte da compreensão de que as práticas linguísticas são apenas uma parte das atividades colaborativas em que as pessoas constroem significados de si mesmas e dos outros. O foco do estudo da "comunidade de práticas" concentra-se na interação da linguagem com outros sistemas simbólicos e apresenta semelhanças com a noção de redes sociais. No entanto, ao contrário desta última, ela reconhece que as variantes linguísticas adquirem significados que vão além das redes sociais (Meyerhoff, 2002). Mais adiante, discute-se em pormenores o histórico e a definição desse conceito.

Um dos trabalhos mais conhecidos com essas características é o de Eckert (2000), que conduziu uma investigação etnográfica acerca de estudantes adolescentes de uma escola de ensino médio localizada na área suburbana da cidade de Detroit, Michigan. Nessa comunidade, a pesquisadora identificou que os alunos se organizavam no entorno de duas categorias sociais diametralmente opostas, nomeadamente "Jocks" e "Burnouts", representantes das culturas correspondentes à classe média e à classe trabalhadora, respectivamente. De um lado, os

---

<sup>6</sup> Embora na tradução brasileira do texto o termo “communities of practice” apareça frequentemente traduzido como “comunidade de prática” e, por outro lado, já se tenha notícias de estudos sobre o uso de “plural genérico” no português (Augusto, 2007; Santana, 2019), a fim de demarcar essas comunidades enquanto compostas por diversas práticas simultâneas, utiliza-se aqui o termo “comunidade de práticas”, com o último termo propositadamente no plural.

“Jocks”, que valorizavam a tradição institucional, eram parte dos times esportivos da instituição, vestiam-se de determinadas formas (usavam jaquetas *bomber* típicas entre aqueles envolvidos nos times oficiais das escolas ou roupas em tons pastéis, por exemplo), baseavam seus círculos de relacionamento, identidades e interações sociais no contexto de atividades relacionadas à escola, priorizando bom desempenho acadêmico e nos esportes e mantendo relações colaborativas e até mesmo amigáveis com os professores e administradores da instituição. Do outro lado, os “burnouts”, que se vestiam de outro modo (com roupas escuras e calças jeans dobradas, por exemplo), fumavam e tomavam bebidas alcoólicas, negavam hierarquias, rejeitavam a instituição escolar como organizadora de sua vida social, engajando-se em atividades de lazer no bairro e na região metropolitana mais ampla, priorizando relações mais próximas com os moradores do bairro e das regiões no entorno.

Em termos gerais, os resultados da pesquisa de Eckert (2000) mostram que formas linguísticas desprestigiadas pela escola (como o alçamento e posteriorização de vogais médias e baixas, além da dupla negação) e que, em teoria, não ocorreriam em contextos de fala mais cuidadosa, têm valor positivo entre os burnouts. Desse modo, tais variáveis linguísticas constituem-se nessa comunidade não apenas como indicadores de categorias macrossociológicas (como classe social), mas de práticas sociais específicas que são forjadas na interação entre os grupos formados localmente.

No estado de São Paulo, há três pesquisas que se debruçaram sobre o estudo da variação sociolinguística em grupos localmente situados. A primeira delas, desenvolvida por Rodrigues (1987), analisou a concordância de primeira e terceira pessoa do plural na fala de 40 informantes moradores do bairro da Brasilândia, na periferia da cidade de São Paulo – semianalfabetos ou analfabetos, paulistanos e migrantes. A partir dos padrões de variação verificados e da observação etnográfica da comunidade, a autora observou que a marca zero de concordância verbal para a primeira pessoa do plural tem significado social distinto daquele referente à marca zero para terceira pessoa do plural, pois identifica o falante de origem rural. Na segunda, realizada nesse mesmo bairro, quase duas décadas mais tarde, Coelho (2006) investigou a variação no emprego dos pronomes de primeira pessoa do plural e a concordância verbal relativa aos pronomes (como “em nós V-mos”/“nós V-Ø” e “a gente V-Ø”/ “a gente V-mos”). A

fim de identificar categorias sociais para a construção da amostra que fossem localmente relevantes no bairro, o pesquisador fez uso da observação participante na região. Sua incursão etnográfica no bairro possibilitou o diálogo com moradores locais e a identificação das práticas cotidianas que os organizavam em diferentes grupos dentro daquele espaço urbano. Entre eles, estão, por exemplo, as trabalhadoras da creche, os membros da associação de bairro, "os manos" jogadores do gol a gol e os filhos dos membros da associação. Com base nos parâmetros sociais relevantes identificados por meio da etnografia, Coelho (2006) construiu uma amostra composta por 24 entrevistas sociolinguísticas e seus resultados indicam que, enquanto o pronome "a gente" é usado de modo mais frequente pelas trabalhadoras da creche, o pronome "nós" (pronunciado como "nóis") seguido por V-Ø é preferido pelos "manos do gol a gol". De acordo com o pesquisador, a utilização da construção "Nóis + V-Ø" pelos "manos" tem um significado social local associado à sua rebelião contra a imagem de "bom moço" atribuída aos filhos dos membros da associação de bairro. Além disso, essa prática iria de encontro aos valores estabelecidos pelos adultos, que são também endossados pelas redes sociais densas e fechadas da vizinhança. Essa inovação linguística está associada a uma identidade masculina de classe mais baixa e representa um exagero do vernáculo, o que acaba afastando os "manos" do resto da comunidade.

Outra pesquisa voltada para os significados sociais locais da variação é a de Salomão-Conchalo (2015) em uma escola de ensino médio na cidade de São José do Rio Preto (região oeste do estado de São Paulo). Influenciada principalmente por Eckert (2000), por meio da observação participante a pesquisadora investigou as dinâmicas e as práticas sociais dos diferentes grupos de estudantes que se organizavam naquele contexto, identificados em sete categorias: os funkeiros, os roqueiros, os skatistas, os góticos, os mauricinhos, os manos e os ecléticos. Embora cada um dos grupos contribua para a interpretação dos resultados obtidos, os funkeiros e os ecléticos foram os dois grupos de destaque em sua análise, por se constituírem como particularmente opostos nas suas ideologias, diferenciando-se a partir de suas práticas e valores compartilhados. Os funkeiros associavam-se mais aos elementos do hip hop, funk e rap e demonstravam pouco interesse em corresponder às expectativas comuns à instituição escolar. Em contrapartida, os ecléticos valorizavam o bom desempenho escolar, envolviam-se em

diversas atividades extracurriculares e preocupavam-se com o futuro ingresso no ensino superior. Ao analisar as variáveis concordância nominal de número e concordância verbal de terceira pessoa do plural, a pesquisadora identificou que, enquanto os funkeiros evitavam a concordância padrão, os ecléticos a utilizavam com alta frequência, para se aproximarem do mercado simbólico dos adultos.

Desse modo, é possível dizer que ainda que as variáveis linguísticas investigadas no trabalho de Salomão-Conchalo (2015) sejam particularmente sensíveis à escolarização, as práticas locais e a construção de *personas* foram mais importantes para o uso variável de concordância plural pelos estudantes do que as regras definidas pela instituição escolar. Seus resultados demonstram que os padrões de variação não são determinados apenas pela posição social do falante (referente a marcadores sociais como escolaridade, classe social e faixa etária, entre outros), mas são parte de uma produção estilística ativa que diferencia os grupos socialmente. Nesse sentido, tal pesquisa combina elementos mais típicos do que Eckert (2012) entende como segunda e terceira ondas da sociolinguística, por se orientar a partir da identificação de significados locais da variação (comum aos trabalhos de segunda onda) e na construção estilística feita pelos falantes ao se associarem estrategicamente às noções de “funkeiro” e “eclético” (mais comum aos interesses da terceira onda, como se descreve a seguir) (Mendes, 2023).

Outra pesquisa que explora aspectos dessa relação entre indivíduos e categorias de filiação é aquela realizada por Bentes et al. (2013), que analisam a fala de três rappers brasileiros e chegam à conclusão de que Mano Brown, vocalista do grupo Racionais MCs, pode ser considerado um “ícone sociolinguístico” para um grande número de pessoas nas periferias brasileiras, de modo que alguns elementos textual-discursivos por ele utilizados (tais como o uso de “tá ligado” como marcador discursivo, entre outros) podem constituir ícones linguísticos que tipificam os registros populares.

De acordo com Eckert (2012), embora as pesquisas mais comuns à segunda onda permitam uma compreensão mais local do significado da variação, coincidem com os estudos de primeira onda ao concebê-lo como uma consequência incidental do espaço social, além do seu interesse primordial na mudança linguística. Por outro lado, naquela que seria nomeada pela

autora como a terceira onda da sociolinguística, o significado social de formas linguísticas é visto como uma característica essencial da linguagem. Dessa forma, para esses estudos a variação constitui um sistema semiótico social capaz de expressar toda a gama de preocupações sociais de uma comunidade e que muda continuamente, de modo que as variáveis não podem ser marcadores consensuais com significados fixos. Pelo contrário, a indicialidade das formas linguísticas, além de potencial, é constantemente mutável. Esta mutabilidade, por sua vez, se verifica na prática estilística, conforme os falantes fazem movimentos sociossemióticos, reinterpretando variáveis e combinando e recombinao significados em um processo contínuo de bricolagem (Hebdige, 1984, apud Eckert, 2012).

É possível vislumbrar elementos que se aproximam dos interesses da terceira onda no já mencionado estudo de Eckert (2000). Por mais que a autora se valha dos “Jocks” e “Burnouts” como referências para o estudo das práticas locais, no estudo aparecem considerações sobre a significação social de comportamentos (inclusive linguísticos) na performance de indivíduos. Eckert constatou, por exemplo, casos em que garotas jocks que “flertavam” com algumas características dos burnouts (mas não queriam se desfilial do grupo dos jocks) incorporavam estrategicamente e de modo sutil determinadas práticas comuns entre os burnouts (como dobrar as calças e produzir determinados padrões de variação menos socialmente salientes). Além disso, alguns burnouts (a exemplo de Verônica), que se sentiam divididos entre o envolvimento escolar e a participação na comunidade burnout, negociavam sua participação no grupo a partir desse tensionamento, que, por sua vez, também acompanhava determinados padrões de variação na fala que os “diferenciava” de um falar burnout mais prototípico, como é o caso de Judy, filiada a uma categoria de “superburnouts”, os “burned-out burnouts”. Judy não apenas é um dos indivíduos menos conectados às atividades da instituição como também adota de modo intensificado as práticas mais comuns entre os burnouts, tais como os padrões de variação prototípicos deles, que aparecem de modo mais produtivo em sua fala. Além disso, Eckert observa que Judy se constituiria como uma espécie de “ícone sociolinguístico” burnout, que não só apenas (re)produz práticas prototípicas, mas também dita tendências de comportamento linguístico e extralinguístico entre os burnouts.

Ainda sobre os elementos típicos de uma pesquisa da terceira onda da sociolinguística variacionista, a própria pesquisa de Labov (2008 [1963]) em Martha's Vineyard já os apresentava em alguma medida (Eckert, 2012; Mendes, 2017). Nela, Labov investigou a variação dos ditongos (aw) e (aj) em palavras como "house" (casa) e "life" (vida) – desde uma forma mais aberta [aw][aj] até uma mais centralizada [əw][əj]. Enquanto esta última era menos comum nos Estados Unidos em geral, era bastante frequente em Martha's Vineyard na época da pesquisa. Os habitantes da ilha a utilizavam como uma maneira de se distinguir dos visitantes temporários durante o verão, que traziam grande impacto para a vida dos moradores locais, reconfigurando suas rotinas nesses momentos. Especificamente, os pescadores que viviam em uma determinada região da ilha adotavam essa variante centralizada, demonstrando uma atitude de resistência em relação aos forasteiros. Assim, Labov (2008 [1972], p. 57) conclui que a centralização desses ditongos é um indicador de uma relação de afinidade com a vida típica de Martha's Vineyard, e o significado social imediato desse traço fonético é "ser pertencente a Vineyard" ou "soar como alguém de Vineyard".

Em suma, o estudo de Labov (2008 [1972]) se conecta aos interesses identificados como próprios da terceira onda (Eckert, 2012) ao demonstrar que os falantes de uma língua, pertencentes a uma comunidade ou grupo específico, utilizam variantes linguísticas com intenções sociais. Em outras palavras, os falantes utilizam elementos linguísticos (palavras, sons, estruturas gramaticais etc) para expressar valores, significados e construtos sociais, como polidez, autoridade, classe socioeconômica e gênero social (Mendes, 2017).

A partir desse tipo de abordagem, compreende-se que as variantes linguísticas ocorrem de modo estratégico e não uniforme durante as interações, de modo que sua significação social (e seu próprio emprego, pode-se dizer) varia também de acordo com o posicionamento do falante ("stance" – Jaffe, 2009), com os tópicos da conversa, com movimentos interacionais entre os falantes quando o tópico muda (como tomada de turno) e uma série de relações que são construídas historicamente na cultura local em que as práticas linguísticas se desenvolvem.

Novamente, para os estudos típicos de terceira onda, o estilo é compreendido não como um ato de filiação a categorias fixas, mas como um movimento estratégico por parte dos falantes de combinação de elementos na construção de *personas*. De acordo com Podesva (2007b),

dentro dessa concepção, os estilos se constituem (i) reunindo os significados sociais dos elementos linguísticos que os compõem; (ii) em contraste com outros estilos linguísticos e (iii) em momentos interacionais específicos. Uma pesquisa que exemplifica esse tipo de perspectiva é aquela realizada pelo próprio autor (Podesva, 2017a), na qual analisa a fala de Heath, um estudante de medicina ao redor de seus 20 anos de idade, branco, classe média e que se identifica como gay. Heath foi solicitado a gravar a si próprio em diferentes situações de interação. A primeira delas consiste em uma conversa com um paciente (homem, mais velho, branco) com Parkinson. Os tópicos da conversa foram a saúde do paciente, resultados de um teste dos seus reflexos e sua memória recente. A segunda, em um churrasco com os amigos, consistiu numa interação com quatro amigos íntimos – dois homens e duas mulheres (com quem ele se identifica abertamente como gay), também estudantes de medicina, com os quais passa bastante tempo junto em seus momentos de estudo e em suas horas de lazer. Com eles, as conversas foram bastante informais e os tópicos iam desde a preparação das refeições até hábitos de consumo. Finalmente, a terceira foi uma conversa informal por telefone com o pai – com quem ele também se identifica abertamente como gay – sobre amenidades da rotina de ambos.

Para analisar os padrões de variação, Podesva (2007a) selecionou uma variável fonológica, -t/-d finais (presença/ausência; hiperarticulação); uma variável prosódica, com foco nos contornos entonacionais nas sentenças declarativas (ascendentes ou descendentes) e outra relacionada à qualidade da voz, mais especificamente, o falsete. A seleção de mais de uma variável se deu a partir da compreensão de que um estilo é composto pela coocorrência de variantes de múltiplas variáveis (e.g., Campbell-Kibler et al., 2006; Ervin-Tripp, 1972, apud Podesva, 2007). A mobilização dessas variáveis no contexto do consultório indica características como formalidade, competência, expressividade e amigabilidade, constituindo o que Podesva denomina como a *persona* de um "doutor cuidadoso". Já no contexto do churrasco com os amigos, as características que o uso das variáveis parece indicar são informalidade, precisão, expressividade, animação e vaidade (*prissiness*), constituindo uma *persona* diva.

Um trabalho que se aproxima dessa abordagem foi desenvolvido por Lucca (2017), que analisou como, a partir de certas características de sua fala, o motoboy responsável pelo canal no YouTube “Motoka Cachorro!!!” elaborava diferentes aspectos de sua identidade (Hall,

2004). O estudo revelou que o autor do canal projeta diferentes *personas* relacionadas à sua profissão de motoboy para reforçar sua identidade como trabalhador de entregas e comunicador no YouTube, por meio do uso de recursos linguísticos como diminutivos, gírias, palavras em inglês e marcadores discursivos. A pesquisa ressaltou a importância de considerar os contextos e interlocutores na expressão da identidade, destacando a relação entre identidade e estilo. Observou-se que as *personas* desenvolvidas pelo motoboy são influenciadas pelo contexto social, refletindo a cidade de São Paulo e seus grupos sociais, como as camadas populares e os motociclistas. O estudo conclui que o Vlog do motoboy pertence à cultura popular urbana, permitindo que ele retrate seu cotidiano como trabalhador e se conecte com públicos específicos por meio das diferentes práticas por ele desempenhadas, inclusive o uso estilístico de formas linguísticas.

Em síntese, as três ondas da sociolinguística (Eckert, 2012), ilustradas pelos trabalhos até aqui descritos, podem ser definidas, respectivamente, a partir das seguintes características:

- (i) macrossociológica<sup>7</sup>: orienta-se pela investigação de padrões gerais de variação em sua correlação com fatores linguísticos, sociais (considerados em termos de marcadores sociais, como classe socioeconômica e escolaridade) e estilo (definido com base na automonitoração da fala); focaliza-se em agrupamentos geograficamente definidos, pensados a partir do conceito de comunidade de fala (Labov, 1972a).
- (ii) etnográfica: busca identificar a correlação entre padrões de variação e categorias socioculturais locais (que, por sua vez, se conectam a macrocategorias) por meio de pesquisas de cunho etnográfico em redes sociais (Milroy, 1987; 1992) ou comunidades de práticas (Eckert & Mcconnel-Ginet, 2010 [1992]; Wenger, 1998). Tais trabalhos compreendem as variáveis linguísticas como categorias de indexação

---

<sup>7</sup> Ou “censitária”, em uma tradução possível para o termo “survey” utilizado por Eckert (2012).

de significados sociais localmente definidos e estilo como as estratégias de filiação a esses construtos.

- (iii) estilística: compreende a variação como uma prática social que deve ser interpretada à luz de outras práticas sociais (entre elas, as linguísticas) e a investiga por meio de estudos de orientação etnográfica geralmente focalizados em comunidades de práticas ou em estudos de caso da fala de indivíduos. Aqui, estilo é um significado social, analisável em contraste com outros estilos, que emerge da combinação de formas linguísticas, na performance de *personas*.

Apesar dessas distinções, a metáfora das três ondas consiste em um exercício metateórico proposto por Eckert (2000, 2012) a fim de organizar as principais práticas analíticas que vêm se desenvolvendo sob o escopo da Sociolinguística Variacionista desde seu surgimento, mas não implica a configuração de subáreas distintas, com interesses exclusivos e excludentes. Isso se ilustra pelos próprios trabalhos mencionados, que, em sua maioria, conjugam estratégias e interesses de mais de uma das ondas no estudo da variação. Além disso, como argumenta Eckert (2018), “(...) as ideias básicas de cada onda sempre estiveram implícitas nas ondas anteriores”<sup>8</sup> (p. xi), embora não haja uma sequência cronológica entre elas.

## 1.2 Comunidade de fala e comunidade de práticas

O termo "comunidade de fala" circula há décadas nas ciências da linguagem e já recebeu diferentes enfoques em cada uma de suas definições. Para Bloomfield (1933), a comunidade de fala é definida pela frequência de interação entre os falantes. Para Lyons (1970), o conceito denomina o conjunto de falantes de uma mesma língua. Já Hymes (1972), mais próximo ao campo da sociolinguística, utiliza "comunidade de fala" para se referir ao compartilhamento de regras de fala e interpretações de desempenhos de fala, priorizando aspectos sociais em detrimento dos aspectos linguísticos (Figuroa, 1994; Swan et al., 2004).

---

<sup>8</sup> No original: “(...) *the basic ideas of each wave have always been implicit in the earlier waves.*”

Além disso, como descreve Patrick (2003), o termo "comunidade de fala" já foi utilizado na literatura especializada para se referir a diferentes tipos de arranjos de falantes, como comunidades urbanas geograficamente delimitadas, de grande (cf. Labov, 1989) e de pequeno porte (cf. Feagin, 1996), bairros (cf. Patrick, 1999), subgrupos de falantes de um determinado vernáculo (cf. Milroy & Margrain, 1980), falantes de uma determinada língua em um espaço geográfico dominado por outra língua (cf. Kerswill, 1994; Mougeon & Beniak, 1996), para se referir a categorias sociais específicas como crianças (cf. Romaine, 1982) e mulheres (cf. Coates, 1993), bem como grupos específicos e temporários, como membros de um júri (cf. Durant, 1999), entre outros.

Para Labov (1972b), uma comunidade de fala é composta pelo compartilhamento de padrões de variação linguística e de avaliações compartilhadas pelos grupos de falantes acerca das formas linguísticas. Em suas palavras:

A comunidade de fala não é definida por um acordo estabelecido acerca do uso dos elementos da língua, mas sim pela participação em um conjunto de normas compartilhadas: essas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes em relação a níveis específicos de uso (Labov, 1972b, p. 120, *tradução própria*)<sup>9</sup>.

Em outras palavras, para que um determinado grupo de falantes seja considerado como parte de uma mesma comunidade de fala é necessário que (i) mediante a possibilidade “abstrata” de variação, os falantes apresentem em sua fala concreta um padrão de ocorrência que se distribui de modo sistemático entre eles<sup>10</sup> e (ii) haja coesão entre seus membros na associação de determinados valores às formas linguísticas utilizadas. Alguns dos pressupostos envolvidos na formulação dessa concepção de comunidade de fala, podem ser mais bem

---

<sup>9</sup> No original: “The speech community is not defined by any marked agreement in the use of language elements, so much as by participation in a set of shared norms: these norms may be observed in overt types of evaluative behavior, and by the uniformity of abstract patterns of variation which are invariant in respect to particular levels of usage.”

<sup>10</sup> Isso não quer dizer, é claro, que todos os indivíduos apresentarão padrões idênticos de produção linguística, mas sim que é possível identificar regularidade nas produções linguísticas dos falantes tomados em seu conjunto a partir das categorias macrossociais de estratificação.

ilustrados por meio de uma apreciação feita por Labov a respeito de sua pesquisa sobre a estratificação social do inglês na cidade de Nova Iorque:

A fala de um indivíduo nova-iorquino, estudada em si, apresenta tanta variação que foi caracterizada como um caso de grande “variação livre”. Mas quando o comportamento dessa fala é estudado no contexto mais amplo da comunidade é visto como sendo de alta sistematicidade, fazendo parte de uma estrutura abrangente de variação estilística e social (Labov, 1966, p. ii).

Desse modo, nos termos de Labov, o objeto por excelência do estudo da variação linguística consiste no “instrumento de comunicação utilizado pela comunidade de fala” (Labov, 1972, p. 187) e não no indivíduo. Essa concepção situa os sujeitos enquanto membros de uma ordem social, a partir da qual produziriam enquanto coletividade os padrões de usos linguísticos. Sua compreensão acerca da língua como um “fato social” se ancora na visão sociológica de Durkheim (2007 [1895]), para quem as regularidades existentes nas maneiras como um grupo age e pensa não podem ser encontradas "por inteiro nas aplicações que os particulares fazem delas" (p. 7-8), mas assumem forma em uma consciência coletiva, o fato social. Para o sociólogo, ainda que essa consciência coletiva "não seja imediatamente dada à observação", é possível depreendê-la "com o auxílio de certos artifícios de método" que permitam "separar o fato social de qualquer mistura e observá-lo em seu estado puro" (p. 8).

Esforço análogo é proposto por Labov ao utilizar métodos estatísticos para a análise quantitativa de dados de fala, que possibilitam a instrumentalização das médias estatísticas como recurso metodológico para observar a regularidade linguística nas comunidades estudadas. Isso garante que, ainda que os dados de fala sejam coletados a partir da fala de indivíduos, o foco analítico não esteja “em seus comportamentos idiossincráticos, mas, em vez disso, na forma como eles se conformam aos padrões generalizados da comunidade” (Labov, 2010, p.7). A noção de conformação “aos padrões generalizados da comunidade” relaciona-se à compreensão durkheimiana de que os indivíduos estão submetidos aos “fatos sociais” da sociedade de que fazem parte. A isso se deve, ainda, a estratificação das comunidades de fala em macrocategorias sociais que estruturariam a sociedade em que vivem os falantes. Desse modo, os falantes estariam submetidos às normas compartilhadas dentro da comunidade de fala

em que fazem parte, que por sua vez refletiriam outros fatos sociais daquela sociedade, marcada pela estratificação social (especialmente socioeconômica, mas também constituída por outros marcadores sociais, como sexo, raça/etnia etc).

Justamente por conta dessas características, a proposta laboviana passou a ser alvo de indagações por parte de diversos autores que questionavam o papel do indivíduo e sua aparente passividade nessa abordagem (Figuerola, 1994; Lucchesi, 2012; Eckert, 2018), bem como a relação entre língua e sociedade que orienta essa perspectiva. Em linhas gerais, tais críticas questionam a pressuposição de estruturas sociais pré-existentes à linguagem e advertem sobre a necessidade de a sociolinguística se aproximar de uma teoria social mais robusta, que dê conta de compreender melhor as relações envolvendo indivíduos, língua e sociedade. Além disso, questionaram-se as fronteiras que delimitariam o pertencimento de um indivíduo a uma certa comunidade de fala e não a outra (Figuerola, 1994).

Tais críticas conduziram a área de sociolinguística ao reexame da própria concepção de comunidade de fala e a proposição de alternativas teórico-metodológicas para o estudo da variação linguística. Nesse contexto é que surgem as propostas de análise focalizadas nas redes sociais (Milroy, 1987; 1992) e nas comunidades de práticas (Eckert & McConnel-Ginet, 2010 [1992]; Wenger, 1998). Considerando os interesses desta pesquisa, descreve-se a seguir esta última em mais detalhes.

O termo comunidade de práticas foi primeiramente cunhado pelos teóricos da sociologia da educação Jean Lave e Etienne Wenger (1991) na obra “*Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation*”, em que eles descrevem a aprendizagem como “um processo de participação em comunidades de práticas”<sup>11</sup>. Grosso modo, uma comunidade de práticas pode ser definida como um conjunto de pessoas engajadas em algum empreendimento em comum, que requer a realização de diversas práticas compartilhadas. Desde seu surgimento essa noção passou a ser explorada em diferentes disciplinas, indo além de sua área original, como a psicologia (ver, por ex., Snell & Hodgetts, 2007), a gestão de pessoas (ver, por ex., Drath & Palus, 1994) e a saúde (ver, por ex., Binot et al., 2015).

---

<sup>11</sup> No original: ““a process of participation in communities of practice””

O desenvolvimento desse conceito na área da sociolinguística tem como marco inaugural as publicações de Eckert e McConnell-Ginet (1992a, 1992b), que discutiram modos de investigar a relação entre linguagem e gênero social, conectando categorias macrossociais a práticas sociais e linguísticas cotidianas. O valor desse conceito para a sociolinguística e para a antropologia linguística "reside no fato de que ela identifica um agrupamento social não em virtude de características abstratas compartilhadas (por exemplo, classe, gênero)" – tal como pressupõe a noção de comunidade de fala (Labov, 2006 [1966], 2008 [1972a]) – "ou simples copresença (por exemplo, vizinhança, local de trabalho)" – como pressupõe em certa medida a noção de rede social (Milroy, 1987; 1992)– "mas em virtude de práticas compartilhadas"<sup>12</sup> (Eckert, 2001, p. 109).

No que diz respeito a seus critérios de definição, Meyerhoff (2002) sistematiza a noção de comunidades de práticas de Wenger (1998) a partir de três elementos principais:

- (i) Engajamento mútuo dos membros; ou seja, os membros devem se unir em torno de práticas compartilhadas. Esse engajamento mútuo pode ser harmonioso ou conflituoso.
- (ii) Que os membros compartilhem empreendimentos negociados conjuntamente; os membros se reúnem ao redor de algum propósito e esse propósito é também definido através da busca por ele – busca esta que cria relações de responsabilidade mútua entre os participantes.
- (iii) Um repertório compartilhado entre os membros, composto por elementos linguísticos e extralinguísticos que resultam cumulativamente das negociações internas.

Além disso, é relevante mencionar que uma comunidade de práticas não se constitui como uma unidade fixa e imutável, à qual os indivíduos simplesmente se adaptam para construir

---

<sup>12</sup> No original: "The value of the notion to sociolinguistics and linguistic anthropology lies in the fact that it identifies a social grouping not in virtue of shared abstract characteristics (e.g., class, gender) or simple copresence (e.g., neighborhood, workplace), but in virtue of shared practice."

uma relação de afiliação, mas sim é constantemente negociada e constituída pelas relações entre seus membros e as outras comunidades às quais eles pertencem. Tal negociação, passa, necessariamente, pelas práticas linguísticas desses membros. Nas palavras de Eckert e McConnel-Ginet (2010 [1992]):

O que sociolinguistas chamam de repertório linguístico é um conjunto de recursos para a articulação de múltiplos pertencimentos e formas de participação. As formas de falar dos indivíduos em uma comunidade de práticas específica não são simplesmente função da sua afiliação ou participação nessa comunidade. Uma forma de falar em uma comunidade não significa algo como ligar o interruptor linguístico de uma comunidade específica, nem é uma reivindicação simbólica de pertencimento àquela comunidade, mas sim uma articulação completa das formas de participação do indivíduo naquela comunidade e em outras que são relevantes naquele momento. Por sua vez, práticas linguísticas de qualquer comunidade de práticas se transformarão continuamente, como resultado das muitas proeminências que entram em jogo por meio de seus múltiplos membros (p. 106).

Além de participar em diferentes comunidades de práticas ao mesmo tempo, os indivíduos podem transitar por comunidades diferentes a depender de seu momento de vida, de modo a se distanciar de determinadas práticas e se aproximar de outras à medida que se alteram as comunidades de práticas a que se associam.

Diferentemente da comunidade de fala (Labov, 2006 [1966], 2008 [1972a]) ou da rede social (Milroy, 1987; 1992), na comunidade de práticas os membros têm consciência de sua participação nela (Eckert, 2000) e se reconhecem mutuamente. Ainda que os indivíduos tenham passado a participar da comunidade de práticas de modo compulsório (como no caso de uma família), eles sabem que são um membro daquele grupo.

Os participantes de uma comunidade de práticas colaboram entre si por meio de suas práticas para se constituírem como um grupo em relação ao mundo ao seu redor. Isso inclui a interpretação a respeito da existência de outras comunidades e das suas próprias práticas em relação a essas comunidades. Ainda que oposição a outros grupos não seja uma característica intrínseca à noção de comunidade de práticas, "muitas vezes é por meio de práticas que se

opõem às de outros grupos que os limites de uma comunidade de práticas são revelados com mais clareza"<sup>13</sup> (Meyerhoff, 2002, p. 400).

Influenciada sobretudo pelas áreas da análise do discurso, da semiótica e da pragmática austiniana, essa concepção situa a língua(gem) não como um “fato social”, mas como uma prática social, que ocorre conjuntamente a outras práticas sociais (sejam linguísticas ou de outros tipos, tais como os modos de se vestir, de andar ou quaisquer outras práticas a que os indivíduos se engajam em suas comunidades). Desse modo, a variação linguística, a partir dessa perspectiva, não apenas reflete os elementos sociais, mas ao mesmo em que “reflete” os valores já circulantes em sociedade também produz outros valores. Em outras palavras, ela é ao mesmo tempo produtora e produto dos significados sociais de seu contexto local e macrossocial.

O construto comunidade de práticas é uma forma de localizar o uso da linguagem etnograficamente, de modo a propiciar a observação da construção do vínculo entre a prática local e a participação em categorias amplas e extralocais (Eckert, 2009). Sua busca pela relação entre modos de falar e modos de participar do mundo social não se trata de uma correlação entre forma linguística e estrutura ou atividade social, "mas de como o significado social vem a ser incorporado na linguagem". Desse modo, a noção de comunidade de práticas implica o reconhecimento de que "a identidade não é fixa, que a convenção não existe antes do uso e que o uso da língua é um processo contínuo de aprendizagem" (Eckert, 2009, p. 111)<sup>14</sup>. Desse modo, a relação entre forma linguística e significado social é compreendida como inerentemente provisória e produto de constante negociação, o que envolve o contexto imediato de interação entre os interlocutores e o cenário social mais amplo em que estão inseridos.

Apesar dos deslocamentos analíticos propostos por essas formulações, Eckert (2000) esclarece que a noção de comunidade de práticas e as elaborações que a sustentam constituem um acréscimo à caixa de ferramentas da sociolinguística e não uma tentativa de eliminar as ferramentas mais tradicionalmente utilizadas. Como argumenta Meyerhoff (2003), uma das

---

<sup>13</sup> No original: "*it is often through practices that stand in opposition to those of other groups that the boundaries of a CoFP are revealed most clearly*".

<sup>14</sup> No original: "(...) how social meaning comes to be embedded in language. Meaning is made in the course of local social practice (McConnell-Ginet, 1989) and conventionalized on the basis of shared experience and understanding (Lewis, 1969). The importance of the community of practice lies in the recognition that identity is not fixed, that convention does not pre-exist use, and that language use is a continual process of learning"

contribuições principais do construto de comunidade de práticas reside nas informações sociais que ele destaca e que outros construtos comumente utilizados na sociolinguística podem acabar por negligenciar.

Ainda a respeito do papel da noção de comunidade de práticas no arcabouço teórico-metodológico da sociolinguística, embora Dubois e Horvath (1999, apud Cheshire, 2003) reconheçam a relevância de uma proposta situada no estudo local da variação sociolinguística, argumentam que a desvantagem desse tipo de abordagem está na inviabilização do objetivo originário da sociolinguística, o estudo da mudança linguística. Isso porque a ausência de uma vasta gama de classes sociais e faixas etárias, por exemplo, impediria a compreensão de como grupos sociais locais específicos se relacionam com a comunidade de fala mais ampla, como se iniciam e como se propagam as mudanças linguísticas dentro de uma comunidade de fala.

De acordo com os autores, ainda que tais elementos possam não ser tão fundamentais para pesquisas interessadas na expressão de identidades sociais por meio da linguagem ou na construção de categorias sociais na prática social, são fundamentais para pesquisas interessadas no estudo de mudança linguística. Nesse sentido, Dubois e Horvath defendem que, ainda que os estudos focalizados em comunidades de práticas tenham contribuições relevantes a fazer que possam suprir lacunas dos modelos mais típicos das pesquisas voltadas para o estudo da mudança linguística, não devem suplantam os estudos de caráter macrossocial. Diante disso, eles propõem que as pesquisas retenham as vantagens dos estudos em larga escala, ao mesmo tempo em que não percam de vista os apelos de Eckert (1989, 2000) para uma compreensão mais profunda das categorias sociais envolvidas nos fenômenos de variação. Desse modo, a abordagem etnográfica seria integrada aos métodos de pesquisa macrossocial, ao invés de substituí-los, tornando os estudos em variação e mudança mais socialmente ancorados.

Essa proposta se apoia também na afirmação de Eckert (2000), que argumenta que a compreensão localmente situada da construção de significados sociais da variação não tem como objetivo “dispensar categorias globais”, mas “anexá-las à experiência pessoal e comunitária de tal forma que a estrutura de variação faça sentido cotidiano” (p. 222)<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> No original: "not in order to dispense with global categories, but to attach them to personal and community experience"

## 1.2 Significado social da variação

De acordo com Eckert (2012), cada uma das diferentes práticas analíticas que compõem, respectivamente, cada uma das três ondas da sociolinguística, lidou com o significado social da variação de formas particulares. A primeira onda investiga o significado social a partir das correlações entre formas linguísticas e macrocategorias sociais. Já a segunda busca compreender o significado social por meio da investigação etnográfica de categorias locais que constituem cotidianamente as macrocategorias sociais. Nos dois casos, o significado social é compreendido como produto da relação entre variação linguística e marcadores sociais. Na terceira, por outro lado, o significado social não é apenas refletido pela variação, mas construído por ela. O significado social passa a ser compreendido, então, como inerente à língua e à variação, que nessa perspectiva é compreendida como um sistema sociossemiótico que expressa os mais diversos elementos sociais, ao mesmo tempo em que os altera.

Nesse sentido, diferentemente da primeira onda, em que a “variação reflete a estrutura social”, e da segunda, em que “a variação reflete a interação entre categorias locais e a estrutura social”, na terceira onda, “a variação não reflete, mas (re)constrói o significado social”. Ao pensar sobre a variação a partir de sua significação social, essa abordagem destaca a multiplicidade de significados que as variáveis podem expressar e como a variação interage com “outros sistemas de significado na língua” (Eckert, 2018, p. 190).

Sob esta ótica, de acordo com Eckert (2006, 2018), três propriedades das variáveis devem ser consideradas no estudo do significado social da variação:

- (i) **Implicitude:** de característica não denotacional, o significado das variantes é implícito, geralmente não expresso de forma clara – por essa razão, pode ser facilmente negado ou contestado.
- (ii) **Subespecificação:** um número restrito de variáveis pode servir a muitos fins e produzir diversos significados distintos. Uma forma linguística nunca está associada a um significado unívoco, mas sim a uma ampla gama de significados potenciais.

- (iii) Combinatoriedade: essas variáveis subespecificadas ganham significado no movimento estilístico em que são combinadas. A partir dessas combinações, significados sociais podem ser potencializados ou alterados. Os significados sociais não emergem no uso isolado das variáveis, mas apenas no contexto de seu acontecimento, inevitavelmente composto por diversas práticas sociais concomitantes.

Em linhas gerais, o significado social da variação consiste no conjunto de inferências que podem ser feitas a respeito do uso das variáveis linguísticas junto a outros elementos em uma interação específica, considerando tanto a função pragmática da enunciação em que a linguagem é produzida, quanto suposições/interpretações sobre a *persona* que produz a enunciação. Essas *personas* ou “tipos sociais” localmente constituídos, por sua vez, estão relacionados ainda a construções ideológicas maiores, como classe, raça/etnia, gênero etc (Hall-Lew *et al.*, 2021). Dessa forma, o significado social constituído ao longo das práticas sociais locais é “convencionalizado com base na experiência e compreensão compartilhadas” (Eckert, 2009, p. 111) e é produto de um processo interpretativo ideologicamente mediado pelos valores circulantes tanto no contexto imediato em que as práticas ocorrem, quanto na sociedade em que esse contexto se situa. Esse processo pode ser compreendido por meio da noção de campo indicial<sup>16</sup> (Eckert, 2008), que consiste em “uma constelação de significados ideologicamente relacionados, em que qualquer um deles pode ser ativado no uso situado da variável” (p. 435).

Tomando, por exemplo, os achados da pesquisa de Coelho (2006): o pronome “nós” (pronunciado como “nóis”) por si só não tem uma relação direta com “soar como um mano”. Contudo, somado à utilização de marca zero de plural nos sintagmas verbais e considerando o contexto simbólico em que ocorre, isto é, de oposição aos filhos dos membros da associação de bairro e a construção de uma determinada performance que combina elementos de gênero social e classe socioeconômica, essa forma linguística passa a se associar a esse “tipo social”. Em um outro contexto, permeado por outros elementos, a expressão “nóis” poderia associar-se, por

---

<sup>16</sup> Ou “campo indexical”, em outra tradução possível para “indexical field”.

exemplo, a falantes de origem rural. Isso porque, ainda que não exista, definitivamente, uma relação direta entre pronunciar “nóis” e cada um desses significados, sua relação se dá de modo indicial a partir dos elementos ideológicos e discursivos que permeiam sua enunciação.

Embora todas as formas linguísticas tenham o potencial de indiciar um significado social, este só se constitui na conjuntura de uso das formas, a depender das ideologias relevantes no contexto – ou seja, “quando nosso sistema de ideias e crenças cria uma ligação entre a forma e o tipo de significado social (como posição, *persona* ou tipo social)” (Hall-Lew et al., 2021, p. 5). Além disso, as práticas sociais (entre as quais se incluem as práticas linguísticas) associam-se a “tipos sociais” quando tomadas a partir de um conjunto de práticas combinadas – por exemplo, no estudo de Eckert (2000), a categoria “Burnout” relaciona-se não apenas a fazer uso da forma linguística de dupla negação, mas também a transitar para além dos limites do bairro, beber e fumar, entre outras práticas adotadas estrategicamente pelos indivíduos.

Essa combinação produtora de significados sociais é chamada por Eckert (2005) de estilo, ou melhor, prática estilística, que “envolve um processo de bricolagem (Hebdige, 1984), no qual as pessoas combinam uma variedade de recursos existentes para construir novos significados ou novas abordagens para significados antigos” (Eckert, 2005, p. 24)<sup>17</sup>. Há, portanto, uma relação indissociável entre a prática estilística e o significado social da variação, de modo que este se constitui e se (re)atualiza por meio daquela graças à sua indicialidade.

Considerando-se a necessidade de um melhor entendimento a respeito do contexto social em que as práticas linguísticas ocorrem para que se identifiquem os significados sociais a elas associados, os estudos em sociolinguística podem se beneficiar de uma aproximação com relação a teorias sociais. Nesse sentido e, tendo em vista as particularidades da(s) comunidade(s) estudada(s), a subseção a seguir apresenta conceitos caros às Ciências Sociais que podem contribuir para a compreensão da paisagem social em que se insere a população estudada nesta pesquisa.

---

<sup>17</sup> No original: “(...) involves a process of bricolage (Hebdige, 1984), by which people combine a range of existing resources to construct new meanings or new twists on old meanings”.

### **1.3 Compreendendo o espaço urbano a partir das ciências sociais**

Desde sua inauguração, os estudos na área de sociolinguística variacionista demonstram particular interesse na investigação de comunidades situadas em espaços urbanos (Britain, 2012). Considerando que “[...] a evolução dos sistemas linguísticos ocorre em conexão sistemática com o contexto sócio-histórico de seus falantes”<sup>18</sup> (Conde-Silvestre; Hernández-Campoy, 2012, p. 1), convém aos sociolinguistas ampliar seu instrumental para a compreensão desses contextos.

A pesquisa de Eckert (2000) ilustra como uma abordagem que considere a interconexão entre as questões sociais dentro do(s) grupo(s) estudados e o contexto geográfico e sociodemográfico em que se insere(m) pode levar a uma compreensão mais profunda da sinergia entre o local e o extra local em que as práticas linguísticas se desenvolvem (Eckert, 2018, p. 70-71). Desse modo, a aproximação a campos do conhecimento que possibilitem o entendimento dos cenários em que os falantes se inserem pode ser enriquecedora.

Assim como na Sociolinguística (e na Linguística de modo geral) já é consolidada a ideia de que a variação não é aleatória, mas sistemática, diferentes áreas das Ciências Sociais vêm desenvolvendo amplo repertório teórico que busca categorizar os padrões relativos à configuração dos espaços urbanos que organizam as condições de vida dos sujeitos nas cidades. Nesse sentido, apresentam-se a seguir os conceitos de “segregação socioespacial” e “territorialidade”, advindos das Ciências Sociais, que contribuem para a análise da região em que se situa a comunidade estudada nesta tese, a periferia da cidade de São Paulo, mais especificamente, o EZS (mais detalhadamente descrito no Capítulo 2).

#### **1.3.1 Os conceitos de segregação socioespacial e território**

Tomada em seu sentido mais amplo, a segregação urbana pode ser compreendida como a separação de diferentes grupos sociais no espaço urbano. Embora haja registros de sua ocorrência desde a antiguidade, é a partir da Revolução Industrial que a maioria dos tipos de

---

<sup>18</sup> No original: “(...) *the evolution of linguistic systems occurs in systematic connection to the socio - historical situation of their speakers*”.

segregação encontrados no espaço urbano ocidental passam a estar relacionados mais estritamente a classe social ou etnia (Negri, 2010).

A literatura especializada no estudo dos processos de urbanização permite a identificação de padrões que se reproduzem de modo sistemático em diferentes cidades pelo mundo. Em termos gerais, a segregação pode ser compreendida a partir de dois tipos principais: (i) a segregação voluntária ou autosegregação, caracterizada pela iniciativa deliberada por parte de determinada parcela da população de habitar uma localidade separada daquela em que residem os outros setores sociais e (ii) a segregação involuntária, em que os indivíduos se deslocam para determinados espaços da cidade por consequência de forças externas (Corrêa, 1986; Villaça, 2008; Caldeira (2016 [2000])); Negri, 2010; Marques, 2014).

As elites por vezes se autosegregam por meio da construção de condomínios fechados em áreas mais afastadas das cidades (como Alphaville e Tamboré, no caso da Região Metropolitana de São Paulo) ou de enclaves fortificados com tecnologias de segurança (Caldeira (2016 [2000])). As pessoas empobrecidas, por sua vez, são geralmente segregadas mediante a impossibilidade de habitarem os mesmos locais que as elites, sendo empurradas para regiões mais distantes das áreas centrais. A segregação de um influencia diretamente a segregação do outro, numa relação dialética simultânea e indissociável (Marques, 2014). Diante da impossibilidade de que as classes mais baixas residam nas regiões mais centrais devido ao alto custo de moradia, por exemplo, as elites garantem sua segregação a partir da exclusão dos pobres daquela região. Dessa forma, os espaços urbanos refletem em sua arquitetura e em sua organização os padrões de organização das relações sociais, traduzidos em um contexto de desigualdade social, por meio da segregação socioespacial.

De acordo com Marques (2014)<sup>19</sup>, na cidade de São Paulo, cor da pele e renda econômica são os fatores preponderantes na segregação urbana. Sua estrutura, contudo, é predominantemente determinada pela classe social, o que está em conformidade com os padrões internacionais. A dicotomia centro-periferia – crucial para compreender a relação do EZS com as regiões mais centrais da cidade – é produto dessa dinâmica da segregação urbana da cidade.

---

<sup>19</sup> Além de sua pesquisa ter como base dados do Censo Demográfico do ano de 2012, os indicadores reportados pelo Mapa da Desigualdade 2022 reafirmam essa configuração da cidade.

Embora Caldeira (2016 [2000]) identifique outro processo de segregação em São Paulo que começa a ocorrer principalmente a partir de 1980, pelo qual as diferentes classes sociais por vezes compartilham a mesma área urbana, mas estão separadas por tecnologias de segurança e tendem a não interagir entre si, este novo padrão não anula o anterior, que segue com provas concretas de sua existência nos diversos censos realizados na cidade<sup>20</sup>.

De acordo com Harvey (1980), a segregação relaciona-se não apenas à renda monetária, mas à “renda real”, que caracteriza o acesso dos sujeitos à mobilidade urbana possibilitada pelo acesso a transporte público, a uma melhor estrutura de saneamento básico, educação, equipamentos de cultura e proximidade aos locais de oferta de trabalho formal. Um morador de baixa renda de um bairro periférico possui, relativamente ao morador de baixa renda de áreas mais centrais, menores chances de mobilidade social e menor "renda real".

Como se descreve no capítulo 2, esses são elementos importantes para a autopercepção dos moradores do EZS a respeito de sua condição de segregação socioespacial com relação às regiões mais centrais da cidade. Além disso, ainda que o EZS esteja situado em uma região específica da cidade de São Paulo, ela não compõe uma única unidade administrativa e sua compreensão enquanto um espaço com elementos de coesão internos que se diferencia da São Paulo mais central pode ser mais bem situado a partir da noção de território (Lefebvre, 2000; Little, 2002; Haesbaert, 2009). Em linhas gerais, um território é produzido a partir de um processo que recobre ao menos duas dimensões:

“(…) a ligação a lugares precisos, resultado de um longo investimento material e simbólico e que se exprime por um sistema de representações, de um lado e, de outro lado, os princípios de organização — a distribuição e os arranjos dos lugares de morada, de trabalho, de celebrações, as hierarquias sociais, as relações com os grupos vizinhos. Quando falamos na territorialidade enquanto processo de construção de um território, o aspecto processual merece destaque, pois confere ao território um caráter plástico, isto é, em permanente conformação; não se refere, pois, a uma construção definitivamente acabada. Concebendo desta maneira o território, estamos longe de concepções que o compreendem como sinônimo de espaço ou espacialidade (Godoi, 2014, p. 443).

---

<sup>20</sup> Ver, por exemplo, o Relatório de 2022 do Mapa da Desigualdade, disponível em: <[https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2022/11/Mapa-da-Desigualdade-2022\\_Tabelas.pdf](https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2022/11/Mapa-da-Desigualdade-2022_Tabelas.pdf)>. Último acesso: 14/abril/2023.

Desse modo, a compreensão do EZS como um território depende não apenas da proximidade físico-espacial entre os distritos que o compõem, mas também das dimensões simbólicas e da memória coletiva produzida localmente. Essa configuração depende não apenas da materialidade do espaço físico, mas de narrativas que o organizam discursivamente, uma vez que não há território exterior às relações sociais (Haesbaert, 2009; Little, 2002).

Um território não existe como uma unidade fixa, mas sim como um produto provisório de processos de territorialização, que pode ser mais bem pensada “em termos de apropriação de uma porção de espaço, no sentido conferido por Lefebvre (2000), e como ato de atribuição de significação”, isto é, como uma área organizada a partir de signos (Godoi, 2004, p. 445), que são constantemente negociados pelos sujeitos que compõem aquele território.

Para os fins deste trabalho, interessa observar como o EZS se articula enquanto território e como essa articulação, por sua vez, é (res)significada em menor escala, a partir das práticas adotadas pelas comunidades de práticas nos saraus. Esse esforço se conjuga desde um olhar mais amplo até um olhar “mais de perto e mais de dentro” (nos termos de Magnani, 2007), em um movimento dialético entre a constituição do quadro geral e os significados sociais mobilizados na construção de um “ser EZS”, partindo de uma compreensão comum à antropologia urbana que, nas palavras de Magnani (2007):

(...) supõe um investimento em ambos os polos da relação: de um lado, sobre os atores sociais, o grupo e a prática que estão sendo estudados e, de outro, a paisagem em que essa prática se desenvolve, entendida não como mero cenário, mas parte constitutiva do recorte de análise (p. 14).

Nesse sentido, de um lado, o EZS deve ser compreendido em relação ao contexto mais amplo da cidade de São Paulo. De outro, os saraus devem ser interpretados com um olhar que os situe no cenário mais geral do EZS e, em maior escala, na cidade de São Paulo. Contudo, como se argumenta no Capítulo 7, ambos os lados estabelecem uma relação de interconstituição, em que as práticas locais ao mesmo tempo incorporam e (re)criam os significados sociais circulantes no EZS a respeito de suas particularidades.

Esses dois olhares para a comunidade sustentam-se a partir dos construtos de comunidade de fala (Labov, 2006 [1966], 2008 [1972a]) e comunidades de práticas (Eckert &

Mcconnel-Ginet, 2010 [1992]; Wenger, 1998). O primeiro possibilita uma visão mais ampla da comunidade, que permite a compreensão de significados sociais da variação linguística a partir de uma perspectiva macrossocial da região (que subgrupos empregam mais que formas). Já o segundo viabiliza uma leitura mais localizada dos significados sociais, desenvolvida por meio de uma análise das falas de indivíduos engajados na cena cultural do EZS, mais especificamente pertencentes aos saraus literários da região. Esta tem como foco principal a identificação de como sujeitos localmente engajados na constituição de uma (res)significação do “ser periférico” fazem usos das mesmas variáveis linguísticas analisadas na amostra estratificada por variáveis macrossociais (sexo/gênero, faixa etária, escolaridade), bem como de outros elementos linguísticos, a fim de indiciar outros significados sociais associados aos seus papéis na comunidade enquanto figuras de referência na cena cultural do EZS.

## **2. Sobre onde e como: histórico do Extremo da Zona Sul e caminhos da pesquisa**

Este capítulo descreve mais detidamente a comunidade estudada e contextualiza as motivações e os métodos para cada fase da pesquisa. O itinerário de tal descrição é o seguinte: (i) a localização do EZS na cidade de São Paulo; (ii) a relação entre os processos de segregação socioespacial na cidade de São Paulo e a constituição do EZS enquanto território, bem como o papel dos movimentos sociais e culturais na construção de uma noção de pertença à região; (iii) uma breve descrição sobre as intenções iniciais de pesquisa, que se cumpriram parcialmente; (iv) um panorama a respeito da observação etnográfica realizada na(s) comunidade(s) de práticas dos saraus; (v) as novas estratégias adotadas mediante a impossibilidade de realizar as gravações na comunidade de práticas; (vi) a construção da amostra estratificada e (vii) os materiais e métodos utilizados na coleta e análise dos dados obtidos.

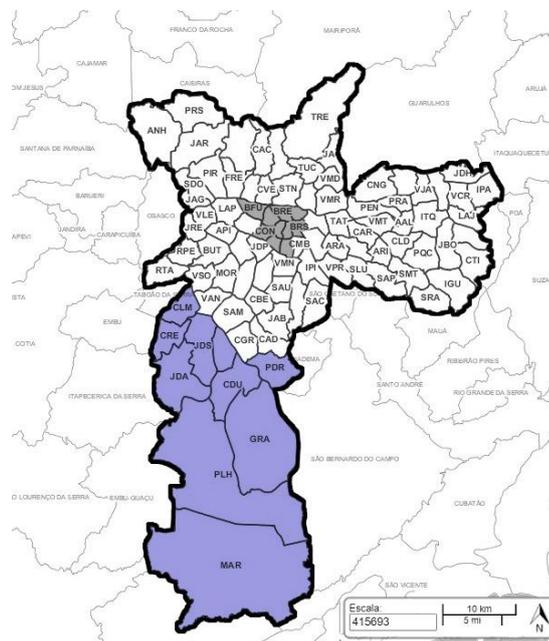
### **2.1 Situando a comunidade**

Diz a letra corporificada pela voz de Mano Brown que “o mundo é diferente da ponte pra cá”. Enquanto tal formulação possa ser compreendida como uma referência às pontes do Socorro e João Dias, que ligam a Zona Sul ao restante da cidade, a definição acerca de qual seria essa região não parece se ancorar simplesmente em critérios geográficos, mas também simbólicos. Afinal de contas, o EZS não existe enquanto unidade administrativa ou sequer aparece a partir dessa nomenclatura como um denominador de políticas de zoneamento da cidade. Dessa forma, a definição dessa região configura-se como uma das primeiras práticas analíticas desta pesquisa, ao estabelecer critérios que situem sua comunidade de interesse. Composta por diferentes distritos e subprefeituras de São Paulo, a região parece ser, em termos análogos àqueles descritos por Eckert a respeito da relação de seus sujeitos de pesquisa com Detroit, “em certo sentido, (...) menos uma localização precisa do que um estado mental ou um sentido geral” (Eckert, 2000, p. 146). Assim sendo, a sua compreensão como uma "unidade" requer a consideração simultânea de diferentes aspectos.

Nesse sentido, os elementos que norteiam a definição de quais áreas corresponderiam ao EZS começaram a ser elaborados já antes do início do trabalho de campo (que se descreve em mais detalhes adiante) e continuaram até a realização das entrevistas e a incursão etnográfica

nos movimentos culturais da região. O elemento primeiro diz respeito à localização em si, uma vez que, ainda que não haja uma divisão clara a respeito de onde o EZS começa e termina, ele é circunscrito a uma extensão situada da cidade (a Zona Sul). O segundo diz respeito à realidade material compartilhada por seus moradores a partir de indicadores sociais que diferenciam a configuração do EZS dos distritos da Zona Sul mais próximos às áreas centrais da cidade, como se descreve a seguir. O terceiro envolve os discursos construídos pelos moradores da região, tanto a respeito de quais bairros fariam parte dessa região “da ponte pra cá” quanto a respeito das características comuns a ela. Com base nesses critérios, estabeleceram-se 10 distritos da cidade como áreas para a seleção de moradores a serem entrevistados: Campo Limpo, Capão Redondo, Jardim São Luís, Socorro, Cidade Dutra, Pedreira, Jardim Ângela, Parelheiros, Grajaú e Marsilac. Os distritos mencionados estão localizados na área lilás destacada no mapa a seguir, enquanto a região central<sup>21</sup> é representada em cinza:

Figura 1 - Mapa da cidade de São Paulo



Fonte: gentilmente elaborado por Yuri Scardino para esta tese<sup>22</sup>.

<sup>21</sup> Mais especificamente, o centro histórico da cidade de São Paulo.

<sup>22</sup> Formulado com base nas informações presentes no Mapa Digital da Cidade de São Paulo. Disponível em: <[https://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/\\_SBC.aspx#](https://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx#)>. Acesso em 10 mar. 2023.

### **2.1.1. A constituição do Extremo da Zona Sul de São Paulo**

Para compreender o processo de formação do EZS, é preciso antes compreender o processo de urbanização da cidade de São Paulo. Como se trata de uma história longa e complexa, é aqui narrada em termos de alguns poucos eixos que têm relação direta com a temática desta tese, a saber, a relação entre os processos de urbanização e segregação, promovidos e amplificados pela desigualdade que gera a dicotomia “centro/periferia”.

Do final do século XIX até os anos 1940, a cidade de São Paulo passou por um intenso crescimento populacional. Nesse período, diferentes grupos sociais se concentraram no centro da cidade, morando em diferentes tipos de habitação (ricos em casas e casarões e pobres em espaços menores e cortiços). Contudo, a cidade não estava preparada para suportar o imenso influxo de novos moradores que chegaram a partir da virada do século e começou a passar por uma série de problemas sanitários e urbanísticos. Nesse contexto, iniciaram-se transformações profundas na organização das diferenças sociais na cidade. O poder público passou a atuar vigorosamente para aprimorar o centro da cidade e torná-lo mais próximo daquilo que se considerava apropriado para um centro urbano, aos moldes europeus (Vieira, 2020).

Esses esforços se traduziram em legislações urbanas que tiveram como efeito colateral “estabelecer a disjunção entre um território central para a elite (o perímetro urbano), regido por leis especiais que eram sempre cumpridas, e as regiões suburbanas e rurais habitadas pelos pobres e relativamente não legisladas, onde as leis eram cumpridas com menos rigor” (Caldeira, 2013 [2000], p. 216). As leis de urbanização de 1910, por exemplo, estabeleceram a divisão da cidade em quatro zonas: central, urbana, suburbana e rural. Nas décadas que se seguiram, houve gradual intensificação de ações por parte do poder público para reestruturar a região central, o que foi seguido por um contexto de intensa especulação imobiliária em um período em que a minoria dos moradores da cidade eram proprietários dos imóveis em que moravam. Como consequência disso, os pobres que não tinham como arcar com os altos aluguéis na região, foram empurrados para fora do centro, rumo às áreas ainda rurais.

A lei era aplicada especialmente nas áreas centrais e urbanas, enquanto as outras regiões, então habitadas pelos pobres, cresciam sem a presença mediadora do estado. Nessa “terra sem lei”, o estado concedeu uma série de exceções à iniciativa privada, especialmente os

especuladores imobiliários, os mesmos que estiveram envolvidos nos processos de especulação na região central que expulsaram os pobres para as bordas da cidade. Um exemplo cristalino desse tipo de relação indulgente é a brecha aberta pela lei de 1913, que possibilitou a criação de ruas privadas nas zonas suburbanas e rurais, que não precisavam seguir os critérios de infraestrutura aplicados à zona central.

Consequentemente, nas décadas que se seguiram, uma série de ruas foram sendo criadas nessas zonas da cidade, de maneira autônoma relativamente ao poder público. Embora diversas delas tenham sido anistiadas ao longo dos anos, o poder público se valia de certa ambivalência legal para determinar quais ruas eram passíveis de legalização ou não. Em relação àquelas que não receberam a anistia, o estado permanecia não se responsabilizando pelo processo de estruturação e urbanização dessas regiões.

Tal processo vai constituindo um novo padrão de segregação social na cidade: se antes pobres e ricos habitavam o mesmo perímetro urbano, agora as classes mais altas habitam o centro e as classes mais baixas habitam as pontas da cidade. Durante esse período de transição, diferentes classes sociais vão progressivamente se tornando proprietárias dos imóveis em que vivem. As classes mais altas não tinham dificuldades de acesso à compra de propriedades; as classes média alta e média se beneficiavam de políticas públicas de habitação<sup>23</sup> para financiar seus imóveis; já as classes mais baixas, que passavam a morar nas áreas que viriam a se constituir como a periferia da cidade, recorriam aos seus próprios recursos financeiros e à construção autônoma, com a participação dos vizinhos na construção das casas uns dos outros – o que pode ser compreendido como o germe dos movimentos coletivos e sociais que se desenvolveram nessas regiões ao longo dos anos seguintes.

Assim como no caso da aquisição dos imóveis e da construção de infraestrutura, o fornecimento de transporte nessas regiões não foi conduzido em prol de um projeto público de cidade, mas sim pela iniciativa privada, a serviço dos interesses das classes mais altas. O fornecimento de transporte aumentava as chances de vendas de lotes nessas regiões,

---

<sup>23</sup> Como as carteiras habitacionais dos Iaps (Institutos de Aposentadorias e Pensões), criadas em 1937 e o BNH (Banco Nacional da Habitação), criado em 1964.

comercializados pelo mercado imobiliário, uma vez que possibilitaria aos pobres se deslocar até o centro para trabalhar. De acordo com Caldeira (2016 [2000]):

Os lotes na periferia eram acessíveis aos trabalhadores tanto em função de sua ilegalidade quanto porque estavam “no meio do mato”: em bairro sem asfalto, eletricidade, água, esgoto, telefone, escolas ou hospitais, ligados à cidade por um sistema deficiente de ônibus, nos quais gastavam muitas horas por dia (p. 221).

Além disso, a criação desse sistema de transporte também mantinha as classes mais baixas distantes das áreas das classes mais altas, com os pobres retornando para áreas mais distantes ao final de seus expedientes de trabalho no centro – áreas estas que foram se afastando cada vez mais em direção às bordas da cidade. A região do EZS, bem como todas as extremidades da cidade, foram as últimas áreas a serem ocupadas, sofrendo um crescimento habitacional vertiginoso especialmente a partir dos anos 1960 (Caldeira, 2000 [2016]; Spink, 2018).

Todos os elementos que compõem esse processo de segregação entre periferia e centro se ilustram nas narrativas de grande parte dos participantes desta pesquisa, sejam eles aqueles entrevistados para a amostra estratificada ou os membros dos saraus literários. Especificamente com relação ao recente processo de ocupação do EZS, a fala de Coralina<sup>24</sup>, sobre sua chegada à região na metade dos anos 1960, é um exemplo notório:

(1) *Coralina: Quando eu tinha uns quatro aninhos, minha mãe comprou [um lote] para cá. Ela comprou um terreno ali, construiu e eu cresci ali naquele lugar, né. Quando eu vim morar da ponte pra cá, [aqui] era tudo chácara, você via poucas casas. Teve um loteamento de terra porque a chácara foi vendida, então a minha mãe comprou um terreno e começou a construir a casa dela. Andando por ali tudo dava para contar no máximo umas cinco casas por perto. Toda essa região era só chácara, perto de onde hoje é o Terminal Campo Limpo, do Terminal Capelinha até o Capão Redondo, tudo era chácara. Quase não existiam casas por aqui. (M3F)*

O relato de Coralina ilustra como, em linhas gerais, o processo de urbanização do EZS seguiu um padrão comum a diferentes grandes cidades do Brasil e mundo afora. A periferia urbana de hoje foi em um passado recente a periferia rural-urbana e, anteriormente, uma área

---

<sup>24</sup> Coralina é uma das participantes entrevistadas para a amostra estratificada analisada nesta tese. Ela faz parte da terceira faixa etária (composta por pessoas com 60 anos ou mais) e cursou até o Ensino Fundamental II.

completamente rural (Corrêa, 1986), em um *continuum* de urbanização que pode ser resumido da seguinte forma:

*Área rural → Periferia rural-urbana → Periferia urbana*

Os distritos que compõem o EZS estão ainda hoje em pontos distintos desse *continuum*: enquanto Capão Redondo e Campo Limpo, por exemplo, passaram por um processo intenso de urbanização, especialmente após a construção da estação de metrô Capão Redondo e do Terminal Campo Limpo, regiões mais ao fundo do distrito de Parelheiros ou Marsilac mantêm características mais rurais.

Um padrão que se apresentava com bastante expressividade até o final do século XX (e que se mantém em alguma medida até os dias atuais) é que quanto mais próximo ao centro se localiza o bairro, melhores são suas condições de infraestrutura; quanto mais longe do centro, piores se revelam tais condições. O geógrafo Roberto Lobato Corrêa (1986) argumenta que a partir da compreensão de suas realidades, os moradores das periferias, que vivem em seus cotidianos os efeitos da segregação, começam a desenvolver uma consciência a respeito das desigualdades que lhes são impostas:

As diferenças marcantes de condições de vida vão traduzir-se em uma consciência das desigualdades socio-espaciais. Esta consciência emerge através do conhecimento adquirido de todo espaço urbano a partir da jornada para o trabalho, viagens para compras e visitas, dos meios de comunicação (p. 7).

Mediante a ausência do estado e a necessidade de melhoria das condições de vida, diversos movimentos sociais começam a surgir na região e, com o passar do tempo, o EZS passa a se configurar como um reduto de movimentos sociais, que hoje têm uma longa história e uma série de figuras de destaque, como é o caso, por exemplo, de Maria dos Reis. Uma senhora com aproximadamente 80 anos de idade, Maria é uma liderança reconhecida localmente por seu engajamento nas lutas por melhorias no bairro e por sua ação pastoral na região do Jardim Ângela, onde vive desde o início dos anos 1970. Em entrevista concedida para Oliveira (2015), ela relata, a partir de sua experiência, como as moradias e as redes de solidariedade local foram sendo construídas concomitantemente ao longo desse processo inicial de ocupação do EZS:

*Maria Reis: Teve um movimento aqui, que eu participei, que foi um dos maiores movimentos de São Paulo, na década de 1970: foi o loteamento clandestino (...). Olha, a primeira grande reivindicação que nós fizemos aqui foi para o coletor de lixo, água, luz... O primeiro foi o coletor de lixo. Naquele tempo, como fazer com os linhos de casa, aquelas coisas? A gente fazia um buraco no terreno aqui, a gente cavava e fazia uma espécie de uma pequena fossa. Eram dois buracos, um para o lixo seco e outro para os lixos orgânicos, um resto de comida etc. Todo o lixo que ficava pra queimar, jogava em uma parte e queimava. Assim, nós começamos a fazer isso até que chegasse o coletor de lixo. E ninguém jogava um nada no terreno do outro. Os terrenos eram poucos, devagar íamos ocupando os lotes, mas ninguém jogava lixo no terreno do outro. O pessoal respeitava tanto naquele tempo. No início, aqui do Parque Santo Antônio - chegamos aqui no dia 2 de fevereiro de 1969 - aqui não tinha nada. O pessoal chegava aqui no final de semana e montava até uma lona, um barraco de lona, lá no fundo do lote, para construir um quarto e cozinha nos finais de semana, em mutirão. As pessoas eram muito solidárias. Foram chegando e aquela solidariedade, tantos finais de semana ajudava um e depois outro. Nós mesmos construímos quarto e cozinha, aí, mas através de mutirão (Oliveira, 2015, p. 61)*

Outro processo que aumentou a quantidade de habitantes especificamente nas pontas do EZS diz respeito à industrialização de Santo Amaro, região considerada por décadas como “o celeiro da capital” (Spink, 2018), que passou a ser o foco de diversas fábricas, especialmente a partir da década de 1940. Um grande contingente de trabalhadores dessas fábricas passou a morar na região; porém, com o fechamento massivo das fábricas ocasionado pelo processo de desindustrialização do país no início dos anos 1980 e a crise econômica que se instalava, houve aumento da precarização do emprego, das taxas de desemprego e informalização do trabalho. Nesse período, os movimentos sindicais e por moradia se entrelaçavam na região. Uma das lideranças mais referenciadas na história da luta pelo direito à moradia e por melhores condições de trabalho na região, Santos Dias, é produto desse contexto. Ele foi um militante importante do EZS, assassinado no período da ditadura durante um protesto contra as políticas de redução salarial implementadas ao final da década de 1970. Santos Dias é tão relevante para a história das lutas locais que, além de atualmente dar o nome para a principal praça do distrito do Capão Redondo<sup>25</sup>, é mencionado em algumas das entrevistas realizadas para esta pesquisa nos momentos em que os participantes narravam a história da região.

---

<sup>25</sup>Mais informações disponíveis em: <[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio\\_ambiente/parques/regiao\\_sul/index.php?p=143945](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/parques/regiao_sul/index.php?p=143945)>. Acesso em: 20 jan. 2023.

(2) Dora<sup>26</sup>: Acho que uma característica forte daqui é o histórico de luta. Dos mártires, nós temos aqui lutas de mártires, do Santos Dias, por exemplo. Também outras pessoas que deram a vida pela sua comunidade. É possível falar de várias lutas (...) a greve operária, das passeatas, das greves e toda a luta pelos direitos humanos. (S3F)

Desde os anos 1960, as lutas no EZS se dão de modo entrelaçado, o que pode ser mais bem compreendido a partir da fala de Maria José, entrevistada também por Oliveira (2015) em sua pesquisa de mestrado. Maria José é uma senhora por volta de seus 80 anos de idade, que chegou na região em 1976. Ela relata que, junto a outras mulheres (como Maria Reis, já citada anteriormente), fez parte da construção dos Clubes de Mães na região. No trecho de sua fala a seguir, Maria conta como elas faziam uso de estratégias, como o ensino de costura e outros trabalhos manuais, para atrair outras mulheres ao Clube e, posteriormente, organizar discussões sobre os mais distintos aspectos de lutas pela melhoria das condições de vida:

*Maria José: Os trabalhos manuais eram só um chamativo. O grupo crescia, cada semana vinha chegando mais. É bom lembrar que o clube de mães era da Paróquia da Vila Remo. A paróquia tinha vinte comunidades, todas tinham clube de mães. Então, quando você ia reivindicar alguma coisa, você enchia ônibus, porque era muita gente. Era Santa Margarida, Souza, Jardim Ângela, Vila Remo, Parque Santo Antônio [todos os bairros da periferia sul de São Paulo], e por aí vai. O daqui era um dos melhores, porque o bairro era muito carente. Ai você pensa: um bairro desse tamanho, não tinha atendimento à saúde em lugar nenhum, nem onde as mulheres fazerem a vacina das crianças. Tivemos que lutar, arrumamos uma casa lá na avenida, chamava posto de saúde, era um lugar muito bom, que atendia muita gente. Então, todas as reivindicações, o clube de mães levava e brigava para conseguir, porque se você levar e deixar lá de lado... Nesse negócio da alfabetização, eu me envolvi demais. Ainda hoje eu dou aula, tenho uma classe de MOVA<sup>27</sup>, né? E, aí, eu dava aula e deixei, mas, um dia na semana eu ainda vou lá. Hoje eu iria, mas minha filha foi no meu lugar. Então, é um grupo que pra mim, nossa... se você me perguntar qual é o pecado de um povo, eu te digo que o grande pecado de um povo é ter uma pessoa que não sabe ler nem escrever, pelo menos, olhar lá e ver uma placa, uma coisa, é uma injustiça muito grande, porque é um cego, né? (...) A gente tinha um trabalho manual, que era crochê, tricô, algum ponto cruz, algum bordado. A gente tinha algum trabalho manual que as pessoas vinham interessada em aprender. Nós fazíamos essas coisas que as comunidades ainda fazem. Mas essas atividades era um chamativo, isso era pra poder atrair, porque se você chamasse “vem para uma reunião toda semana”, ninguém aguenta. (Oliveira, 2015, p. 64).*

O relato de Maria José exemplifica uma série de elementos importantes a respeito do EZS que justificam a decisão por realizar, para a presente pesquisa, a observação participante em coletivos culturais da região; primeiramente, em virtude do entrelaçamento dos diferentes

---

<sup>26</sup> Dora é da terceira faixa etária, tem ensino superior completo e atua como diretora em uma escola pública da região.

<sup>27</sup> MOVA é a sigla para Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos, idealizado originalmente pelo educador Paulo Freire e presente até os dias atuais em diversas regiões do país.

movimentos e pautas sociais na região (que, como se apresenta mais adiante, continua sendo uma realidade); além disso, outra característica comum a tais movimentos e pautas é a visão holística que norteia suas ações, incluindo diversas esferas da vida de cada sujeito – como lazer, letramento e engajamento político acerca das diferentes pautas.

Cada uma das melhorias vistas pela região ao longo das décadas que se seguiram se deve, em grande medida, às conquistas desses movimentos que, na ausência do estado, protagonizaram transformações concretas no EZS em prol de um projeto coletivo de melhoria de vida dos seus moradores. Por meio da construção desses projetos coletivos (compostos, decididamente, por práticas coletivas), foi-se construindo uma noção de unidade, propiciando um contexto para a produção de uma consciência compartilhada acerca das condições de vida na região, distintas das regiões mais centrais e mais amparadas pelo estado.

No cenário de intensa crise econômica e social que acometeu o Brasil a partir da década de 1980, o país viveu um período marcado pelo crescimento acentuado, regular e sistemático dos homicídios (Cerqueira, 2014) e de outros crimes violentos. Consequentemente ao desemprego e à piora das condições de vida em uma região há décadas negligenciada pelo estado, a violência cresceu ainda mais no EZS ao longo desse período. No ano de 1996, a Organização das Nações Unidas (ONU) chegou a classificar o Jardim Ângela como o distrito mais perigoso do mundo. Manchetes pelo mundo afora denominavam de “triângulo da morte” a região composta pelos distritos do Jardim Ângela, Jardim São Luís e Capão Redondo<sup>28</sup>.

É nessa conjuntura que se desenvolve o movimento *hip-hop* brasileiro, que se inicia nos anos 1980 em São Paulo e se configura como a mais conhecida forma de expressão dos jovens que moram na periferia. Essa juventude passa a enxergar nas diferentes modalidades do movimento (o grafite, o break, o DJ e o MC/rapper) um espaço de elaboração para suas interpretações e denúncias acerca de suas realidades (Rodrigues, 2011). Dois dos seus

---

<sup>28</sup> Para mencionar apenas um exemplo: "*Ten murders in five hours: one deadly night in São Paulo's dangerous triangle*". Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2015/may/06/ten-murders-in-five-hours-one-deadly-night-in-sao-paulos-dangerous-triangle>>. Acesso em 25 jan. 2023.

expoentes mais famosos são o rapper Sabotage<sup>29</sup> e o grupo de rap Racionais MCs<sup>30</sup>, ambos originários da Zona Sul da cidade. No álbum de Sabotage intitulado “Rap é Compromisso” (2000), há uma faixa denominada “Zona Sul”, em homenagem à região em que morava:

*“Na Zona Sul, cotidiano difícil  
Mantenha o proceder, quem não conter tá fodido  
(...)  
**Zona Sul, Zona Show,**  
os loucos gritam “how!”<sup>31</sup>”*

Sua letra fala sobre o cotidiano difícil na região e sobre como quem não tomar certos cuidados pode não ter um bom destino por lá (“mantenha o proceder, quem não conter tá fodido”). Apesar disso, o rapper ainda vê motivos para celebrar a região, o que faz por meio de uma frase que até hoje é repercutida por movimentos culturais e sociais da região: “Zona Sul, Zona Show”. Há, ainda, menção ao grupo de rap Racionais MCs em outra estrofe:

*“Ouvindo **Racionais** passear no parque  
95 abalou, apavorou cidade  
Quem é me compreende, quem é rap sabe”*

Um elemento comum às letras de rap desse período é a menção a uma série de bairros da periferia e ao nome de outros rappers ou grupos de rap, constituindo uma espécie de “narrativa compartilhada”, em que se vai estabelecendo quem são e por onde estão os semelhantes a respeito dos quais as músicas tratam. Entre as diversas letras dos Racionais MCs que fazem menção à Zona Sul, destaca-se a faixa “Da ponte pra cá”, do álbum “Nada como um dia após outro dia” (2002). Nela, a expressão “da ponte pra cá”, comumente utilizada antes por

---

<sup>29</sup> Mauro Mateus dos Santos (1973-2003), mais conhecido pelo seu nome artístico Sabotage, foi um rapper e compositor paulistano, morador da Zona Sul da cidade. A Câmara Municipal de São Paulo instituiu, por meio da Resolução N° 02/2008, um prêmio em sua homenagem (Prêmio Sabotage) que visa a reconhecer publicamente o trabalho de artistas que se destacam no cenário do Hip Hop no Município. Disponível em: <<https://www.saopaulo.sp.leg.br/premio-sabotage-2022/>>. Acesso em: 01 fev. 2023.

<sup>30</sup> Racionais MC's é um grupo brasileiro de rap fundado em 1988, formado por Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KL Jay. Além de boa parte de seus integrantes ser originalmente do EZS, suas letras versam sobre diversos distritos da região.

<sup>31</sup> Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/sabotage/107997/>>. Acesso em: 01 fev. 2023.

peessoas que moravam nas áreas mais centrais para se referir ao EZS, é agora apropriada pelo grupo e ressignificada como um símbolo de pertença local:

*"A Lua cheia clareia as ruas do Capão  
Acima de nós só Deus, humilde né não, né não?  
(...)  
Mesmo céu, mesmo CEP, no lado Sul do mapa  
Sempre ouvindo um rap para alegrar a rapa  
Nas ruas da Sul eles me chamam Brown  
(...)  
Playboy bom é chinês, australiano  
Fala feio e mora longe e não me chama de mano  
(...)  
**Não adianta querer, tem que ser, tem que pá**  
**O mundo é diferente da ponte pra cá**  
**Não adianta querer ser, tem que ter pra trocar**  
**O mundo é diferente da ponte pra cá"***

O trecho mais eloquente da letra está em seu refrão (destacado em negrito), que afirma que “o mundo é diferente da ponte pra cá” (no EZS, entende-se), seguido pela frase “não adianta querer ser, tem que ter pra trocar”. Diante dessas afirmações, é pertinente questionar: diferente de quem e em relação a quê? Sobre isso, a própria letra da música dá indícios em outro trecho, que pode ajudar a compreender essa construção: “playboy bom é chinês, australiano, fala feio e mora longe e não me chama de mano”. Ou seja, o sujeito que antagoniza aquele “da ponte pra cá” é o “playboy”, que pode até tentar se passar por alguém próximo, mas não mora no mesmo CEP (ou seja, não mora no EZS) e vive outra realidade, em bairros de classes sociais mais altas da cidade. É relevante compreender esses elementos porque, como se descreve mais adiante, as letras dos Racionais MCs são fundantes de certos discursos que situam o EZS como um lugar muito distinto (inclusive simbolicamente) de áreas mais abastadas da cidade de São Paulo. A formulação desses discursos geralmente estabelece uma noção de “eu” compartilhado, que antagoniza um “outro”, como exemplificado pela letra da música em questão. A incorporação desse discurso pode ser ilustrada, por exemplo, pela disseminação da expressão “da ponte pra cá”, que se popularizou no EZS e passou a ser utilizada por moradores da região como denominador de uma ampla diversidade de grupos e atividades situados no EZS.

Alguns exemplos da vivacidade e importância local dessa expressão são: o festival gospel Da Ponte Pra Cá Pleno Capão<sup>32</sup>; um clube de futebol chamado Da Ponte Pra Cá FC<sup>33</sup>; uma equipe que promove eventos automotivos chamada Formigas da Ponte Pra Cá<sup>34</sup>; o Sarau da Ponte Pra Cá<sup>35</sup> e até uma barbearia chamada Barber Shop da Ponte pra Cá<sup>36</sup>. Existe ainda um documentário gravado em 2006, chamado "A Ponte"<sup>37</sup>, que aborda o tema da precariedade e isolamento do EZS em relação ao restante da cidade. Nele, a idealizadora de uma associação educacional local chamada Casa do Zezinho diz, aos 30 minutos:

Esse jovem da periferia, ele não é paulistano, ele não é paulista e ele não é brasileiro. Ele é periferia. Por quê? Porque a cidade não absorve ele. Não recebe. A cidade não aprimora ele. A cidade não quer saber dele. Então, ele é o quê? A identidade dele tá aqui.

Embora algumas décadas tenham se passado desde o início do processo de urbanização do extremo sul da cidade e até mesmo desde o lançamento dos álbuns de rap supracitados, é possível visualizar, por meio dos indicadores sociais da cidade de São Paulo, como essa noção de que a região se distinguiria da São Paulo mais central está ancorada na realidade material da maioria dos seus habitantes.

De acordo com os dados do Relatório do Mapa da Desigualdade<sup>38</sup> publicado no ano de 2021, os distritos situados na região do EZS detêm os piores indicadores da cidade de São Paulo. Entre o distrito de Moema, situado na área mais prestigiada da Zona Sul, cujo IDH é o maior da cidade (0,961), e Parelheiros, com o menor IDH do EZS (0,747), há uma diferença de 0,214 pontos. Tais dados demonstram que o IDH de Moema é 29 vezes maior do que o de Parelheiros. Além disso, enquanto nenhum dos distritos do EZS está entre os primeiros

---

<sup>32</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/daponteppracaplenocapao/>>. Acesso em: 05 maio 2017.

<sup>33</sup> Disponível em: <[https://www.facebook.com/DaPontePraCaFC/?ref=br\\_rs](https://www.facebook.com/DaPontePraCaFC/?ref=br_rs)>. Acesso em: 05 maio 2017.

<sup>34</sup> Disponível em: <[https://www.facebook.com/formigadapontepraca/?ref=br\\_rs](https://www.facebook.com/formigadapontepraca/?ref=br_rs)>. Acesso em: 05 maio 2017.

<sup>35</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/Sarau-da-Ponte-pra-C%C3%A1-307261289478383/>>. Acesso em: 05 maio 2017

<sup>36</sup> Disponível em: <[https://www.facebook.com/willbarbesholl/?ref=br\\_rs](https://www.facebook.com/willbarbesholl/?ref=br_rs)>. Acesso em: 05 maio 2017.

<sup>37</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Rs0mbQBddag>>. Acesso em: 16 abril 2020.

<sup>38</sup> Disponível em: <<https://www.nossasaopaulo.org.br/2021/10/21/mapa-da-desigualdade-2021-e-lancado/>>. Acesso em: 28 maio 2023.

colocados na classificação, quatro deles (Parelheiros, Marsilac, Jardim Ângela e Grajaú) estão entre os índices mais baixos de IDH.

A região difere ainda das mais centrais em termos de densidade populacional: quatro distritos do EZS estão entre os cinco distritos mais populosos da cidade, com populações que variam entre 293 mil e 390 mil pessoas. Número este 24 vezes maior do que a população do distrito da Barra Funda, mais próxima ao centro, ou aproximadamente 8 vezes maior do que a população do distrito da Consolação, na região central.

Enquanto a média de concentração de favelas na cidade de São Paulo é de 9,5% e distritos como Consolação e Bela Vista possuem uma concentração de favelas de 0%, os distritos do EZS possuem as maiores concentrações de favelas. No distrito do Jardim São Luís, por exemplo, a taxa consiste em 68,8%, e no Jardim Ângela, 53,27%.

Em relação à idade da população, três distritos do EZS estão entre aqueles com a maior proporção de pessoas com idades entre 0 e 29 anos: Parelheiros (50%), Jardim Ângela (48,4%) e Grajaú (47,8%). Esses distritos também estão entre aqueles com a menor média de idade para óbitos: Parelheiros (59 anos), Grajaú (60) e Jardim Ângela (61). Por outro lado, regiões como Alto de Pinheiros (80,9 anos), Pinheiros (79,5) e Consolação (78,6) são caracterizadas por maior expectativa de vida de seus moradores.

No que se refere à oferta de emprego formal, Jardim Ângela, Parelheiros, Grajaú e Capão Redondo são aqueles com as menores taxas na cidade, entre 0,5% e 0,6%. Por outro lado, regiões mais centrais como Sé (112,0%) e Barra Funda (65,1%) estão entre aquelas com melhores taxas de emprego formal. Além disso, os distritos do EZS estão entre aqueles com as piores taxas de acesso ao transporte público de massa (trem, metrô e monotrilho)<sup>39</sup>: enquanto em bairros mais centrais, como República e Consolação, as respectivas taxas são de 88% e 65%, distritos como Pedreira, Jardim Ângela e Parelheiros apresentam uma taxa de 0%.

Em linhas gerais, o morador do EZS convive diariamente com estruturas urbanas mais precárias, enfrenta deslocamentos entre sua casa e o trabalho mais demorados e em transportes de baixa capacidade, convive com a violência e a pouca oferta de serviços públicos, além de

---

<sup>39</sup> Tal índice consiste na proporção (%) da população que reside em um raio de até 1 km de estações de sistemas de transporte público de alta capacidade (trem, metrô e monotrilho), por distrito.

testemunhar ao longo de sua vida o falecimento precoce de familiares e vizinhos. Desse modo, é possível perceber a partir de qual contexto os moradores da região podem aderir a uma compreensão de que se encontram em uma situação de diferença notória com relação às localidades mais centrais da cidade.

Além da expressão “da ponte pra cá”, a já mencionada “Zona Sul, Zona Show”, presente na letra do rapper Sabotage (lançada aproximadamente 20 anos antes da realização desta pesquisa), circula ainda hoje entre as pessoas envolvidas nos movimentos culturais da região, constituindo-se, junto a “da ponte pra cá”, como um dos “significadores” do EZS. O trecho a seguir, excerto de uma das entrevistas realizadas para esta pesquisa, ilustra isso. Ao se referir às mudanças de postura dos próprios moradores do EZS em relação à região onde moram, Glauber diz:

- (3) *Glauber<sup>40</sup>: Para construir uma identidade daqui foi uma batalha muito grande. Eu lembro que até o começo dos anos dois mil, dois mil e dois ali... (Para) falar a verdade, até a ascensão do Lula, as pessoas iam procurar emprego e não colocavam que eram da Zona Sul, não colocavam que eram daqui, sabe?! Colocavam (no currículo) que eram de Santo Amaro. Então você mora onde? Ah, Santo Amaro.. Você não mora no Capão, você não mora no Parque Santo Antônio... Em (mil novecentos e) noventa e seis eu vim do Parque (Santo Antônio), sabe?! O pessoal ouvia Parque Santo Antônio e o cu piscava de medo, sabe?! É foda. Então acho que (o contexto atual) foi resultado dessa construção de afirmação do local. Acho que por isso a Zona Sul acabou tendo esse privilégio, né, de ser **zona sul zona show**. Muita gente falando isso e afirmando isso para contrapor esse olhar de quem morava aqui era marginal, que o pessoal que morava aqui era bandido. A arte foi a grande responsável por isso, né, dessa afirmação de identidade local. (M2M)*

Nesse contexto, que Glauber identifica como a “construção de afirmação local”, estão ainda outros dois movimentos culturais importantes que ganharam corpo no início dos anos 2000 e estabelecem uma relação estreita com o movimento *hip-hop*, a literatura marginal/periférica e os saraus literários (estes últimos, conforme se explica mais adiante, o campo principal de observação participante desta pesquisa) (Reyes-Arias, 2011).

Com relação às nomenclaturas “literatura marginal” e “literatura periférica”, Antonio Eleison Leite (2014) argumenta que elas podem ser compreendidas em relação a dois períodos distintos: (i) literatura marginal, que se refere ao período entre 2000 e 2005, marcado pelo

---

<sup>40</sup>Glauber foi um dos entrevistados para a amostra desta pesquisa. Ele pertence à segunda faixa etária, sem o ensino médio completo e trabalha como produtor de vídeos em um coletivo cultural da região.

lançamento da obra *Capão Pecado*, escrita pelo hoje renomado autor Ferréz<sup>41</sup> e (ii) literatura periférica, que ocorre desde 2005, data de início dos saraus da Cooperifa, um dos primeiros e maiores saraus da região do EZS até os dias atuais.

A partir desses movimentos, a literatura passa a ser discutida como um dos meios de ressignificação de “visões de mundo da e para a periferia, dos e para os periféricos” (Silva, 2014). Nos termos de Reyes-Arias (2011) em sua tese sobre a literatura periférica:

Trata-se, em geral, de uma literatura de auto-representação com uma dimensão política e social importante, a enunciação de realidades invisibilizadas por parte de setores sociais que historicamente têm tido um acesso mínimo à palavra escrita, em um contexto no qual a língua, sobretudo escrita, tem servido como mecanismo de dominação desde os tempos colonização (Reyes-Arias, 2011, p. 6).

Além de funcionar como um processo de conscientização e elaboração a respeito da realidade periférica, esses movimentos literários funcionam como espaços de letramento, nos quais pessoas que antes não se reconheciam na modalidade escrita da língua, agora não apenas se apropriam dela, como a constituem como um processo coletivo e perpassado pela oralidade – uma vez que o processo de criação dos poemas escritos pelos poetas que frequentam os saraus ocorre a partir de um contexto de trocas coletivas particularmente intensas. Nos saraus da região é bastante comum ouvir um poeta dizer, antes de recitar seu texto, que este ainda está em “fase de experimentação”, pois nunca foi recitado. Ao acompanhar os saraus por algum tempo, é possível observar que, de fato, a partir da experiência de recitar o poema, os poetas muitas vezes alteram suas escritas até parecerem adequadas ao seu público e à oralidade.

Dado seu papel na construção do “ser periférico”, os saraus literários do EZS, além de se configurarem como referências locais para os diferentes movimentos culturais da região (Minchoni, 2016), tornaram-se, ao longo dos anos, inspiração para o surgimento de saraus em outras periferias da cidade e do país (Rodrigues, 2014) e influenciaram até iniciativas culturais em regiões periféricas de outros países da América Latina (Reyes-Arias, 2011).

Tendo em vista tais elementos e o fato de a linguagem ser o material principal de trabalho dos saraus, com amplos espaços para a produção da língua falada, este foi o contexto

---

<sup>41</sup> Nome artístico de Reginaldo Ferreira da Silva, nascido em 1975.

escolhido para a realização da observação etnográfica no EZS, com vistas ao desenvolvimento desta pesquisa. Na subseção a seguir, descreve-se a trajetória da pesquisa e como o período de observação participante propiciou a compreensão dos saraus literários como espaços de (re)construção das práticas do “ser zona sul”.

## 2.2 Rumos projetados *versus* rumos concretizados

Inicialmente, inspirada pelos três movimentos analíticos que caracterizam as ondas dos estudos variacionistas e que revimos no capítulo anterior, esta pesquisa projetou investigar a variação linguística no EZS nas três perspectivas: macrossociológica, etnográfica e estilística. Na primeira, com foco na “comunidade de fala”, o propósito central seria verificar se o EZS compartilha padrões de usos e avaliações sociolinguísticas que o diferenciam da cidade de São Paulo. As variáveis linguísticas em análise seriam as mesmas investigadas por Oushiro (2015)<sup>42</sup>, que conclui que os paulistanos (inclusive os da Zona Sul) constituem uma única comunidade de fala. Na segunda, o foco seria direcionado às práticas nos saraus da região, a fim de verificar como as mesmas variáveis analisadas no nível macro seriam mobilizadas localmente, na construção de significados sociais. Na terceira, seria solicitado a um indivíduo sociolinguisticamente icônico nos saraus que gravasse a si próprio em diferentes interações, com diferentes interlocutores, no intuito de verificar se as mesmas (ou outras) variáveis linguísticas seriam utilizadas de maneira socialmente significativa na performance de diferentes *personas*.

Por motivos que se descrevem a seguir, o primeiro conjunto de análises foi plenamente concretizado, enquanto o segundo e o terceiro precisaram ser reelaborados. Os procedimentos para a condução da pesquisa nos níveis macrossociológico e mais local se entrecruzam ao longo do processo de construção da amostra estratificada de fala e da observação participativa nos saraus; dessa forma, a apresentação das decisões metodológicas a seguir começa com a descrição do percurso no trabalho de campo.

---

<sup>42</sup> Para lembrar: /e/ nasal, coda /t/, concordância nominal de número (CN) de número e concordância verbal de primeira e terceira pessoa do plural (CV – 1PP e 3PP).

### **2.2.1 A aproximação etnográfica e o percurso em campo**

Antes da realização das entrevistas da amostra estratificada, houve uma fase que precedeu o trabalho de campo e que remonta ao segundo semestre de 2017. Ainda em caráter exploratório, buscou-se estabelecer um primeiro contato com moradores do EZS em algum espaço que eles frequentassem regularmente. Nesse sentido, realizou-se naquele ano um período de trabalhos voluntários na Casa do Zezinho, uma das ONGs mais conhecidas no EZS, localizada no distrito do Capão Redondo.

Tal empreitada, de caráter meramente exploratório, permitiu contactar diferentes gerações de moradores da região e, a partir disso, compreender melhor seus modos de organização, identificar grupos que gozassem de reconhecimento local e que práticas locais lhes são comuns.

Posteriormente, foram realizados levantamentos informais na Internet acerca de atividades realizadas na região que poderiam possibilitar a realização da pesquisa. Nesses levantamentos, destacou-se o Fórum de Pesquisadores de M'Boi Mirim, que congrega pesquisadores, agentes locais e pessoas interessadas nas pesquisas realizadas na região de modo geral. Ao longo das reuniões, que acontecem mensalmente, contatos foram estabelecidos com diferentes ONGs e moradores locais, que não apenas contribuíram para a seleção de participantes para compor a amostra estratificada, como também serviram como uma providencial fonte de informações a respeito da cena cultural da região.

Foi graças ao Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA), situado nas dependências do prédio da Sociedade dos Santos Mártires (onde também aconteciam as reuniões do Fórum) e ao Núcleo de Convivência dos Idosos (NCI) do Jardim Ângela, situado em frente à Sociedade dos Santos Mártires, que parte das entrevistas com pessoas com mais de 60 anos foi viabilizada.

Em 2018, já com a coleta de entrevistas em andamento, deu-se início a um período de trabalho voluntário como professora em um cursinho popular da região, que permitiu interação com diversos alunos adolescentes e o acesso a mais informações sobre a cena cultural da região. Além disso, na interação com outros professores, foi possível contactar novos participantes potenciais para as entrevistas, bem como alguns agitadores culturais locais.

Naquele mesmo ano, ao identificar os saraus como um importante polo de socialização e articulação de ações culturais na região, iniciou-se um processo de incursão etnográfica em alguns deles, em busca da identificação de um grupo que funcionasse como uma comunidade de práticas e que pudesse ser estudado. O primeiro sarau visitado foi o da Cooperifa, um dos maiores e mais antigos da região. Ele ocorre mensalmente e foi visitado em quatro ocasiões, nas quais foi possível perceber que, devido à sua fama para além da região, é frequentado por um grande número de pessoas (do EZS e de outras localidades), o que o torna um evento bastante agitado e relativamente disperso, pouco propício para a realização futura de gravações. Além disso, naquele período, as noites de sarau eram o único evento regular organizado na região pela Cooperifa, o que limitaria os contextos para a realização da observação participante e das gravações.

Com isso em mente, buscaram-se saraus que realizassem diferentes tipos de atividades na região e que apresentassem características mais propícias para a realização de gravações. Por meio de conversas com pessoas da região, o espaço cultural I Love Laje, idealizado por um dos cofundadores do Sarau da Cooperifa, Marco Pezão<sup>43</sup>, revelou-se interessante por ofertar uma série de atividades distintas em sua sede, além das noites de declamação e performances. A partir da autorização concedida por Pezão, iniciou-se o processo de incursão etnográfica, com frequência semanal nas atividades do espaço.

---

<sup>43</sup> Nome pelo qual é conhecido o jornalista, poeta e articulador cultural Marco Antonio Iadocicco, falecido em 13 de outubro de 2019.

Figura 2 - Fachada do espaço cultural I Love Laje



Fonte: Página do Instagram do espaço I Love Laje<sup>44</sup>

Adotou-se a estratégia de entrevistar o poeta Pezão em sua primeira visita ao espaço em questão, com o intuito de estabelecer maior aproximação e ter um primeiro registro em áudio das narrativas acerca dos movimentos culturais da região. Ao longo do segundo semestre de 2018, os saraus mensais no espaço I Love Laje, assim como outras atividades ali realizadas, foram frequentados regularmente. Para garantir que, além das pessoas envolvidas na organização do espaço, os outros participantes também ficassem cientes da condução da pesquisa, na segunda visita ao sarau, foi solicitada pela pesquisadora a permissão dos presentes para conduzir a observação participante durante as atividades promovidas pelo grupo. Diversos participantes manifestaram seu consentimento e o responsável pela condução do sarau naquele dia, Tubarão<sup>45</sup>, um poeta e articulador cultural filiado ao espaço I Love Laje, retomou a palavra e selou o acordo verbal realizado:

<sup>44</sup> Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/BgOvsD\\_nT5p/](https://www.instagram.com/p/BgOvsD_nT5p/)>. Acesso em: 10 abril 2019.

<sup>45</sup> Nome pelo qual é conhecido Jeferson dos Santos.

*“Certo, mano. É isso aí, o saber da academia, o saber que nós faz aqui, tudo se complementa e tudo fortalece, tá ligado?! Seja bem-vinda, Monique. É nós e támo junto!”*

Neste ponto é importante mencionar que, além do consentimento da comunidade para a realização da pesquisa, é necessário estabelecer uma relação mais próxima e de confiança entre pesquisador e participantes (Queiroz et al., 2007), com vistas à efetivação de uma observação participante a serviço de um olhar etnográfico para a comunidade. O estabelecimento desse vínculo exige a presença prolongada e consistente em campo, que vai sendo desenhada pelas características próprias do grupo estudado (Eckert & Rocha, 2008). No caso em questão, a convivência com os participantes dependia da agenda de atividades propostas pelo grupo. Por esse motivo, inicialmente se desenvolveu um diálogo com os participantes e realizaram-se observações preliminares sobre o funcionamento da comunidade.

A observação participante no espaço I Love Laje se estendeu até dezembro de 2018, quando as atividades do grupo (bem como as da maioria dos grupos culturais locais) foram pausadas para o período de recesso de final de ano. Passadas as festividades, ao entrar em contato com uma das pessoas responsáveis pela organização dos eventos a respeito do calendário de atividades do ano que se iniciava, obteve-se a notícia de que não havia previsão para a retomada. Algum tempo depois, a pesquisadora foi informada de que, em virtude de imprevistos na vida pessoal dos organizadores, as atividades do espaço não seriam retomadas no ano de 2019.

Nesse interim, contudo, em conversas com diversos participantes do sarau, constatou-se que parte considerável deles frequentava também outro sarau local, o Sarau do Binho. Já no início daquele ano, os organizadores do Coletivo Sarau do Binho foram contactados para que se iniciasse um processo de observação participante em suas atividades. Em março de 2019<sup>46</sup>, a pesquisadora participou de uma das atividades do sarau, apresentou-se aos presentes e recebeu consentimento dos membros do sarau para a realização da pesquisa.

---

<sup>46</sup>Os saraus normalmente retomam suas atividades regulares após o período de carnaval.

Figura 3- Estandarte do Sarau do Binho



Fonte: perfil no Facebook do Sarau do Binho

Dali em diante, observaram-se, de forma participativa, mais de 20 atividades do grupo, de diversos tipos: noites de sarau realizadas no Teatro Clariô<sup>47</sup>; o clube de livros; encontros com autores locais e de outras regiões; oficinas; mesas redondas; reuniões de organização da Festa Literária da Zona Sul (FELIZS)<sup>48</sup>; caminhadas poéticas; visitas a escolas; a própria FELIZS, entre outras. Foram mais de 100 horas de observação participante realizadas junto ao coletivo. Como é possível inferir pela quantidade e diversidade de atividades promovidas pelo grupo, a agenda dos organizadores é extremamente agitada e o tempo livre de cada um deles é bastante escasso.

Em razão disso, foram poucos os momentos de interação direta com os principais articuladores culturais envolvidos no coletivo, pois todos ou quase todos estavam sempre engajados na realização de alguma dessas atividades. Ainda que Suzi Soares, uma das idealizadoras das atividades do sarau, tenha sido aquela entre os organizadores com quem primeiro se estabeleceu contato, e quem ao longo do trabalho de campo manteve a pesquisadora informada sobre as atividades do sarau, em todas as ocasiões em que a observação participante

<sup>47</sup> Para saber mais sobre o espaço, acesse: <<https://espacoclario.blogspot.com/>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

<sup>48</sup> Festival organizado desde 2015 pelo Coletivo Sarau do Binho. Para mais informações, acesse: <<https://www.felizs.com.br/>>. Acesso em: 17 jun. 2022.

foi realizada, Suzi estava tomada por uma série de tarefas relacionadas a todas as etapas de realização dos eventos (das mais burocráticas como inscrição em editais, responder e-mails e organizar a agenda de atividades, até outras mais práticas, como arrumar as cadeiras, preparar os alimentos servidos gratuitamente em alguns dos eventos etc). Seu companheiro, Binho, ocupava-se também ao longo de todos os encontros, principalmente recebendo os participantes e mediando as atividades – seja como apresentador das noites de sarau ou como entrevistador dos poetas e escritores.

Uma das raras ocasiões em que foi possível manter uma conversa mais prolongada com um dos organizadores consistiu na entrevista sociolinguística (para a amostra estratificada) concedida por Diane Padial, uma das idealizadoras do coletivo e irmã de Binho Padial. A partir dessa aproximação, Diane muitas vezes atuou como uma das facilitadoras da continuação da inserção etnográfica.

Além da gravação de entrevistas sociolinguísticas estruturadas, com informantes de perfis sociolinguísticos previamente estabelecidos (com base em sexo/gênero, faixa etária e escolaridade), objetivou-se também realizar gravações de participantes mais diretamente envolvidos com as práticas locais em pelo menos três contextos: (i) durante uma das noites de sarau, (ii) durante um dos encontros do clube do livro e (iii) em um grupo focal (Bomfim, 2009; Dias, 2000) constituído pelos membros mais ativos do coletivo. No entanto, era necessário que, a partir da agenda do sarau, fossem combinados dias específicos para a realização das gravações, de modo a garantir o consentimento de todos os envolvidos. O plano consistia em realizar tais gravações logo no início das atividades do ano de 2020, antes que a agenda de compromissos do coletivo se tornasse mais concorrida. Embora o sarau tenha entrado em período de recesso ao final do ano com retomada de suas atividades previstas para o mês de março, tal agenda que foi suspensa indefinidamente, em face das medidas de distanciamento social recomendadas pela Organização Mundial da Saúde, no cenário de pandemia da Covid19 que então ganhava força no Brasil.

Apesar das expectativas de que ainda naquele ano as atividades pudessem ser retomadas, as medidas de isolamento social se estenderam até o final do ano de 2021. Por natureza, as

atividades promovidas envolvem a reunião de muitas pessoas em um mesmo espaço físico – de modo que sua realização foi totalmente inviabilizada.

Passados alguns meses do período de isolamento, embora o Sarau do Binho tivesse começado a promover atividades online, a dinâmica de interação entre os participantes nesses eventos remotos foi amplamente alterada, em virtude de uma série de fatores. Diante dessas condições, avaliou-se a possibilidade de coletar dados de fala nesses encontros remotos; porém, a baixa qualidade dos áudios (afetada pela qualidade da conexão à Internet de muitos participantes); as limitações da própria ferramenta de videochamada, que leva a formas específicas de interação e, principalmente, o pouco tempo de duração da fala de cada um dos participantes nesses eventos online dificultaram sobremaneira a coleta de dados, assim como dificultariam o desenvolvimento posterior de suas análises. Desse modo, como a retomada das atividades presenciais só teve início em meados de 2022, não puderam ser realizadas as gravações de interações sociolinguísticas estabelecidas durante as atividades das comunidades de práticas que interessavam a esta pesquisa.

### **2.2.2 Novos rumos para a pesquisa**

Embora a realização das gravações junto aos participantes do sarau tenha sido inviabilizada, diversos dados etnográficos foram gerados desde o início do processo de incursão nos movimentos culturais da região, destacadamente os saraus, compreendidos aqui como comunidades de práticas. Ao longo do período de quase dois anos de observação participante, foi possível identificar padrões no funcionamento dessas comunidades em um circuito (nos termos de Magnani, 2007), definido pelo engajamento de seus membros em práticas motivadas pelo amplo projeto de ressignificação do “ser periférico”/“ser zona sul”.

Inicialmente de modo fragmentado, as experiências etnográficas foram registradas em um “caderno de campo” e posteriormente organizadas em narrativas coesas e cronológicas que possibilitaram uma visualização dos elementos e práticas recorrentes nas interações nos saraus. Uma das vantagens desse tipo de material, de acordo com Magnani (1997), está na obtenção e organização de informações que não seriam acessíveis por meio de documentos, entrevistas, dados censitários, ou transcrições de dados gravados (áudios, vídeos, fotos). Por exemplo, foi

possível compreender que, ainda que cada um dos saraus se constitua como uma comunidade de práticas em si, eles se caracterizam também por grande intercâmbio entre seus membros, que costumam frequentar mais de um sarau ao mesmo tempo; desse modo, os saraus compartilham, em larga medida, uma série de práticas (cf. Capítulo 7).

À luz dessa compreensão, e mediante o cenário de impossibilidades imposto pela conjuntura dos anos 2020-2022, articularam-se estratégias alternativas que permitissem uma investigação da relação entre práticas linguísticas e significados sociais no falar de membros das comunidades de práticas onde se realizou o trabalho de observação em campo. Por essa razão, considerando a identificação do circuito (Magnani, 2007) como unidade organizadora das práticas sociais dos membros dos movimentos culturais e literários (entre eles, os saraus), iniciou-se uma busca, nas mídias sociais, por entrevistas disponibilizadas publicamente com membros assíduos dos saraus – nos quais se deram as incursões etnográficas, mas onde as gravações acabaram não podendo ser realizadas. Um dos critérios para a seleção desses materiais consistia no fato de que tais participantes deveriam ser reconhecidos localmente como figuras de referência para os saraus do EZS. Além disso, tais indivíduos deveriam ser participantes das atividades do espaço I Love Laje, do Sarau do Binho ou do Sarau da Cooperifa, visto que a observação participante foi realizada nesses três espaços.

Com relação ao primeiro deles, há pouquíssimo material disponível online – em parte porque Pezão<sup>49</sup> sempre demonstrou predileção pela palavra escrita como um meio de registro das atividades culturais conduzidas no espaço, provavelmente em virtude de sua formação como jornalista. Enquanto o canal no YouTube destinado ao grupo contém apenas registros de entrevistas realizadas com outras pessoas da região – como parte de um dos projetos produzidos pelo grupo e contemplado por edital de financiamento público – a maioria dos registros das atividades realizadas pelo grupo está em formato de texto ou fotografia nas publicações do blog gerenciado por Pezão e Alai Diniz, uma das articuladoras culturais do I Love Laje, chamado “Futbolando”<sup>50</sup>. Além disso, não há materiais disponíveis de palestras ou entrevistas concedidas pelo poeta a outros veículos de mídia.

---

<sup>49</sup> Fundador do Espaço I Love Laje e cofundados do Sarau da Cooperifa.

Já com relação ao Sarau do Binho, há diversos registros disponíveis no canal do YouTube do próprio coletivo, além de algumas entrevistas e palestras concedidas por Binho, algumas das quais funcionam como iniciativas de projeção local, enquanto outras são vinculadas a centros culturais e iniciativas voltadas ao público mais amplo.

Com relação à Cooperifa, ainda que existam poucos registros audiovisuais disponíveis das atividades realizadas pelo grupo em si, Sergio Vaz é de longe o organizador de saraus do EZS mais entrevistado, tanto por iniciativas locais, como por centros culturais da cidade de São Paulo e pela grande mídia.

Mediante essas características do material disponível online, optou-se pela análise qualitativa da participação de Binho e Suzi, companheira pessoal e parceira de Binho em cada uma das empreitadas do coletivo Sarau do Binho, no “Averso Podcast” e das participações de Sérgio Vaz no programa “Provocações” da TV Cultura e no Podcast “Az Ideia”. O “Averso Podcast” é apresentado pelo escritor e articulador cultural Ferrez e pela produtora cultural Diolanda (moradores do EZS), mas sua visibilidade não é apenas local, pois é realizado em parceria com os Estúdios Flow, um dos maiores estúdios de podcast nacionais. Em outras palavras, essa entrevista interessa por ser uma situação de interação entre quatro pessoas engajadas na cena cultural do EZS, mas, por outro lado, trata-se de um programa de audiência mais ampla do que apenas os moradores da região ou articuladores culturais locais.

Quanto a Sergio Vaz, selecionaram-se duas entrevistas selecionadas para análise concedidas pelo poeta a um canal da televisão aberta e a um Podcast apresentado por Big da Godoy e Boy Killa, dois rappers do distrito do Capão Redondo que compartilham o universo simbólico da cena cultural do EZS com Sérgio Vaz e tomam o poeta como figura de referência.

A análise de trechos do Averso Podcast objetiva compreender como as variantes das variáveis são empregadas, em conjunto, em dois momentos distintos da entrevista (um mais formal e outro mais descontraído). Por sua vez, a análise dos trechos de duas entrevistas concedidas por Sergio Vaz enfoca a manipulação dessas variáveis a depender do contexto de interação, composto ora por pessoas de fora da cena cultural do EZS, ora por pessoas de dentro dela. De caráter qualitativo, tais análises buscam compreender que significados sociais vão se associando a três das mesmas variáveis estudadas na amostra estratificada, isto é, (-r), (CN) e

(CV) – com relação à (EN), não se identificou nenhum uso “estilístico” da variável durante a observação participante, portanto, ela não é considerada nas análises dos trechos selecionados. Além dessas variáveis, analisa-se também o uso de certos marcadores discursivos (como “tá ligado”, “mano” e “né”). O interesse em analisar o uso dessas variáveis se dá em virtude das observações realizadas em campo nos saraus, que permitiram a identificação de usos estratégicos de cada uma delas por parte de seus participantes, em diferentes contextos de interação.

Tal como se argumentou anteriormente, ainda que a observação participante nos saraus e a construção da amostra estratificada constituam dois enfoques analíticos distintos, suas realizações ao longo do período de pesquisa se entrecruzam. Em grande medida, foi graças aos contatos estabelecidos para a realização da amostra estratificada que se teve acesso às visões dos moradores da região sobre quais comunidades de práticas eram mais conhecidas ou relevantes na construção de uma cena cultural local do EZS. Ao mesmo tempo, foi graças aos contatos estabelecidos com alguns atores dos movimentos culturais do EZS que foi possível contactar alguns dos participantes que viriam a conceder entrevistas para a amostra estratificada, uma vez que eles mesmos são moradores do EZS e conhecem pessoas vinculadas a outros contextos que não apenas os saraus.

Conforme se descreve a seguir, tomou-se particular cuidado ao selecionar informantes para a realização das entrevistas, no sentido de minimizar as chances de que as pessoas que compõem a amostra fizessem parte de uma mesma rede social (Milroy, 1987; 1992). Desse modo, os indicados pelos membros do sarau, bem como os demais participantes da amostra estratificada, só foram entrevistados caso não fizessem parte de um mesmo círculo social.

### **2.2.3 A amostra estratificada**

A amostra coletada para a identificação de padrões gerais no EZS – na produção de (en), (-r), (CN) e (CV) – foi estratificada tal qual no Projeto SP2010, isto é, por sexo/gênero (feminino ou masculino), faixa etária (20-34 anos, 35-59 anos e 60+) e escolaridade do falante (até o ensino médio; superior). Planejou-se uma amostra com 3 falantes por célula, totalizando

36 entrevistas; porém, em função das particularidades da população estudada<sup>51</sup>, não se encontraram, apesar dos esforços investidos, três paulistanos do gênero masculino moradores do EZS com 60 anos ou mais e com ensino superior completo. Dessa forma, a amostra final totaliza 35 entrevistas, como mostra o quadro a seguir:

Quadro 1- Estratificação da amostra de 35 falantes do EZS, com número de entrevistados por célula

Gênero feminino (18)	Ensino Médio (9)	20-34 anos (3)
		35-59 anos (3)
		60 anos ou mais (3)
	Ensino Superior (9)	20-34 anos (3)
		35-59 anos (3)
		60 anos ou mais (3)
Gênero masculino (17)	Ensino Médio (9)	20-34 anos (3)
		35-59 anos (3)
		60 anos ou mais (3)
	Ensino Superior (8)	20-34 anos (3)
		35-59 anos (3)
		60 anos ou mais (2)

Fonte: elaborado pela autora.

Adota-se, ao longo da tese, a utilização de códigos que permitam a identificação do perfil social dos falantes cada vez que um de seus trechos de fala for mencionado. Tais códigos consistem no primeiro caractere referente a cada um dos elementos estratificadores da amostra. Por exemplo, utiliza-se “M2M” para identificar falante com até o Ensino Médio Completo,

<sup>51</sup> Segundo dados do Mapa da Desigualdade (2021), os distritos pertencentes ao EZS estão entre aqueles com menores níveis de escolaridade e com menores índices de expectativa de vida. Um fator adicional a ser destacado é a ocupação recente da região, com grande parte da população idosa sendo composta por migrantes de outros estados do Brasil. Além disso, de acordo com o relatório do Sistema Estadual de Análise de Dados (2023), comparativamente às mulheres, os homens na cidade de São Paulo apresentam menor nível de escolaridade.

pertencente à 2ª Faixa Etária, do Gênero Masculino. Ou “S1F” para identificar falante com Ensino Superior Completo, pertencente à 1ª Faixa Etária, do Gênero Feminino. Além disso, o nome de registro de cada um dos participantes foi substituído por pseudônimos (uma tabela com as ocorrências das variáveis por participante pode ser conferida no Anexo V).

Enquanto “ser paulistano” foi um dos critérios utilizados na seleção dos participantes para a construção da amostra SP2010 (Mendes, & Oushiro, 2012), tal condição restringiria em larga escala as possibilidades de seleção de participantes para a construção da presente amostra, uma vez que, dada a recente ocupação da região, parte considerável de seus moradores mais idosos são migrantes originários de outros estados do país. Desse modo, os critérios para a seleção dos participantes consistiram em (i) ter vivido a maior parte da vida no EZS e (ii) ser paulistano ou ter migrado para cidade quando ainda criança. Nesse sentido, a presente amostra se diferencia daquela construída pelo Projeto SP2010 em ao menos dois aspectos: nem todos os falantes são paulistanos (5 deles, no total, são migrantes) e todos eles têm baixa mobilidade geográfica na cidade (elemento variável entre os falantes gravados pelo Projeto SP2010, que poderiam ter sempre vivido no mesmo bairro ou na mesma zona da cidade, mas também poderiam ter vivido em zonas diferentes ao longo de suas vidas).

Embora tenha sido difícil encontrar participantes mais velhos que tivessem nascido em São Paulo ou migrado para a cidade na infância, foi particularmente fácil encontrar participantes que tivessem morado a maior parte de suas vidas no EZS. Além de muitos dos participantes entrevistados terem morado no EZS desde o nascimento ou a infância, parte considerável nunca sequer morou em um distrito do EZS distinto daquele em que residia na época de realização da entrevista.

As entrevistas foram realizadas em uma diversidade de contextos: no local de trabalho ou estudo dos participantes, em shopping centers, padarias, em centros culturais, centros religiosos ou na casa dos participantes. Essa diversidade de locais explica-se pela escassez de tempo livre por boa parte dos participantes, que em geral gastavam várias horas do seu dia a dia no transporte público. Algumas das entrevistas inicialmente gravadas precisaram ser descartadas, em virtude de fortes ruídos no ambiente da gravação, que comprometeriam a análise do material linguístico.

As entrevistas foram registradas por meio de um gravador da marca Tascam, modelo DR-100. Elas duraram entre 30 e 90 minutos e seguiram um roteiro baseado naquele utilizado no Projeto SP 2010<sup>52</sup>, com algumas adaptações motivadas pelos interesses desta pesquisa. Os assuntos abordados foram: a cidade de São Paulo, a vida no EZS, a atuação das gestões públicas na região, memórias de infância, lazer, trabalho e família. A fim de garantir maior espontaneidade durante as gravações, mais tempo foi dedicado, em cada entrevista, ao(s) assunto(s) que parecia(m) mais interessar ao sujeito entrevistado. Após a conversação, os participantes foram solicitados a ler uma lista de palavras (a mesma utilizada pelo Projeto SP2010), um texto do gênero notícia de jornal que dizia respeito à região (cf. Anexo III) e um texto que se aproxima ao gênero textual depoimento, elaborado especificamente para a construção da amostra (cf. Anexo IV).

Em seguida, uma ficha era preenchida junto aos participantes, em que se registravam informações como sua idade, escolaridade, gênero social, origem dos pais, escolaridade dos pais, quantidade de pessoas com quem morava, profissão, local de nascimento e endereço. Finalmente, solicitou-se a cada participante que assinasse um termo de consentimento que explicitava a finalidade científica das gravações.

As entrevistas foram transcritas por meio do programa para anotação de arquivos de áudio e vídeo ELAN (Hellwig; Geerts, 2013), plataforma em que também foram realizadas as codificações das variáveis dependentes<sup>53</sup>, cujas ocorrências foram posteriormente extraídas por meio da ferramenta dmsocio (Oushiro, 2018)<sup>54</sup>. As variáveis previsoras (tanto linguísticas quanto sociais) foram codificadas por meio do software Excel (Microsoft Corporation, 2019).

Para (en) e coda (-r), considerando a disparidade na quantidade de ocorrências por entrevista, foram gerados subconjuntos de dados por meio de uma versão adaptada<sup>55</sup> do script dmsocio (Oushiro, 2014), construído na linguagem de programação R (R Core Team, 2023).

---

<sup>52</sup> O roteiro do Projeto SP2010 pode ser consultado a partir do link: <<https://projetosp2010.fflch.usp.br/sites/projetosp2010.fflch.usp.br/files/SP2010-Roteiro.pdf>>. Acesso em 20 fev. 2023. Já o roteiro utilizado para a presente pesquisa, consta no ANEXO.

<sup>53</sup> Isto é, /e/ nasal, /r/ em coda, concordância nominal de número e concordância verbal de primeira e terceira pessoas do plural.

<sup>54</sup> Disponível em: <<https://oushiro.shinyapps.io/dmsocio/>>. Acesso em 20 fev, 2023.

<sup>55</sup> Disponível em: <<https://github.com/nique26/Analise-de-dados-linguisticos/blob/main/Amostragem.R>>.

Tal adaptação teve como objetivo possibilitar a execução manual do pacote CNStats, fundamental para a utilização do script dmsocio, mas que se encontra indisponível para as novas versões do R (R Core Team, 2022). No caso de (CN) e (CV), considerando a quantidade relativamente menor de ocorrências nas entrevistas, todas elas foram consideradas. A análise estatística dos dados foi feita também por meio do software e linguagem de programação R (R Core Team, 2022). Ao longo das rodadas de testes estatísticos, foram utilizados os pacotes “tidyverse” (Wickham et al., 2023), “lmerTest” (Kuznetsova et al., 2017), “lme4” (Bates et al., 2015), “effctcs” (Foz, 2019) e “rms” (Harrell, 2020). Os resultados reportados nos capítulos 3, 4, 5 e 6 dizem respeito às análises de Regressão Logística. Esse teste busca “(...) verificar o efeito simultâneo de múltiplas variáveis previsoras, a fim de chegar a um modelo para descrever, explicar e prever o comportamento da variável resposta” (Oushiro, 2017, p. 182).

A representação gráfica dos termos mais comuns nos discursos dos participantes da amostra estratificada a respeito da expressão “da ponte pra cá”, apresentada no Capítulo 7, foi realizada por meio do software IRaMuTeQ (Ratinaud, 2008-2023), que consiste em um programa de análise quantitativa de dados textuais que utiliza as linguagens de programação R e Python. Por meio da análise de uma subamostra composta pelos trechos das entrevistas referentes a essa temática, o software possibilitou a visualização das construções textuais mais frequentes nas narrativas produzidas pelos participantes, bem como a elaboração de um grafo de similitude, que permite visualizar a relação entre os termos mais frequentes nas respostas dos participantes.

### 3. A variável /e/ nasal

A maioria dos trabalhos dedicados ao estudo de vogais nasais no português brasileiro concentra-se mais especificamente na área da fonologia (como Bisol 1998; Medeiros 2007; Abaurre & Pagotto 2013; Moraes, 2013, já referenciados por Oushiro, 2015; e outros trabalhos mais recentes, tais quais Battisti, 2014; Seara, 2019 e Correa *et al.*, 2022). Também nessa área, há pesquisas que se dedicam especificamente ao estudo de ditongos em contexto de vogais nasais (dentre elas, Bisol, 1998; Demasi, 2009, *apud* Oushiro, 2015, e outras mais recentes, como Battisti, 2014; Eberle & Sandalo, 2019).

Na área da sociolinguística, pesquisas como as de Colley (2011) e Carlos & Do Carmo (2018) analisam a ditongação diante de /s/ em coda silábica em palavras como "paz/pa[j]z, três/tre[j]s". Outras se dedicam ao fenômeno da redução/desnasalização de ditongos átonos nasais em final de palavra, em casos como "jovejm/"jovr" (Chaves, 2017; Silva, 2018; Medeiros *et al.*, 2021).

Mais especificamente a respeito da ditongação de /e/ nasal, Oushiro (2015) menciona a pesquisa de Silva (2013)<sup>56</sup>, que realizou uma análise acústica da ditongação dessa variável em relação à vogal da sílaba seguinte na fala carioca (em palavras como "pense" [ɪ], "penso" [ʊ] e "pensa" [ɒ]). Sua hipótese, que foi confirmada, era a de que a vogal coronal [ɪ] favoreceria a realização de (EN) como [ejn]. Contudo, a pesquisa de Oushiro (2015), como se descreve mais adiante, não encontrou esse mesmo padrão na fala paulistana.

Há ainda poucos estudos dedicados à variação de /e/ nasal na cidade de São Paulo. Embora a variável não seja seu foco principal de investigação, Vieira (2010) talvez constitua a primeira publicação sobre esse tema. Seu trabalho investiga a correlação entre a pronúncia de determinados segmentos fonéticos no falar paulistano e as variedades linguísticas trazidas a São Paulo por imigrantes italianos a partir do final do século XIX. Especificamente a respeito da ditongação de /e/ nasal, o autor sugere que a variante [ejn] possa se correlacionar à dificuldade

---

<sup>56</sup> As informações dadas por Oushiro (2015) sobre a pesquisa de Silva (2013) dizem respeito a um pôster apresentado no evento "*Phonetics and Phonology in Iberia*", em 2013, na cidade de Lisboa, Portugal. Infelizmente, no período de redação desta tese, a página em que constava o arquivo referente à apresentação não está mais disponível para consultas; portanto, as informações que aqui se apresentam a respeito do referido trabalho baseiam-se em Oushiro (2015).

dos italianos de reproduzir a pronúncia de vogais nasais, inexistentes na língua italiana. Tal hipótese, contudo, ainda precisaria ser testada.

Já com vistas a /e/ nasal em sílaba tônica (em palavras como “quarenta” e “frente”), o Projeto SP 2010 (Mendes, 2011; Mendes & Oushiro, 2012) incluiu no roteiro de suas entrevistas elementos que propiciassem a análise da variável. Tal como se descreve no Capítulo 2, o roteiro das entrevistas contém perguntas que visam acessar a avaliação sociolinguística dos falantes acerca da variável, bem como o exame das ocorrências das variantes dessa variável a depender do estilo mais ou menos monitorado de fala (Labov, 2006 [1966], 2001a) por meio dos diferentes estilos de produção de fala (a conversação durante a entrevista e as leituras de um depoimento, de uma notícia de jornal e de uma lista de palavras).

A pesquisa de Oushiro (2015), que utiliza dados dessa amostra, é o primeiro trabalho a se dedicar com mais profundidade à variação na pronúncia de /e/ nasal, como um ditongo ou um monotongo, na cidade de São Paulo. A partir da extração aleatória de 50 *tokens* de cada uma das 118 entrevistas com paulistanos que compuseram o seu *corpus*, a autora identificou um total de 7.235 ocorrências da variante ditongada [ejn] (em sílabas tônicas iniciais ou em meio de palavra), totalizando 41% do conjunto de dados.

Sua análise mostra que os fatores linguísticos que favorecem a pronúncia ditongada são a Classe Morfológica da palavra (Substantivos, Adjetivos e Verbos) e o Tipo de Morfema em que ocorre (Raiz ou Afixo, por ex., *pensa* ou *felizmente*, respectivamente, havendo favorecimento quando o morfema se localiza na raiz da palavra). Com relação aos fatores sociais, a divisão geográfica entre bairros mais periféricos e bairros mais centrais não se mostrou relevante para a estratificação de /e/ nasal – o que torna plausível supor que, no EZS, os padrões de variação para (EN) não sejam distintos daqueles encontrados para a cidade de São Paulo como um todo.

Por outro lado, Escolaridade e Sexo/Gênero apresentam-se como variáveis significativamente correlacionadas à variação de (EN). Quanto à primeira, falantes com maior nível de escolaridade favorecem a ditongação. Já a segunda constitui-se como um fator especialmente relevante na descrição dos padrões: a ditongação é fortemente favorecida na fala das mulheres e, inversamente, desfavorecida na dos homens.

No que se refere ao estilo, a variante ditongada é favorecida nos contextos mais monitorados de fala (leituras de textos e de lista de palavras), o que potencialmente se deva ao prestígio dessa forma linguística entre os falantes.

Além disso, os falantes mais velhos desfavorecem a ditongação, observando-se um gradual favorecimento entre a segunda faixa etária (35 a 59 anos) e a primeira (20 a 34 anos), o que indica uma mudança em tempo aparente na direção da pronúncia ditongada. Respalhada também pelas avaliações dos participantes acerca de /e/ nasal, Oushiro (2015) argumenta que esse seria um caso de variação/mudança abaixo da consciência, uma vez que, além dos padrões gerais identificados, raramente há menção explícita a (EN) nos discursos metalinguísticos dos paulistanos.

Já no campo da percepção sociolinguística, as pesquisas conduzidas por Mendes (2016, 2018) a respeito de /e/ nasal investigaram os significados sociais associados à variante [ejn]. Em ambas, o autor utilizou a técnica *matched-guise* (Lambert *et al.*, 1960; Campbell-Kibler, 2006; 2009). Na primeira, foram aplicados questionários que, à luz dos resultados de Oushiro (2015), buscaram identificar o efeito de [ejn] na percepção de paulistanidade. Adicionalmente, o estudo buscou verificar se a variável (EN) se associa aos significados sociais “patricinha” e “mauricinho”. Essa escolha baseou-se nos discursos metalinguísticos analisados por Oushiro (2015), nos quais uma das participantes relaciona a variante ditongada a "patricinhas" (como se apresenta na subseção a seguir). Na segunda, o pesquisador investigou a relação entre (EN) e percepções de gênero e sexualidade e, novamente, a relação entre a variável e as noções de “patricinha” e “mauricinho” (Mendes, 2018).

A hipótese de que há associação entre a variante ditongada e a percepção de paulistanidade foi confirmada (Mendes, 2016): os falantes soam mais paulistanos nos seus disfarces com [ejn], relativamente aos disfarces com a variante não ditongada. Já com relação a masculinidade/efeminidade, dois dos quatro falantes cujas vozes constituíram os estímulos do experimento são percebidos de modo distinto mediante a presença da variante [ejn]: Lucas foi percebido como menos feminino e Janaína foi percebida como mais feminina. O pesquisador ressalta que, muito embora Lucas seja considerado mais efeminado em qualquer um dos disfarces utilizados no experimento, o mesmo não pode ser dito de Janaína, que é percebida

como "mais feminina" apenas diante de [ejn]. Já com relação à percepção de que falantes soem mais gay/lésbica ou patricinha/mauricinho, o experimento não revelou um efeito de (EN) (Mendes, 2018).

Neste ponto é relevante esclarecer que, nos termos da abordagem utilizada para esta pesquisa, “avaliação” e “percepção” constituem-se como conceitos distintos. Enquanto o primeiro se refere aos discursos metalinguísticos dos indivíduos sobre as variantes, o segundo diz respeito às inferências feitas pelos ouvintes ao escutar um falante de sua língua – inferências essas que podem ou não ser conscientes e, por isso, podem não ser expressas por meio dos discursos metalinguísticos. Embora ambos possam se relacionar em alguma medida, uma vez que comentários metalinguísticos podem servir como “pistas” para a elaboração de experimentos de percepção, os dois tipos de pesquisa são de natureza distinta e seus resultados nem sempre são diretamente comparáveis.

Os achados de Oushiro (2015) e Mendes (2016, 2018) são úteis para a compreensão dos valores e tipos sociais a que os falantes paulistanos associam as variantes de /e/ nasal. Embora não seja possível estabelecer uma correspondência direta entre o comportamento linguístico dos indivíduos e a forma como eles avaliam suas próprias práticas linguísticas e as de outras pessoas (Labov, 2008; Preston, 2013), a avaliação sociolinguística exerce um papel significativo na dinâmica da mudança linguística, podendo tanto contribuir para a intensificação de sua difusão quanto para seu desaceleramento.

Nesse sentido, os discursos metalinguísticos a respeito da variável podem apresentar pistas que ajudem a compreender melhor os padrões gerais de produção linguística. Haja vista que a variável (EN) foi até o momento objeto de poucas pesquisas, a análise de outros tipos de discursos metalinguísticos circulantes podem ser úteis para a compreensão da associação entre determinados valores sociais e as formas linguísticas. Considerando que, de acordo com pesquisas nas áreas das Ciências Sociais, da Linguística Antropológica (Rourke, 1931; Brown, 1952; Sacks, 1974, apud Davies, 2019) e da Análise do Discurso (Possenti, 1998), o discurso humorístico se constitua como um espaço privilegiado para a veiculação de determinados valores e normas sociais, discute-se brevemente a seguir como a variação de (EN) é associada

a determinados “tipos de paulistanos” em um esquete humorístico sobre os “sotaques” de São Paulo.

Adiante, relaciona-se essa discussão a determinados dados de avaliação sociolinguística analisados na pesquisa de Oushiro (2015) e aos discursos metalinguísticos dos participantes da amostra coletada no EZS, a fim de compreender quais características os falantes associam a (EN).

### **3.1 Atitudes e avaliações acerca de [ejn]**

No artigo “Como o brasileiro acha que fala? Desafios e propostas para a caracterização do português brasileiro”, Freitag *et al.* (2015) argumentam a favor da análise de piadas como um meio de compreender a construção do imaginário linguístico dos falantes em relação a diferentes variedades do português brasileiro. Essa perspectiva parte da compreensão de que esse gênero textual humorístico é:

(...) quase sempre veículo de um discurso proibido, subterrâneo, não oficial, que não se manifestaria, talvez, através de outras formas de coleta de dados, como entrevistas. Outra face da mesma característica é que as piadas veiculam discursos não explicitados correntemente (ou, pelo menos, pouco oficiais) (Possenti, 1998, p. 26, *apud* Freitag *et al.*, 2015).

Desse modo, a análise de piadas sobre variedades linguísticas permite um tipo de acesso aos traços linguísticos utilizados na caracterização de um grupo social. Em linhas gerais, Freitag *et al.* (2015) mostram que diversos elementos linguísticos utilizados nessas representações não coincidem com aqueles revelados pelos estudos de descrição linguística; contudo, ilustram uma série de valores sociais atribuídos aos grupos sociais a que se associam as formas linguísticas nas piadas.

Uma vez que as avaliações linguísticas desempenham um importante papel na mudança linguística e que os fenômenos variáveis não são avaliados igualmente em todas as localidades do país ou por diferentes grupos de falantes, os discursos formulados nessas piadas podem ter consequências não só para o modo como outros grupos percebem diferentes variedades linguísticas, mas também na “maneira como os sujeitos assumem e reconhecem certos usos linguísticos como marcas de sua identidade regional” (Freitag *et al.*, 2015).

Nesse sentido, especialmente por se tratar de uma variável ainda pouco estudada, é interessante observar como (EN), em particular a variante [ejn], aparece no discurso humorístico – como na participação do comediante carioca Marcelo Adnet no “Programa do Jô” no ano de 2009<sup>57</sup>. Como se argumenta mais adiante, a variável (EN) parece se associar à variável (AN) no discurso do humorista, como elementos característicos de um “tipo” específico de paulistano. Por isso, para compreender melhor a quais (tipos de) paulistanos se associa a variável (EN), é pertinente discutir brevemente seus discursos sobre (AN).

Durante suas imitações daqueles que classifica como os “diferentes sotaques de São Paulo”, Adnet enuncia uma frase emulando aquilo que denomina de “o nasalês de São Paulo”. Em suas palavras:

*o “nasalês” é aquela menina que fala “Eu sou a Juli[ẽ:]na e tenho 25 [ẽ:]nos”<sup>58</sup>*

Em um curto trecho de fala, o humorista estabelece ao menos duas associações entre a variável (AN) e características sociais, como ser mulher (“aquela menina”) e jovem (“tenho 25 anos”), o que, pode-se inferir, seriam comuns ao “tipo” de paulistano adepto ao comportamento linguístico definido por Adnet como “o nasalês”.

O impacto desse esquete no imaginário das pessoas de fora de São Paulo sobre o modo de falar paulistano foi significativo o suficiente para que Barcellos (2020), pesquisadora capixaba que veio a São Paulo para desenvolver seu mestrado em linguística, se inspirasse nas imitações feitas pelo humorista para selecionar a pronúncia alongada (e talvez nasalizada) do /a/ nasal (AN), em palavras como “pano”, “Juliana” e “cigano” como alvo de sua pesquisa sobre percepção sociolinguística. Os resultados de seu experimento indicaram que, enquanto a variante alongada parece estar abaixo do nível da consciência dos paulistanos, ela é considerada pelos participantes não paulistanos como um indicador de identidade sociodemográfica

---

<sup>57</sup> Uma gravação do trecho do “Programa do Jô” a que Marcelo Adnet participa pode ser acessada por meio do endereço: <<https://www.youtube.com/watch?v=Vp0pMLsTsk0>>. Acesso em 20 ago. 2022.

<sup>58</sup> Como indica a transcrição fonética, a pronúncia das vogais em destaque é realizada pelo humorista de modo alongado.

(paulistana), que funciona como um estereótipo (Labov, 2008 [1973]) do falar paulistano – para quem não é de São Paulo, similarmente ao que se observa sobre (EN). Embora a variante ditongada [ejn] se constitua como um estereótipo do falar paulistano para os não nativos da cidade, chegando a influenciar a percepção do índice de paulistanidade (Mendes, 2016), a variação de (EN) parece estar abaixo do nível da consciência dos paulistanos (Oushiro, 2015). Isso sugere que as duas variáveis possam compartilhar elementos de percepções e avaliações sociolinguísticas a elas relacionadas. A continuação do esquete de Adnet, que se transcreve a seguir, também pode ser ilustrativa de como essas duas variáveis parecem ser avaliadas de modo similar.

Embora inicialmente o humorista não faça menção à ditongação de /e/ nasal por sua própria iniciativa, ao ser interpelado por Jô Soares (também carioca) sobre aquele “‘cantar’ de falar assim ‘foi em **nov[ejn]bro**, **ent[ejn]de?**’”, Adnet inclui a pronúncia [ejn] ao conjunto daquilo que denomina “nasalês”:

*“Foi em **nov[ejn]bro**, h[ẽ:]n... H[ẽ:]n... H[ẽ:]n...” [...] Eu acho que esse é o “nasalês”: “Eu sou a Juli[ẽ:]na, tenho 25 [ẽ:]nos. Estou **aprend[ejn]do** muito. Eu nasci no mês de **set[ejn]bro**”*

Sobre a combinação dessas duas variantes pelo humorista, Barcellos (2020) argumenta que “a percepção de Adnet, portanto, é de que a mesma menina que fala Juli[ẽ:]na, fala set[ejn]bro” (p. 16). Para uma melhor compreensão do perfil do paulistano associado por Adnet ao “nasalês”, caracterizado por essas duas variantes, pode ser útil analisar como o humorista retrata outro tipo de paulistano, possivelmente contrastante com “Juli[ẽ:]na” e localizado em uma região urbana equivalente àquela dos participantes desta pesquisa, ou seja, a periferia:

*“na periferia de São Paulo, a voz das pessoas vai ficando grave (...) ‘E aí, mano, tudo ce[ɹ]to, mano? Inclusive, mano, quando eu falo assim com essa voz, dá mó vontade de rimar, ce[ɹ]to?”*

Os elementos utilizados em sua representação do “sotaque na periferia de São Paulo”, são o rotacismo (“incurusive”) e a pronúncia retroflexa de /r/ em coda silábica (especificamente no uso da palavra “ce[ɹ]to”). Além disso, Adnet utiliza duas vezes a palavra “mano” e relaciona esse falar a uma voz “grave” e à “vontade de rimar”, o que parecem ser indícios de que ele

relaciona essa suposta variedade a um tipo específico de falante, mais relacionado à figura prototípica do *rapper*. Sobre a variável (-r), o Capítulo 4 discute a relação entre tal imaginário e o falar no EZS.

Para o que nos interessa neste capítulo, parecem construir-se duas figuras, possivelmente antagônicas: de um lado, os falantes da periferia de São Paulo e, de outro, pessoas como “Juli[ẽ:]na”, moradoras de outras regiões que não a periferia da cidade e falantes do “nasalês”. Embora a construção desses personagens seja, sem dúvidas, estereotípica – o que é comum ao discurso humorístico, que muitas vezes exagera determinadas características supostamente relacionadas a determinados “tipos” de pessoas –, ela se alinha ao discurso metalinguístico que aparece em determinados momentos nas entrevistas analisadas por Oushiro (2015). Com o objetivo de acessar avaliações a respeito da variante [ejn], as entrevistas utilizadas pela pesquisadora continham a seguinte pergunta: “O que você acha desse modo de falar: ‘Meu, você tá entend[ejn]ndo o que eu tô diz[ejn]ndo?’” (com a pronúncia de [ejn] enfaticamente ditongada). Dentre as respostas analisadas pela pesquisadora, uma das poucas que fazia referência inequívoca a [ejn] foi enunciada por um paulistano que a relacionou ao falar de uma “patricinha”:

*Documentador: e essa frase aqui ó... [...] “você tá ent[ejn]d[ejn]do?” você acha esquisito ou normal?*

*Fernando: ent[ejn]d[ejn]do é meio forçado né*

*Documentador: forçado? mas você acha que alguém fala assim?*

*Fernando: acho*

*Documentador: quem?*

*Fernando: ah... mina principalmente né*

*Documentador: mulher?*

*Fernando: [risos] principalmente né*

*Documentador: mas... mulher daqui?*

*Fernando: é daqui bem paulista patizinha total “cê tá ent[ejn]d[ejn]do?” né*

Uma outra participante, embora não verbalize a variante [ejn] em sua resposta, também a relaciona a “patricinhas” e a diferencia da pronúncia que seria comum na periferia da cidade:

*Documentador: você entende algumas pessoas que você... percebe pessoas falando... desse jeito assim aqui em São Paulo?*

*Thaissa: um pouco... um pouco um pouco sim não tão carregado assim*

*Documentador: é? quem que você acha que fala (assim)?*

*Thaissa: mais carregado assim?*

*Documentador: é*

*Thaissa: ah mais paty assim... mais assim que... eu acho que puxa um pouco mais assim... acho que o pessoal da periferia não puxa... tanto nesse sentido vai falar mais... “meu (vo)cê (es)tá entend[ẽv] o que eu (es)tou diz[ẽv]?”*

*Documentador : [risos]*

*Thaissa: é mais... mais... não sei mais fechado mais curto não sei*

*D1: [risos]*

*Thaissa: acho que o tom que você deu foi diferente*

Essas características relacionam-se àquelas atribuídas por Adnet a Juliana, visto que a patricinha, como afirma Mendes (2018), é uma figura caracterológica bem registrada (nos termos propostos por Agha, 2007) em São Paulo (e, pode-se dizer, na cultura pop de modo geral) e geralmente se relaciona a mulheres jovens, que pertencem (ou querem aparentar pertencer) a classes sociais mais altas. É possível dizer, então, que a variante ditongada de (EN) associa-se nesses discursos a uma “figura social” que mora em regiões mais centrais e economicamente favorecidas da cidade, de classes sociais mais altas e do gênero feminino.

Com a mesma finalidade que Oushiro (2015), nas entrevistas realizadas para a presente pesquisa, a questão “o que você acha sobre ‘você (es)tá ent[ejn]d[ejn]do o que eu tô diz[ejn]do?” foi apresentada aos falantes do EZS. Chama a atenção o fato de que um dos entrevistados, que demonstra identificar a pronúncia [ejn], associa a variante ao falar de uma figura que possivelmente compartilhe alguns elementos com as figuras mencionadas anteriormente:

(1) *Documentadora: me diz o que você acha dessa frase aqui oh... "você tá ent[ejn]d[ejn]do o que eu tô diz[ejn]do?"*

*Glauber: Mack[ejn]nzie.... Mackenzie. Ou seja, de uma região economicamente favorecida, provavelmente.*

*Documentadora: você acha que você fala assim também?*

*Glauber: não. (M2M)*

A variante [ejn] pronunciada ao dizer a palavra “Mack[ejn]nzie” não deixa dúvidas de que o participante se refere especificamente à variante ditongada, que ele relaciona à Universidade Mackenzie, uma instituição particular de ensino superior situada no bairro Higienópolis, na região central da cidade de São Paulo. Em sua visão, a instituição é frequentada

por classes sociais mais altas, situadas em regiões específicas da cidade (o que aparece no trecho “ou seja, de uma região economicamente favorecida, provavelmente”).

Um outro participante também faz menção explícita à variante ditongada e elabora uma avaliação similar a seu respeito:

(2) *Documentadora: agora me fala o que você acha desse modo de dizer essa frase "você tá ent[ejn]d[ejn]do o que eu tô diz[ejn]do?"*

*Daniel: esse "ejn" é do registro USP... do que a minha amiga fala...*

*Documentadora: o que você pensa assim da pessoa que fala desse jeito? como ela é?*

*Daniel: é... tem o nível socioeconômico mais alto... decididam[en]te não mora do outro lado da ponte*

*Documentadora: e você acha que você fala assim?*

*Daniel: eu acho que não... desse jeito não. (S2M)*

Tendo em vista que a entrevista de Daniel ocorreu em um bairro da Zona Oeste da cidade, o trecho “decididamente não mora do outro lado da ponte” significa que a pessoa a que o participante associa a pronúncia não mora na periferia da cidade. Além disso, nas respostas dos dois moradores do EZS, interessa perceber que ambos relacionam a variante a instituições de ensino superior, o que demonstra que eles parecem também relacioná-la a um nível mais alto de escolaridade. Em linhas gerais, é possível dizer que tanto Glauber quanto Daniel relacionam a variante [ejn] a pessoas com nível socioeconômico elevado, mais escolarizadas e moradoras de regiões não periféricas.

As respostas desses dois participantes interessam por ilustrar que a relação entre a variante [ejn] e determinados estereótipos relacionados a pessoas mais jovens, de classes socioeconômicas mais altas e moradoras de bairros prestigiados da cidade de São Paulo, encontradas em duas das entrevistas analisadas por Oushiro (2015) e, em certa medida, no discurso do humorista Marcelo Adnet, parece circular também no imaginário de alguns falantes do EZS.

Embora esse tipo de comentário não seja predominante na amostra, composta por 35 participantes, considerando-se que, como se discute no Capítulo 2, os moradores do EZS desenvolvem um discurso (representado pela expressão "da ponte pra cá") que diferencia a região das áreas mais centrais da cidade, é possível que, caso eles apresentassem um alto nível de consciência em relação à variável (EN), a considerassem um estereótipo associado a figuras

opostas ao "ser periférico/da ponte pra cá" e se identificassem com noções de afiliação ao EZS, se distanciavam ativamente da variante [ejn].

No entanto, como se observa na Figura 5, que representa visualmente a frequência relativa de noções associadas à sentença "você (es)tá ent[ejn]d[ejn]do o que eu tô diz[ejn]do?" presentes nas respostas de 35 moradores do EZS entrevistados para esta pesquisa, diversos participantes não demonstram relacionar a variante a um "tipo de paulistano" específico.

Figura 4- Nuvem de palavras sobre a avaliação de [ejn]



Fonte: elaborada pela autora.

Muitos participantes se limitaram a discorrer acerca do conteúdo explícito da sentença, descrevendo-a como uma forma de transmitir clareza ou atrair atenção (como ilustram os Trechos 3 e 4), o que se resume no termo "normal" na Figura 4:

- (3) *Documentadora: que que você acha desse jeito de falar aqui "Você tá entend[ejn]do o que eu tô diz[ejn]do?*  
*Coralina: ah, bom, eu penso assim, às vezes a pessoa não entende, né? às vezes você me faz uma pergunta, eu não entendo, eu vou responder uma coisa que não tem nada a ver. Aí você pergunta você tá entendendo o que eu tô dizendo? eu acho que é um jeito normal quando é sincero, né?*  
*Documentadora: e você acha que você fala assim?*  
*Coralina: eu não. (M3F)*

- (4) *Documentadora: o você acha desse modo de falar aqui “Você tá entend[ejn]do o que eu tô diz[ejn]do?”*  
*Joaquim: ué, normal... tipo como se tivesse brigando, sabe? dependendo do tom talvez soe uma bronca.*  
*(MIM)*

Em outros casos, os participantes parecem se apegar aos termos “jeito” e “modo”, utilizados pela pesquisadora ao se referir à pergunta “(vo)cê tá entend[ejn]do o que eu tô(estou) dizendo?” (como ilustram os Trechos 5 e 6):

- (5) *Documentadora: o que você acha desse jeito de falar “(vo)cê tá entend[ejn]do o que eu tô(estou) diz[ejn]do?”*  
*Wagner: acho meio irritante... porque vai num lugar de se colocar um pouco superior a pessoa que tá ouvindo... numa forma de falar meio hostil. (SIM)*
- (6) *Documentadora: o que você acha desse modo de falar “Você tá entend[ejn]do o que eu tô diz[ejn]do?”*  
*Fernanda: eu achei meio arrogante... achei que cê tá me achando que eu sou meio burra... cê tá entendendo o jeito que eu tô te falando? Então, cê tá querendo ser superior a mim.*  
*Documentadora: você acha que você fala assim?*  
*Fernanda: não sei... não, não... não falo porque eu sei que a pessoa não vai... ela vai se sentir irritada e ela vai falar nossa não vou responder mais nada pra essa daí (risos). (S3F)*

Os Trechos 4 a 6 têm em comum o fato de que os entrevistados voltam sua atenção para o aspecto amplo da frase e não apresentam nenhum elemento em seus discursos metalinguísticos que possam sugerir a associação de valores à variante ditongada de (EN), especificamente.

Embora no Trecho 7, a seguir, a participante inicialmente faça relação entre a frase e algum tipo de hostilidade, ela também levanta a possibilidade de que esse “jeito de falar” possa estar relacionado a algum “linguajar diferente” (segundo ela, possivelmente do interior do estado) ou a “uma forma diferente de se pronunciar também”:

- (7) *Documentadora: me diz o que você acha do jeito de falar essa frase: “Você tá entend[ejn]do o que eu tô diz[ejn]do?”*  
*Betina: eu já ouvi pessoas falando desse jeito, mas como se (es)tivesse fazendo um deboche. É... se mostrando, assim, mais sofisticado que eu... Sabe? É... querendo ser um pouco... como o ditado diria, meio metida, né?! Parece isso... às vezes é o jeito que fala... às vezes é o jeito de mostrar que é diferente... da minha pessoa... do jeito que eu sou... das minhas origens... ou do meu meio social... ou é o jeito da pessoa mesmo se ela é interiorana, porque existem pessoas interioranas que elas... têm um jeito um linguajar diferente... uma forma diferente de se pronunciar também... então são várias situações, né?.*  
*(M2F)*

Se nessa formulação há a possibilidade de relacionar a “pronúncia” da frase (mas não especificamente [ejn]) a algum falar específico, outros entrevistados fazem menção direta ao

falar paulista/paulistano (como ilustram os Trechos 8, 9, 10 e 11). Aliás, embora “paulistano” seja o gentílico oficial para se referir a pessoas nascidas na cidade de São Paulo, é provável que, no uso cotidiano, “paulista” acabe por ser usado tanto para se referir a pessoas do estado de São Paulo quanto a pessoas especificamente da cidade de São Paulo.

- (8) *Documentadora: o que você acha do jeito de falar essa frase: “(vo)cê tá entend[ejn]do o que eu tô diz[ejn]do?”*  
*Eliane: estou entendendo que as pessoas falam que é paulista que fala desse jeito... o pessoal fala que sim, mas eu acho que não.*  
*Documentadora: você acha que você fala assim?*  
*Eliane: não. (M2F)*
- (9) *Documentadora: me diz o que você acha do jeito de falar essa frase: “Você tá entend[ejn]do o que eu tô diz[ejn]do?”*  
*Robson: som anasalado... bem, tem muitas pessoas em São Paulo que falam assim... hum, não vi isso fora não em São Paulo, mas em São Paulo eu vi.*  
*Documentadora: e você acha que você fala assim?*  
*Robson: será que eu falo? não me percebo falar assim... a minha fala ela é meio arrastada, meio melosa. (S2M)*
- (10) *Documentadora: me diz o que você acha do jeito de falar essa frase: “Você tá entend[ejn]do o que eu tô diz[ejn]do?”*  
*Erick: é bem paulista né? eu acho que é bem paulista... eu acho que essa é a forma que as pessoas [que não são daqui] acham que a gente fala.*  
*Documentadora: você acha que fala assim?*  
*Erick: talvez involuntariamente. (S1M)*
- (11) *Documentadora: que que você acha do jeito de falar essa frase: “Você tá entend[ejn]do o que eu tô diz[ejn]do?”*  
*Hilda: muito paulista... eu tiro sarro do sotaque dos meus amigos do Rio, aí eles falam “ah mas também não tem entend[ejn]do... casam[ejn]to... docum.[ejn]to”... e é muito característico de São Paulo... a gente fala assim mesmo.*  
*Documentadora: e você fala assim?*  
*Hilda: falo, falo... eu até me policio, mas eu falo sim... vira e mexe eu solto. (S2F)*

A mesma participante que enunciou a resposta ilustrada no trecho 8, Eliane, retoma a frase momentos depois na entrevista, dando ênfase à pronúncia ditongada de (EN). Tal comentário demonstra que a participante identifica a variável em foco:

- (12) *Documentadora: você acha que existe um jeito de falar que seja mais comum na cidade?*  
*Eliane: “você tá me entend[ej:n]do” é um jeito de falar bem paulistano. (M2F)*

Além dos comentários de Glauber e Daniel, (Trechos 1 e 2) mencionados anteriormente, nos quais os participantes relacionam a variante [ejn] a um tipo específico de morador de São Paulo (“USP” e “Mack[ejn]zie”), os trechos de 8 a 12 demonstram que outros participantes associam a frase ao falar paulista(no). Embora nas entrevistas analisadas por Oushiro (2015) a associação mais frequente realizada pelos participantes seja à noção de “paulistano”, a pesquisadora questiona se tal resultado possa de fato ser atribuído à ditongação de (EN), uma vez que, em muitas dessas avaliações, o foco dos comentários metalinguísticos tenha sido o vocábulo “meu”, utilizado em parte das entrevistas analisadas por Oushiro (2015). Como nas entrevistas realizadas para esta pesquisa não se utilizou o vocábulo nas perguntas, é mais seguro dizer que, ainda que a maioria dos participantes não faça menção explícita à variante [ejn], eles associam a frase “você (es)tá entend[ejn]do o que eu tô diz[ejn]do?” à noção de paulista(no) por conta dela.

Ainda que não seja possível afirmar que o comentário a seguir se refira à variante [ejn], apesar de não haver menção explícita à variante, o participante relaciona também “esse jeito” de falar a São Paulo, mas especificamente ao gênero feminino:

- (13) *Documentadora: que que você acha do jeito de falar essa frase: “Você tá entend[ejn]do o que eu tô diz[ejn]do?”*  
*Cleber: acho engraçado... porque, assim, acho que é mais o gênero feminino que fala desse jeito aqui em São Paulo.*  
*Documentadora: você acha que fala desse jeito?*  
*Cleber: não... eu acho que não. (SIM)*

Também em relação a gênero, o comentário de Dandara (14) atribui “esse jeito de falar” às mulheres da periferia. De acordo com sua visão, “esse tom” seria utilizado por essas mulheres cotidianamente e faria parte daquilo que anteriormente ela descreveu na entrevista como uma “empáfia” das mulheres periféricas:

- (14) *Documentadora: que que você acha do jeito de falar essa frase: “Você tá entend[ejn]do o que eu tô diz[ejn]do?”*  
*Dandara: é esse o jeito que eu falei, assim, meio empáfia, assim, das mulheres periféricas. Tipo, aí você não sabe se ela está brigando com você, mas ela está só contando caso... é, eu acho que é específico desse grupo... e nesse tom são as mulheres que falam mais... os rapazes eles têm um tom diferente de falar.*

*Documentadora: e você fala assim?*  
*Dandara: às vezes. (SIF)*

Já em (15), o comentário de Airton faz referência ao contexto "endo" e, de modo esclarecedor a respeito de sua consciência a respeito da ditongação, repete a palavra "entend[ejn]ndo", dando ênfase à pronúncia ditongada. O participante, contudo, não associa essa variante a nenhuma noção ou tipo social específicos. Ao ser questionado sobre a possibilidade de que ele fale assim cotidianamente, argumenta que “quem fala não percebe, só quem ouve que percebe”, admitindo que talvez isso ocorra em sua fala:

- (15) *Documentadora: me fala que você acha do jeito de falar essa frase: “Você tá entend[ejn]do o que eu tô diz[ejn]do?”*  
*Airton: eu acho engraçado (...) porque tem muito “endo”, né, na pergunta... "entend[ejn]ndo"*  
*Documentadora: e você acha por acaso que fala assim?*  
*Airton: quem fala não percebe, só quem ouve que percebe... então, é, a gente acaba falando mesmo viu? a gente caba falando. (M2M)*

O exame dos comentários dos falantes do EZS, a partir da pergunta com foco na variável (EN), permite dizer que a maioria dos participantes da amostra não demonstra ter consciência acerca da variável, na medida em que a maioria não desenvolve comentários metalinguísticos a seu respeito. Embora Glauber (trecho 1), Daniel (trecho 2), Hilda (trecho 11), Eliane (trecho 12) e Airton (trecho 15) façam menção inequívoca à variante [ejn], constata-se que: i) Airton a associa somente a “engraçado” e mais nada; e 2) os demais representam um número pequeno, embora não irrisório, de moradores do EZS que desenvolvem comentários sobre “paulistanidade” – para uma amostra composta por 35 participantes.

Em linhas gerais, enquanto a variante [ejn] parece se configurar como um estereótipo (Labov, 2008 [1972]) para Eliane, Hilda, Daniel e Glauber (os dois últimos a relacionam a figuras sociais mais específicas), de modo geral a variável parece se configurar como um marcador entre os falantes do EZS.

### 3. 2 Análises multivariadas

Para que fosse possível investigar as ocorrências de /e/ nasal em suas realizações como monotongo ou ditongo e para comparar os padrões do EZS com os da cidade como um todo, a identificação do envelope de variação seguiu os critérios de Oushiro (2015).

Excluem-se sílabas átonas finais (como em "jovem" e "comem"), nas quais pode ocorrer alçamento ([ˈʒovĩ], [ˈkomĩ]) e desnasalização ([ˈʒovi] e [ˈkomi]) (Votre, 1978; Battisti, 2002; Schwindt & Silva, 2009, *apud* Oushiro (2015), além de Chaves, 2017 e Medeiros *et al.*, 2021). Também tende a ocorrer alçamento quando /e/ nasal está em sílaba pretônica, como em "entreter" e "engajar" (Viegas, 2003; Battisti, 1993; Tenani & Silveira, 2008, *apud* Oushiro, 2015). Já em monossílabos tônicos (como "bem", "tem/têm", "sem") e em sílabas tônicas finais ("também", "porém" e "ninguém"), pode-se considerar que a pronúncia ditongada é categórica (Colley, 2011). Além disso, ocorrências de /e/ nasal em verbos no gerúndio ("lendo", "correndo") só podem ser consideradas quando não há apagamento do "d" ("leno", "correno"), casos nos quais o /e/ pode não ser pronunciado como nasal e parece não poder ser ditongado.

O único critério utilizado na extração dos dados da amostra do EZS que difere das análises de Oushiro (2015) é a exclusão de ocorrências do pronome de primeira pessoa do plural "a gente". Essa decisão se alinha aos argumentos de Mendes (2018), que optou por não analisar as ocorrências de (EN) nesse pronome devido ao seu processo de gramaticalização (Zilles, 2005): sua redução para [aˈente] tem se tornado cada vez mais comum, com a concomitante redução da pronúncia do /e/ nasal, o que dificulta sobremaneira sua classificação como ditongo ou monotongo. Consequentemente, "pronome" não faz parte da variável "classe morfológica da palavra em que ocorre (EN)" no conjunto de dados aqui analisado.

Em suma, nosso conjunto de dados inclui ocorrências de (EN) em sílabas tônicas iniciais ou mediais ("ênfase" e "pimenta"), inclusive casos de gerúndio ("fazendo") nos quais não ocorreu apagamento de /d/. Dessa maneira, extraíram-se 3.316 ocorrências das 35 entrevistas da amostra. Com vistas a uma simetria na quantidade de ocorrências por entrevista (que variou entre 30 e 164), utilizou-se a função "amostragem" do pacote "dmsocio" (Oushiro, 2014) para a seleção aleatória de 30 dados por falante. Assim, o conjunto de dados analisados

quantitativamente contém 1.050 ocorrências de (EN), cuja distribuição geral das variantes se resume no Quadro 2:

Quadro 2 - Distribuição geral das ocorrências de (EN)

Variante	N	%
Monotongo[en]	338	32,2
Ditongo [ejn]	712	67,8
N Total	1.050	

Fonte: elaborado pela autora

Especificamente com relação às ocorrências de (EN) nos estilos mais cuidadosos (leitura de textos e de lista de palavras), as proporções das variantes sugerem que, nesses contextos de fala mais automonitorada, os paulistanos do EZS ditongam (EN) mais vezes, como se vê no quadro abaixo:

Quadro 3 - Proporção das ocorrências de (EN) nas sessões de leitura

Estilo	[en]	[ejn]
Lista de palavras	22,5%	77,5%
Notícia	16%	84%
Depoimento	31%	69%
Conversação	33%	67%

Fonte: elaborado pela autora.

Embora o prestígio da variante ditongada em São Paulo já tenha sido evidenciado por Oushiro (2015), chama a atenção o fato de que, nos dados do EZS, ela corresponda a 67% das ocorrências de (EN). Tal proporção é surpreendente, na medida em que apenas 41% dos dados da amostra utilizada pela referida autora são compostos pela pronúncia ditongada. As 118 entrevistas analisadas por Oushiro (2015) foram gravadas entre 2008 e 2011, aproximadamente (Projeto SP2010 e projeto piloto que o antecedeu – Cf. Mendes & Oushiro 2012). Por outro lado, as entrevistas da amostra que aqui se analisa foram gravadas entre 2018 e 2020. Ou seja, há apenas aproximados 10 anos de diferença entre as duas amostras – um tempo relativamente curto, quando se trata de variação e mudança linguística. Seria o caso de que a mudança em

progresso (tempo aparente) na direção de [ejn] (indicada pelas análises de Oushiro 2015) vem sendo relativamente rápida e os dados do EZS refletem isso? Ou seria o caso de que, localmente, no EZS, a forma [ejn] teria uma significação social tal que explique sua relativamente alta taxa de ocorrência? As análises a seguir buscam lançar alguma luz a esses fatos.

As variáveis sociais que a amostra do EZS permite analisar são: Gênero (feminino; masculino), Faixa Etária (20-34 anos; 35-59 anos; 60 anos ou mais), Escolaridade (ensino médio; ensino superior), Local de Nascimento (participante nascido na cidade de São Paulo ou não) e Local de Nascimento dos Pais (cidade de São Paulo ou outra localidade). Também foram codificados o Estilo (conversação ou leitura de lista de palavras, depoimento e notícia), Falante e Item Lexical (variáveis aleatórias nas análises quantitativas). As variáveis linguísticas analisadas estão resumidas no quadro 4:

Quadro 4 - Variáveis linguísticas da análise de (EN)

Contexto Fônico Precedente	[a, e, ε, i, o, u, b, d, f, g, h, k, l, m, n, p, ʃ, s, t, v, x, z] ou pausa
Contexto Fônico Seguinte	[b, d, dʒ, f, g, h, k, p, s, tʃ, t, ʒ, ʃ, z]
Vogal da Sílab Seguinte	[i]: "pent <u>e</u> , paciênc <u>ia</u> " [o]: "temp <u>o</u> " [v]: "setent <u>a</u> "
Classe Morfológica	substantivo: "centro, ambiente" adjetivo: "contente, lento" verbo: "pretendo, pensa" advérbio: "felizmente, sempre" numeral "setenta, duzentos" preposição: "em frente de, dentro"
Raiz-Afixo	raiz: "lemb <u>r</u> -o, depend <u>e</u> " afixo: "antiga-mente, faz-endo"
Item Lexical	(efeito aleatório)

Fonte: elaborado a partir de Oushiro (2015).

Posteriormente nas análises, o Contexto Fônico Precedente e o Contexto Fônico Seguinte foram reorganizados em termos de Ponto de C (coronal, labial ou dorsal) e de sonoridade do segmento (sonora ou surda), dada a intenção da comparabilidade com os dados de Oushiro (2015), que procedeu dessa maneira.

A fim de compreender quais dessas variáveis preditoras se correlacionam significativamente com a variável (EN), inicialmente criou-se um modelo de regressão logística

que incluía todas as variáveis, sociais e linguísticas. Em seguida, foram realizados testes de significância que permitiram identificar quais variáveis deveriam permanecer no modelo ou não. Na sequência desses testes, Nascimento dos Pais, Escolaridade, Raiz/Afixo, Contexto Fônico Seguinte (tanto sonoridade quanto ponto de articulação) e Contexto Fônico Precedente (ponto de articulação) revelaram-se não estatisticamente significativas (cf. Anexo VI).

A Tabela 1 resume os resultados da análise de regressão logística para as variáveis selecionadas. O valor de referência (“intercept”), para a leitura dos dados sobre cada variável, está indicado: 1ª Faixa Etária, Gênero Feminino, Participantes Nascidos em SP, Sonoridade do Contexto Fônico Seguinte: Sonora e “a” como Vogal da Sílabla Seguinte. Desse modo, se, por exemplo, o Gênero Masculino desfavorece a variante ditongada, tal resultado se dá em comparação ao valor de referência Gênero Feminino.

Nesta e em outras tabelas com resultados de modelos de regressão nos capítulos a seguir, a coluna "Estimativa" mostra os coeficientes estimados das variáveis predictoras no modelo, que são cruciais para entender como essas variáveis impactam nas ocorrências observadas. O sinal (positivo ou negativo) da estimativa indica a direção da relação entre a variável predictorora e a variável dependente (neste caso, ditongação de /e/ nasal). Ou seja, um coeficiente positivo sugere aumento na ocorrência de [ejn], e um coeficiente negativo consiste na diminuição da probabilidade de ocorrência de [ejn]. Já a coluna "Desvio Padrão" fornece medidas que mostram o quão variável é a estimativa do coeficiente de uma variável predictorora. Esse valor reflete a incerteza associada a essa estimativa e é utilizado para o cálculo do "valor z". Este, por sua vez, indica quão provável é observar os valores do modelo, considerando que a variável predictorora não tem impacto real na variável dependente. Quanto mais longe de zero for o valor encontrado, maior as chances de que haja esse impacto (Lima, 2021).

Finalmente, o "valor p" é derivado do “valor z” e indica a probabilidade de se obter tal distribuição de dados, no caso a hipótese nula (ausência de correlação entre a variável predictorora e a dependente) ser verdadeira. Valores “p” menores que 0.05 (limite estabelecido como aceitável nas ciências humanas) indicam, então, que podemos rejeitar a hipótese nula e assumir a alternativa de que, sim, há correlação estatisticamente significativa entre a variável predictorora e a variável dependente.

No modelo cujos resultados se resumem na Tabela 1, Participante e Item Lexical foram incluídas como efeitos aleatórios, com o objetivo de assegurar que as correlações encontradas não tenham sofrido distorções causadas por algum possível viés na produção de (EN) – seja associado ao falante ou a certas palavras.

**Tabela 1-** Resumo dos resultados do modelo de regressão (efeitos mistos) para a variável /e/ nasal para as variáveis selecionadas (N = 1046)

Intercepto: 1.669

Efeitos fixos	Estimativa	Desvio Padrão	valor z	valor p
Faixa Etária				
1 <sup>a</sup> (v. referência)				
2 <sup>a</sup>	-2.086	0.763	-2.731	0.006 **
3 <sup>a</sup>	-1.783	0.790	-2.254	0.024 *
Gênero				
Feminino (v. referência)				
Masculino	-1.645	0.754	-2.180	0.029 *
Nascido em São Paulo				
Não (v. referência)				
Sim	1.151	0.644	1.786	0.074 .
Sonoridade do Contexto Fônico Seguinte				
Sonora (v. referência)				
Surda	-0.501	0.311	-1.610	0.107
Vogal da Sílabla Seguinte				
a (v. referência)				
I	2.852	0.461	6.176	<0.001 ***
U	-0.633	0.398	-1.591	0.111
Faixa Etária * Gênero				
1 <sup>a</sup> * Feminino (v. referência)				
2 <sup>a</sup> * Masculino	0.646	1.038	0.623	0.533
3 <sup>a</sup> * Masculino	1.788	1.076	1.661	0.096.

Modelo: EN ~ FAIXA.ETARIA \* GENERO + NASCIDO.EM.SP + SONORIDADE.CONT.FON.PREC + VOGAL.SIL.SEG + (1 | PARTICIPANTE) + (1 | ITEM.LEXICAL)

A variável Classe Morfológica foi analisada separadamente, por não ser ortogonal com Vogal da Sílabla Seguinte (não há preposições que tenham “a” como vogal da sílabla seguinte) e

Sonoridade do Contexto Fônico Seguinte (o contexto fônico seguinte a (EN) para todas as preposições é sonoro).

De acordo com a configuração padrão do teste, “adjetivo” seria o valor de referência, mas esta é uma das classes morfológicas com mais ocorrências de [ejn] no corpus, de modo que sua colocação como valor de referência não seria vantajoso no sentido de compreender os efeitos dos outros níveis da variável previsora na variável dependente. Os níveis da variável Classe Morfológica foram, então, reorganizados, estabelecendo aquele que apresenta a menor proporção de ocorrências de [ejn] como intercepto: a classe “numeral”.

**Tabela 2** - Resumo dos resultados do modelo Análise de regressão (de efeitos mistos) de (EN) para Classe Morfológica (N = 1046)  
Intercepto = 0.4711

Efeitos fixos	Estimativa	Desvio Padrão	valor z	valor p
Classe Morfológica				
Numeral (v. referência)				
Verbo	0.189	0.708	0.267	0.789
Substantivo	0.851	0.657	1.295	0.195
Preposição	1.403	1.290	1.088	0.276
Adverbio	3.888	0.866	4.486	<0.001 ***
Adjetivo	2.806	0.901	3.115	0.001 **

Modelo: EN ~ CLASSE.MORFOLOGICA + (1 | PARTICIPANTE) + (1 | ITEM.LEXICAL)

Dentre as variáveis linguísticas, há correlação entre (EN) e duas delas: Classe Morfológica e Vogal da Sílabla Seguinte. Com relação à primeira, advérbios ( $p < 0,001$ ) e adjetivos ( $p < 0,001$ ) favorecem a ocorrência da variante ditongada [ejn]. Nos dados analisados por Oushiro (2015), como não houve diferença significativa entre os sete níveis da variável, eles foram reagrupados em três categorias, com base em níveis de gramaticalidade (das classes de palavras menos gramaticais até as mais gramaticais): (i) substantivo + adjetivo + verbo, (ii) advérbio + numeral e (iii) preposição + pronome. O primeiro grupo, de palavras menos gramaticais, é aquele que mais favorece a ditongação de /e/ nasal. Nos dados do EZS, o fato de adjetivo ser uma das classes que favorece a ditongação coincide parcialmente com os resultados de Oushiro (2015).

Muito embora, em teoria, esse raciocínio não se aplique ao caso dos advérbios, até porque todas as ocorrências de (EN) se concentram em seu sufixo (que é, por natureza, mais gramatical, como em “normalmente”, por exemplo), pode ser que o favorecimento de [ejn] nesses casos se relacione ao fato de que todos os advérbios da amostra têm [I] como Vogal da Sílabla Seguinte. O favorecimento de [ejn] pela Vogal da Sílabla Seguinte “i”, por sua vez, vai ao encontro dos achados de Silvia (2013), que confirmou sua hipótese formulada a respeito do favorecimento da ditongação nos casos em que a vogal da sílabla seguinte for [I].

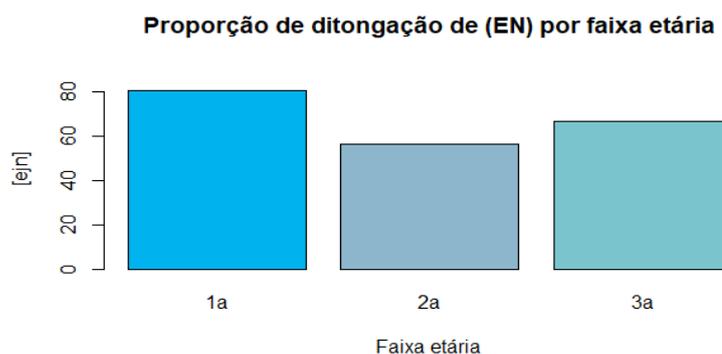
Com relação às variáveis sociais, havia a expectativa de que, por ser um estereótipo associado ao falar paulistano, a variante ditongada fosse favorecida pelos participantes nascidos na cidade de São Paulo, o que não se confirmou. Já Gênero e Faixa Etária têm correlação com (EN): a ditongação de (EN) é desfavorecida na fala dos homens ( $p = 0.029$ ) relativamente a das mulheres. Esse resultado é condizente com aquele obtido por Oushiro (2015), que enfatiza que os dados de produção, em alguma medida, se alinham aos discursos de avaliação sociolinguística (embora avaliações como as de seus participantes Fernando e Thaissa não sejam tão recorrentes entre os dados, a figura “patricinha” se refere a mulheres jovens).

Além disso, como vimos no início deste capítulo, os discursos metalinguísticos de alguns participantes desta pesquisa relacionam a variante [ejn] ao falar de mulheres (trechos 15 e 16). Muito embora nenhum dos participantes mencione explicitamente faixa etária, ao se referirem a “USP” e “Mackenzie” (trechos 1 e 2), infere-se que se refiram a pessoas jovens. Desse modo, pode-se dizer que alguns falantes parecem relacionar a ditongação de (EN) tanto a jovens quanto a mulheres.

No que diz respeito à Faixa Etária, o resultado alinha-se, em certa medida, ao gradual favorecimento da ditongação de (EN) entre as faixas etárias nos dados de Oushiro (2015), que argumenta a favor de uma tendência de emprego da variante [ejn] entre os mais jovens, evidenciando um processo de mudança em tempo aparente. Contudo, nos dados da presente amostra, embora os falantes mais jovens sejam aqueles que mais favorecem a ditongação, diferentemente dos resultados encontrados por Oushiro (2015), os falantes da segunda faixa etária ( $p < 0.006$ , estimativa -2.086) desfavorecem mais a ditongação de (EN) do que os falantes

da terceira faixa etária ( $p < 0.024$ , estimativa  $-1.783$ ). A Figura 5 apresenta a distribuição dos dados pelas três faixas:

Figura 5 - Gráfico com a proporção de ocorrência de [ejn] por Faixa Etária



Fonte: elaborada pela autora.

Esse resultado é bastante intrigante e talvez possa ser mais bem compreendido por meio de um exame mais detalhado a respeito de cada uma das faixas etárias. Para isso, o modelo apresentado anteriormente foi executado novamente levando em consideração somente os dados correspondentes a cada uma das faixas etárias.

Nos dados da terceira faixa etária, nenhuma outra variável social se correlaciona a (EN) (cf. Anexo VII). Desse modo, é possível dizer que a distribuição da variável se dá de modo uniforme entre os participantes dessa faixa etária, independentemente da escolaridade ou do gênero. É interessante perceber que, dentre todas as faixas etárias, a terceira é aquela em que nenhum dos participantes formulou um discurso metalinguístico que evidenciasse sua consciência a respeito da variante, ou que a relacionasse a algum grupo de pessoas ou localidade específicos; em linhas gerais, os falantes dessa faixa etária tendem a avaliar a pergunta “você tá entendendo o que eu tô dizendo” como “normal” ou “hostil”.

Já entre os paulistanos do EZS na segunda faixa etária, escolaridade tem correlação com (EN): aqueles que têm ensino superior desfavorecem a ditongação ( $p < 0.003$ ) (cf. Anexo VIII). Isso leva à compreensão de que os falantes com maior escolaridade são os principais responsáveis pelo desfavorecimento da variante ditongada entre os falantes da segunda faixa

etária. Este resultado será retomado mais adiante. Antes disso, serão apresentadas algumas outras características peculiares dessa faixa etária.

Embora estudos anteriores (Oushiro, 2015, Mendes, 2018) apresentem evidências de que a variável em questão esteja abaixo do nível da consciência dos paulistanos, os falantes da segunda faixa etária na amostra do EZS são aqueles que mais demonstram ter consciência a respeito da variação de (EN). Em seus comentários metalinguísticos, alguns participantes demonstram saber que a variável é um dos elementos reconhecidos como parte do falar paulista(no). Isso se observa nos comentários de três dos 12 falantes dessa faixa etária (Glauber – trecho 1, Daniel – trecho 2, Hilda – trecho 11 e Elaine – trecho 12).

Os comentários de Glauber e Daniel, particularmente, estabelecem uma relação entre pertencer a classes mais altas e favorecer o uso da variante ditongada. Essa compreensão se dá em oposição às suas próprias condições, uma vez que ambos moram em regiões bastante periféricas da cidade e relacionam a variante a "uma região economicamente favorecida" (Trecho 1), que "decididamente" não se situa "do outro lado da ponte" (Trecho 2). Ao categorizar os falantes dessa variante linguística em um grupo que não faz parte de sua realidade simbólica e socioeconômica, estabelecem uma relação de oposição entre sua forma de falar e a daqueles com quem não se identificam.

A avaliação que esses dois falantes fazem acerca da variante [ejn] dialoga com os achados da pesquisa conduzida por Mendes (2016) a respeito de pessoas percebidas como mais paulistanas serem também percebidas como moradoras de áreas mais centrais (que geralmente possuem um custo de vida mais elevado, se comparadas a bairros mais afastados, nas periferias da cidade). Embora percepção e produção não se equiparem necessariamente, é possível que uma consciência tão evidente a respeito da variação de (EN) somada a uma visão que demonstra distanciamento com relação aos grupos a que se atrelam a variante, contribuam para que esses falantes demonstrem resistência com relação à ditongação de /e/ nasal.

Além disso, em uma faixa etária que, em termos gerais, demonstra ter mais consciência a respeito da ditongação, é possível que falantes com maior grau de escolaridade tenham ainda maior facilidade em identificar determinados usos linguísticos, pois possuem um repertório formal mais amplo para analisá-los criticamente. O elevado nível de consciência a respeito de

(EN) entre os falantes dessa faixa etária pode ser, nesse sentido, uma das principais razões para que ela desfavoreça [ejn] em relação à terceira faixa etária, que não demonstra ter consciência a respeito do fenômeno. Essa interpretação se alinha aos achados de outros estudos na área de Variação e Mudança, na medida em que “um grande volume de comprovações mostra que, toda vez que os falantes se conscientizam de uma mudança no mecanismo da língua (...) eles rejeitam essa mudança” (Labov, 2001, p. 514).

Ainda que os paulistanos do EZS na primeira faixa etária também demonstrem algum nível de consciência sobre a variável, produzindo comentários metalinguísticos mais elaborados do que aqueles mais comuns entre os falantes da terceira faixa etária, nenhum deles associa a variante [ejn] a um tipo muito específico de falantes (como “USP” ou “Mackenzie”) e não parecem considerar esse falar como muito distinto do seu próprio.

As avaliações mais frequentes nessa faixa etária relacionam a pronúncia em questão ao falar “de São Paulo”/”paulista(no)”. Além disso, dois participantes a relacionam ao gênero feminino. Um deles, especificamente, se refere às mulheres de São Paulo: “(...) acho que é mais o gênero feminino que fala desse jeito aqui em São Paulo” (Trecho 14). Outra participante diz que esse seria o modo de falar das mulheres da periferia da cidade, entre as quais ela se inclui (Trecho 14). Os resultados do teste de regressão para os dados dessa faixa etária estão em conformidade com essa avaliação, uma vez que apenas a variável social gênero foi selecionada como significativamente correlacionada a (EN). Em relação às mulheres da mesma faixa etária, os homens desfavorecem a ditongação ( $p < 0.003$ ). Esse resultado é mais uma evidência que reforça a hipótese confirmada por Oushiro (2015) de que a variante [ejn] é geralmente favorecida na fala de mulheres mais jovens.

Como se mencionou anteriormente, a associação entre a ditongação de (EN) e o gênero feminino aparece de alguma forma em outros estudos conduzidos a respeito da variável (Oushiro, 2015; Mendes, 2016, 2018). Talvez seja possível dizer que a figura da “patricinha”, que consta nos comentários de dois participantes da pesquisa de Oushiro (2015), compartilhe traços com os estereótipos mobilizados por Glauber e Daniel (“Mackenzie” e “USP”), na medida em que ambos se referem a pessoas jovens e de classes sociais mais favorecidas. Nesse

sentido, seria pertinente investigar como esses dois falantes masculinos “generizam” esse estereótipo de que parecem tentar se desvincular.

Há relevantes estudos na área de sociolinguística que apresentam evidências de que mulheres mais jovens sejam mais inovadoras linguisticamente e geralmente liderem processos de mudança linguística (Labov, 1972, 1990, Eckert, 2000, entre outros). Uma vez que, em termos gerais, elas favorecem a ditongação de (EN), é compreensível que esteja ocorrendo um processo de propagação dessa forma inovadora.

Além disso, considerando a associação entre [ejn] e gênero feminino, é possível que falantes do gênero masculino ativamente se afastem dessa forma linguística. Nos Estados Unidos, por exemplo, algo similar tem ocorrido com os fenômenos linguísticos que ficaram popularmente conhecidos por “Vocal Fry” e “uptalk”<sup>59</sup>. Muito embora esses sejam fenômenos que parecem estar presentes na fala de pessoas de diferentes gêneros sociais, são comumente ridicularizados e associados ao falar de mulheres jovens (Cameron, 2015; Becker & Zimman, 2022)<sup>60</sup>.

Em seu artigo “A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia”, o antropólogo Daniel Welzer-Lang (2001) argumenta que a estruturação do masculino se daria mediante a ideia de que, para ser um “(verdadeiro) homem”, os rapazes devem desde a infância eliminar todos os traços que poderiam associá-los às mulheres. Em suas palavras:

É verdade que na socialização masculina, para ser um homem, é necessário não ser associado a uma mulher. O feminino se torna até o pólo de rejeição central, o inimigo interior que deve ser combatido sob pena de ser também assimilado a uma mulher e ser (mal) tratado como tal (p. 6).

É importante que se diga, contudo, que, enquanto consciência sociolinguística implica relacionar-se ativamente com a variável, o inverso não é verdadeiro. Ainda que os falantes do gênero masculino não sejam capazes de identificar e nomear a relação entre a variante linguística e o gênero feminino, possivelmente sejam afetados pelos discursos circulantes a

---

<sup>59</sup> O “Vocal Fry” (ou “creaky voice”) é um padrão de fala caracterizado por uma voz áspera e vibrante, que é produzida por um fechamento das pregas vocais. Já o “uptalk” consiste na elevação de tom no final de uma frase, fazendo com que a frase soe como uma pergunta.

<sup>60</sup> Disponível em: < <https://debuk.wordpress.com/2015/07/26/a-response-to-naomi-wolf/> >. Acesso em: 15 mar. 2022.

respeito de “normas de comportamento” relacionadas ao falar de homens e mulheres. Mais estudos nesse sentido seriam necessários para confirmar essa hipótese.

No que diz respeito ao modo como a variável se apresenta nas diferentes faixas, o favorecimento de [ejn] pelos falantes mais jovens confirma parcialmente o padrão encontrado por Oushiro (2015), pois, no caso dos falantes do EZS, não é possível falar em mudança em tempo aparente em direção a variante ditongada, como vimos anteriormente: a segunda faixa etária (e não a terceira) é aquela que mais desfavorece a ditongação. Ultrapassa o escopo desta pesquisa, contudo, identificar em que nível se possa afirmar que exista uma maior consciência a respeito variável entre pessoas da segunda faixa etária na população do EZS como um todo e, menos ainda, controlar os efeitos dessa consciência nos padrões de produção dos falantes, de modo que mais pesquisas nesse sentido poderiam elucidar a existência ou não dessas interações.

Visto que Escolaridade não tem correlação com (EN), a variante ditongada não parece se associar a noções mais estabelecidas de “prestígio” ou “estigma” na comunidade. Somado à baixa consciência dos falantes sobre esta variável, isso permite a hipótese de que o favorecimento de [ejn] nos estilos mais cuidadosos, tenha mais a ver com ênfase ou hiperarticulação na realização das leituras dos textos do que com prestígio, especificamente. Também para a confirmação desta hipótese outras pesquisas precisariam ser realizadas. Embora, de maneira geral, poucos falantes produzam comentários metalinguísticos que evidenciem consciência de (EN) (5 entre 35 falantes) esse número é bem maior do que verificou Oushiro (2015) – 2 de 118 falantes. Além disso, a variante ditongada representa 67% dos dados de (EN) na amostra - uma proporção substancialmente maior do que os 41% encontrados por Oushiro (2015). Diante disso, pode-se dizer que os falantes do EZS, numa amostra coletada aproximadamente apenas dez anos depois daquela que Oushiro (2015) analisa, parecem apresentar maior consciência acerca da variável (EN) e empregar a variante ditongada mais frequentemente, uma evidência de um processo de propagação mais intenso, que pode ser circunscrito à região do EZS ou consequência do estágio de difusão da variável na cidade de São Paulo.

#### 4. A variável (-r)

*"Não sou da sua laia, não me olhe de soslaio  
Mudar o sotaque é o caralho  
Mais preocupado com a pronúncia do que com a proposta  
Se eu falo po[.i]ta, se fecham as po[r]tas"  
Made in Roça - Sara Donato*

Chama-se de /r/ em coda silábica a ocorrência (ou apagamento) dos sons róticos (geralmente representados na grafia por meio da letra “r”) em posição pós-vocálica (como nos exemplos “parte”, “orador”, “mercado” etc). Devido à sua alta produtividade e ao fato de sua pronúncia ser um dos índices mais salientes de diferenciação entre os falares do português brasileiro (Callou et al., 1996; Mendes, 2010), a variável (-r) é alvo de pesquisas ao redor de todo o país, chegando a ser objeto de teorias fonológicas que buscam compreender as tendências envolvidas nos seus potenciais processos de mudança.

A primeira e talvez mais conhecida delas consiste na “hipótese de posteriorização” (Callou et al., 1996, 2002, apud Oushiro, 2015), que considera que as realizações das vibrantes podem ser observadas em um “continuum” que abrange os processos de posteriorização e enfraquecimento. Essa potencial progressão pode ser ilustrada da seguinte maneira:

$$r > R > x > h > \emptyset$$

Para que tal perspectiva faça sentido, é importante compreender que a sonoridade da fala é determinada por uma escala de força baseada nos graus de abertura do trato vocal, de modo que, quanto menor a resistência à corrente de ar, maior é a sonoridade do segmento. Na hierarquia de força, o deslocamento para a direita na escala de sonoridade resulta em uma diminuição de resistência à passagem de ar e, conseqüentemente, no processo de enfraquecimento dos sons. Outro modo de sintetizar esse processo seria:

*oclusiva > fricativa > nasal > líquida > aspiração > zero/apagamento*

Com base em um estudo sobre a pronúncia de (-r) em cinco capitais brasileiras documentadas pelo Projeto NURC (Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre), as autoras proponentes dessa hipótese argumentam que a variável se encontra em um processo de enfraquecimento gradual do som, passando de anterior para posterior (velar ou faríngeo), em alguns casos passando de vibrante para fricativa em posição final e desaparecendo em posição final. Dessa forma, Callou et al. (1996) identificam duas zonas dialetais no país: uma em que predominam as variantes com o traço [+anterior] [ɹ r] (Porto Alegre e São Paulo) e outra em que são mais frequentes as variantes com traço [-anterior] [R x ɣ h fi] (Rio de Janeiro, Salvador e Recife).

Adicionalmente ao processo de velarização identificado por Callou et al. (1996, 2002), Rennick (2011, apud Oushiro, 2015) propõe um segundo percurso para (-r) no português brasileiro, o de retroflexão:

$$r > ɹ > ɻ > \emptyset$$

Uma vez que São Paulo pertence a uma zona dialetal em que predominam as variantes com o traço [+anterior], faz sentido considerar que o processo em curso mais provável nessa região seja o de retroflexão. Muito embora a variante tepe em coda silábica se constitua como um estereótipo do falar paulistano (Cristófar, 2007; Mendes, 2010), estudos da área de sociolinguística (Mendes & Oushiro, 2013, 2014; Oushiro, 2015) e da dialetologia (Silva, 2016) demonstram que a variante retroflexa dispõe de notória vitalidade na cidade de São Paulo, demonstrando-se como particularmente produtiva nas regiões periféricas da cidade. Mais adiante, tais estudos serão retomados a fim de contextualizar os resultados desta pesquisa no quadro maior dos trabalhos realizados na cidade.

Antes, apresenta-se brevemente a trajetória percorrida pela literatura a respeito da variante retroflexa em contexto de coda silábica. Objeto de pesquisa há pelo menos 60 anos (Silva neto, 1960; Head, 1973, 1978, 1987; Brandão, 1995, 1997, 2007; Monaretto, 1995; Callou, 1997; Almeida, 2004; Cohen, 2006; Aguilera; 2009, Apud Aguilera & Silva, 2011), a variante retroflexa, também denominada como “r caipira” (Amaral, 1920), é comumente

associada aos falares rurais dos estados de Goiás, Minas Gerais e, principalmente, São Paulo (Rezende, 2005; 2008). De acordo com diversos estudos (Aguilera & Silva, 2011; Oliveira & Zanoli, 2021, entre outros), sua origem remonta ao contato linguístico entre a língua tupi, falada por diversos povos indígenas, e o português europeu, falado pelos colonizadores que chegaram ao Brasil a partir do século XVI. A expansão dessa variante pelas regiões sudeste, sul e centro-oeste do Brasil se relaciona sobretudo aos trajetos percorridos pelos bandeirantes durante as suas missões ao longo dos séculos XVI e XVII.

O /r/ retroflexo foi considerado por Amadeu Amaral (1920) como um dos traços principais do dialeto caipira, variedade que teria sido predominante na Província de São Paulo<sup>61</sup> até a segunda metade do século XIX, “o que criou aos paulistas, há já bastante tempo, a fama de corromperem o vernáculo com muitos feios vícios de linguagem” (p. 1). Essa informação importa, pois, argumenta-se, há pontos de contato entre as figuras do “caipira” e do “periférico”: tanto pelos processos de urbanização das regiões periféricas, descritos no Capítulo 2, quanto por serem, ambas, figuras comumente antagonizadas aos ideais de cosmopolitismo e urbanidade, como se argumenta mais adiante. Tais concepções, por sua vez, aparecem também nos discursos metalinguísticos a respeito das formas linguísticas associadas a esses falantes. Justamente por conta de sua estigmatização, Amaral (1920) argumenta que o “dialeto caipira” (bem como as características que o compõem) estaria fadado ao desaparecimento.

Contrariamente às expectativas do filólogo, atualmente há registros de ocorrência da variante retroflexa em diversas regiões do Brasil, como Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiânia, Mato Grosso, Bahia, Sergipe, Tocantins, Pará, Paraíba e Rondônia (Brandão, 2007; Noll, 2008). Dada a vasta amplitude de trabalhos dedicados a essa variante, apresenta-se a seguir um breve panorama de estudos realizados em contextos em que o retroflexo parece mais produtivo ou mesmo que ajudem a identificar padrões recorrentes e explicar a sua persistência em diferentes comunidades.

---

<sup>61</sup> Nome utilizado a partir do ano de 1821 para se referir ao território hoje denominado por “Estado de São Paulo”.

Apesar de sua ampla distribuição, existem áreas onde a variante retroflexa se apresenta como particularmente mais produtiva. Entre essas regiões, destacam-se os estados de Minas Gerais (cf. Aguilera & Silva, 2011; Aguilera & Silva, 2015 e Silva, 2016) e Paraná (Aguilera, 1994; Ferraz, 2005 e Fraga, 2011). Contudo, mesmo no estado do Rio Grande do Sul, onde o tepe é a variante prototípica, há registros de crescentes taxas da variante retroflexa (Santos; Rockenbach; Gutierrez, 2020; Rockenbach, 2020; Collet, 2020; Ricardo, 2019; Oliveira, 2018; Santana, 2017, entre outros), especialmente na cidade de Passo Fundo (Menin et al., 2022; Freitag & Savedra, 2023). Apesar de terem sido conduzidos em diferentes localidades do país, esses estudos têm em comum o fato de que a variante retroflexa é favorecida por falantes mais jovens e do sexo/gênero masculino. Além disso, se por um lado, mais uma regularidade nessas regiões é a estigmatização da pronúncia retroflexa, por vezes associada a pessoas menos escolarizadas e menos urbanas, por outro, coexiste junto a esse estigma, uma apreciação positiva relacionada à ressignificação da imagem do "caipira". As pesquisadoras argumentam que isso possivelmente se deva ao fato de que em algumas dessas regiões tal representação está mais vinculada aos setores milionários do agronegócio (Aguilera & Silva, 2015; Freitag & Savedra, 2023), que nas últimas décadas têm sido amplamente tematizados de maneira positiva pelo subgênero musical conhecido como sertanejo universitário (Cortez et al., 2015).

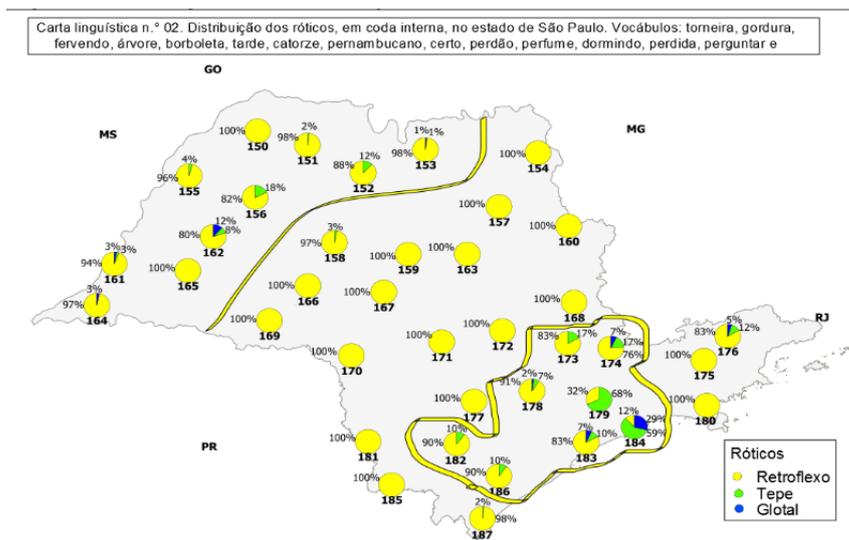
Embora o retroflexo ocorra em diferentes locais do país, o estado de São Paulo é, sem dúvidas, aquele onde a variante goza de maior produtividade em todo o território. Em sua tese de doutorado, Silva (2016) analisou dados de fala semi-espontânea coletados pelo Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) nos quatro estados que compõem a região sudeste do país. Especificamente com relação a São Paulo, os dados analisados provêm de 37 cidades do estado, incluindo a capital. Com foco em coda medial, seus resultados indicam que a variante retroflexa está presente em todas as localidades, sendo praticamente categórica em 20 delas<sup>62</sup>. Com exceção de Santos e São Paulo, o retroflexo é a variante predominante em todas as localidades

---

<sup>62</sup> Jales, Franca, Ribeirão Preto, Ibitinga, Mococa, Araraquara, Teodoro Sampaio, Presidente Prudente, Marília, Bauru, Mogi Mirim, Assis, Bernardino de Campos, Botucatu, Piracicaba, Taubaté, Itapetininga, Caraguatatuba, Itararé e Ribeira.

analisadas. Na figura a seguir é possível ter uma visão mais ampla dos achados de Silva (2016) a respeito de (-r) no estado de São Paulo:

Figura 6 - mapa do (-r) no estado de São Paulo



150 Jales, 151 Votuporanga, 152 São José do Rio Preto, 153 Barretos, 154 Franca, 155 Andradina, 156 Araçatuba, 157 Ribeirão Preto, 158 Lins, 159 Ibitinga, 160 Mococa, 161 Presidente Epitácio, 162 Adamantina, 163 Araraquara, 164 Teodoro Sampaio, 165 Presidente Prudente, 166 Marília, 167 Bauru, 168 Mogi Mirim, 169 Assis, 170 Bernardino de Campos, 171 Botucatu, 172 Piracicaba, 173 Campinas, 174 Bragança Paulista, 175 Taubaté, 176 Guaratinguetá, 177 Itapetininga, 178 Sorocaba, 179 São Paulo, 180 Caraguatatuba, 181 Itararé, 182 Capão Bonito, 183 Itanhaém, 184 Santos, 185 Ribeira, 186 Registro, 187 Cananéia

Fonte: Silva (2016)

O mapa revela que a variante tepe se irradia para nove localidades situadas a um raio máximo de 261 km de São Paulo. À medida que se afasta da capital, as ocorrências de tepe diminuem e as de retroflexo aumentam, o que indica forte correlação diatópica com a variável. A variação de (-r) no estado de São Paulo segue o padrão das pesquisas anteriores: o retroflexo é favorecido por homens mais jovens. Os resultados de Silva (2016) permitem dizer que a variante retroflexa está presente de forma categórica em praticamente todo o estado de São Paulo, constituindo-se como uma norma dos falares paulistas (ou, nas palavras usadas pela pesquisadora, como um “subdialeto paulista”).

É interessante observar que, apesar de a variante retroflexa ser a norma no estado de São Paulo, pesquisas mostram que ela é alvo de estigma mesmo nessas regiões (Leite, 2007, 2010; Silva, 2016). No entanto, a associação entre o retroflexo e noções pejorativas de "não urbanidade" e baixa escolaridade, comum em outras partes do país e no próprio estado, não eliminou sua existência mesmo naquela que talvez seja a cidade do país mais relacionada a noções de urbanidade, São Paulo.

A maioria das pesquisas contemporâneas conduzidas a respeito do (-r) no falar paulistano, como vemos a seguir, não identifica evidências de que a variante retroflexa esteja sequer próxima de desaparecer da cidade. Uma exceção a esse quadro mais amplo é a pesquisa de Mendes (2010), que analisou uma amostra estratificada por sexo/gênero, escolaridade e faixa etária, composta por 24 participantes moradores de bairros mais centrais da cidade. Seus resultados apresentam uma taxa de 12% de retroflexo e um indício de mudança em tempo aparente em favor do tepe, uma vez que este seria gradualmente favorecido por falantes mais jovens. Tal resultado, contudo, parece ter sido consequência da especificidade da amostra, uma vez que os falantes que a compõem se identificam particularmente com noções de "paulistanidade" e "urbanidade". Em linhas gerais, tal cenário relaciona-se mais aos moradores de determinados bairros centrais do que à cidade em sua totalidade (Oushiro & Mendes, 2013; Oushiro, 2015).

Com vistas a um quadro mais amplo dos padrões de variação de (-r) na cidade, Mendes e Oushiro (2011) examinaram uma amostra composta por 48 indivíduos de diferentes regiões da cidade, considerando aspectos como sexo/gênero, faixa etária, escolaridade e local de nascimento dos pais. Nessa amostra, os pesquisadores identificaram uma taxa de ocorrência da variante retroflexa de 31% e um padrão de variação estável na comunidade.

Posteriormente, em 2013, os pesquisadores expandiram sua amostra em um novo estudo com 102 participantes. Além das variáveis sociais já consideradas em seu estudo anterior, Mendes e Oushiro (2013) agruparam os participantes de acordo com a área de residência (se periférica ou central). Os dados coletados indicaram uma taxa de 33% de ocorrências do retroflexo entre os falantes. A variante é favorecida em contextos em que é precedida por vogal [-alta], seguida de consoante [+coronal], pertencente à classe de palavra "verbo", em sílabas

tônicas e final de palavra. Com relação aos fatores sociais, o retroflexo é favorecido por falantes que moram na periferia, com menor mobilidade geográfica, menos escolarizados, do sexo/gênero masculino e pertencentes a famílias menos enraizadas na cidade de São Paulo. Os dados apontam ainda para a possibilidade de mudança linguística em curso em favor do retroflexo.

Considerando uma amostragem ainda maior, a pesquisa de Oushiro (2015) analisou dados de fala de 118 entrevistas realizadas com paulistanos. A partir de suas análises, constatou que, nas interações conversacionais, a taxa de ocorrência do retroflexo foi de 31,9%, enquanto a variante tepe alcançou 68,1%. No entanto, ao considerar tanto os dados de conversação quanto os de leitura, as taxas se alteraram para 28,3% de retroflexo e 71,7% de tepe.

No que diz respeito aos fatores linguísticos, verificou-se que o retroflexo é favorecido quando antecedido por uma vogal não alta e seguido por uma consoante coronal. Além disso, o retroflexo é mais frequente quando seguido por consoantes que possuem o traço de sonoridade [+sonoro] e Ponto C [+ coronal]. A variante também é mais comum em palavras de natureza menos gramatical, como verbos, advérbios, substantivos e adjetivos, além de ocorrer com maior frequência em sílabas tônicas e em posição final de palavra.

Não foram identificadas tendências graduais na utilização do retroflexo de acordo com o estilo de fala (conversação, leitura de depoimento, notícia e lista de palavras); no entanto, chama a atenção o fato de que a leitura de listas de palavras se destaca pelo evidente desfavorecimento do retroflexo. Segundo a autora, uma vez que, dentre todos os estilos, a leitura da lista de palavras seja aquele mais propício a um maior monitoramento da fala, tal resultado pode ser indicativo de estigmatização da variante retroflexa.

Quanto aos fatores sociais, a variante retroflexa é favorecida por falantes do sexo/gênero masculino, com menor nível de escolarização e com menor mobilidade<sup>63</sup>. Além disso, o retroflexo é favorecido por falantes das classes sociais mais baixas e gradualmente desfavorecido pelas classes sociais mais altas. A variável social mais importante na distribuição da variável foi região de residência: moradores de bairros periféricos favorecem fortemente a variante retroflexa. Adicionalmente, a variante é favorecida também por filhos de migrantes das

---

<sup>63</sup> Isto é, que moram há mais tempo no mesmo bairro.

regiões norte e nordeste do país. A explicação linguística proposta por Oushiro (2015) para esse resultado em particular consiste na similaridade entre os pontos de articulação da variante retroflexa e da variante fricativa, esta mais comum nas regiões norte e nordeste.

Ainda que os dados de Oushiro (2015) indiquem uma diminuição gradual da variante retroflexa à medida que se avança nas faixas etárias, sugerindo uma possível mudança em andamento, faixa etária não foi selecionada como uma variável significativa para a variação do (-r). Isso sugere que as diferenças observadas entre as faixas etárias são específicas de indivíduos particulares e não refletem a amostra como um todo.

Um dos aspectos mais interessantes da pesquisa de Oushiro (2015) sobre a variação de /r/ na posição final é a descoberta de que diferentes padrões de variação de (-r) podem ser encontrados dependendo da região da cidade em que os participantes da amostra residem e das variáveis sociais consideradas. Ao analisar apenas os residentes da periferia, ou os menos escolarizados, ou os de classes sociais mais baixas, observa-se uma mudança em progresso, favorecendo o retroflexo. Por outro lado, quando não se considera a região de residência ou a classe social dos falantes, é identificado um caso de variação estável. No entanto, ao considerar exclusivamente os falantes de classes sociais mais altas em São Paulo, nota-se o início de uma mudança em direção ao tepe.

Dessa forma, evidencia-se que, embora seja possível considerar um padrão geral para a cidade de São Paulo, a variável em questão não está uniformemente distribuída em todas as regiões. Isso ressalta a importância dos critérios de seleção dos participantes, a fim de garantir que a amostra da pesquisa esteja alinhada aos seus objetivos. Além disso, indica a possibilidade de haver normas linguísticas distintas para essa variável em São Paulo a depender da região da cidade.

De modo a compreender melhor o status sociolinguístico da coda /r/ na cidade de São Paulo, Oushiro (2015) realizou ainda um experimento que buscou identificar a percepção de paulistanos acerca das variantes tepe e retroflexa. Para tanto, foram utilizados estímulos auditivos gerados a partir da fala de quatro paulistanos nativos com perfis sociais semelhantes. Esses áudios foram manipulados com o propósito de criar pares falsos nos quais apenas a variante de (-r) foi modificada, garantindo que a única diferença entre os pares de estímulos

ouvidos pelos participantes fosse a variável em questão. Como ouvintes, participaram do experimento 185 residentes de São Paulo. A análise de suas respostas a um questionário sobre características dos falantes mostra que a pronúncia variável do /r/ em coda é percebida como um indicativo de sotaque, paulistanidade e centralidade da região de origem. A pronúncia retroflexa foi associada a uma menor identificação como paulistano, maior sotaque e residência em bairros periféricos. Tais resultados indicam, portanto, que a pronúncia do /r/ é percebida como marcadora de diferentes características sociofonéticas na cidade de São Paulo.

Com base nos estudos de produção e percepção sociolinguísticas mencionados nesta seção, é seguro afirmar que, embora a variante retroflexa seja frequentemente estigmatizada, ela demonstra pleno vigor, evidenciando estar longe da extinção prevista por Amadeu Amaral em 1920. Antiga no português brasileiro, atualmente a variante não apenas se constitui como uma norma na maioria dos falares paulistas como também está presente em diversas outras regiões do país. Apesar de ser alvo de chacota e discriminação por ser associada muitas vezes a grupos estigmatizados como antagônicos aos ideais de “urbanidade” e “erudição”, a variante não demonstra estar em processo de desaparecimento mesmo na cidade de maior concentração urbana do país, São Paulo.

Tais evidências parecem apontar para o sentido de que a relação entre estigma e variação sociolinguística é mais complexa do que o embate entre um único valor hegemônico e o uso da forma linguística estigmatizada, mas sim situada em uma rede de significados que disputam o status da variante a depender do contexto em que é utilizada pelos falantes. Essa dinâmica mais complexa torna possíveis realidades como aquelas demonstradas por estudos mencionados anteriormente, em que determinados falantes avaliam positivamente o retroflexo por associá-lo a uma ressignificação positiva da cultura e identidade caipira.

Como se discute a seguir, a variante retroflexa é, por vezes, não apenas associada ao interior do estado como também às regiões periféricas da cidade. A análise dos discursos que trabalham essas associações pode sugerir pistas acerca das tensões de classe social envolvidas nas atitudes linguísticas relacionadas a (-r).

#### 4.1 Atitudes e avaliações acerca de (-r)

A associação entre a variante retroflexa e o interior de São Paulo, recorrente nos discursos metalinguísticos dos falantes das diferentes pesquisas apresentadas neste capítulo, aparece também na performance realizada pelo humorista Marcelo Adnet no programa do Jô, já mencionada no capítulo anterior, em que ele realizou uma série de “interpretações” que buscavam representar os diferentes sotaques de São Paulo. Dentre eles o humorista destaca o falar daquele que classifica como o paulista do interior:

*"tem o paulista que é o paulista do interior[.ɹ] que fala po[.ɹ]ta, co[.ɹ]te, mo[.ɹ]te e so[.ɹ]te... que é o paulista que deve falar inglês, exatamente esse... Piracicaba is nea[.ɹ] o[.ɹ] fa[.ɹ]?"*

No trecho em questão, Adnet pronuncia uma série de palavras utilizando a variante retroflexa em posição de coda silábica. Ele a relaciona ao som de /r/ em língua inglesa e faz referência especificamente à cidade de Piracicaba, notoriamente reconhecida como espaço do dialeto caipira (cf. Pires, 2008). É interessante notar, contudo, que enquanto ele utiliza o retroflexo em posição de coda silábica, não o faz em posição de ataque complexo de sílaba, como poderia ser o caso em “pi[.ɹ]acicaba”, embora essa seja uma pronúncia existente no português brasileiro (Brandão, 2007) e mais próxima da pronúncia que seria esperada de um falante de língua inglesa. Isso evidencia que, ao tentar retratar os diferentes sotaques de São Paulo, o humorista mantém como foco o /r/ em posição de coda silábica.

Embora a associação entre a variante retroflexa e o interior de São Paulo seja mais frequente, a variante não raramente é também associada ao falar de pessoas da periferia da cidade. Isso aparece nos discursos metalinguísticos de alguns dos participantes das entrevistas do projeto SP2010 analisados por Oushiro (2015) e na performance de Adnet:

*"na periferia de São Paulo a voz das pessoas vai ficando grave (...) 'E aí, mano, tudo ce[.ɹ]to, mano? Incrusive, mano, quando eu falo assim com essa voz, dá mó vontade de rimar, ce[.ɹ]to?"*

Em sua representação do sotaque da periferia de São Paulo, o humorista recorre a dois elementos fonético-fonológicos em específico: o rotacismo (“*incrusive*”) e a pronúncia

retroflexa de /r/ em coda. A escolha do uso de rotacismo nesta representação é interessante porque, embora se trate de uma característica antiga da língua portuguesa, é comumente associada ao falar de pessoas de áreas rurais. Já em 1920, Amadeu Amaral elenca o rotacismo de (L) em ataque complexo ao descrever a fonética do "dialeto caipira”:

b) Quando subjuntivo de um grupo, igualmente se muda em r: craro, cumpreto, cramô(r), frô(r).

Esta troca é um dos vícios de pronúncia mais radicados no falar dos paulistas, sendo mesmo freqüente entre muitos os que se acham, por educação ou posição social, menos em contato com o povo rude (p. 52, 1982 [1920]).

Um dos pontos de contato entre o interior e a periferia, como explica o Capítulo 2, se deve a um processo lento e retardado de urbanização das periferias da cidade, que, comparativamente às regiões mais centrais, são também consideradas um espaço de menor urbanidade. As atitudes sociais ilustradas pelas palavras de Amadeu Amaral a respeito de o caipira ser considerado um povo rude, ao qual não querem se vincular aqueles “que se acham [superiores], por educação ou posição social”, assemelham-se, ainda, ao modo como os moradores da periferia são muitas vezes enquadrados: como figuras antagônicas aos ideais de prestígio e urbanidade almejados pelos moradores dos bairros mais centrais da cidade e mais bem situados economicamente.

Essa oposição pode ser evidenciada pelos resultados obtidos por Mendes (2010) e Oushiro (2015), que demonstraram que, nas regiões mais centrais da cidade ou entre as pessoas de classe social mais altas, ao contrário do que se encontra entre outros grupos e regiões, a variante retroflexa é amplamente evitada. Outro indício nesse sentido é que o falar da periferia é representado pelo humorista também como algo distinto do modo de falar de pessoas como “Juli[ẽ:]na”, que se menciona no Capítulo 3, paulistana prototípica representada pelo humorista por meio da utilização do alongamento de /a/ nasal, a ditongação de /e/ nasal e a pronúncia tepe em posição de /r/ em coda.

Diferente de Juliana, a figura emulada pelo humorista como falante do sotaque da periferia de São Paulo faz uso da variante retroflexa, utiliza determinados marcadores discursivos como “certo” e “mano” e, como dá a entender o trecho “a voz das pessoas vai

ficando grave”, é também uma figura mais masculina. Esses elementos, somados ao fato de que ele diz que, ao falar assim, “dá mó vontade de rimar”, demonstram que Adnet relaciona o falar da periferia de São Paulo à figura prototípica do rapper.

Um dos rappers mais famosos do Brasil (que em outros esquetes foi alvo de imitação por parte do humorista em seu programa na MTV) é o Mano Brown, vocalista do grupo Racionais MCs. De acordo com Bentes e Marino (2013), o trabalho estilístico de Mano Brown pode indicar por onde olhar ao se pensar em um registro popular usado e “performado” pelos manos paulistas, que têm suas múltiplas identidades performadas de modo icônico por Mano Brown. Desse modo, o rapper se configuraria como uma espécie de ícone sociolinguístico, servindo de referência para jovens da periferia.

Essa oposição entre centro e periferia nos significados atribuídos à variante retroflexa aparece também no discurso metalinguístico de Thaissa nas entrevistas realizadas pelo projeto SP 2010:

*DI: e o “a po[r]ta (es)tá abe[r]ta”?*

*SI: ah coisa de paty*

*DI: [risos]*

*SI: “a po[r]ta (es)tá abe[r]ta” é coisa de paty... “a po[ɹ]ta (es)tá abe[ɹ]ta” é mais... o erre é diferente*

*DI: [risos]*

*SI: [falando com voz mais grave:] “que aqui o esquema é outro... certo?”*

*[ô] [risos] (Thaissa B., FISP)*

Em resposta à pergunta sobre o que pensava sobre a frase “a po[r]ta (es)tá abe[r]ta” (pronunciada com a variante tepe), Thaissa relaciona a variante ao falar de patricinhas (“paty”) e, em seguida, contrapõe a pronúncia àquela que considera mais típica da periferia, pronunciada com a variante retroflexa. Em seguida, emula uma voz mais grave e diz “que aqui o esquema é outro... certo?”. Como observam Oushiro e Mendes (2013) e Oushiro (2015), Thaissa utiliza estrategicamente as expressões “esquema” e “certo” ao referir-se à variante retroflexa e “paty” para se referir à variante tepe, para situar em seu discurso duas identidades sociais distintas: uma relacionada à periferia, possivelmente associada aos “manos” – jovens da periferia que se identificam com o movimento *hip-hop* (Bentes & Rios, 2006; Bentes & Mariano, 2013) – em

contraste com as "patricinhas". Em outro momento da entrevista, Thaissa dá mais detalhes a respeito de sua visão sobre o que considera como uma "patricinha":

*SI: eu tinha uma uma amiga que morava aqui na rua... e ela está morando... um pouco mais pra frente não muito distante daqui... mas os contatos dela são todas assim meninas bem de classe média assim daquele tipo que... as pessoas chamam de "patricinha"... então ela fala assim mesmo sabe do tipo... "meu... está ruim isso tá ligado tipo"... é assim que ela fala e... antes aqui ela não falava assim né é uma coisa assim... que parece que o meio formou ela totalmente... é diferente mesmo (Thaissa B., FISP)*

Nesse trecho, "patricinhas" são definidas como "meninas de classe média", que moram em outras regiões que não a periferia. O modo de falar dessas meninas seria também distinto daquele falado na periferia, o que teria causado uma mudança no modo de falar de sua amiga que se mudou da periferia para um bairro aparentemente mais frequentado pela classe média – mudança essa que Thaissa enxerga pejorativamente, possivelmente por não conseguir mais estabelecer o mesmo nível de identificação com a amiga, uma vez que esta passou a se parecer mais com "o outro", antagônico ao "ser periférico".

Tanto Adnet quanto Thaissa parecem relacionar a variante retroflexa a homens que moram na periferia e, por outro lado, a variante tepe a mulheres que moram em bairros mais centrais ou compreendidos como bairros da classe média. Essas características têm semelhanças com os resultados das análises de correlação dos trabalhos de Mendes (2010), Mendes e Oushiro (2013) e Oushiro (2015), mas é necessário ter cautela ao estabelecer uma ligação direta entre determinados estereótipos sociais e os resultados de correlação de amostras estratificadas. Não faria sentido dizer que todas as mulheres que moram na região central da cidade são patricinhas e combinam em sua fala elementos linguísticos associados a essa figura social. Do mesmo modo, não faria sentido dizer que os homens mais jovens da periferia são "manos" e combinam necessariamente as variantes atribuídas ao falar típico dessa figura. Os discursos de Adnet e Thaissa devem ser compreendidos como pistas a respeito de estereótipos sociais que organizam certos valores que podem, conseqüentemente, de forma consciente ou não, afetar a performance linguística de alguns falantes.

Diferentemente dos estudos de Mendes (2010), Oushiro e Mendes (2011, 2013) e Oushiro (2015), no presente estudo todos os participantes são moradores da periferia. Um olhar

mais amplo para a comunidade, por meio de uma amostra específica para o EZS, pode nos permitir ter uma visão mais geral sobre os padrões sociolinguísticos da periferia da cidade.

Como já se descreveu no Capítulo 2, ao final de cada uma das entrevistas, questões sobre avaliação sociolinguística foram feitas aos participantes, a respeito das mesmas frases-alvo prevista no roteiro do Projeto SP2010. A nuvem de palavras a seguir ilustra a frequência relativa dos termos utilizados pelos entrevistados para se referir à frase “a porta (es)tá aberta”, pronunciada com o (-r) retroflexo.

Figura 7 - Nuvem de palavras sobre a avaliação de retroflexo



Fonte: elaborado pela autora.

A associação mais frequentemente estabelecida pelos participantes foi entre a variante retroflexa e o interior do estado de São Paulo:

- (1) *Documentadora: e desse outro jeito de falar aqui "a porta tá abe[ɹ]ta?"*  
*Dandara: acho que é um pouco dos caipiras, do povo do interior que fala. Eu acho que eles falam assim.*  
(S1F)
- (2) *Documentadora: agora esse outro jeito de falar oh "a porta tá abe[ɹ]ta?"*  
*Adelia: é interior de São Paulo, paulistano.*  
*Documentadora: e você acha que as pessoas na cidade, na capital, falam assim?*  
*Adelia: não. Os que nasceram aqui, não.* (M3F)

- (3) *Documentadora: e esse outro jeito de falar aqui oh "a porta tá abe[.ɹ]ta"?*  
*Dora: ah é uma forma normal, dependendo de onde a pessoa tem sua origem.*  
*Documentadora: você acha que é de que origem quem fala assim?*  
*Dora: "po[.ɹ]ta abe[.ɹ]ta"... interior (dando ênfase à pronúncia do retroflexo). (S3F)*
- (4) *Documentadora: que que você acha desse outro jeito de falar "a porta tá abe[.ɹ]rta"?*  
*Eliane: paulista do interior de São Paulo. (M2F)*

Já o participante Timoteo, no trecho 5 a seguir, embora inicialmente relacione a variante ao falar “bem lá da roça mesmo”, ao ser questionado se as pessoas de sua região falam dessa forma, menciona cidades da Grande São Paulo próximas à zona sul da capital (Embu Guaçu e Itapeverica) e até mesmo Parelheiros, distrito pertencente ao EZS, argumentando que muitas pessoas dessas regiões, que ele considera próximas ao centro da capital, falam dessa forma:

- (5) *Documentadora: e esse outro jeito de falar aqui oh "a porta tá abe[.ɹ]ta" ?*  
*Timoteo: ah, isso aí é bem lá do interior mesmo. É bem de lá da roça, mesmo... "a po[.ɹ]ta tá abe[.ɹ]ta pode entrar"*  
*Documentadora: você acha que você fala assim?*  
*Timoteo: não, não falo mais assim, não.*  
*Documentadora: você acha que aqui na região as pessoas falam assim?*  
*Timoteo: tem algumas pessoas que falam, mas tá mais pro lado de Parelheiros. Lá pra lá ainda tem muitas pessoa(s) que fala(m) assim. Tem muita gente lá... Se bem que a gente tá aqui próximo à Itapeverica, Embu Guaçu, né?! Itapeverica tem muita gente que fala assim ainda. Entendeu?! E bem próximo do Centro de São Paulo. (M3M)*

No trecho 6, Fernanda também relaciona a variante ao interior do estado, mas quando questionada a respeito de ela mesma falar dessa forma, admite que às vezes “puxa um pouco” o /r/. Em sua visão, a convivência com diferentes tipos de pessoas seria o fator responsável pela variação em sua fala:

- (6) *Documentadora: que que (vo)cê acha desse outro jeito de falar aqui ó " abe[.ɹ]ta"?*  
*Fernanda: ah, eu acho que esse aí é bem do interior e (vo)cê tá falando assim porque é o seu jeito de falar lá. Mas eu não vou ficar rindo... Mas eu vou falar assim: “nossa, (vo)cê fala tão bonitinho” (risos). Do interior:*  
*Documentadora: (vo)cê acha que (vo)cê fala assim?*  
*Fernanda: às vezes eu puxo um pouco, assim, o érre, e tal... é que (vo)cê acaba convivendo, né, com vários tipos de pessoas e sem querer você... num tem um dialeto certo... (vo)cê às vezes... (vo)cê puxa um érre às vezes, (vo)cê num fala é... normal... (S3F)*

Kelly (trecho 7), por outro lado, prontamente demonstra reconhecer a variante em sua própria fala. Quando indagada a respeito de quem falaria dessa forma, qualifica a pronúncia como “coisa de caipira”, mas afirma que esse modo de falar “caipira” é comum entre paulistanos:

- (7) *Documentadora: e o que que você acha dessa frase aqui oh "a porta tá abe[.ɹ]ta"?*  
*Kelly: acho que dá pra gente falar de várias formas, né, eu falaria igual (a) você "a po[.ɹ]ta tá abe[.ɹ]ta"*  
*Documentadora: você acha que quem fala desse jeito?*  
*Kelly: eu acho que é uma coisa de caipira mesmo, mas que a gente já enraizou, né?! A gente acaba falando como caipira, né, às vezes.*  
*Documentadora: então paulistano também fala assim?*  
*Kelly: paulistano também. (M1F)*

Outros tantos comentários, como o trecho 8, relacionam a pronúncia a “ser paulista” e dizem a reconhecer na própria fala:

- (8) *Documentadora: e o que que você acha dessa frase aqui oh "a porta tá abe[.ɹ]ta"?*  
*José: é... paulista que fala assim.*  
*Documentadora: e você acha que você fala assim?*  
*José: falo sim. (M2M)*

No trecho 9, Aida prontamente relaciona a pronúncia retroflexa ao seu próprio falar. A participante esclarece que sua autopercepção se deve a uma viagem realizada a Recife, em que os moradores locais riram de sua pronúncia ao dizer a exata mesma frase:

- (9) *Documentadora: e desse jeito de falar aqui, olha, "a porta tá abe[.ɹ]ta"?*  
*Aida: eu falo assim.*  
*Documentadora: você fala assim?*  
*Aida: Isso. Tiram da minha cara várias vezes.*  
*Documentadora: é?*  
*Aida: em outro... no caso, lá em Recife... porque eu falei isso... eu falei exatamente isso numa situação lá, né?! Ah, o pessoal tinha passado e deixou a porta a porta aberta e eu falei "a po[.ɹ]ta está abe[.ɹ]ta"...*  
*Documentadora: Aí pronto, né?*  
*Aida: E aí começaram a rir e pediram para eu falar outras palavras também. E eu falando e eles iam rindo e eu ia rindo junto, né?! Mas, sim, eu falo sim. (S1F)*

Outros participantes já são mais específicos e relacionam a pronúncia ao falar típico da periferia:

- (10) *Documentadora: o que que você acha desse jeito de falar então "a porta (es)tá abe[ɹ]ta"?*  
*Daniel: "a porta tá abe[ɹ]ta" eu já me reconheço. Assim, eu acho que é... faz parte da minha tese aí de que as pessoas da Zona Sul periférica, Santo Amaro, enfim, ainda falam com um pouco... com esse "r"... que é o... é o gutural, é esse? (S2M)*
- (11) *Documentadora: o que você acha desse outro jeito de falar aqui oh "a porta tá abe[ɹ]ta"?*  
*Rosa: eu falo assim*  
*Documentadora: você fala assim? e quem você acha que fala assim além de você?*  
*Rosa: minha mãe*  
*Documentadora: você acha que tem um tipo... uma galera de uma região...alguma coisa assim que fala desse jeito?*  
*Rosa: acho que todo mundo fala assim.. Como que é? Repete?*  
*Documentadora: "a po[ɹ]ta tá abe[ɹ]ta"*  
*Rosa: ah, as pessoas que eu convivo eu acho que... é porque é tão natural ouvindo as pessoas falarem... eu não me lembro de diferenciar as pessoas falando isso. Eu acho que a minha irmã fala diferente. Ela fala "po[r]ta" ... acho que a minha irmã fala assim...*  
*Documentadora: mas por que que você acha que vocês falam diferente, você e sua irmã?*  
*Rosa: ah, eu não sei... Acho que pode ser muitos motivos, mas a minha irmã sempre foi mais rigorosa. Acho que a minha irmã também ela sempre procurou constituir uma é... não é uma coisa negativa... mas uma identidade que foi se distanciando do ser periférica, também, sabe?! Por motivos, caminhos... Não que ela negue isso, mas o objetivo dela de vida é outro. (S1F)*

No trecho 10, Daniel relaciona o retroflexo ao falar de pessoas das regiões periféricas da Zona Sul. Ao dizer “faz parte da minha tese”, o participante dá a entender que desenvolveu algum nível de elaboração a respeito de como seria esse falar periférico (como evidencia-se também pelo trecho de sua fala discutido no Capítulo 3), em que a pronúncia retroflexa estaria inclusa. Além disso, pode-se inferir que, ao dizer que as pessoas da periferia “*ainda falam com um pouco... com esse 'r'*”, ele situa a variante como algo que seria comum no passado e que permanece presente nos falares da periferia.

Enquanto Daniel de imediato relaciona o retroflexo à periferia, Rosa (trecho 11) estabelece uma associação inicial deste modo de falar a algo "natural" e familiar, com o qual ela se identifica e que compreende ser a forma prevalente entre as pessoas com as quais interage cotidianamente. Quanto a "tipos" de pessoas ou regiões às quais seria possível associar essa pronúncia, a participante elenca a fala de sua irmã como diferente daquela comum no seu entorno. De acordo com Rosa, sua irmã pronunciaria a palavra como "po[r]ta" (pronunciada com tepe). A isso a participante atribui o fato de sua irmã ter se distanciado de "ser periférica", pois seu objetivo de vida seria outro, não vinculado a essa noção e a suas práticas de origem.

Em outro momento da entrevista, Rosa menciona que sua irmã, originária do bairro do Grajaú, estava morando então em um bairro da região mais central da zona oeste da cidade. Além de ser mais distante da periferia, o bairro mencionado por Rosa<sup>64</sup> figura entre aqueles cujo valor do metro quadrado está entre os maiores na cidade de São Paulo<sup>65</sup>.

Embora Rosa não atribua um valor necessariamente negativo à mudança de sua irmã, seu comentário se assemelha em certos aspectos ao de Thaissa, ao associar o comportamento linguístico da irmã à construção de uma “persona” não periférica e mais alinhada aos padrões da classe média paulistana.

No geral, os comentários formulados pelos participantes dizem respeito ao interior do estado de São Paulo, à própria capital ou, como no caso desses dois últimos trechos, à periferia da cidade. Raros foram os casos em que, como nos trechos 12 e 13 a seguir, os participantes tomaram por objeto de seus comentários metalinguísticos o aspecto semântico-pragmático do conteúdo da frase (trecho 12) ou noções “gramaticais” de certo e errado relacionadas à redução do verbo “estar” (trecho 13):

- (12) *Documentadora: o que que você acha desse outro jeito de falar aqui oh "a porta tá abe[ɹ]ta"?*  
*Aurora: serventia da casa.*  
*Documentadora: mas você pensa que assim quem fala desse jeito?*  
*Aurora: a porta tá aberta né? a depende né? se você (es)tive(r) convidando pra entrar ou se você abre a porta você convida pra sai né? (S2F)*
- (13) *Documentadora: e o que que você acha desse jeito aqui oh "a porta (es)tá abe[ɹ]ta"?*  
*Marly: acho que muita gente fala aqui assim... que ao invés de falar "a porta está aberta" talvez seja para simplificar a palavra que acha talvez difícil falar ela inteira sei lá... (M2F)*

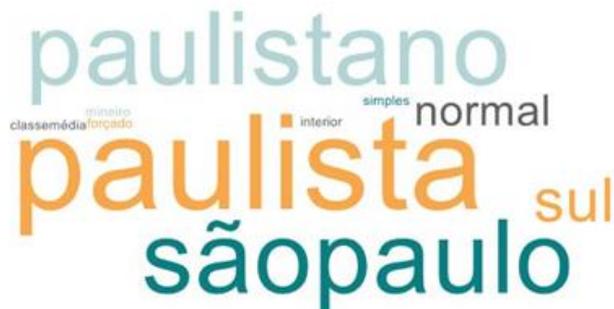
A mesma sentença-alvo também foi apresentada aos participantes com a pronúncia de (-r) tepe. Seus comentários metalinguísticos, nesse caso, foram formulados com as palavras que se destacam na Figura 8:

---

<sup>64</sup> O nome do bairro foi omitido para garantir a privacidade da participante e de sua irmã.

<sup>65</sup> cf. "Os 15 bairros mais caros de São Paulo: veja preço do metro quadrado". Disponível em: <<https://exame.com/mercado-imobiliario/15-bairros-mais-caros-de-sao-paulo-metro-quadrado-11-mil/>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

Figura 8 - Nuvem de palavras sobre a avaliação de tepe



Fonte: elaborada pela autora.

Enquanto a frase pronunciada com a variante retroflexa é frequentemente associada ao interior, a associação mais frequente à sentença-alvo pronunciada com tepe é com o falar da cidade de São Paulo, em termos similares aos dos trechos a seguir:

- (14) *Documentadora: e "a po[r]ta (es)tá abe[r]ta"?*  
*Eliane: paulista paulistano de São Paulo (M2F)*
- (15) *Documentadora: e esse jeito aqui "a po[r]ta (es)tá abe[r]ta"?*  
*Josefa: paulistano*  
*Documentadora: paulistano? (vo)cê acha que (vo)cê fala de que jeito?*  
*Josefa: (do jeito) paulistano... (M1F)*

Em (15), contudo, Kelly argumenta que a pronúncia tepe “não é natural” e que só acontece mediante algum esforço por parte do falante. De acordo com a participante, a pronúncia retroflexa seria a mais comum. Dessa forma, é possível entender que, segundo a sua compreensão, a variante tepe só ocorreria em contextos de maior monitoramento de fala, enquanto o retroflexo constituiria o vernáculo na cidade.

- (16) *Documentadora: e "a porta (es)tá abe[r]ta"?*  
*Kelly: eu acho que a gente força pra falar dessa forma não é natural... não sai de forma natural de forma alguma...*  
*Documentadora: mas todo mundo força você acha?*  
*Kelly: ah não talvez algumas pessoas não tenham essa coisa né de esponjinha né... de pegar as coisas... mas eu acho que a grande maioria fala "a po[.r]ta (es)tá abe[.r]ta" (M1F)*

Já nos trechos 17 e 18, os participantes relacionam a variante tepe a São Paulo, mas, de algum modo, afirmam não a relacionar à periferia da cidade:

- (17) *Documentadora: e esse outro jeito aqui ó "a porta (es)tá abe[r]ta"?*  
*Fernanda: ah é paulista...*  
*Documentadora: paulista?*  
*Fernanda: hum a porta (es)tá abe[r]ta quer falar certinho a porta (es)tá abe[r]ta*  
*Documentadora: (risos) paulista do estado ou da cidade?*  
*Fernanda: da cidade de São Paulo*  
*Documentadora: (vo)cê acha que (vo)cê fala desse jeito?*  
*Fernanda: não não falo não... eu sou mais da periferia me(s)mo falo isso não. (S3F)*
- (18) *Documentadora: e "a porta (es)tá abe[r]ta"?*  
*Glauber: "a po[r]ta (es)tá abe[r]ta"... esse é o dito sotaque paulista, né... "po[r]ta abe[r]ta" enfim, teoricamente... mas aí para mim também reflete muito uma classe média porque é muito foda você falar um sotaque né porque eu sempre separo os sotaques mais pelo social pela sua condição social financeira enfim... do que pelo lugar onde você nasceu em si né... que aqui tipo meu você pode nascer... paulista e ter um sotaque nordestino carregadíssimo porque sua família toda é nordestina sabe... ou não... o contrário... meu filho, por exemplo, eu falo "po[h]ta", ele fala "po[.i]ta" e eu nunca ensinei ele a falar "po[.i]ta". (M2M)*

Mediante tais respostas, é possível dizer que os falantes do EZS são capazes de produzir comentários metalinguísticos acerca de (-r), associando as variantes dessa variável a significados sociais distintos entre si. Além disso, nenhum dos comentários a respeito da variante retroflexa indica que os participantes tenham uma atitude negativa com relação a ela. Embora uma das noções mais comumente associadas ao retroflexo seja “interior do estado”, nove participantes dizem reconhecer a frase pronunciada com a variante retroflexa como parte de seus próprios falares.

Além disso, ainda que apenas os comentários de Daniel e Rosa (trechos 10 e 11) associem a frase com a pronúncia retroflexa à periferia, os comentários de Fernanda e Glauber (trechos 17 e 18) associam a variante tepe ao falar de pessoas de fora da periferia. Tais elementos funcionam como indícios de que, embora os falantes associem a variante tepe ao falar paulistano e a variante retroflexa ao interior, as noções de “paulistano” e “interior” não parecem implicar uma compreensão de que o “falar paulistano” seja igual ao “falar periférico”, nem que o “falar do interior” seja necessariamente distinto do “falar periférico”.

### 4.3 Análise multivariada

Os critérios utilizados para a definição do envelope de variação, alinhados àqueles utilizados por Oushiro (2015), consistem na seleção de /r/ em coda silábica em posição medial (como em “porta”) e final (como em “lançadorr”) de palavras. Foram desconsideradas as ocorrências de (-r) em: palavras estrangeiras e em posição final quando a palavra seguinte se inicia com som de vogal. O único critério utilizado na extração dos dados da amostra do EZS que difere das análises de Oushiro (2015) consiste na exclusão de ocorrências de verbos no infinitivo, que não foram codificados dado o alto grau de apagamento esperado nesses casos.

Em decorrência das características da amostra (descritas Capítulo 2), para a análise de (-r) foi necessária a exclusão de quatro de seus integrantes, por apresentarem altas taxas de ocorrência da variante fricativa e pouquíssimas ocorrências da variante retroflexa<sup>66</sup>. Além disso, como o foco desta análise consiste na comparação entre dados das variantes tepe e retroflexa, posteriormente foram também retiradas do conjunto de dados as ocorrências de apagamento e fricativa. O quadro a seguir apresenta a distribuição dos dados antes dessas exclusões:

Quadro 5- distribuição geral de (-r)

Codificação	%
Tepe/trill	46,8
Aproximante retroflexa/alveolar	32,9
Fricativa (velar ou glotal)	7,8
Apagamento	12,3

Fonte: elaborado pela autora.

Com vistas a uma simetria na quantidade de ocorrências por entrevista (que variou entre 45 e 203), utilizou-se a função “amostragem” do pacote “dmsocio” (Oushiro, 2014) para seleção aleatória de 45 dados por falante. Posteriormente, os dados de leitura foram somados

---

<sup>66</sup> São eles: Luzia (2ª faixa etária), Betina (2ª faixa etária), Glauber (2ª faixa etária) e Cleber (1ª faixa etária), 2 não nascidos em SP e outros 2 nascidos na cidade.

aos dados de conversação, totalizando 2.520 ocorrências. A distribuição da variável nesse subconjunto se apresenta no quadro 6:

Quadro 6 - distribuição de (-r) no subconjunto de dados

<b>Estilo</b>	<b>N.Totais</b>	<b>N. [-r]</b>	<b>% [-r]</b>
Conversação	1 395	549	39,3%
Depoimento	98	35	35%
Notícia	196	63	32%
Lista de Palavras	831	137	16,6%
Total	2.520	781	31%

Fonte: elaborado pela autora.

As variáveis sociais codificadas neste subconjunto de dados são Gênero, Faixa Etária, Escolaridade, Local de Nascimento e Local de Nascimento dos Pais. Além disso, Falante e Item Lexical são utilizados nas análises estatísticas como efeitos aleatórios.

No que diz respeito às variáveis linguísticas, com base nos critérios estabelecidos por Oushiro (2015), foi realizada uma codificação detalhada do Contexto Fônico Precedente e do Contexto Fônico Seguinte. Em seguida, essas informações foram analisadas em subclasses de segmentos. Para a vogal precedente, utilizaram-se os traços [± alto] e [± anterior], enquanto para o contexto seguinte considerou-se o Ponto C, os traços [± sonoro] e [± contínuo]. Essas variáveis foram utilizadas para examinar possíveis processos de assimilação com a aproximante retroflexa, que tem os traços [- alto], [- anterior], [+ sonoro] e [+ contínuo], em comparação com o tepe.

Em relação ao Ponto de C, tanto o tepe quanto o retroflexo são classificados como [+ coronal]. Além disso, foram investigados os efeitos da Tonicidade, da Posição da Sílabas da Classe de Palavra em que (-r) ocorreu. Conforme considera Oushiro (2015), em caso de processo de enfraquecimento (Callou et al., 1996, 2002), é provável que ocorra favorecimento da aproximante retroflexa em sílabas átonas, particularmente em posição final e em palavras mais gramaticais, como conjunções, preposições e marcadores conversacionais.

Com base nos resultados observados na literatura, espera-se que a variante retroflexa seja favorecida por pessoas que não nasceram na cidade de São Paulo ou que são filhas de pais

migrantes, do gênero masculino, com menor nível de escolaridade e mais jovens. No que diz respeito às variáveis linguísticas, espera-se que, alinhados aos resultados encontrados por Oushiro (2015) na amostra geral da cidade de São Paulo, os padrões encontrados na EZS sejam distintos daqueles que se explicam por processos de enfraquecimento.

Por uma questão de ortogonalidade dos dados, Classe Morfológica<sup>67</sup> e elementos do Contexto Fônico Seguinte<sup>68</sup> não são incluídos nos mesmos modelos. Os resultados dos testes estatísticos são reportados nas tabelas a seguir:

**Tabela 3-** Resumo dos resultados do modelo Análise de regressão (de efeitos mistos) de (-r) para Classe Morfológica (N = 2520) (Intercepto = -1.0661)

Efeitos fixos	Estimativa	Desvio Padrão	valor z	valor p
Classe Morfológica				
Adjetivo (v. referência)				
Advérbio	0.018	0.759	0.024	0.980
Conjunção	-0.577	0.658	-0.876	0.381
Preposição	-0.842	0.771	-1.093	0.274
Substantivo	0.778	0.243	3.200	0.001 **
Verbo	0.687	0.302	2.273	0.023 *

Modelo: VD ~ CLASSE.MORFOLOGICA + (1 | PARTICIPANTE) + (1 | ITEM.LEXICAL)

<sup>67</sup> A variável Classe Morfológica não apresenta uma relação ortogonal com Tonicidade (uma vez que conjunções e preposições- são sempre átonas) e com Posição do Contexto Fônico Precedente (conjunções e preposições possuem sempre um traço de anterioridade). No que se refere ao Contexto Fônico Seguinte, a relação também não é ortogonal devido à conjunção, que ocorre apenas com traço [-sonoro] e à preposição, que ocorre apenas quando seguida por pausa.

<sup>68</sup> Não há ortogonalidade entre Contexto Fônico Seguinte e "posição", pois toda ocorrência em posição final é seguida por pausa.

**Tabela 4** - Resumo dos resultados do modelo Análise de regressão (de efeitos mistos) de (-r) para Contexto Fônico Seguinte (N = 2520) (Intercepto = -1.3290)

Efeitos fixos	Estimativa	Desvio Padrão	valor z	valor p
Sonoridade do Contexto Fônico Seguinte				
[- sonoro] (v. referência)				
[+ sonoro]	0.6024	0.1685	3.574	<0.001 ***
Passagem do ar na sonoridade do Contexto Fônico Seguinte				
[- contínuo] (v. referência)				
[+ contínuo]	0.4290	0.1983	2.163	0.030 *
Ponto de articulação do Contexto Fônico Seguinte				
[- coronal] (v. referência)				
[+ coronal]	0.6440	0.1806	3.567	<0.001 ***

Modelo: VD ~ SONORIDADE.CONT.FON.SEG + CONTINUO.CONT.FON.SEG + PONTO.CONT.FON.SEG + (1 | PARTICIPANTE) + (1 | ITEM.LEXICAL)

Para Classe Morfológica, há favorecimento do retroflexo em substantivos ( $p = 0.001$ ) e verbos ( $p = 0.023$ ) (palavras menos gramaticais), em relação ao *Intercept* (adjetivo). Para Contexto Fônico Seguinte, o traço de sonoridade também se mostra relevante, favorecendo o retroflexo quando seguido de consoantes com os traços [+sonoro] ( $p = <0.001$ ) e [+ contínuo] ( $p = 0.030$ ), em relação ao nível de referência. Com relação ao Ponto C, também há favorecimento de retroflexo quando seguido por consoante [+ coronal] ( $p = <0.001$ ). Tais resultados assemelham-se àqueles encontrados por Oushiro (2015), em que o retroflexo é mais favorecido em palavras menos gramaticais (verbos/advérbios; substantivos/adjetivos) e em caso de Ponto C [+ coronal] no Contexto Fônico Seguinte. Contudo, os resultados desta amostra indicam uma maior tendência de assimilação de (-r) com a consoante seguinte, uma vez que a variante retroflexa compartilha as três características selecionadas como estatisticamente significativas, isto é, [+ sonora], [+ contínua] e [+coronal].

Com relação ao Contexto Fônico Precedente, Tonicidade e Posição, os resultados do teste de regressão são ilustrados na tabela a seguir:

**Tabela 5-** Resumo dos resultados do modelo Análise de regressão (de efeitos mistos) de (-r) para Posição, Tonicidade e Contexto Fônico Precedente

(N = 2520)

(Intercepto = 0.001)

Efeitos fixos	Estimativa	Desvio Padrão	valor z	valor p
Posição da sílaba				
Final (v. referência)				
Medial	-0.306	0.287	-1.064	0.287
Tonicidade				
Átona				
Tônica	0.391	0.194	2.011	0.044 *
Posição do Contexto Fônico Precedente				
[- anterior] (v. referência)				
[+ anterior]	0.401	0.185	2.161	0.030 *
Sonoridade do Contexto Fônico Precedente				
[- alto]				
[+ alto]	-0.824	0.198	-4.147	<0.001***

Modelo: VD ~ POSICAO + TONICIDADE + POSICAO.CONT.FON.PREC + SONORIDADE.CONT.FON.PREC + (1 | PARTICIPANTE) + (1 | ITEM.LEXICAL)

No que diz respeito ao Contexto Fônico Precedente, o retroflexo é favorecido quando a Posição é [+ anterior] ( $p = 0.030$ ) e desfavorecido quando a Sonoridade é [+ alta] ( $p = < 0.001$ ), o que equivale a dizer que a pronúncia retroflexa é favorecida quando o (-r) é precedido por vogal [-alta]. Tal resultado, assim como aquele encontrado por Oushiro (2015), sugere algum grau de influência do Contexto Fônico Precedente com relação ao (-r), ainda que menor do que aquela desempenhada pelo Contexto Fônico Seguinte, uma vez que o retroflexo se caracteriza como um segmento [- alto] e [- anterior]. Sobre Tonicidade, também como nos resultados encontrados por Oushiro (2015), há favorecimento do retroflexo em sílabas tônicas ( $p = 0.0443$ ). Um resultado diferente daquele encontrado por Oushiro (2015) está no fato de que, aqui, Posição na palavra não tem efeito sobre (-r).

Em linhas gerais, as variáveis linguísticas que se demonstraram estatisticamente significativas não se alinham às características do processo de enfraquecimento de (-r) descrito por Callout et al. (1996, 2002), visto que a variante retroflexa não é favorecida em sílabas átonas, em posição final e em palavras mais gramaticais. Adicionalmente, os resultados

demonstram alto grau de assimilação entre (-r) e o Contexto Fônico, o que sugere que os padrões encontrados no EZS estejam mais alinhados ao processo de retroflexão proposto por Rennick (2011) e também encontrados por Oushiro (2015) com relação à cidade de São Paulo.

Quanto às variáveis sociais, assim como se observa na tabela a seguir, nenhuma delas se correlaciona a (-r):

**Tabela 6** - Resumo dos resultados do modelo Análise de regressão (de efeitos mistos) de (-r) para as variáveis sociais  
(Intercepto = -0.167)

<b>Efeitos fixos</b>	<b>Estimativa</b>	<b>Desvio Padrão</b>	<b>valor z</b>	<b>valor p</b>
Gênero				
Feminino (v. referência)				
Masculino	-0.197	0.571	-0.346	0.729
Faixa Etária				
1ª (v. referência)				
2ª	-0.251	0.696	-0.362	0.718
3ª	-1.098	0.731	-1.502	0.133
Escolaridade				
Ensino Médio (v. referência)				
Ensino Superior	-0.361	0.560	-0.644	0.519
Nascido em São Paulo				
Não (v. referência)				
Sim	0.374	1.156	0.324	0.746
Pais nascidos em São Paulo				
Não (v. referência)				
Sim	0.155	0.640	0.243	0.808

Modelo: VD ~ GENERO + FAIXA.ETARIA + ESCOLARIDADE + NASCIDO.EM.SP + (1 | PARTICIPANTE) + (1 | ITEM.LEXICAL)

Nenhuma das expectativas relacionadas à associação entre as variáveis sociais e a distribuição de (-r) no EZS se confirmou, o que sugere que a distribuição da variável se dá de modo uniforme entre os falantes da região. Nesse ponto, é importante fazer algumas ponderações com relação às diferenças entre os resultados encontrados nesta amostra, relativa ao EZS, e aqueles reportados por Oushiro (2015), referentes à cidade de São Paulo de modo geral.

Enquanto nos dados referentes a SP a variante retroflexa é favorecida por falantes do sexo/gênero masculino e com menor nível de escolaridade, o que seriam dois indícios de estigma relacionados ao retroflexo (uma vez que, de acordo com a literatura, mulheres e pessoas mais escolarizadas tenderiam a desfavorecer formas desprestigiadas), o mesmo não ocorre na amostra do EZS. Isso pode ser compreendido como uma pista de que, diferentemente do restante da cidade, o EZS não associa a pronúncia retroflexa a desprestígio.

Outra variável que pode contribuir para essa compreensão é o Estilo, visto que não se observa uma diminuição gradual do uso da variante retroflexa entre os estilos de fala. Do menos monitorado até o mais monitorado (conversa o: 39,3%, leitura de depoimento: 35%, leitura de notícia: 32% e lista de palavras: 16,6%), s  h  de fato um decréscimo substancial no uso da variante retroflexa na leitura da lista de palavras, o que sugere que, ainda que seja possível inferir algum nível de estigma associado   variante retroflexa, ela parece ser desfavorecida apenas no estilo de fala mais monitorado possível.

Avançando na análise, há dois elementos principais que, embora se apresentem como relevantes para a distribui o geral de (-r) na cidade de São Paulo, são elementos não variáveis na amostra do EZS: Mobilidade e Região de Residência. Um dos critérios para a constru o da presente amostra consistiu na sele o de falantes que morassem no EZS a maior parte de suas vidas, de modo que baixa mobilidade   um elemento compartilhado por todos os participantes da amostra. Além disso, o EZS   uma região situada justamente na periferia da cidade. Uma vez que tanto baixa mobilidade quanto região de residência em áreas periféricas se revelaram relevantes no estudo de Oushiro (2015), favorecendo a variante retroflexa, seria de se esperar que houvesse uma taxa de retroflexo no EZS substancialmente maior do que aquela encontrada para a cidade como um todo, o que não se confirmou.

Além disso, nos achados de Oushiro (2015), apesar de se constatar uma varia o estável nos dados gerais da cidade de SP, quando se analisam especificamente os dados referentes   periferia, percebe-se uma mudança em tempo aparente a favor da variante retroflexa. Os achados na amostra do EZS, contudo, alinham-se nesse sentido aos padrões gerais paulistanos, uma vez que Faixa Etária não   uma variável significativa na distribui o de (-r), evidenciando um caso de varia o estável entre os falantes do EZS.

Adicionalmente ao fato de que a variável, no EZS, se encontra em um estágio de mudança similar ao paulistano, a taxa geral da variante retroflexa encontrada nesta amostra se aproxima àquelas encontradas por outras pesquisas que analisaram a variável (-r) na cidade de São Paulo. Como é possível observar no quadro a seguir, apenas os resultados referentes aos falantes das regiões centrais e de classes sociais mais altas da amostra analisada por Mendes (2010) apresentam uma taxa substancialmente menor do que a média geralmente encontrada em dados de fala da cidade de São Paulo:

Quadro 7- resultados dos diferentes estudos sobre (-r) na cidade de São Paulo

	<b>Mendes (2010)</b>	<b>Mendes e Oushiro (2011)</b>	<b>Mendes e Oushiro (2013)</b>	<b>Oushiro (2015)</b>	<b>Esta análise</b>
Tamanho e estratificação da amostra	24 falantes Sexo/Gênero Faixa Etária Escolaridade	48 falantes Sexo/Gênero Faixa Etária Escolaridade	102 falantes Sexo/Gênero Faixa Etária Escolaridade Região	118 falantes Sexo/Gênero Faixa Etária Escolaridade Região	31 falantes Sexo/Gênero Faixa Etária Escolaridade
Taxa de retroflexo	12%	31%	33%	28,3 %	31%
População	Moradores das regiões centrais	São Paulo	São Paulo	São Paulo	Moradores do Extremo da Zona Sul
Análise em tempo aparente	Mudança em favor do tepe	Variação estável	Mudança em favor do retroflexo	Variação estável	Variação estável

Fonte: elaborado pela autora a partir de Oushiro (2015).

Também a pesquisa de Silva (2016), apesar de não ter sido incluída no quadro por não ser completamente similar às outras em termos metodológicos, encontrou uma taxa de 32% de retroflexo na cidade de São Paulo. O conjunto desses estudos permite dizer que a variante retroflexa ocorre em aproximadamente 30% dos casos na capital paulista.

Nesse sentido, haja vista os resultados encontrados por Mendes (2010) e o fato de que, de acordo com os dados analisados por Oushiro (2015), o retroflexo é gradualmente desfavorecido pelas classes sociais mais altas, seriam estes grupos que se distanciariam dos padrões gerais da cidade, e não os falantes do EZS. Esses resultados alinham-se a alguns dos

comentários metalinguísticos analisados anteriormente, que associam a variável (-r) à região de moradia e classe social (cf. trechos 11, 17 e 18). Desse modo, moradores das classes médias e mais altas, que vivem em áreas mais centrais e que aspiram incorporar certas noções de “urbanidade” seriam aqueles que (conscientemente ou não) buscariam se afastar da variante retroflexa, em termos análogos aos descritos por Amadeu Amaral sobre a relação entre o “dialeto capira” e aqueles que “se acham, por educação ou posição social, menos em contato com o povo rude”. Partido dessa compreensão, é possível dizer que a variável (-r) parece se constituir como um estratificador de classes sociais na cidade de São Paulo.

## 5. A variável Concordância Nominal

A variação de Concordância Nominal de Número (CN, daqui em diante) é um traço gradual (Bortoni-Ricardo, 1998) do Português Brasileiro (PB) e um dos fenômenos mais analisados pela literatura especializada. Baseando-se nos termos propostos por Scherre (1988, 1991, 1994) a maioria dos estudos concentra-se em análises atomísticas (que analisam cada vocábulo do sintagma) e não atomísticas (que consideram os Sintagmas Nominais enquanto unidade). Nesta pesquisa, a análise dos Sintagmas Nominais (SNs) situa-se na abordagem não atomística (ou sintagmática). Tal escolha se deve a dois elementos principais. O primeiro deles consiste no fato de que, embora Oushiro (2015) tenha realizado os dois tipos de análise com relação aos dados da comunidade paulistana, não encontrou diferenças substanciais entre seus resultados. Já o segundo, diz respeito aos argumentos formulados por Lucchesi e Dália (2020) em favor das análises com abordagem sintagmática. Os autores defendem que, embora a análise atomística possa oferecer uma visão detalhada da distribuição das marcas de plural nos constituintes do SN, o fenômeno de ocorrência ou não de marcas de concordância relaciona-se, em última análise, ao nível sintagmático. Assim, a variável CN apresenta duas possibilidades de ocorrência na codificação desta amostra: (i) concordância nominal padrão (CNP), em que todos os elementos do SN apresentam marca de plural, como no exemplo (1) e (ii) concordância nominal com marca zero (CN-Ø), em que ao menos um elemento flexionável do SN não apresenta marca de plural, como nos exemplos (2) e (3).

- (1) Os bairros mais distantes
- (2) Muitas pessoas batalhadoraØ
- (3) Aqui passam vários carros bonitoØ

Diferentemente das variáveis (EN) e (-r), apresentadas nos Capítulos 3 e 4, CN está fortemente associada às noções de certo e errado presentes no contexto escolar e demais locais de reprodução das regras gramaticais reguladas pela norma padrão (Bagno, 2003). Embora a norma padrão não se constitua como o falar próprio de nenhum grupo social, mas, acima de tudo, uma abstração, é utilizada frequentemente como instrumento de estigmatização dos

falares de grupos minorizados. Contudo, ainda que diversos estudos demonstrem a correlação entre a utilização de marca zero de concordância (CN-Ø) e menor escolaridade (p. ex, Carvalho, 1997; Scherre & Naro, 1998; Andrade, 2003; Camacho, 2016, entre outros), a variação de CN ocorre nos padrões de produção sociolinguística de todos os segmentos sociais.

Para além da dicotomia entre “certo” e “errado”, fatores como situação estilística (nos termos de Labov, 2006[1966], 2008[1972]) podem influenciar na variação de CN, uma vez que mesmo falantes mais escolarizados possam fazer uso de CN-Ø em contextos mais informais (ver, p.ex., Rosa, 2016). Outras pesquisas, voltadas para análise de estilo relacionados a construção de *personas* no contexto de Comunidades de Práticas (Eckert & McConnell-ginet, 2010 [1992]; Wenger, 1998) observam usos de CN-Ø como um recurso de filiação a determinados grupos dentro do contexto escolar (mais especificamente aos “funkeiros” em Samolão-Conchalo, 2015), como um índice de identidade jovem (em Rodrigues, 2021) e como uma estratégia de expressão de empoderamento racial nas performances de artistas da cena do *hip-hop* (em Cerqueira, 2020). Em cada um dos estudos, a marca zero de plural também se associa ao construto de pertencimento à comunidade de práticas.

No que diz respeito a sexo/gênero, alguns estudos identificaram o favorecimento da marca zero entre falantes homens (p.ex., Scherre & Naro, 1998; Andrade, 2003 – com relação a Tubarão, SC), mas esse padrão não se repete em todas as comunidades (p.ex., Carvalho, 1997; Andrade, 2003 – com relação a São Borja, RS; Wagner, 2004). Em todos esses estudos, a análise em tempo aparente sugere um quadro de variação estável

Com relação às variáveis linguísticas, como Oushiro (2015) já descreve em seu trabalho, alguns resultados são bastante recorrentes. Posição do vocábulo relativamente ao núcleo do SN parecer ser uma tendência não só do PB como também de outras variedades do Português (Brandão, 2013), de modo que posições pré-nucleares (como seria o caso de “os seus” em “os seus vizinhos”) tendem a ser mais propícias à marcação de plural (Scherre, 1998; Brandão & Vieira, 2012). Animacidade do núcleo do sintagma também se demonstra uma variável preditora produtiva, uma vez que SNs com traço [-humano] (como “as canetas” ou “os animais”) tendem a desfavorecer a marcação explícita de plural.

Por fim, uma das variáveis linguísticas mais recorrentes nos estudos diz respeito ao Paralelismo (Scherre & Naro, 1982, Scherre, 1998, 2001), que analisa os padrões de concordância de elementos em uma sequência (sejam eles os vocábulos de um SN, no caso de uma análise atomística, ou a sequência de SNs, no caso de uma análise sintagmática). Em linhas gerais, os resultados encontrados pela literatura demonstram o favorecimento de repetição de padrões: ocorrências precedidas por outros SNs (ou vocábulos) com marca zero favorecem CN-Ø e ocorrências precedidas por CNP favorecem CNP (p.ex., Antonino, 2013; Almeida, 2015; Camacho, 2016).

Apesar de, como se argumenta, CN ser uma das variáveis mais estudadas no PB, a primeira pesquisa que se dedicou a descrever padrões gerais de variação de CN na comunidade paulistana foi a de Oushiro (2015). Seus resultados se alinham àqueles frequentemente encontrados pela literatura com relação à Saliência Fônica e Paralelismo, sendo a variante CN-Ø favorecida quando é a primeira de uma sequência de orações e quando precedida por marca zero. Já Animacidade, contrariamente ao que é tradicionalmente encontrado por outras pesquisas, demonstra favorecimento da marca zero em SNs com traço [+humano]. Em relação às variáveis sociais, não há diferença significativa entre as Faixas Etárias, o que demonstra um quadro de variação estável na cidade. Contudo, Classe Social e Sexo/Gênero demonstram ser aquelas mais associadas a variação de CN, sendo a marca zero favorecida por falantes de classes sociais mais baixas e do sexo/gênero masculino. A diminuição nas taxas de ocorrência de CN-Ø nos estilos de fala mais monitorados sugerem também a estigmatização da variante. Para além das noções de “certo” e “errado”, os discursos metalinguísticos de seus participantes ilustram ainda uma associação estereotípica da marca zero à cidade de São Paulo. Considerando todos esses aspectos, a autora argumenta que a variante CN-Ø funcionaria na comunidade paulistana como um índice de masculinidade e identidade local.

Já no campo da percepção sociolinguística, Mendes (2018), instigado pelos resultados encontrados por Oushiro (2015) e pela associação entre não cometer "erros gramaticais" e “soar gay”, encontrada em pesquisa preliminar (Mendes, 2007), elaborou um experimento que buscava compreender os efeitos de variação de CN na percepção de masculinidade e paulistanidade. Em suma, quando os falantes foram avaliados como pessoas que soam mais

paulistanas, foram considerados também pessoas mais escolarizadas, mais formais e de regiões mais centrais da cidade. Além disso, os resultados demonstraram que CN-Ø se constitui como um índice indireto de masculinidade.

### 5.1 Avaliações e atitudes sociolinguísticas acerca da marca zero de CN

Embora a variação de CN seja um elemento compartilhado por todas as regiões do país, não é incomum que a marca zero de plural seja associada por determinados discursos à cidade de São Paulo. Em sua pesquisa, Oushiro (2015) menciona como um dos exemplos desses discursos uma matéria do jornal carioca O Globo, em que a expressão “Um chopes, dois pastel” é utilizada como título da publicação com indicações de bares em São Paulo:

Figura 9 - reportagem O globo (CN)



Fonte: Oushiro (2015)

A pesquisadora menciona ainda uma matéria do jornal Folha de São Paulo que noticia a respeito de um Projeto de Lei que propõe a instituição do “mooquês” como patrimônio imaterial de São Paulo. Nela, a então presidente da associação de moradores do bairro da Mooca faz uma ressalva com relação à atribuição de marca zero de plural ao falar das pessoas do bairro:

*“Fico maravilhada com a ideia”, afirma Crescenza Giannoccaro de Souza Neves, presidente da Associação Amo a Mooca. Ela faz, porém, uma ressalva sobre uma característica atribuída ao modo de falar dos moradores do bairro: a falta de “s” nos plurais. “Os imigrantes, quando chegaram, tinham dificuldade de dizer os*

*plurais, pois era diferente da língua deles. Nós, descendentes, também falamos cantado, mas usamos bem os plurais.”*

(Fonte: Folha de São Paulo online. 05 jun./2011, apud Oushiro, 2015)

Mediante tais associações, o Projeto SP2010, a fim de buscar avaliações sobre a marca zero de concordância, incorporou ao seu roteiro de entrevista a pergunta “O que você acha desse modo de falar ‘me vê dois pastel e um chopes’?”. Nas entrevistas da amostra analisada por Oushiro (2015), poucos participantes não elaboraram algum tipo de comentário metalinguístico sobre concordância nominal.

Entre as noções mais frequentes nas respostas dos participantes, estão “paulistano”, “menos-escolarizados” e “errado”. Outros afirmam que a associação entre a marca zero e paulistano se trataria mais de um estereótipo do que de uma descrição de práticas reais. Ainda que menos frequentes, outros comentários associaram a variante às regiões da Mooca e do Tatuapé, bem como à vinda de imigrantes italianos para a cidade.

Como se explica no Capítulo 2, a mesma pergunta foi feita para os participantes desta pesquisa. É interessante perceber que, enquanto noções como “paulista(no)”, “erro” e “estereótipo” também apareçam nas respostas dos falantes do EZS, comparativamente às respostas analisadas por Oushiro (2015), as associações entre a variante CN-Ø e bairros da cidade conhecidos por imigração italiana são bem menos frequentes. Na nuvem de palavras a seguir, é possível visualizar as noções mais frequentes nos discursos metalinguísticos dos participantes:

Figura 10 - Nuvem de palavras sobre CNØ



Fonte: elaborada pela autora

Na verdade, mesmo os dois comentários que mencionam os bairros da Mooca e do Brás, respectivamente, relativizam tal associação:

- (1) *Documentadora: e o que você acha dessa coisa do "me vê dois pastel e um chopes"?*  
*Rosa: ah eu acho que isso é muito estereotipado... eu não vejo as pessoas falando assim não...*  
*Documentadora: é um estereótipo do quê?*  
*Rosa: eu acho que tem a ver com esse sotaque idealizado do paulistano da Mooca, sabe? "ô, meu, me vê um chopes"... a gente pede "dois pastel" mesmo... não conheço ninguém que fala "um chopes". (SIF)*
- (2) *Documentadora: e o que que você acha desse outro jeito de falar "me vê dois pastel e um chopes"?*  
*Dandara: "dois pastel e um chopes", isso é coisa de gente do Brás, né?! Pelo menos é o que falam. Assim, é a mística que se tem sobre o Brás, né?! Que eles são meio... eles têm um sotaque que vem de fora e misturou com São Paulo e eles são especiais... E eles falam assim... Para você ver, se a gente olhar esse sotaque do Brás do Bixiga, na verdade, eles falam errado. Só que a gente não acha feio. E a periferia também fala errado quando tira os plurais, só que daí condenam "ah, olha aí, (es)tá vendo a analfabeta".*  
*Documentadora: você acha que o mesmo tipo de coisa acaba tendo valor diferente?*  
*Dandara: Claro. Você entende que é o jeito da cultura daquela pessoa falar, mas se ela estiver falando na periferia, tirando uma letra, aí ela é analfabeta. Agora, não, se está na zona central, não. "Mas isso é da cultura dele. Imagina, ele sabe escrever. Se ele for escrever, ele vai escrever direitinho. É que é o jeito dele falar". (SIF)*

No comentário ilustrado no trecho 1, Rosa diz que esse seria um estereótipo do sotaque “idealizado” da Mooca. Embora afirme que um coletivo de pessoas a que se inclui (“a gente”) faça uso de construções como “dois pastel”, afirma não conhecer ninguém que fale “um chopes”.

No trecho 2, Dandara atribui a frase às pessoas do Brás, mas logo em seguida esclarece que reconhece nessa atribuição uma “mística” criada a respeito do Brás, de que seus moradores misturariam um “sotaque que vem de fora”, o que os tornaria “especiais”. A participante então faz uma reflexão sobre os diferentes valores atribuídos à marca zero de plural a depender de qual região/grupo social o falante pertença. Em sua perspectiva, quando essa forma linguística é associada às pessoas do Brás e do Bixiga, é considerada como parte da “cultura” desses falantes. Quando a marca zero é associada ao falar da periferia, é tida como uma prova de ignorância e analfabetismo. Entre outras palavras, na visão de Dandara, os julgamentos acerca de CN-Ø se relacionariam, sobretudo, ao grupo de falantes a que se fala a respeito. Quando

associada aos falantes de bairros conhecidos pela imigração italiana<sup>69</sup>, assume-se, portanto, que o uso da marca zero seria uma questão estilística (nos termos de Eckert, 2000) e não produto de ignorância desses falantes sobre as regras da gramática normativa. Já quando associada às pessoas da periferia, relaciona-se a marca zero à baixa escolaridade e falta de acesso ao conhecimento formal.

Como se observa na nuvem de palavras, a associação entre a marca zero e bairros específicos da cidade de São Paulo não é tão frequente entre as respostas dos participantes da amostra. No entanto, embora a noção predominante nas respostas refira-se à “paulista(no)s”, nem sempre as respostas que evocam essa noção relacionam a variante aos paulistanos de modo geral. No trecho 3, a seguir, embora a participante reconheça na sentença-alvo algo “bem paulistano”, não se inclui às pessoas que se utilizam da marca zero de plural e, em seguida, relaciona a variante a um grupo social mais específico:

- (3) *Documentadora: e o que que você acha desse outro jeito de falar aqui oh "me vê dois pastel e um chopes"?*  
*Eliane: é bem paulista. Bem paulistano, né?! Mas eu não falo "me vê dois pastel". Eu falo "me vê dois pastéis".*  
*Documentadora: você acha que é uma coisa das pessoas da cidade de São Paulo mesmo?*  
*Eliane: é dos correriaØ, dos motoqueiroØ, dos cachorroØ lo(u)coØ. (M2F)*

É interessante perceber que, além de associar a variante àqueles que ela define como “correrias”, “motoqueiros” e “cachorros loucos”, ela faz um uso estratégico da marca zero para se referir a essas figuras sociais. Tal figura evocada pela participante se assemelha àquela estudada por Lucca (2017), que analisou o canal do youtube “Motoka Cachorro”. Apesar de Lucca não analisar especificamente a variável CN, por meio de uma rápida conferida no canal

---

<sup>69</sup> Embora o Bixiga seja comumente mencionado como um ícone da imigração italiana em São Paulo, tal região é habitada pela população negra desde muito antes da chegada dos italianos. Durante muito tempo, o Bixiga poderia ser considerado um bairro ítalo-africano, composto predominantemente por italianos da Calábria e negros ex-escravizados que foram trazidos para o país. Ainda que atualmente nenhuma das duas populações continue sendo numericamente predominante na região, o contato entre ambas deixou uma marca duradoura nas tradições culturais locais (um dos exemplos disso diz respeito aos eventos organizados pela Pastoral Afro da Igreja Nossa Senhora Achirópita, que combina elementos do catolicismo, candomblecismo e da umbanda). Apesar desse histórico, as narrativas mais famosas a respeito da história de São Paulo frequentemente apagam a participação da população negra na construção das regiões prestigiadas da cidade, em prol de um imaginário ítalo-paulistano embranquecido (cf. Borges, 2013; Nascimento, 2016). Quando a participante Dandara menciona o morador do Bixiga, ele se situa justamente dentro desse imaginário, antagônico ao “periférico”, não reivindicado por essa narrativa de origem.

em questão, é possível observar o uso de CN-Ø já nos títulos de diversos vídeos publicados, como, por exemplo, aqueles intitulados "Quebrando os particularØ de mottu"<sup>70</sup> e "Saí pra manda uns grauØ, mas olha no que deu"<sup>71</sup>. Nesse sentido, é possível dizer que o comentário de Elaine (trecho 3), associa CN-Ø aos recursos linguísticos e textuais-discursivos manipulados pelos sujeitos na construção de um "estilo de um" tipo específico de "(...) paulistano, trabalhador das camadas populares" (Lucca, 2017, p. 175).

Um número considerável dos comentários, por outro lado, associa a marca zero de plural a um falar geral da cidade de São Paulo:

- (4) *Documentadora: o que você acha desse outro jeito de falar aqui "me vê dois pastel e um chopps"?*  
*Aida: o que eu já ouvi falar é que é coisa de quem mora em São Paulo*  
*Documentadora: você acha que você fala assim?*  
*Aida: eu acho que sim.. É. Eu acho que essa dificuldade do plural é real nossa. (S1F)*
- (5) *Documentadora: e o que que você acha dessa desse jeito de falar "me vê dois pastel e um chopps"?*  
*Paulo: aiai (risos) ah, aqui a gente fala um pouco assim, né? O paulista parece... tem até uma piada, que eu ouço bastante, por isso eu dei risada. Mas é que essa questão do plural às vezes a pessoa corta mesmo, coisa de paulistano. (S2M)*
- (6) *Documentadora: e essa frase "me vê dois pastel e um chopps"?*  
*Hilda: muito paulistana também. E a gente come muito o plural quando a gente vai pedir, é... o dobro... "duas coca"... mas isso isso é bem geral, tá?! Pelo menos nos lugares que eu vi, eu todo canto eu observo muito isso "ah, dá duas cerveja" "dá duas... é, duas... cerveja"... Eu falo que brasileiro tem problema com plural porque a gente sabe que se é se é dois não é "são", mas a gente fala "é dois", então "dois pastel e um chopps é muito paulista. Eu já falei isso várias vezes, inclusive. (S2F)*

Embora todos eles reconheçam a marca zero de plural como uma característica do falar paulistano, no trecho 6, Hilda chama a atenção para o caráter gradual desse fenômeno, ao dizer que "brasileiro tem problema com plural".

A participante Michele, por outro lado, associa a marca zero de plural ao distrito do EZS em que reside, mas demonstra estranhamento com a forma "um chopps":

- (7) *Documentadora: o que que você acha desse jeito de falar aqui oh "me vê dois pastel e um chopps"?*  
*Michele: ah, eu acho que eu já ouvi aqui... mas é a galera zoando aqui, né?!*  
*Documentadora: é? Você acha que é mais uma zoeira?*  
*Michele: "dois pastel" é até comum a gente ouvir no Grajaú, porque as pessoas vão pedir o pastel e elas podem pedir "dois pastel". Mas "chopps", não. Eu ouvi muito aqui a galera falando assim "a gente tomou*

<sup>70</sup> Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=EGdz\\_h1uC60](https://www.youtube.com/watch?v=EGdz_h1uC60) >. Acesso em: 26 maio 2023.

<sup>71</sup> Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=JFJeMbO3Tlo> >. Acesso em: 26 maio 2023.

*um choppizinho"... é... eu não sei, né?! Mas "um chopos" parece mais algo que a pessoa fala de brincadeira e não pra valer. (M1F)*

Poucos são os casos, como o que ocorre no comentário a seguir, em que os participantes não tecem comentários sobre a variante:

- (8) *Documentadora: vou falar outra frase aqui pra você me dizer o que acha do jeito que eu vou falar "me vê dois pastel e um chopos"*  
*Victor: simples, né?! Você (es)tá fazendo um pedido de alimento "me vê dois pastel e um chopps". Então existe aquela coisa, é a maneira prática de transmitir o recado de que você quer comer dois pastéis. Agora, se a pessoa leva no pé da letra, responde "tô vendo". (M3M)*

Tais comentários sugerem que a maioria dos participantes revela ter consciência sobre a variável em questão. Além disso, embora esta seja uma variável regulada por mecanismos normativos da língua, como compêndios gramaticais e a instituição escolar, para além das concepções de “certo”/“errado”, a variável parece se associar a outros significados sociais. Em alguns casos, apresenta-se como um estereótipo (Labov, 1972) associado aos paulistanos ou a tipos específicos de paulistano. Em outros, como um marcador (Labov, 1972) de classe (como sugere o comentário de Dandara, e, mais indiretamente, o de Eliane). Em linhas gerais, tal fenômeno variável parece desempenhar um papel distintivo na identificação do perfil social dos falantes.

## 5.2 Análise multivariada

Quadro 8- distribuição de CN no subconjunto de dados

<b>Estilo</b>	<b>N. Totais</b>	<b>N. CN-Ø</b>	<b>% CN-Ø</b>
Conversação	1.108	252	22,7%
Depoimento	288	25	8,6%
Notícia	519	34	6,5%
Total	1.915	311	16,2%

Fonte: elaborado pela autora.

Nos termos de Oushiro (2015), a análise a seguir considera apenas a ocorrência de SNs em estilo conversacional. Para o contexto pós-nuclear considerou-se a existência ou não de palavras em posição pós nuclear. Com relação contexto pré-nuclear, analisou-se a classe morfológica da primeira palavra do SN (artigo definido, numeral, possessivo etc.)

Quadro 9 - Variáveis linguísticas da análise de (CN-SNs)

Número de Palavras	duas: “os meninos” três: “os meus filhos” quatro: “umas coisas meio estranhas” cinco: “as coisas muito mais intensificadas”
Classe Morfológica do Primeiro Elemento Pré-nuclear	artigo indefinido: “uns meninos” artigo definido: “os meninos” demonstrativo: “essas coisas todas” numeral: “duas pessoas” possessivo: “meus irmãos” adjetivo: “melhores condições” quantificador indefinido: “alguns erros” “todos/todas”: “todas essas pessoas” substantivo: “pessoas bonitas”
Configuração Sintagmática Pós-Nuclear	com posições pós-nucleares: “as pessoas mais velhas” sem posições pós-nucleares: “as pessoas”
Animacidade do SN	[+humano]: “os professores” [-humano]: “as coisas”
Paralelismo Sintático (5 orações precedentes)	primeiro de uma série precedido por SN com CN-Ø precedido por SN com CN-E
Sintagma Nominal	(efeito aleatório)

Fonte: Oushiro (2015).

Inicialmente, todas as variáveis foram inclusas em um modelo estatístico de regressão. Posteriormente, em virtude dos resultados dos testes de significância do modelo, excluíram-se as variáveis Animacidade e Número de Palavras<sup>72</sup>. Por não haver ortogonalidade entre Classe Morfológica e as demais variáveis predictoras, criou-se um modelo a parte para analisar a variável. Como, inicialmente, não houve diferença significativa entre as classes morfológicas, elas foram reagrupadas aos moldes de Oushiro (2015).

Além disso, considerando que CN se demonstra sensível à escolarização e que, inicialmente não houve diferença significativa com relação à escolaridade (originalmente estratificada em “até ensino médio” e “ensino superior completo”) em sua distribuição, essa variável social foi recodificada em “ensino fundamental” (falantes com até o ensino fundamental II completo), “ensino médio” (falantes com ensino médio completo) e “ensino

<sup>72</sup> A variável Animacidade, nos dados de Oushiro (2015) demonstra favorecimento da variante CN-Ø em SNs com traço [+ humano] e em outros estudos como o de Brandão e Vieira (2012) demonstram favorecimento da variante CN-Ø em SNs com traço [- humano]. Já Número de Palavras também não se demonstrou como significativa para a amostra analisada por Oushiro (2015).

superior” (falantes com ensino superior completo). Para uma melhor visualização geral da distribuição da variável, os resultados para os dois modelos são apresentados em sequência:

Tabela 7 - Resumo dos resultados do modelo Análise de regressão (de efeitos mistos) de CN para as variáveis preditoras selecionadas  
(N = 1108)  
(Intercepto = -1.273)

<b>Efeitos fixos</b>	<b>Estimativa</b>	<b>Desvio Padrão</b>	<b>valor z</b>	<b>valor p</b>
Faixa Etária				
1ª (v. referência)				
2ª	1.265	0.518	2.441	0.014 *
3ª	1.713	0.559	3.062	0.002 **
Gênero				
Feminino				
Masculino	0.332	0.424	0.782	0.434
Escolaridade				
Ens. Fundamental (v. referência)				
Ens. Médio	-0.855	0.654	-1.306	0.191
Ens. Superior	-1.282	0.615	-2.085	0.037 *
Nascido em São Paulo				
Não (v. referência)				
Sim	-0.641	0.629	-1.019	0.308
Pais Nascidos em São Paulo				
Não				
Sim	-0.085	0.485	-0.177	0.859
Paralelismo				
Precedido por CNE (v. referência)				
Precedido por CNØ	0.945	0.265	3.563	<0.001 ***
Primeiro	0.608	0.199	3.046	0.002 **
Conf. Sintagmática				
Com posição (v. referência)				
Sem posição	-0.627	0.219	-2.851	0.004 **

Modelo: VD ~ FAIXA.ETARIA + GENERO + ESCOLARIDADE + NASCIDO.EM.SP + PAIS.NASCIMENTO + PARALELISMO + CONF.SINTAGMATICA + (1 | PARTICIPANTE) + (1 | SINTAGMA.NOMINAL)

Tabela 8 - Resumo dos resultados do modelo Análise de regressão (de efeitos mistos) de CN para Classe Morfológica (N = 1108) (Intercepto = -1.804)

Efeitos fixos	Estimativa	Desvio Padrão	valor z	valor p
Classe Morfológica				
Adjetivo (v. referência)				
Art Def + Num + Pos.	-0.258	0.957	-0.270	0.787
Art Ind + Demonstrativo	1.076	0.974	1.105	0.269
Quant ind + Tds	-0.089	0.980	-0.091	0.927
Substantivo	-0.380	1.057	-0.360	0.719

Modelo: VD ~ CLASSE.MORFOLOGICA + (1 | PARTICIPANTE) + (1 | SINTAGMA.NOMINAL)

Com relação à Configuração Sintagmática, assim como se encontra em Oushiro (2015), a variante CN-Ø é desfavorecida quando não há posição pós-nuclear, o que equivale a dizer que a marca zero é favorecida quando há elementos pós-nucleares no SN. Tais resultados são consistentes com pesquisas anteriores a respeito de CN que demonstraram que os primeiros elementos da posição no SN são mais favoráveis à CNP e aqueles pospostos ao núcleo do SN apresentam menor retenção de número (Scherre 1988; Fernandes, 1996; Andrade, 2003; Wagner, 2004; Brandão & Vieira 2012; Miranda, 2016).

No que diz respeito ao Paralelismo Sintático, os dados do EZS apresentam padrão similar àquele encontrado em São Paulo (Oushiro, 2015) e outras localidades do país (Scherre & Naro, 1992; Scherre, 1998, 2001): SNs precedidos por outros SNs com marca zero favorecem variante CN-Ø e SNs precedidos por SNs com concordância padrão tendem a desfavorecer a marca zero. Além disso, a variante CN-Ø é favorecida quando o SN se constitui como o primeiro de uma série de cinco orações.

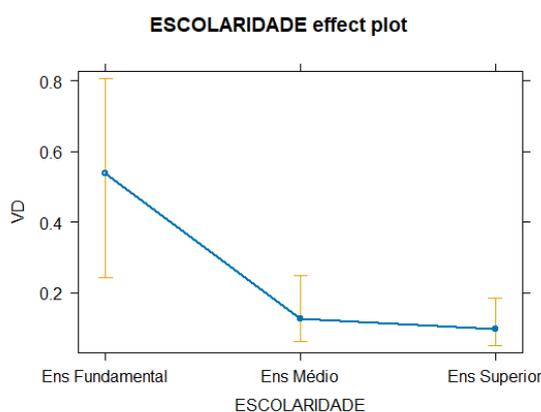
Embora em Oushiro (2015) os SNs iniciados por palavras com o traço semântico [-definido], como artigos definidos e demonstrativos favoreçam a marca zero, a variável não se demonstrou significativa para a presente amostra.

Dentre as variáveis sociais, apenas Faixa Etária e Escolaridade foram selecionadas como significativas para a variação de CN. Relativamente aos falantes com Ensino Fundamental, os falantes com Ensino Superior são aqueles que mais desfavorecem a variante CN-Ø. Esses resultados estão parcialmente em conformidade com os padrões identificados por Brandão e

Vieira (2012), que atestaram que em relação a pluralidade de SN no PB já existe uma norma consolidada em relação a CN e, dentre seus falantes nativos, aqueles com níveis de escolaridade até o fundamental e médio apresentam padrões distintos daqueles com nível superior.

Contudo, ainda que, como se observa no gráfico a seguir, haja um gradual desfavorecimento de CN-Ø conforme aumenta-se o nível de escolaridade, a marca zero só é substancialmente favorecida pelos falantes com até o ensino fundamental:

Figura 11- distribuição de CN- Ø por nível de escolaridade



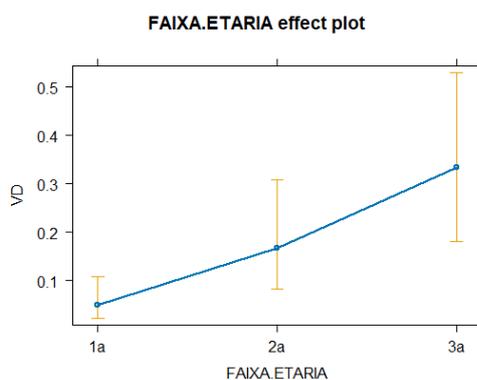
Fonte: elaborada pela autora.

Por outro lado, como indica o teste de regressão, não há uma diferença significativa entre os falantes com até o ensino superior e até o ensino fundamental. Dessa forma, é possível dizer que, de modo similar aos resultados encontrados por Oushiro (2015), quanto menor o nível de escolaridade dos falantes, maior a tendência de usar a variante não padrão de concordância nominal. Diante de resultado similar para a amostra paulistana, a pesquisadora argumenta que tais resultados possam estar correlacionados a um efeito indireto de classe socioeconômica, uma vez que esta variável se demonstra como a mais relevante para a variação de CN na cidade de São Paulo. Visto que falantes com maior escolaridade possivelmente transitem por espaços frequentados por pessoas de classes sociais mais altas e tenham mais possibilidades de acessar algum nível de ascensão social, o desfavorecimento da marca zero entre esses falantes seria consequência da dinâmica de estratificação socioeconômica associada

à variável. Embora classe social não tenha sido uma variável controlada nesta amostra, seu efeito indireto parece se apresentar não apenas para Escolaridade como também para Faixa Etária, a segunda variável social que demonstra estar significativamente correlacionada à variação de CN.

Enquanto os dados referentes à cidade de São Paulo (Oushiro, 2015) apresentam um quadro de variação estável, no EZS a variante com marca zero é desfavorecida pela primeira faixa etária e favorecida pela segunda e terceira faixas etárias. Como se pode observar no gráfico a seguir, a variante CN-Ø parece ser progressivamente desfavorecida à medida que se avança para as faixas etárias mais jovens:

Figura 12- distribuição de CN- Ø pelas Faixas Etárias



Fonte: elaborada pela autora.

Visto que a variação de CN seria um traço distintivo do perfil social dos falantes na cidade de São Paulo, é possível que os falantes da primeira faixa etária (composta por pessoas entre 20 e 34 anos) evitem o uso da variante com marca zero a fim de adequar-se às exigências do mercado linguístico (Bourdieu, 1982). Entre os participantes desta amostra que compõem essa faixa etária, praticamente todos mencionaram durante as entrevistas que se deslocam pela cidade para frequentar suas respectivas universidades e/ou locais de trabalho, localizados predominantemente em áreas mais centrais. Não seria surpreendente que, uma vez que esses participantes, que estão muitas vezes em seus momentos iniciais de carreira profissional,

movimentem-se no sentido de adequar-se à “língua legítima” requerida para acessar determinados espaços sociais que possibilitariam a mobilidade de classe socioeconômica.

Com relação à Gênero Social, a variável não se demonstrou relevante para a distribuição de CN no EZS. Embora diversas pesquisas tenham identificado padrões que sugerem o favorecimento de variantes estigmatizadas por homens e, contrariamente, seu desfavorecimento por parte de mulheres, Oushiro (2020) alerta para o fato de que tais resultados devem ser interpretados com precaução. Isso porque embora tenha se tornado certo “lugar comum” nas pesquisas em sociolinguística a associação entre formas linguísticas estigmatizadas e falantes do gênero masculino, parte importante dessas pesquisas dispuseram de ferramentas de análise estatística que não permitiam a inclusão de variáveis de efeito aleatório nos modelos de análise. Desse modo, não era possível garantir se os resultados obtidos pelos testes diziam respeito à amostra de forma geral ou ao comportamento destoante de alguns poucos falantes que possivelmente estivessem enviesando os resultados. Pesquisas mais recentes que fazem uso de testes estatísticos com efeitos mistos, por outro lado, permitem a adição de “falante” e de outras variáveis aleatórias aos modelos, de modo a garantir que as idiossincrasias dos comportamentos linguísticos individuais não comprometam a visualização de como a distribuição da variável dependente se apresenta na amostra.

Com relação aos dados desta amostra, por exemplo, quando a variável “Falante” não é adicionada ao modelo como efeito aleatório, a variável Gênero é selecionada como correlacionada à CN, sendo a marca zero favorecida por participantes do gênero masculino e desfavorecida por falantes do gênero feminino (cf. Anexo X). Contudo, ao adicionar a variável “Falante” como efeito aleatório, a variável Gênero deixa de ser significativa, o que demonstra que, enquanto esse possa ser um comportamento comum a alguns indivíduos da amostra, não é representativo dos padrões de fala do EZS.

Tais resultados diferem daqueles encontrados por Oushiro (2015), que embora também tenha incluído Falante como variável de efeito aleatório na análise de sua amostra, constatou o favorecimento de marca zero entre homens e seu desfavorecimento entre mulheres, demonstrando que a estratificação de gênero é relevante para a variação de CN nos padrões gerais da cidade de São Paulo.

Nesse sentido, os padrões encontrados no EZS com relação à Gênero diferem-se daqueles encontrados para São Paulo de modo mais geral. Enquanto os trabalhos de Oushiro (2015) e Mendes (2007) revelam uma associação entre marca zero de plural e masculinidade, este não parece ser, à nível de produção sociolinguística, um significado atribuído à variável entre os falantes do EZS.

Por fim, com relação ao status da mudança linguística, se tomado ao pé da letra, o favorecimento da variante padrão pelos falantes da primeira faixa etária sugere uma tendência sociolinguística em favor da variante padrão, o que difere dos padrões encontrados por Oushiro (2015), que indicam um quadro de variação estável na cidade. Três elementos, contudo, podem relativizar a interpretação de que haja uma movimentação em direção à variante padrão no EZS: (i) considerando-se a natureza da variável e as evidências de estudos diversos que indicam a presença de CN-Ø nos falares de pessoas de distintos grupos sociais país afora, não parece fazer tanto sentido pensar na superação da marca zero de plural pela forma padrão; (ii) caso esse padrão se deva a uma movimentação relacionada à aspiração por mobilidade social, não é possível garantir que os participantes mais jovens continuem a morar no EZS e que esse padrão se estabeleça na região; (iii) há, ainda, a possibilidade de mudança dos padrões linguísticos na fala de indivíduos ao longo de suas vidas, considerando os diferentes elementos que passam a fazer parte de seus cotidianos. Nesse caso em específico, por exemplo, considerando que boa parte desses falantes concluíram mais recentemente o curso superior ou o ensino médio ou estão vinculados a uma instituição educacional, e, em sua maioria, estão em momentos iniciais de suas carreiras profissionais, buscando por aceitação do mercado de trabalho, é possível que a proximidade com relação às instituições de educação e o momento da carreira profissional tenham influência no padrão encontrado.

Em síntese, diferente dos resultados encontrados para a cidade de São Paulo (Oushiro, 2015), não parece existir relação entre Gênero e CN, havendo uma distribuição uniforme entre falantes dos gêneros feminino e masculino do EZS. Já os resultados referentes à Escolaridade e, potencialmente, a Faixa Etária sugerem que, ainda que de modo indireto, no EZS, Concordância Nominal se constitua como uma variável estratificada, acima de tudo, por classe

socioeconômica, o que confirma os padrões encontrados por Oushiro (2015) para cidade de São Paulo.

## 6. A variável Concordância Verbal

Denomina-se por Concordância Verbal (CV) o fenômeno linguístico morfossintático que diz respeito à correspondência entre sujeito-verbo, seja com relação ao número (se singular ou plural) ou à pessoa do discurso (se 1ª, 2ª ou 3ª pessoa). Neste capítulo, serão abordados os casos de concordância verbal em terceira pessoa do plural (3PP). Em síntese, na língua portuguesa, existem duas possibilidades de ocorrência da variável. Uma delas é a marcação explícita de concordância no verbo, como nos exemplos 1 e 3, e a outra é a marca zero de concordância no verbo, como nos exemplos 2 e 4.

- (1) “Eles falam Tupi”
- (2) “Eles falaØ Tupi”
- (3) “Elas são muito inteligentes”
- (4) “Elas é muito inteligente”<sup>73</sup>

Embora, bem como no caso de concordância nominal de número (cf. Capítulo 5), CV seja alvo de uma série de dispositivos normativos que classificam a marca zero como incorreta e contribuem para sua estigmatização social, ela é uma regra variável que constitui um dos traços graduais do Português Brasileiro (Bortoni-Ricardo, 1998). Justamente por essa característica, a variação de CV é tema de estudos na sociolinguística brasileira desde os primórdios da área no país. Diversos trabalhos a esse respeito começam a ser publicados, sobretudo a partir da década de 1980 (cf. Naro, 1981; Guy, 1981; Bortoni-Ricardo, 1985; Rodrigues, 1987) e, de lá para cá, uma série de elementos linguísticos e sociais têm se demonstrado particularmente produtivos no estudo desse fenômeno.

Com relação aos fatores linguísticos, Saliência Fônica (Naro, 1982) parece ser aquele que mais frequentemente se demonstra relevante na variação de CV. Em linhas gerais, a Saliência Fônica considera a quantidade de material fônico que distingue a forma singular do

---

<sup>73</sup> Ainda que o foco deste capítulo não seja a CN, haja vista o potencial efeito do paralelismo na distribuição das marcas de concordância, parece mais provável que, após utilizar marca zero na CV, o falante aplique a marca zero de concordância no vocábulo “inteligentes”.

seu par no plural (Naro, 1981) e como isso afeta a produção linguística do falante. Para ilustrar o conceito, tome-se como exemplo as sentenças enumeradas no início deste capítulo: enquanto construções como (1) “Eles falam Tupi” e (2) “Eles fala Tupi” apresentam baixa saliência fônica na diferença entre as formas plural e singular do verbo (“falam”/“fala”), construções como (3) “Elas são muito inteligentes” e (4) “Elas é muito inteligente” fazem uso de palavras completamente distintas para as formas plural ou singular do verbo (“são”/ “é”) e são bastante salientes. Em linhas gerais, diversos estudos demonstram que, quanto menor for a diferença fônica na relação singular/plural entre duas formas verbais, mais o uso da marca zero em contextos plurais é favorecido (Rodrigues, 1987; Scherre & Naro, 1998; Anjos, 1999; Monguilhott; 2001; Rubio, 2009; entre outros).

Além disso, de modo similar ao que ocorre com CN, Paralelismo tem se demonstrado um elemento significativo na variação de CV. De modo geral, quando há plural marcado em elemento anterior, é maior a frequência da forma padrão no contexto seguinte – isto é, quando antecedido por outro verbo com marca explícita de plural, mais chances há de o verbo apresentar marca explícita de plural (Vieira, 1995; Monguilhott; 2001; Rubio; 2009; entre outros).

Outros elementos comumente investigados dizem respeito ao sujeito do sintagma. Com relação ao Tipo de Sujeito, construções em que há o sujeito de tipo pronominal (no caso de 3PP, “eles”/ “elas”) parecem favorecer a ocorrência da marca explícita de plural (Rodrigues, 1987). Já no que se refere à Posição do Sujeito, algumas pesquisas demonstram que a presença do sujeito em posição imediatamente anteposta ao verbo aumenta a frequência de marcação explícita de concordância no verbo (Rodrigues, 1987; Scherre & Naro, 1998; Monguilhott, 2001; Scherre, Naro & Cardoso, 2008; Rubio, 2009; entre outros). Por fim, alguns estudos indicam que verbos com sujeito com traço [+humano] tendem a propiciar a marcação de pluralidade no verbo, demonstrando a relevância de Animacidade do sujeito do sintagma verbal na variação de CV (Scherre & Naro, 1998; Anjos, 1999; Monguilhott; 2001; Scherre, Naro e Cardoso, 2008).

No que diz respeito a fatores sociais, Escolaridade parece ser o elemento mais relevante na distribuição dos padrões de variação de CV. Os achados de diferentes pesquisas coincidem

em indicar que, quanto menos anos de escolarização, mais o falante tende a favorecer a marca zero de plural. E, inversamente, quanto maior o nível de escolaridade, mais ele tende a favorecer a marca explícita de concordância verbal (Rodrigues, 1987; Scherre & Naro, 1998; Anjos, 1999; Monguilhott, 2001; Rubio, 2009; entre outros).

Em relação à Sexo/Gênero, quando esta variável se demonstra relevante na distribuição do fenômeno, esta segue o padrão comumente encontrado para outras variáveis estigmatizadas: falantes do sexo/gênero feminino tendem a favorecer a forma padrão, isto é, a concordância verbal explícita (Scherre & Naro, 1998; Rubio, 2009; Araújo, 2014).

Por último, outra variável social normalmente estudada diz respeito à Faixa Etária. Com relação a ela, diferentes padrões são encontrados: por exemplo, Scherre e Naro (1998) identificaram a predominância da variante padrão entre falantes de 26 a 49 anos de idade, Anjos (1999) entre falantes de 15 a 25 anos, Monguilhott (2001) entre falantes de 52 a 76 anos e 15<sup>a</sup> 24 anos e Rubio (2009) entre falantes a partir de 55 anos. Em síntese, apesar da variação etária de um estudo para o outro, a forma padrão parece ser predominante principalmente entre falantes em idade economicamente ativa.

Especificamente voltados para a cidade de São Paulo e utilizando uma abordagem sociolinguística, dois trabalhos investigaram CV de 3PP<sup>74</sup>. O primeiro deles foi realizado por Rodrigues (1987) na região da Brasilândia, na periferia da zona norte de São Paulo. A pesquisadora analisou a fala de 40 participantes com até quatro anos de escolarização e encontrou uma taxa de 71% de marca zero de plural. Contrariando certa regularidade comum a esse tipo de estudo, sexo/gênero dos participantes não se demonstrou uma variável significativa na distribuição de CV de 3PP. Por outro lado, elementos linguísticos como Saliência Fônica e Posição do Sujeito se demonstraram particularmente relevantes, pois a marca zero era favorecida pelos falantes em construções com sujeito pronominal e saliência fônica mais baixa.

Muito embora Rodrigues (1987) tenha realizado sua pesquisa com moradores da cidade de São Paulo, eles eram, em sua maioria, migrantes de zonas rurais de outros estados do sudeste,

---

<sup>74</sup> Embora ambos os trabalhos analisem também dados referentes à 1PP, foca-se aqui nos achados referentes à 3PP, tema deste capítulo. Na seção a seguir, explica-se em mais detalhes o porquê da não realização da análise de dados de 1PP nesta pesquisa.

sul e nordeste do país. Nesse sentido, o segundo trabalho focalizado no estudo de CV de 3PP, realizado por Oushiro (2015), é o primeiro a se dedicar ao estudo da variável especificamente na fala de paulistanos. Além dos quase trinta anos que separam uma pesquisa da outra, seus públicos também são consideravelmente distintos. A amostra<sup>75</sup> analisada por Oushiro (2015) inclui falantes de diferentes escolaridades, regiões da cidade e faixas socioeconômicas. Tais condições propiciaram uma taxa de utilização de marca zero de plural de 17%, bastante distinta daquela encontrada por Rodrigues (1987). No que se refere aos elementos linguísticos significativos para a variação de CN, Saliência Fônica e Paralelismo destacam-se como aqueles mais relevantes, sendo a marca zero desfavorecida em construções com maior saliência fônica e quando antecedidas por orações em que ocorrem a marca explícita de plural. Ademais, Posição do Sujeito, Animacidade e Tipo de Sujeito também se demonstraram relevantes para a variação, sendo CV-Ø desfavorecido quando o sujeito está imediatamente precedente ao verbo e quando tem traço [-humano], e, por outro lado, favorecido em construções com sujeitos compostos ou sintagmas nominais.

Com relação aos fatores sociais, as variáveis selecionadas foram Classe Socioeconômica, Sexo/Gênero e Escolaridade. A respeito da primeira, verificam-se tendências gradualmente maiores de emprego da marca zero quanto mais baixa é a classe social do falante. Já os resultados para Sexo/Gênero seguem um padrão assemelhado àquele encontrado por outros estudos realizados em comunidades urbanas, com o favorecimento da marca zero pelos homens. Por fim, há um gradual desfavorecimento de marca zero de acordo com a escolaridade, de modo que falantes mais escolarizados tendem a apresentar taxas maiores de concordância explícita. Embora faixa etária não tenha sido selecionada como uma variável significativa para a amostra como um todo, ao analisar separadamente os dados referentes aos falantes que residem no centro e na periferia, dois cenários distintos se apresentam com relação ao status da mudança linguística: entre os moradores do centro, os padrões indicam uma tendência de mudança em direção à marca explícita de número e, entre os moradores da periferia, o desfavorecimento relativo de CV-Ø pelos falantes da faixa etária intermediária.

---

<sup>75</sup> Como se explica anteriormente, amostra essa proveniente do Projeto SP2010.

Nas análises reportadas na seção a seguir, será possível observar se padrões similares a esses são encontrados entre os falantes do EZS da cidade de São Paulo. A partir dos resultados, elabora-se possíveis interpretações explicativas a respeito das similaridades e diferenças na distribuição de CV entre o EZS e a comunidade paulistana de modo geral.

### 6.1 Análise multivariada

O envelope de variação utilizado para a seleção de dados de CV para 3PP segue os mesmos critérios utilizados por Oushiro (2015), e é composto por sintagmas verbais com sujeitos explícitos ou que tenham sido mencionados em sentença prévia com estrutura paralela. Antes de seguir adiante, contudo, cabe esclarecer por que o foco deste capítulo consiste na análise de dados referentes à 3PP e não se debruça também na análise quantitativa de 1PP, aos moldes de Oushiro (2015), tendo em vista o propósito de comparação entre as amostras do EZS e de São Paulo.

Inicialmente, as entrevistas foram codificadas seguindo os mesmos critérios que Oushiro (2015), tanto para 1PP quando para 3PP. Contudo, entre os 35 falantes que compõem a amostra, apenas 24 deles produziram dados de 1PP<sup>76</sup>. Além disso, encontraram-se 197 ocorrências de 1PP, sendo apenas 8 delas de CV-Ø. O número reduzido de dados de 1PP e, mais ainda, a quantidade quase inexpressiva de variação na amostra tornaram inviável um tratamento estatístico mais aprofundado dessa variável. No quadro a seguir, é possível visualizar em mais detalhes a distribuição encontrada:

Quadro 10 - distribuição geral de CV para 1PP

<b>Estilo</b>	<b>N. Totais (1PP)</b>	<b>N. CV-Ø (1PP)</b>	<b>% CV-Ø (1PP)</b>
Conversação	197	8	4%
Notícia	35	0	0%
Depoimento	35	0	0%

Fonte: elaborado pela autora.

<sup>76</sup> No entanto, todos os participantes foram expostos a um sintagma verbal durante a leitura do texto do depoimento e outro durante a leitura da notícia. Por essa razão, especificamente para os estilos referentes a cada um desses momentos, há 35 ocorrências de CV de 1PP.

As oito ocorrências de CV-Ø foram produzidas por três falantes da amostra, sendo que um deles faz uso categórico de marca zero nas duas ocorrências existentes de 1PP em sua fala. Desse modo, é possível dizer que só há variação de CV de 1PP em dois dos participantes da amostra. Mais adiante, apresenta-se em detalhes cada uma das ocorrências encontradas. Antes, para melhor orientar as análises, apresenta-se o quadro a seguir com as codificações utilizadas:

Quadro 11- Variáveis linguísticas da análise de CV para 1PP

Saliência fônica (1ª pessoa)	Grau 1 – oposição não acentuada 1c – adição de segmento [-Ø/-mus] Grau 2 – oposição acentuada 2a – uma das formas acentuada [a/'amus] 2a' – nasalização da vogal tônica [a/'amus], [ ' ẽ/'emus] 2b – forma singular contém ditongo ['ew/'emus], ['iw/'imus], ['oj/'omus] crescente, adição do segmento [-mus] 2c – mudança da vogal tônica ['ow/'amus]
Tipo de sujeito (1ª pessoa)	composto: “minha esposa e eu casamos/casou” pronomes: “nós casamos/casou”
Posição do sujeito (1ª pessoa)	imediatamente precedente: “nós fomos/foi” precedente (1-4 sílabas): “nós ainda não casamos/casou” precedente distante (5+ sílabas) “nós com o estilingue com mamona atirávamos/atirava no pênis do jumento” posposto: “aí íamos/ia nós... pra lá”
Paralelismo sintático (5 orações precedentes)	primeiro de uma série precedido por SV com CV-Ø precedido por SV com CV-E
Item Lexical	Efeito aleatório

Fonte: adaptado de Oushiro (2015).

A partir dessas variáveis linguísticas, apresentam-se a seguir as ocorrências encontradas, bem como as variáveis sociais referentes a cada participante e as proporções de ocorrência de CV-Ø para 1PP:

Quadro 12 - ocorrências de CV-Ø de 1PP

Participante	Escolaridade	Faixa Etária	CV-Ø 1PP	Variáveis predictoras	Prop. CV-Ø
Fernanda	Ens. Superior	3 <sup>a</sup>	"nós ficavaØ, assim, indignado com a situação"	Sujeito imed. Precedente Sujeito pronominal Precedido por CVE 1c – adição de segmento [-Ø/-mus]	5/42 11,9%
			"nós tavaØ num passeio"	Sujeito imed. Precedente Sujeito pronominal Precedido por CV-E 1c – adição de segmento [-Ø/-mus]	
			"aí foiØ nós quatro"	Sujeito posposto Sujeito pronominal Precedido por CV-Ø 2b – forma singular contém ditongo [‘ew/‘emus], [‘iw/‘imus], [‘oj/‘omus] crescente, adição do segmento [-mus]	
			"a cidade que nós estavaØ onde aconteceu isso"	Sujeito imed. Precedente Sujeito pronominal Precedido por CV-Ø 1c – adição de segmento [-Ø/-mus]	
			"eu e meu marido tavaØ esperando"	Sujeito imed. Precedente Sujeito composto Primeiro de uma série 1c – adição de segmento [-Ø/-mus]	
Timoteo	Ensino Médio	3 <sup>a</sup>	"isso, nós usavaØ... a gente usava isso aí"	Sujeito imed. Precedente Sujeito pronominal Primeiro de uma série 1c – adição de segmento [-Ø/-mus]	1/21 4,7%
Glauber	Ensino Médio	2 <sup>a</sup>	"nós é favelado mesmo"	Sujeito imed. Precedente Sujeito pronominal Primeiro de uma série Alteração de item lexical	2/2 100%
			"nós é pá pá, sabe?"	Sujeito imed. Precedente Sujeito pronominal Primeiro de uma série Alteração de item lexical	

Fonte: elaborado pela autora.

Embora a baixa taxa de ocorrência de 1PP chame a atenção, essa não é uma exclusividade desta amostra. Mesmo na pesquisa conduzida por Rodrigues (1987), há

aproximadamente três décadas e meia, a quantidade de dados referentes à 1PP correspondia a quase metade daquela encontrada para 3PP. Especificamente com relação à CV-Ø, havia 46% de ocorrências para 1PP, enquanto para 3PP a taxa consistia em 71%, o que demonstra que, mesmo entre migrantes de zonas rurais pouco ou não escolarizados, as taxas de 1PP com marca zero eram proporcionalmente menores do que para 3PP.

A pesquisa de Oushiro (2015), mais contemporânea a esta pesquisa, encontrou 1.150 ocorrências de 1PP, contra 10.224 ocorrências para 3PP. Enquanto apresenta-se uma taxa de 8% para marca zero em 1PP, este valor sobe para 11,7% quando se trata de 3PP. Há, dessa forma, 11 vezes a quantidade de dados para 3PP do que há para 1PP. Para fins de comparação, a diferença na presente amostra é de 13x a quantidade de dados de 1PP (197) e de 3PP (1.420). Considerando a menor quantidade de entrevistas que compõem esta amostra, tais proporções não são tão inesperadas.

Além disso, o escasso número de ocorrências de 1PP na amostra parece estar relacionado à utilização do pronome “a gente” em lugar de “nós” nas narrações. Ao total, “a gente” é utilizado 1.719 vezes pelos falantes da amostra. Esse tipo de fenômeno vem sendo estudado há algum tempo pela literatura, de modo que alguns autores chegam a falar em uma tendência de mudança no sistema pronominal em favor de “a gente”. Zilles et al (2006), por exemplo, argumentam que a crescente expansão de “a gente” em língua falada pode levar à diminuição gradativa do uso da desinência “mo.../mos” nos paradigmas verbais, sendo substituída por marca zero, uma vez que “a gente” carrega traços formais de terceira pessoa do singular. De acordo com as autoras, o desaparecimento da flexão verbal em 1PP, contudo, pode ser desacelerado ou mesmo impedido pelas forças normativas que regulam a língua escrita, entretanto, a utilização de “nós + verbo” tende a ser cada vez menos frequente na língua falada.

Acrescenta-se a isso o fato de que, como argumenta Coelho (2006), a forma “a gente” possa ser compreendida como uma variante intermediária, pois seu uso se distingue tanto do uso de formas tidas como cultas (como “nós cantávamos”) como de formas estigmatizadas (como “nós vai”). Dessa forma, a utilização de “a gente” possibilitaria ao falante não soar pedante (ao reproduzir uma forma já pouco utilizada a não ser em contextos mais formais) e nem “incorreto”. Isso pode ser observado no trecho da fala de Timoteo, em que ele começa sua

formulação utilizando “nós” + Vzero e, em seguida, faz uma reformulação utilizando “a gente”:  
“isso, nós usavaØ... a gente usava isso aí”.

Outro aspecto que se relaciona ao estigma atribuído à CV-Ø para IPP é sua ressignificação por parte de um tipo social específico da paisagem urbana, o “mano” de São Paulo. Como observa Coelho (2006), a pronúncia de “nós” como “nóis”, acrescida de verbo com marca zero, é utilizada como “recurso expressivo de identificação linguística” (p. 57) por parte de alguns falantes que querem se associar a significados sociais relacionados a esse tipo social. Tal efeito seria ainda mais marcante em construções em que as formas verbais apresentam maior grau de saliência (como “é/somos”). É exatamente o tipo de construção feita por Glauber, em “**nó(i)s é favelado mesmo**” e “**nó(i)s é pá pá, sabe?**”. Enquanto ele utiliza o pronome “a gente” 66 vezes ao longo de sua entrevista para relatar eventos vividos por ele junto a outras pessoas (como “a gente voltava em dia de chuva, assim” ou “a gente morou no bairro do Monte Azul”), a construção “nó(is)” + VØ é utilizada em dois momentos específicos da entrevista:

*Glauber: entre quem mora na favela e quem não mora na favela, naquela época, a coisa era muito acirrada também. Eu lembro que a gente saía de brigar na rua, só porque morava na favela. Se passar dois moleques que morava na favela no bairro onde tinha quatro outros moleques que não morava na favela, os moleques já queria tirar uma contigo de favelado. E, aí, enfim, você tacava a pedra e saía correndo porque **nó(i)s é favelado mesmo**.*

*Glauber: hoje em dia é normal um carro do Capão ele ter um adesivo da ondasul, sabe?! Então essa afirmação de identidade periférica, assim, eu acredito que é uma coisa muito forte aqui na zona sul, sabe?! Tipo, **nó(i)s é pá pá, sabe?**!*

Como se pode observar, nos dois trechos Glauber narra situações em que houve, de alguma forma, a compreensão de uma identidade periférica, seja pela oposição “favelados” vs. “não favelados” durante sua infância, ou por meio da construção de símbolos locais de pertença, como a grife “OndaSul”, criada pelo escritor Ferréz. Desse modo, ele lança mão da fórmula “nóis é” justamente em situações em que mira a afirmação desse “tipo social” associado aos jovens da periferia de São Paulo.

A associação entre significados sociais relativos ao “ser periférico” e o uso de CV-Ø para IPP possivelmente também esteja relacionada às ocorrências encontradas na fala de

Fernanda. Isso porque, quando observado apenas seu perfil social em termos mais abstratos, Fernanda se enquadra em duas das categorias sociais que, de acordo com um padrão recorrente em uma vasta gama de estudos em sociolinguística (Rodrigues, 1987; Scherre & Naro, 1998; Anjos, 1999; Monguilhott, 2001; Rubio, 2009; Araújo, 2014, entre outros), tendem a desfavorecer o uso de formas estigmatizadas: falantes do gênero feminino e falantes com ensino superior completo. Em contrapartida, ao longo da entrevista, Fernanda deixou claro em diversos momentos que busca cultivar uma relação de proximidade com relação aos filhos. Um deles, na ocasião de realização da entrevista, ainda vivia com ela e começava a trilhar sua carreira como cantor de *rap*. Como ilustra o trecho a seguir, a participante diz se perceber em alguns momentos adotando características do falar dos filhos:

*Fernanda: eu falo "mano", né? Às vezes quando ela [referindo-se à filha] vem de final de semana, aí quando (vo)cê vê, (vo)cê já tá falando (risos).  
Meu filho, que ele é rapper, né? Ele fala isso, "mano". Aí outro dia eu falei pra ele "nossa, não dá pra ficar aqui com você e o seu amigo, daqui a pouco eu tô falando que nem vocês"*

Ao longo de toda a entrevista, Fernanda falou diversas vezes sobre os filhos, deixando claro o quanto os apoiava em suas decisões e fazia o possível para cultivar uma relação de confiança e cumplicidade entre eles. Considerando-se todos esses elementos, é possível que a adoção por parte de Fernanda de tais formas linguísticas tenha a ver justamente com essa disposição, ou melhor dizendo, esse posicionamento (*stance*) de demonstração de cumplicidade com relação aos filhos, jovens que possivelmente façam usos estratégicos dessa variante na construção de determinadas “personas”.

Olhando para as ocorrências de modo geral, no que diz respeito às variáveis linguísticas preditoras, a maioria das ocorrências de CV-Ø para 1PP (cf. Quadro 12) segue os padrões encontrados por Oushiro (2015) como favorecedores da ocorrência de marca zero: tratam-se de sintagmas que dispõem de sujeito imediatamente precedente ao verbo, do tipo pronominal e com grau de saliência mais baixo (tipo 1c). Considerando-se isso e o fato que de, após prosseguir com a análise de 1PP e 3PP, Oushiro chegou à conclusão de que “de um ponto de vista estrutural, trata-se efetivamente de uma mesma variável, que se correlaciona aos mesmos fatores” (2015, p. 180), analisa-se a seguir apenas os dados referentes à 3PP.

Ao total, dos 35 participantes, 29 apresentam variação de CV para 3PP. Os dados gerais de distribuição de CV-Ø ilustram-se no quadro a seguir:

Quadro 13- distribuição geral de CV para 3PP

<b>Estilo</b>	<b>N. Totais</b>	<b>N. CV-Ø</b>	<b>% CV-Ø</b>
Conversação	1420	147	10,3%
Notícia	70	0	0%
Depoimento	105	7	6,6%

Fonte: elaborado pela autora.

Bem como os dados referentes à 1PP, tanto os critérios de seleção quanto de codificação dos dados referentes à 3PP se deram à luz daqueles utilizados por Oushiro (2015). Desse modo, foram desconsideradas ocorrências compostas pelos verbos no presente do indicativo "ter", "vir", "manter", entre outras, por não se distinguirem fonologicamente das formas singulares ("tem/têm", "vem/vêm", "mantém/mantêm"). Além disso, descartou-se ocorrências dos verbos "ter" e "haver" com sentido existencial ("havia/haviam pessoas nas ruas") e sujeitos partitivos ("a maioria dos cidadãos votou/votaram"). No quadro a seguir, é possível visualizar as variáveis linguísticas previsoras codificadas para CV de 3PP<sup>77</sup>:

Quadro 14 - variáveis linguísticas 3PP

Saliência fônica (3ª pessoa)	Grau 1 – oposição não acentuada 1a – nasalização de [i] [i/ĩ] 1b – nasalização e mudança da [a/ũ] qualidade vocálica 1c – adição de segmento -Ø/[ĩ] Grau 2 – oposição acentuada 2a' – nasalização e ditongação da vogal [‘a/’ãw] Tônica 2b – forma singular contém ditongo [‘ew/’erũ], [‘iw/’irũ], [“oj/’orũ] crescente, adição do segmento [rũ] 2c – mudança da vogal tônica [Ø/’arũ], [“i/’erũ]
Tipo de sujeito	composto: “a minha mãe e o meu pai casaram/casou”

<sup>77</sup>Assim como em Oushiro (2015), Saliência Fônica foi codificada de acordo com os critérios estipulados por Naro (1981) e Scherre & Naro (1998) para 3PP.

(3ª pessoa)	sintagma nominal simples: “os meus pais casaram/casou” pronomes: “eles casaram/casou”
Posição do sujeito (3ª pessoa)	imediatamente precedente: "eles vieram/veio na minha direção" precedente (1-4 sílabas): “os equipamentos de lá quebraram” precedente distante (5+ sílabas): “as pessoas lá de Goiás mesmo que vieram/veio pra cá” posposto: “chegaram/chegou dois caras assim” pergunta do documentador “D1: seus pais moravam lá? S1: moravam lá”
Animacidade do sujeito (3ª Pessoa)	[- humano] [-animado] “as cadeiras caíram” [- humano] [+animado] “os animais correram” [+ humano] [+animado] “os professores falaram”/”eles falaram”
Paralelismo sintático (5 orações precedentes)	primeiro de uma série precedido por SV com CV-Ø precedido por SV com CV-E
Item Lexical	Efeito aleatório

Fonte: elaborado a partir de Oushiro (2015).

Para as análises de regressão, incluiu-se todas as variáveis linguísticas e sociais. Em vista da escassa quantidade de variação nos estilos relacionados à leitura de notícia e depoimento, apenas os dados referentes à conversação foram considerados. Na tabela a seguir, é possível visualizar os resultados do teste estatístico:

**Tabela 9** - Resumo dos resultados do modelo Análise de regressão (de efeitos mistos) de CV (3PP) para as variáveis selecionadas (N=1420) (Intercepto = -12.361)

Efeitos fixos	Estimativa	Desvio Padrão	valor z	valor p
Faixa Etária				
1ª (v. referência)				
2ª	1.686	1.227	1.374	0.169
3ª	1.028	1.298	0.792	0.428
Gênero				
Feminino (v. referência)				
Masculino	1.177	0.998	1.179	0.238
Escolaridade				
Ens. Fund. (v. referência)				
Ens Médio	-3.883	1.651	-2.351	0.018 *
Ens Superior	-4.670	1.467	-3.182	0.001 **
Nascido em SP				
Não (v. referência)				

Sim	-0.533	1.249	-0.427	0.669
Pais Nascidos em SP				
Não (v. referência)				
Sim	-<0.001	-<0.001	-0.263	0.792
Tipo de Sujeito				
Composto (v. referência)				
Pronome	9.837	829.580	0.012	0.990
SN. Simples	10.819	829.580	0.013	0.989
Animacidade do Sujeito				
[-humano] [-animado] (v. referência)				
[-humano] [+animado]	2.124	40.363	0.053	0.958
[+humano] [+animado]	-1.024	1.022	-1.002	0.316
Pararelismo				
Prec. por CVE (v. referência)				
Prec. por CVØ	3.605	1.264	2.853	0.004 **
Primeiro	1.190	0.789	1.507	0.131
Saliência Fônica				
1 <sup>a</sup> (v. referência)				
1b	-0.941	1.146	-0.821	0.411
1c	0.186	1.599	0.116	0.907
2 <sup>a</sup>	-4.903	2.777	-1.766	0.077 .
2b	-2.556	2.450	-1.043	0.296
2c	-2.088	1.501	-1.391	0.164
Posição do Sujeito				
Imed. Prec. (v. referência)				
Posposto	5.024	4.815	1.044	0.296
Precedente	0.345	0.799	0.432	0.665
Precedente.dist	1.265	1.145	1.105	0.269

Modelo: VD ~ FAIXA.ETARIA + GENERO + ESCOLARIDADE + NASCIDO.EM.SP + NASCIMENTO.PAIS + TIPO.SUJEITO + ANIMACIDADE + PARALELISMO + SALIENCIA.FONICA + SALIENCIA.FONICA + POSIÇÃO.SUJEITO + (1 | PARTICIPANTE) + (1 | ITEM.LEXICAL)

No que diz respeito às variáveis linguísticas, a única variável selecionada como significativa é Pararelismo, com o favorecimento de CV-Ø (p 0.004) quando precedido por outra ocorrência de CV-Ø. Desse modo, confirma-se um padrão recorrentemente encontrado em pesquisas realizadas em diversas outras regiões do país e também observada por Oushiro (2015) com relação aos padrões da comunidade de fala paulistana.

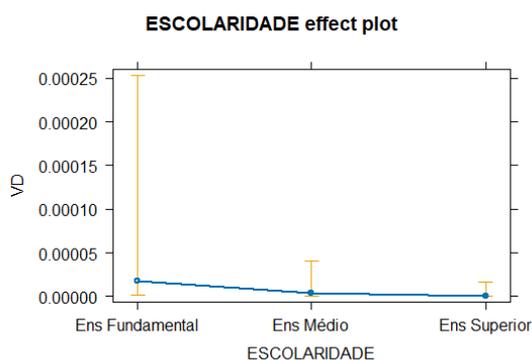
Com relação às variáveis não selecionadas como significativas, chama a atenção o fato de que, entre elas, esteja a Saliência Fônica, haja vista a correlação encontrada entre ela e a

variação de CV em diversos estudos – entre eles, o de Oushiro (2015), que identificou a correlação entre maior grau de saliência fônica e o favorecimento de marca zero em verbos.

Um elemento possivelmente relacionado a não seleção dessa variável para esta amostra diga respeito à perda de força da saliência no uso da concordância verbal, constatada por Scherre e Naro (2006) a partir da análise de quatro diferentes amostras de fala, coletadas nos anos 1970, 1980, 1990 e 2000, respectivamente. Os autores atribuem a diminuição gradual do efeito da Saliência Fônica a “um esforço (consciente ou inconsciente) do falante” de se adequar aos padrões de grupos sociais mais prestigiados, além do “apoio oficial da ação escolar em favor do uso categórico da concordância” (p. 120).

Ainda que as amostras analisadas pelos autores sejam referentes aos falar fluminense, as hipóteses explicativas formuladas por eles com relação à Saliência Fônica fazem sentido na interpretação dos resultados referentes a esta amostra, sobretudo ao se considerar a única variável social selecionada como significativamente correlacionada à variação de CV, a Escolaridade. Há um gradual desfavorecimento da marca zero entre os níveis de escolaridade, de modo que ela é mais desfavorecida por falantes do Ensino Superior (estimativa -4.670, p 0.001), seguidos pelos falantes com Ensino Médio (estimativa -3.883, p 0.018) e mais favorecida por falantes com até o Ensino Fundamental. No gráfico a seguir, é possível observar uma ilustração dessa distribuição:

Figura 13- distribuição de CV- Ø por Escolaridade



Fonte: elaborado pela autora

Esses resultados sugerem que a escola como órgão normatizador parece ter ainda mais efeito para concordância verbal do que para concordância nominal. Isso porque, enquanto para CN não há diferença significativa entre falantes com até o Ensino Fundamental e falantes com Ensino Médio (cf. Capítulo 5), para CV, tanto os falantes com Ensino Médio quanto os falantes com Ensino Superior, em relação aos falantes com até o Ensino Fundamental, desfavorecem a marca zero. Dessa forma, considerando-se a relação indireta entre escolaridade e acesso à mobilidade social, CV parece ser estratificada sobretudo por classe no EZS. Essa interpretação se fortalece mediante a inexistência de qualquer outra variável social significativamente correlacionada à CV. Nesse sentido, ainda que o resultado com relação à escolaridade seja similar àquele encontrado por Oushiro (2015), no EZS escolaridade (e, indiretamente, classe socioeconômica) é o único fator estratificador da variável, que é distribuída uniformemente entre falantes de diferentes gêneros sociais ou faixas etárias.

A respeito do status da mudança referente à CV, este se apresenta em um quadro de variação estável na comunidade do EZS, sem qualquer indicativo de mudança em direção a qualquer uma das variantes. Esse resultado se alinha ao que argumentam Scherre e Naro (2006), que consideram que CV constitui-se como um caso de variação estável no PB, em que, ainda que haja diferentes distribuições da variável em diferentes faixas etárias de determinados grupos de falantes, sua variação “não reflete mudança clara para todos os falantes, nem reflete apenas uma linha de mudança” (Scherre & Naro, 2006, p. 120). Sob essa perspectiva, o fato de falantes mais jovens das regiões centrais e falantes de outras regiões periféricas desfavorecem CV-Ø, como constatado por Oushiro (2015), e a não correlação entre faixa etária e a distribuição da variável CV no EZS, comporiam cenários de variação diversos que tendem a não se disseminarem enquanto mudanças linguísticas.

## **7. Significados sociais da variação no EZS**

Neste capítulo, dedicado à análise dos significados sociais da variação no EZS, retomam-se brevemente os principais achados com relação à estratificação social das variáveis analisadas nos Capítulos de 3 a 6. Em seguida, rumo a uma compreensão mais situada da relação entre práticas linguísticas e significados sociais, analisam-se os discursos dos falantes da amostra estratificada a respeito da expressão “da ponte pra cá”, buscando identificar quais elementos sociais e linguísticos parecem ser reconhecidos por esses falantes como práticas características do EZS. Com base nos comentários analisados e nas observações realizadas em campo, elencam-se alguns elementos linguísticos associados a significados sociais mobilizados na construção de estilos sociolinguísticos entre os falantes do EZS: (-r), (CN), (CV), determinadas gírias e marcadores discursivos (como “mano” e “tá ligado”).

Antes de partir para a análise dos usos dessas formas linguísticas nas performances de membros dos saraus, contextualiza-se brevemente a história de algumas dessas comunidades de práticas e como elas se relacionam à construção de significados sociais locais no EZS. Posteriormente, discutem-se os indícios de usos estilísticos de algumas dessas variáveis por três falantes da amostra estratificada que participam ativamente de movimentos culturais da região.

Finalmente, analisam-se qualitativamente usos dessas formas em performances de três figuras notórias dos saraus: Suzi Soares e Binho Padiã (em dois momentos distintos de uma mesma situação interacional) e Sergio Vaz (em duas situações interacionais distintas). Com isso, pretende-se discutir como esses mediadores mobilizam diferentes significados sociais na construção de seus estilos sociolinguísticos.

### **7.1 Significados sociais da variação a partir da amostra estratificada**

Em relação a (EN), não parece haver evidências de que os falantes, em sua maioria, tenham consciência a respeito da variável. Contudo, os padrões de produção linguística indicam associação entre a variável ditongada e falantes do sexo/gênero feminino, bem como falantes mais jovens – grupos nos quais se observam suas taxas mais altas de realização.

Com relação a (-r), a taxa geral encontrada para a variante retroflexa é próxima daquela encontrada para os padrões gerais paulistanos. Contudo, argumenta-se que é a região central da

cidade aquela que se diferencia do restante de São Paulo com relação a essa variável. Esse argumento se fortalece, ainda, em face da distribuição uniforme da variável entre os falantes do EZS, junto a suas avaliações sociolinguísticas sobre a variante retroflexa, que não indicam estigma na região. Dessa forma, a variável (-r) pode funcionar como um índice indireto de classe social na cidade de São Paulo via local de moradia.

Com relação a (CN), a variante padrão é favorecida por falantes da primeira faixa etária. Embora isto sugira uma tendência sociolinguística entre os falantes do EZS, há de se considerar a hipótese aventada por Scherre e Naro (2006) de que as variáveis relativas à concordância de número constituem um caso de variação estável no PB, de modo que, a despeito de variações encontradas em diferentes faixas etárias, estas não progridem rumo à estabilização de uma mudança linguística generalizada. Desse modo, é possível que outros elementos contextuais que não foram controlados para esta amostra estejam envolvidos na distribuição dessa variável entre os falantes mais jovens, questão que pode ser retomada em investigações futuras. Além disso, a marca zero de plural é favorecida por falantes que estudaram até o ensino fundamental, o que demonstra o papel da escolarização na produção dessa variável.

Por fim, no que diz respeito a (CV), apresenta-se um caso de variação estável entre os falantes do EZS. A ocorrência de marca zero de concordância verbal é mais comum entre pessoas que interromperam seus estudos no ensino fundamental. O fato de esta ser a única variável social relevante na distribuição dessa variável, juntamente com a baixa frequência de marca zero de plural durante as sessões de leitura, sugere que essa variável seja a mais suscetível a estigmatização e mais influenciada por concepções normativas de "certo" e "errado".

Embora seja recorrente na literatura a relação entre concordância variável e sexo/gênero, com falantes do gênero feminino desfavorecendo as variantes estigmatizadas, este padrão não é encontrado entre os falantes do EZS. Considerando que não há uma relação intrínseca e imutável entre formas linguísticas e significados sociais e levando em conta que gênero também é um construto em constante negociação contextual, argumenta-se que, no contexto do EZS, classe socioeconômica – e não gênero – é o principal fator estruturante dos padrões de realização de (CN) e (CV). Considerando o fato de que tanto homens quanto mulheres na região enfrentam a necessidade de atravessar a cidade diariamente para dedicar a maior parte de seu

tempo ao trabalho e ao sustento de suas famílias, é possível inferir que ambos se ajustariam ao que Bourdieu (1982) entende como "mercado linguístico", que funciona como um regulador determinante das oportunidades de mobilidade social.

## **7.2 Discursos dos participantes da amostra estratificada sobre a expressão “da ponte pra cá”**

A expressão “da ponte pra cá” é amplamente utilizada como designadora de uma gama de espaços e grupos do EZS. Contudo, a fim de investigar se, para além de circular entre pessoas associadas diretamente aos movimentos culturais locais, a expressão é também conhecida por moradores da região de diferentes faixas etárias e escolaridades, bem como a quais noções ela se associa, inseriu-se ao final de cada uma das entrevistas a pergunta “Você conhece a expressão ‘da ponte pra cá’? Se sim, o que você acha dela?”. Entre os 35 participantes da pesquisa, apenas dois afirmaram desconhecê-la<sup>78</sup>. Além disso, uma considerável parcela dos participantes fez referência a essa expressão em momentos anteriores da entrevista, antes mesmo de a pesquisadora abordá-la.

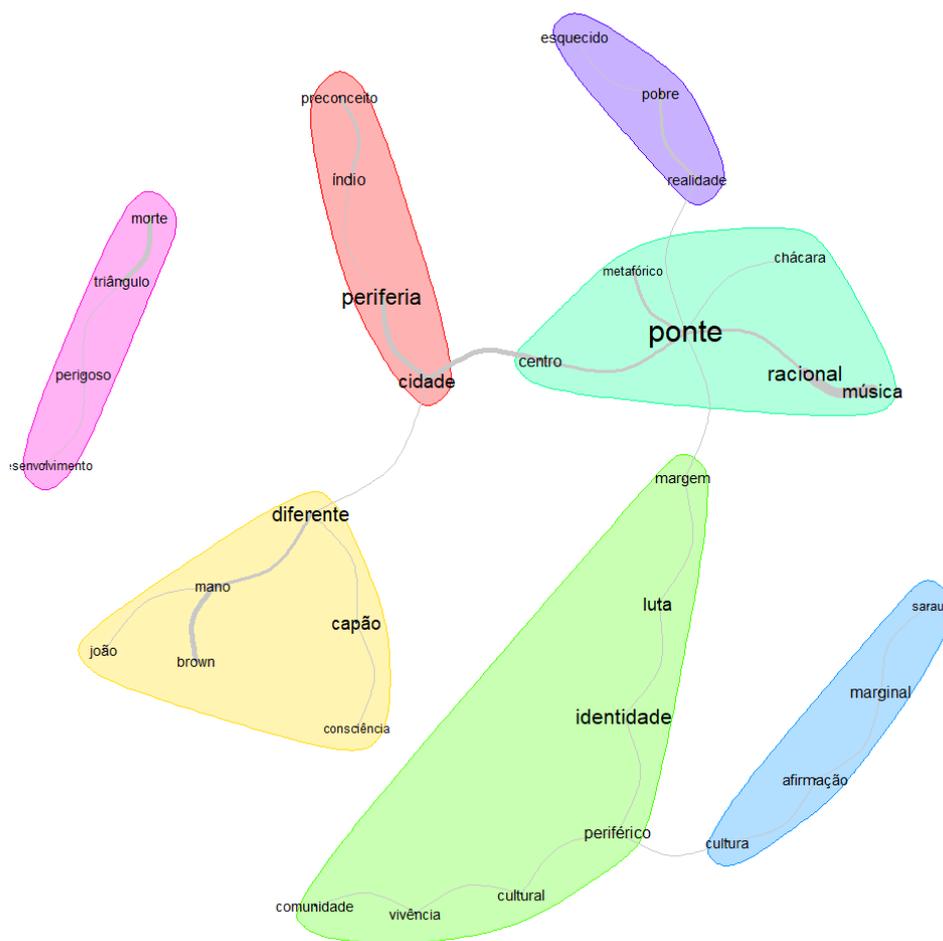
Para ilustrar as noções mais recorrentes nos comentários feitos pelos participantes, elaborou-se o grafo de similitude ilustrado a seguir. Para sua melhor compressão, é importante que se considerem as seguintes características: (i) o software utilizado (IRAMuTeQ) desconsidera certas flexões das palavras, de modo que, por exemplo, um termo como “racionais” transforma-se em “racional”; (ii) as palavras que estão fisicamente próximas na figura ocorreram também proximamente nas respostas analisadas; (iii) as linhas que estabelecem conexão entre as palavras indicam quais delas se interconectam no texto e (iv) quanto mais espessa é a linha que ilustra essas conexões, maior é a frequência de coocorrência das palavras. Assim, por exemplo, o termo central “ponte” (que se refere à expressão “da ponte pra cá”), aparece nas respostas dos entrevistados proximamente aos termos “racional” (que diz respeito à banda Racionais MCs) e “música”, que, por sua vez, conectam-se por meio de uma linha mais grossa, pois dizem respeito a formulações como “música dos Racionais MCs”.

---

<sup>78</sup> São eles Marly (com ensino médio completo, pertencente à segunda faixa etária) e Victor (com ensino médio completo, pertencente à terceira faixa etária).

Adicionalmente, as palavras relativamente mais frequentes no *corpus* apresentam-se em maior tamanho.

Figura 14 - grafo com os termos mais frequentes utilizados nas respostas dos participantes sobre a expressão “da ponte pra cá”



Fonte: elaborado pela autora.

Essa figura sugere que “da ponte pra cá” parece funcionar como uma espécie de “hipersigno” guarda-chuva, que abrange uma série de outros signos que organizam e dão sentido à compreensão dos moradores do EZS acerca da vida na região. Ainda que, como se observa, a expressão seja frequentemente associada à música dos Racionais MCs lançada no

ano de 2002, o relato da participante Coralina, que estava com aproximadamente 60 anos de idade na ocasião de sua entrevista, ilustra como essa nomenclatura é utilizada há décadas para se referir ao EZS:

*Coralina: eu sempre escutava as mais velhas dizendo assim que as outras tias falavaØ que “Ah, fulano não vai lá. Disse que da ponte pra cá ela não vai, que da ponte pra cá só mora índio”. Eu ouvi muito isso. Muito. Agora, de um tempo, acho que uns de uns dez anos pra cá, parei de ouvir um pouco. Mas até uns dez anos atrás ouvi muito de humilhação. Era para humilhar, dizer que do lado de cá só morava gente pobre, índio e favelado. Era isso que queriam dizer. Mal sabiam eles que a gente morava em um lugar lindo demais. (M3F)*

O relato de Coralina, moradora do EZS desde os anos 1960, mostra como, desde o início do processo de urbanização dos bairros do território até o início dos anos 2000, a expressão "da ponte pra cá" era utilizada majoritariamente por pessoas de outras regiões da cidade para se referir de modo pejorativo à região. A "ponte", nesse sentido, era mobilizada como um marcador que separa aqueles que são “mais urbanos”, com melhores condições financeiras e melhores condições de habitação, daqueles que seriam antagônicos, de acordo com esse discurso, a certas noções de "urbanidade" e "cosmopolitismo" aspiradas pelas classes mais altas da cidade (Barbuy, 2001): os "índios"<sup>79</sup>, "pobres" e "favelados".

Essa concepção de “urbanidade” é, ao mesmo tempo, geradora e resultado do processo de segregação socioespacial descrito nos capítulos 1 e 2, por meio do qual se produz a dinâmica centro-periferia. A presença desses elementos nos discursos dos participantes está representada, na Figura 16, pela coocorrência das palavras “centro”, “cidade” e “periferia”. Consonante a essa visão, está também o uso da palavra “diferente”, reafirmando a noção de que a cidade se organiza a partir de dois espaços distintos (situados “pra cá” e “pra lá” da ponte):

*Hilda: da ponte pra cá é diferente. Faz total sentido essa expressão. É uma coisa tão maluca, que, assim, da Ponte João Dias para cá é um outro mundo. Para cá é outro mundo, diferente da ponte pra lá. É diferente. (S2F)*

*Rosa: ela [a expressão] é sensacional. Porque os Racionais falam, né, o mundo é diferente da ponte pra cá. É exatamente isso e a música também fala, né, não adianta querer, tem que ser, tem que pá. Porque é isso, não adianta o pessoal chegar da Vila Madalena e falar "ah, eu vou colar no Grajaú po(r)que é legal. Ô[ř]a, meu". Não! Tem que ser, tem que pá. Porque a vivência, né, só quando a gente tem essa vivência*

---

<sup>79</sup> Atualmente, há duas Terras Indígenas (TI) no município de São Paulo, sendo uma delas a TI Tenonde Porã, situada no Extremo da Zona Sul de São Paulo (dividida, sobretudo, entre os distritos de Parelheiros e Marsilac).

*de passar todas as dificuldades e os sofrimentos e os apertos de morar da ponte pra cá que a gente sabe qual é. (SIF)*

A resposta de Rosa recupera a letra da música “da ponte pra cá” do grupo Racionais MCs ao dizer que “não adianta querer, tem que ser, tem que pá” como um modo de afirmar que ser “da ponte pra cá” é uma condição produzida, acima de tudo, pelas particularidades da vida na região e não meramente por uma escolha “estética”.

Em momentos anteriores da entrevista, Rosa afirma que o EZS passou a receber maior atenção de pessoas das regiões socioeconomicamente mais favorecidas da cidade, como a Vila Madalena<sup>80</sup>, graças à popularização dos bairros da região por meio das letras de raps de artistas como Criolo<sup>81</sup>. De acordo com a participante, se, anteriormente, quando trabalhava no centro da cidade, seu local de moradia era muitas vezes desconhecido por seus colegas de trabalho ou estigmatizado como um local de alta periculosidade, agora, ao dizer que morava no Grajaú, não raramente as pessoas o associavam ao rapper Criolo e demonstravam curiosidade em conhecer a região. A consequência disso, segundo Rosa, é que o distrito passou a contar com a presença de pessoas das regiões mais centrais da cidade em determinados eventos culturais locais:

*Rosa: Então, antigamente, quando o Grajaú era menos pop... po(r)que hoje em dia o Grajaú é cult... tem o Criolo, então as pessoas falam "ai, eu quero conhecer o Grajaú, me leva no Grajaú". Aí você vai nos eventos culturais aqui e tem um monte de gente da Vila Madalena, mas morar aqui ninguém quer, né? Pegar o trenzão sete horas da manhã, ninguém quer. Mas antes a gente falava "ah eu moro depois de Interlagos" porque as pessoas conheciam só o autódromo, dali em diante, nada... Agora a gente fala Grajaú, as pessoas já têm uma referência...*

*Eu trabalhei uma época no [informação omitida], em dois mil e cinco. Aí eu chegava lá e o pessoal falava "ah, a Grajaú chegou, gente... esconde as carteiras que a Grajaú chegou". Porque as pessoas também acham que é perigoso, é violento. Elas perguntam coisas absurdas, tipo "você anda à noite?". Ando, gente, normal. Então elas acham que é longe, violento. Acho que as pessoas pensam que tem menos estrutura do que de fato tem... não que tenha uma superestrutura, mas sabe quando o americano pensa sobre o Brasil?! Porque acha que o Brasil só tem floresta, macaco e onça andando na rua?! Eu acho que as pessoas de fora da Zona Sul pensam isso sobre o Grajaú, entendeu? (SIF)*

---

<sup>80</sup> Vila Madalena é um dos bairros com os valores imobiliários mais altos de São Paulo, conhecido na cidade por ser frequentado por pessoas "descoladas" e com alto poder aquisitivo. Um exemplo que ilustra alguns dos discursos circulantes a respeito da Vila Madalena pode ser obtido por meio da matéria do jornal Estadão intitulada "Vila Madalena: o bairro mais descolado de São Paulo", disponível em: <<https://imoveis.estadao.com.br/guia-de-bairros/sao-paulo/vila-madalena/vila-madalena-o-bairro-mais-descolado-de-sao-paulo/>>. Acesso em: 20 fev. 2023.

<sup>81</sup> Nome artístico de Kleber Cavalcante Gomes, rapper nascido e criado no Grajaú, distrito do EZS em que Rosa reside.

Elementos similares aparecem nos comentários de Michele, também moradora do distrito do Grajaú:

*Michele: eu (es)tava esses dias conversando com o meu namorado e falando sobre isso, de que “da ponte pra cá” a coisa é diferente.*

*(...)*

*Quando eu falo onde eu moro as pessoas falam “ah você mora na Zona Sul...” [participante emula tom de desprezo].*

*Isso antes, né. Agora, depois do ápice do Criolo, as pessoas identificam o Grajaú. Antes, não. “Ah você mora lá no Grajaú?”, eu falava “sim, sim” e, alguns diziam “ah tá, ali perto do Interlagos”. E eu “não, gente... vai, vai e vai”. Então, assim, o Grajaú pra eles era Interlagos e o Grajaú não é Interlagos. Interlagos é um bairro bom perto do Grajaú. As pessoas que moram lá não são as pessoas do Grajaú. Mas há esse preconceito, assim, de falar que lá tem muitos roubos e a galera é mal-educada. Tem muito isso. Eu acho que tem esses preconceitos. Mas depois que o Criolo estourou, assim, na mídia, é muito assim “ah, você é do bairro do Criolo?”. É isso aí... Aí chega e fala “Grajaux” e aí acabou a conversa... (MIF)*

Tanto Rosa quanto Michele relatam incômodo com o fato de que, se antes, as pessoas de fora da região demonstravam total desconhecimento ou alto nível de preconceito e estigmatização a respeito do EZS, agora, após a popularização do rapper Criolo, parecem querer se aproximar dos signos que se relacionam com o Grajaú como se fossem “chegadas”, como quem performa uma pertença e uma identificação que não seriam, ao olhar das entrevistadas, genuínas. Para ilustrar essa tentativa falha de aproximação, ambas recorrem a imitações de coisas que seriam ditas por essas pessoas. Na construção “ah, eu vou cola(r) no Grajaú po(r) que é legal. Ô[ř]a, meu”, Rosa utiliza a gíria “cola(r)” e os marcadores discursivos “orra”, pronunciado com /r/ vibrante, geralmente associado ao falar de áreas não periféricas e vistas como mais tradicionais da cidade (como as regiões do Bixiga e da Mooca), e “meu”, muito associado também a um falar estereotípico paulistano. Já “Grajaux”, termo mencionado por Michele, dá nome a uma das músicas de Criolo<sup>82</sup> e, por meio do discurso da participante, é possível compreender que isso seria, para ela, uma evidência indireta de que o único contato do interlocutor com a região teria se dado por meio da música do cantor.

---

<sup>82</sup> "Grajaúex" é uma das faixas do álbum "Nó na orelha", lançado por Criolo em 2011 pela gravadora Oloko Recods. A letra pode ser acessada em: <<http://www.lettras.mus.br/criolo/1804918/>>.

Ao se referir ao uso da expressão “da ponte pra cá”, outra participante, Dandara, relata seu incômodo com a apropriação dessa nomenclatura e de outros termos (que ela denomina como “gírias”), entendidos pela participante como características locais do EZS, por pessoas de áreas mais abastadas da cidade:

*Dandara: eu vou ser sincera, quando eu vejo algumas gírias que circulam na periferia sendo usadas nesses ambientes, por exemplo, quando eu falei desse cara que falou “ah não sei o que da ponte pra cá” e ele estava no Centro... e ele é visivelmente morador do Centro, sabe?! Não da periferia, do Centro. Ele é morador de um Centro classe média. Eu fiquei com uma raiva dele! Eu não lembro de mais nada que ele falou, mas eu lembro disso. Porque você fala “meu, olha esse cara se apropriando da nossa cultura”. Ele não pertence a esse universo. Para de falar do nosso jeito, fala do seu. É igual eu chegar lá da periferia e falar igual ao cara do Bixiga não consigo nem reproduzir a fala dele. Mas eles ficam fazendo isso com a gente. As gírias que se criam aqui, né, e daqui a pouco você vê outras pessoas falando que não tem nada a ver com aquele ambiente. (S1F)*

Ainda sobre a relação entre usos linguísticos e tentativas de aproximação por parte de pessoas de fora da região vistas como inautênticas, situam-se a falas de Rosa (em outro momento da entrevista) e de Alessandro:

*Rosa: as gírias são características aqui. Agora, quando você vê um playboy querendo se passar por alguém da quebrada, o jeito que ele fala a gíria também é diferente. Ele fala “e aé, m[ê:]n[o::]”. Não, caraio, não é isso! Porra... “e aí, m[ê:]n[ô]?” Entendeu? É diferente. (S1F)*

*Alessandro: a gíria é popular, né... mas tem o jeito de falar, né. Tipo “e aí, jãõ?! que não sei o que”, né?! Aí tem gente que fala “eai joãõ”, e aí falei “esse não é daqui, mano”. (M1M)*

Ao apresentar as gírias como características locais, ambos as utilizam para exemplificar como pessoas de fora, ao tentar se aproximar de elementos linguísticos característicos “da quebrada”, denunciariam involuntariamente sua não pertença a esse contexto por meio de sua pouca fluência na pronúncia dessas palavras (nesse caso, gírias). Em seu comentário, Rosa faz uso do alongamento de /a/ nasal e da vogal final /o/ em “mano” para exemplificar como pessoas de áreas mais centrais que, em sua visão, “querem se passar por alguém da quebrada”, fazem uso de formas comumente associadas à periferia. Já Alessandro chama a atenção para a pronúncia do termo “jãõ”, que seria pronunciado por essas pessoas em sua versão não reduzida, “joãõ”.

As elaborações produzidas por Dandara, Rosa e Alessandro a esse respeito assemelham-se à noção de *code-crossing* (Rampton, 1995), que consiste na alternância de códigos/variedades por pessoas que não são reconhecidas como membros do grupo associado ao código/variedade que estão usando. Um dos exemplos mais bem documentados disso na literatura diz respeito a utilização de elementos do African-American Vernacular English (AAVE)<sup>83</sup> por pessoas brancas (por ex., Cutler, 1999; Treiman, 2004; Sneller, 2014; entre outros), geralmente jovens que desejam se associar ao status de “descolado” ou “subversivo” atribuído ao *hip-hop* desde sua popularização (Sweetland, 2002).

Essa alternância de códigos implica a negociação da legitimidade dentro de fronteiras étnicas e sociais tensionadas pelo falante ao transitar por espaços aos quais não pertence originalmente (Rampton, 1995). Ser reconhecido como um falante “legítimo” de determinado código/variedade, nesse contexto, depende não apenas de domínio gramatical, mas também da combinação de outros signos. No caso do EZS, por exemplo, esses signos podem estar relacionados a conhecimento sobre os bairros que compõem a região e formas de se locomover por lá, ou mesmo à demonstração de familiaridade com personalidades ou espaços de referência no EZS para além daqueles popularizados por rappers que alcançaram notoriedade na grande mídia.

A noção de que exista algum tipo de “código” ou talvez registro da periferia – o que permite interpretações a respeito de tentativas ilegítimas de filiação (por parte de pessoas que não têm nenhum vínculo com a periferia) – pressupõe uma compreensão acerca de algum nível de coesão interna das práticas e significados sociais relacionados ao “ser periférico”. Essa noção de “pertença” ou identidade parece ter sido produzida justamente como consequência da segregação socioespacial vivida pelos moradores da região, como ilustram as respostas dos participantes Maiara e Glauber, a seguir:

*Maiara: acho que tem uma coisa de pertencimento aqui, né, que para mim é muito importante. Tem também as minhas atividades, né. Elas sempre ficam pra cá da ponte.*

*(...)*

*Putz, o que que eu acho dessa expressão?! Ah, eu acho... olha, eu acho várias coisas. Do ponto de vista territorial, acho que ela é um marco e um marco de pertencimento e de identidade mesmo. (S3F)*

---

<sup>83</sup> “Inglês vernáculo afro-americano”.

*Glauber: o Mano Brown fala o mundo é diferente da ponte pra cá [e] não é só uma epifania, sei lá. O que poderia ser, sabe, é uma coisa muito real. Era muito diferente você morar da ponte pra cá antes da duplicação da Ponte João Dias, sabe?! Aqui era o interior. Aqui era o triângulo da morte, né. Então era tudo muito intenso e muito escasso. A escassez era muito intensa. Engraçado, a escassez era muito intensa e ao mesmo tempo o bar, a igreja, a religião, né, era uma coisa que era muito ofertada. E acaba dando nisso, né... Onde tem pouco conhecimento, onde tem pouca cultura e muita miséria, o resultado é muita violência. Então acho que muito disso assim de ter sido um lugar que era muito isolado, que teve que construir uma identidade muito grande aqui. Para construir uma identidade daqui foi uma batalha muito grande.*

*(...)*

*Então acho que [o contexto atual] foi resultado dessa construção de afirmação do local. Acho que por isso a Zona Sul acabou tendo esse privilégio, né, de ser zona sul, zona show. Muita gente falando isso e afirmando isso para contrapor esse olhar de que quem morava aqui era marginal, que o pessoal que morava aqui era bandido. A arte foi a grande responsável por isso, né... dessa afirmação de identidade local. (M2M)*

Como se pode constatar pelas respostas dos participantes, o termo “da ponte pra cá” era antes utilizado por pessoas de outras áreas da cidade como um reafirmador da segregação socioespacial e da estigmatização da região e, conseqüentemente, das pessoas que lá vivem. Em contrapartida, mais recentemente, a expressão foi apropriada pelas pessoas da região e ressignificada como um hipersigno que congrega uma série de outros signos que requalificam o EZS, tais como “luta”, “afirmação” e “identidade”.

Como os comentários de Glauber e Maiara sintetizam, essa ressignificação só foi possível por meio de um processo intenso de lutas dos movimentos sociais e culturais da região, voltados tanto para a melhoria das condições de vida no EZS quanto para a construção de uma identidade positiva baseada na valorização das características locais.

Esses esforços coletivos se deram, como relata Glauber, “para contrapor esse olhar de que quem mora aqui [no EZS] era marginal”, ou seja, como uma contrapalavra (Volóchinov, 2018 [1929]), na medida em que é formulada a partir da relação com a alteridade, situada, nesse caso, a partir da identificação de um “outro” que estigmatiza e segrega. Por meio dessa relação de alteridade é que se constroem as noções, também citadas pelos participantes, de “territorialidade”, “pertencimento” e “identidade”.

Cada uma dessas noções merece ser considerada com algum cuidado para que se entenda sua influência na constituição da noção de que há um “jeito de falar” comum aos falantes do EZS. Começando por “território”, como se explica em mais detalhes no Capítulo 1, este não consiste meramente no reconhecimento de determinado espaço físico-geográfico, mas

sim no produto de um processo de organização da espacialidade a partir de dimensões simbólicas e da memória coletiva produzida localmente a seu respeito.

Por sua vez, a concepção de pertencimento está intrinsecamente ligada à noção de "identificação", que é "construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal" (Silva, 2000, p. 106). Tanto território quando pertencimento se constituem por meio de práticas linguísticas, na medida em que é por meio delas, acompanhadas por outras práticas sociais, que o território se consolida e os sujeitos passam a se compreender como pertencentes a ele. Entre outras palavras, a (res)significação desse espaço urbano e a constituição das identidades locais passam, então, por práticas linguísticas e pela elaboração de discursos a respeito de algumas dessas práticas.

A relação entre esses elementos fica evidente nos já mencionados comentários de Alessandro, Dandara e Rosa, uma vez que a identificação de um falante "ilegítimo" pressupõe a elaboração de ao menos duas classificações: o outro, do lado de lá (e seu modo de falar) e o nós/local, do lado de cá (e nosso modo de falar). A constituição desse outro pode ser observada sobretudo nos comentários metalinguísticos produzidos a respeito de outras regiões da cidade, como nos trechos a seguir:

*Alessandro: mano, eu gosto muito de imitar as pessoas. Tipo, personagens, né. E aí tem aqueles caras da Mooca lá "né, m[e:]ju", "sabe, m[e:]ju, pô!". Esses caraØ eles são característicoØ, né. Você vai num pico de São Paulo, os caraØ assim "pô, m[e:]ju, um puta tr[ê:]nsito, né, m[e:]ju?!". Esse jeito aí é muito característico. (M1M)*

*Glauber: eu vou citar o que mais incomoda mesmo. É aquele paulistano de nariz trancado, tá ligado?! "Ah, g[ej:n]te, que não sei o que lá". Parece que a pessoa (es)tá com uma sinusite que não passa nunca. Assim "ai, gent[ejn], nos Jardins". Mas eu penso que essa galera muito ali, né, Pompéia, Jardins. Essa galera um pouco mais burguesa, assim, [que] estudou na FAAP. (M2M)*

Ou mesmo nos trechos (já apresentados no Capítulo 3) em que se tecem comentários a respeito da frase "você tá ent[ejn]d[ejn]do o que eu tô diz[ejn]do?":

*Glauber: Mack[ejn]nzie... Mackenzie, ou seja, de uma região economicamente favorecida, provavelmente. (M2M)*

*Daniel: esse "ejn" é do registro USP... do que a minha amiga fala...  
Documentadora: o que você pensa assim da pessoa que fala desse jeito? como ela é?*

*Daniel: é... tem o nível socioeconômico mais alto... decidam[en]te não mora do outro lado da ponte [se referindo ao EZS]. (S2M)*

Lembremos também o trecho (apresentado no Capítulo 4) em que a participante Rosa reflete sobre o fato de que, embora reconheça o retroflexo como a pronúncia de /r/ em coda mais comum entre as pessoas com quem convive no EZS, identifica uma pronúncia diferente (o tepe) no falar de sua irmã:

*Rosa: ah as pessoas que eu convivo eu acho que... é porque é tão natural, ouvindo as pessoas falarem... eu não me lembro de diferenciar as pessoas falando isso. Eu acho que a minha irmã fala diferente. Ela fala "po[r]ta". Acho que a minha irmã fala assim.*

*Documentadora: mas por que que você acha que vocês falam diferente, você e sua irmã?*

*Rosa: ah, eu não sei... acho que pode ser (por) muitos motivos, mas a minha irmã sempre foi mais rigorosa. Acho que a minha irmã também ela sempre procurou constituir uma é... não é uma coisa negativa, mas uma identidade que foi se distanciando do ser periférica também, sabe?! Por motivos, caminhos... não que ela negue isso, mas o objetivo dela de vida é outro. (S1F)*

Neste ponto, vale lembrar que a irmã de Rosa, embora tenha passado os primeiros anos de vida no EZS, mudou-se na vida adulta para o bairro de Pinheiros, na região central da zona oeste. Desse modo, aquilo que é identificado por Rosa como um distanciamento por parte da irmã do "ser periférica", conecta-se ao atual local de residência da irmã e a seu modo de falar. Por meio desses trechos é possível observar, então, que os bairros ou locais mencionados como espaços desse "outro" dizem respeito não meramente a localidades fisicamente situadas após a ponte, mas sim a locais prestigiados da cidade. Seja por serem bairros (ou locais) frequentados por pessoas de classes socioeconômicas mais altas (como Jardins, Pompéia, Vila Madalena, Pinheiros, Mackenzie, USP<sup>84</sup> e FAAP<sup>85</sup>) ou por serem considerados bairros tradicionais da cidade, sobretudo por seu histórico de imigração italiana, como a Mooca e o Bixiga. Associa-se ao falar das pessoas desses locais, em teoria distinto daquele do EZS, a pronúncia tepe de /r/ em coda, a ditongação de (EN) e a "nasalização"/alongamento de vogais (como em "m[e:]u" ou "tr[ẽ:]nsito").

---

<sup>84</sup> Apesar de apresentar uma diversidade comparativa maior em relação às duas instituições privadas citadas - Mackenzie (com mensalidades variando entre 1.500 e 8.000 reais) e FAAP (com mensalidades entre 2.800 e 4.000 reais) -, a Universidade de São Paulo (USP), devido à sua natureza pública e gratuita, carrega historicamente uma associação com as elites nacionais. Assim, embora não se restrinja às classes mais privilegiadas, ela continua a ser uma das opções preferenciais para essa camada da sociedade.

<sup>85</sup> A Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP) é uma das faculdades com as maiores mensalidades da cidade, conhecida em São Paulo por ser frequentada pelos filhos da elite paulista(na).

Em contrapartida, com relação à existência de um jeito de falar que seria característico do EZS<sup>86</sup>, a maioria dos comentários versou sobre elementos como a pronúncia retroflexa de (-r), marca zero de concordância e o uso de gírias. Os trechos a seguir ilustram essas associações<sup>87</sup>:

*Daniel: a Zona Sul na minha visão tem esse registro que é distante, por exemplo, do registro do centro, Mooca... Sei lá... Ao mesmo tempo que eu vejo esse registro do interior, que existe também na zona sul, eu não posso deixar de ver o registro dos jovens dessa região [EZS]... por exemplo, uma moça que trabalha comigo, ela fala assim: "po[.j]ta". Ela fala assim. Tem também isso de uma fala meio do interior, mas ela fala tipo "ah, mano, dois palitoØ". "Dois palitoØ", eu falei "gente, faz tempo que eu não ouço dois palitoØ", mas é essa coisa da concordância e da gíria, né. Tem esse mix aí... Não sei, é a minha impressão. (S2M)*

*Rosa: acho que é comum aqui o "r", né, de "po[.j]ta". Também os plurais. Então se eu vou falar uma frase muito grande, eu inevitavelmente vou comer os "ésses" dos finais das palavras. Eu vejo pessoas que são de lugares mais centrais da cidade, né, que têm um outro jeito de falar, que inclusive às vezes é mais... Não é mais lento... Mas que completa mais as palavras, sabe?! Porque eu como várias palavras. Eu acho que existem (também) gírias diferentes de acordo com as regiões da cidade. Um tempo atrás eu (es)tava ouvindo o pessoal falar "massa, massa". Pô, aqui ninguém (es)tava falando "massa", entendeu? (S1F)*

*Maiara: acho que a gíria mesmo, né?! Acho que não tem outro nome. E também quando a gente fala "é nós", "é nós" é muito mais do que "é nós" ou "nós somos", ele já traz junto com ele eu acho que toda uma concepção de onde você vem, sabe?! O "é nós" é mais que "nós", eu acho. Ele fala desse pertencimento, desse lugar, desse modo de vida, dessa identidade, dessa cultura, né... (S3F)*

Mais uma vez, o falar do EZS é contraposto àquele que seria próprio "de lugares mais centrais da cidade", classificando-se como "distante, por exemplo, do registro do centro, Mooca". Além disso, no exemplo mencionado por Daniel, "dois palitoØ", há a coocorrência de marca zero de plural e o uso de uma gíria, ilustrando como a combinação de elementos se daria, em sua visão, na construção desse "registro".

Já no comentário feito por Maiara acerca da construção "é nós", é possível identificar a elaboração de determinados significados sociais associados a essa forma linguística, que, de

---

<sup>86</sup> Embora em determinado momento da entrevista os participantes tenham sido diretamente questionados a respeito de considerarem algum modo de falar como característico da região, alguns deles tocaram nesse assunto por conta própria, antes que a pergunta tivesse sido feita.

<sup>87</sup> Embora vários outros participantes tenham abordado esses elementos, apresentar cada um dos comentários individuais detalhadamente comprometeria a fluidez da leitura do capítulo. Assim sendo, optei por incluir neste capítulo somente os comentários mais elucidativos, que sintetizam considerações que, embora frequentes, aparecem de modo mais disperso nos comentários de outros participantes.

acordo com sua interpretação, não seria apenas uma forma alternativa às formas mais canônicas (ou seja, não seria uma mera variação da forma), mas sim um meio de sugerir relação com um "lugar", um "modo de vida", uma "identidade" e "cultura". Em linhas gerais, poderia se dizer que Maiara identifica uma relação indicial entre "é nós" e elementos constituidores do "ser zona sul".

Diversos outros comentários elencam elementos que poderiam, grosso modo, ser classificados como gírias:

*Coralina: eu acho que é "E aí, mano?!", "É issai", "Tá ligado?". Eu acho que é isso. (M3F)*

*Joaquim: "É nós", "Tá ligado?", "fui lá na quebrada, tá ligado?", "o bagulho foi lo(u)co", "jão", "tio"... Não sei se eles (es)tão usando mais "jão" e "tio". "E aê, viado, beleza?", "é, mano, coleí no bagulho lá". Esse jeito. (M1M)*

*Glauber: tem o "mano", mas hoje em dia é o "viado", né. Daqui a pouco vai virar outra (coisa). Antigamente você chamar o outro de "viado" era tiro, agora é gíria. (M2M)*

*Rosa: a gente fala muitas gírias características, que tem a ver com um determinado público da cidade, que não é só aqui do Grajaú. Se eu for lá pra Zona Leste "e aí, mano, beleza?", "se pá", "nóis se tromba" e tal, a gente se entende, né?! As periferias se entendem. (S1F)*

Em linhas gerais, entende-se por gíria a utilização de vocábulos com sentidos ainda não amplamente circulantes entre a maioria dos falantes daquela língua. Diferentemente do regionalismo (ou seja, a variação lexical diatópica), as gírias podem circular tanto entre grupos mais circunscritos, como um determinado grupo de estudantes, quanto mais amplos, generalizando-se para além de seu contexto original. Pretti (2002) classifica esses diferentes estados da gíria por meio das nomenclaturas "gíria de grupo" e "gíria comum". Quando se apresenta no primeiro estado, as gírias utilizadas são empregadas por falantes de um mesmo grupo com o objetivo de "comunicar-se sem serem entendidos por outros falantes que não pertencem ao grupo. Preservada, pois, a significação dos vocábulos, a gíria se torna uma linguagem secreta, somente compreensível aos iniciados" (Pretti, 2002, p. 88). Desse modo, a gíria geralmente se constitui como um verdadeiro "signo de adesão" (Guiraud, 1966, *apud* Pretti, 2002, p. 9) uma vez que contribui para a diferenciação entre os falantes comuns e os membros daquele grupo.

O processo de transformação da "gíria de grupo" em "gíria comum" se inicia quando ela começa a ser compreendida e incorporada por indivíduos não pertencentes aos grupos que a utilizam originalmente. Isso resulta em uma gradual diluição de suas restrições iniciais e de sua ligação estrita com o contexto original, de modo que a gíria pode inclusive sofrer mudanças de sentido em seu uso. Sua popularização passa por diferentes estágios nesse processo, que podem ter a ver com uma dinâmica mais intensa entre os falantes de diferentes grupos (seja como efeito da globalização ou das características da vida urbana), por uma tentativa de aproximação de determinados falantes a elementos que possam remeter a ideias de "renovação", "atualização cultural" ou "cosmopolitismo", por um cenário de popularização cultural dos grupos inicialmente associados a essas gírias (como a popularização dos grupos de rap, por exemplo), ou pode chegar a ser adotada pela grande mídia e, em última instância, perder seu status de "gíria" e passar a ser considerada apenas um modo de comunicação informal, totalmente desconectado de seu contexto de origem.

Haja vista que elementos lexicais podem ser mais salientes aos falantes (em comparação a elementos de natureza sintática, por exemplo), eles também são tanto mais perceptíveis, quanto mais passíveis de manipulação consciente por parte dos falantes. A essas particularidades provavelmente se deva o fato de as gírias terem sido o elemento principal mencionado pelos participantes como parte de um falar do EZS. Essas características também fazem das gírias elementos especialmente propícios para que pessoas de outros contextos a utilizem de modo estratégico com o objetivo de se associarem momentaneamente a determinados significados sociais. Dessa forma, sem que esses falantes precisem renunciar a seus lugares sociais, podem incorporar em determinados contextos essas práticas linguísticas.

Esse tipo de movimento só é possível, é claro, a partir do reconhecimento de que exista um "modo de falar" comum ao grupo a que se quer aproximar. Entre outras palavras, para que essa aproximação estratégica por parte de pessoas de fora da periferia ocorra com relação ao "falar da periferia", é necessário que se reconheça um "estilo de grupo" (nos termos de Eckert, 2018) ou "registro" (nos termos de Agha, 2007) da periferia, que consiste na identificação de indivíduos como pertencentes a categorias como "periférico" ou, mais especificamente, "os manos da periferia" (termo este que pode se referir a um tipo específico de morador da

periferia). De acordo com Eckert (2018), essa "nomeação pública de estilos" é possível graças a "(...) um processo de estereotipagem - uma reificação do grupo nomeado como constituindo uma comunidade suficientemente capaz de desenvolver um estilo conjunto, bem como suficientemente saliente para a vida pública, a ponto de ser nomeado e reconhecível"<sup>88</sup> (Eckert, 2018, p. 110, *tradução própria*).

Como é possível observar pelos comentários metalinguísticos produzidos pelos moradores da região do EZS, há também entre eles o reconhecimento de um falar específico e comum à região. Entretanto, esse "estilo de grupo" ou "registro" parece ser reconhecido menos como algo específico do EZS e mais como um modo de falar das periferias da cidade de São Paulo. Como se argumenta anteriormente, a constituição do "outro" a quem se antagoniza em parte dos discursos dos participantes se refere não a todos aqueles que estão fisicamente depois da ponte, mas mais especificamente a determinados grupos de regiões mais prestigiadas da cidade.

Apesar de haver a construção de uma identidade local e de um senso de pertença ao EZS, esse processo não é caracterizado por uma relação de antagonismo em relação a outras periferias. Ainda que o EZS seja separado de outras periferias da cidade por diversas pontes, as periferias são compreendidas como territórios assemelhados entre si, que, apesar de suas particularidades, compartilham determinado universo simbólico. Tal noção é sintetizada por Rosa por meio da frase "as periferias se entendem".

Muito embora, no nível macro, não seja possível identificar diferenças substanciais entre os padrões gerais de variação do EZS daqueles observados por Oushiro (2015) com relação à cidade de São Paulo como um todo, isso não significa que não exista, em outra instância, a atribuição de significados sociais às variáveis analisadas<sup>89</sup> e outras que constituam um determinado estilo sociolinguístico localmente interpretável. Além disso, ainda que membros de uma população definida a partir de seu local de moradia possam concordar que eles vivam

---

<sup>88</sup> No original: "Such public naming of styles is a process of stereotyping - a reification of the named group as sufficiently constituting community to develop a joint style, and as sufficiently salient to public life to name and learn to recognize."

<sup>89</sup> Isto é, (EN), (-r), CN e CV.

em uma área específica ou em determinada unidade político-administrativa<sup>90</sup>, eles não se relacionam de modo homogêneo com relação a ela ou ao seu entorno. Conforme argumenta Eckert (2018):

Diferentes pessoas em uma dada comunidade verão os limites que a definem diferentemente, usar partes diferente da comunidade e participar de seu entorno diferentemente. Essas diferenças irão resultar em diferentes padrões de contato, que têm implicações para a influência linguística. Elas também estarão relacionadas a interpretações e ideologias diversas, e se inserirão nos padrões de diversidade dentro da comunidade (p. 69, *tradução própria*)<sup>91</sup>.

Considerando esses elementos, como sugere o trabalho realizado por Eckert em Belten High (Eckert, 2000), por vezes as diferenças linguísticas que permitem a identificação de diferentes falares estão mais intimamente conectadas às comunidades de práticas do que a marcadores sociais macrosociológicos (como idade, gênero e escolaridade).

Como se explica no capítulo 2, a fim de observar “mais de perto e mais de dentro” (Magnani, 2007) a construção de significados sociais da (e com a) variação linguística, durante a incursão etnográfica em busca da comunidade de práticas a ser estudada para esta pesquisa, realizou-se observação participante em alguns dos saraus do EZS. Ainda que não tenha sido possível concretizar as gravações dos participantes da comunidade de práticas em diferentes situações interacionais (como originalmente se projetou), nesse período foi possível identificar o uso estilístico de três das variáveis estudadas: (-r), CN e CV. Além disso, determinadas gírias (Pretti, 2002) e marcadores discursivos (MDs, daqui em diante) demonstraram-se particularmente relevantes em algumas das interações observadas nos saraus.

Antes de seguir adiante, convém definir MDs: em linhas gerais, são elementos discursivo-textuais que desempenham as funções de sequenciadores tópicos ou de orientação da interação (Penhavel, 2010; Marmelotta, 2004). De acordo com Risso et al. (2006, apud Bentes et al, 2013), os MDs têm uma natureza externa em relação ao significado das proposições, visto que atuam no plano da atividade enunciativa e não no plano do conteúdo.

---

<sup>90</sup> Ou seja, um distrito, um município ou um país, por exemplo.

<sup>91</sup> No original: "Different people in a given community will view the boundaries differently, use different parts of the community and participate in the surroundings differently. These differences will result in different patterns of contact, which have implications for linguistic influence. They will also relate to different interpretations and ideologies, and will enter into the patterns of diversity within the community."

Além disso, eles são componentes que possuem independência sintática dentro da estrutura das frases, mas não são completamente autônomos em termos de comunicação, pois sua transparência semântico-referencial pode ser parcialmente obscurecida.

Tanto os MDs e as gírias quanto as variáveis observadas, é claro, não se apresentam necessariamente de modo uniforme nas falas dos membros do(s) sarau(s) ou sequer ocorrem do mesmo modo em todo tipo de interação. Isto é, dizer que esses elementos linguísticos são estilisticamente<sup>92</sup> usados por parte desses falantes não significa dizer que o mesmo padrão se repetirá de forma idêntica nas produções linguísticas de cada um deles; tampouco quer dizer que um falante apresentará o mesmo padrão sociolinguístico em diferentes contextos interacionais. Pelo contrário, espera-se que, assim como cada um dos membros favoreça mais alguns elementos e menos outros, haja variação intraindividual a depender do contexto interacional.

Isso porque um indivíduo desenvolve seu “jeito de falar” por meio da combinação de diferentes categorias (macrossociais e locais) a que se associa e que compõem sua experiência cotidiana. Por meio da participação em atividades e comunidades de práticas específicas à sua posição na estrutura social é que se constitui o modo como o indivíduo experiencia a vida no local em que se situa. Desse modo, “nessas comunidades de práticas é que ele desenvolverá uma identidade e as práticas linguísticas para articular essa identidade” (Eckert, 2001, p. 110, *tradução própria*)

Identidade, nesses termos, deve ser compreendida não como algo fixo, mas contextual. Conforme Silva (2000), justamente por ser um significado cultural e socialmente atribuído é que ela não é “fixa, estável, coerente, unificada, permanente (...) tampouco é definitiva, acabada, idêntica, transversal”. Ao contrário, ela é uma “construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente e inacabada” (p. 97).

---

<sup>92</sup> Utiliza-se “estilo” aqui no sentido proposto por Podesva (2007a, 2007b) e Coupland (2001; 2001; 2004), relativo à manipulação criativa de determinadas formas linguísticas por parte dos falantes para a construção de personas ou “tipos sociais”.

Desse modo, ainda que os saraus sejam espaços privilegiados para a construção de identidades “periféricas” ou constituidoras de uma reivindicação do “ser zona sul”, as práticas linguísticas apenas emergem acompanhadas por outras práticas que constituem o contexto imediato das interações de comunicação.

Mais adiante, observaremos como esses elementos são combinados nas falas de algumas figuras de referência dos saraus e da cena cultural da periferia. Antes disso, contudo, atendendo ao apelo de não abstrair as práticas linguísticas “da história comunitária e pessoal” dos falantes (Eckert & McConnell-Ginnet, 2010 [1992], p. 95), algumas informações a respeito do surgimento dos saraus e suas características são apresentadas no sentido de ajudar a compreender os significados sociais mobilizados na construção dos estilos por parte desses falantes.

### **7.3 Contextualizando as comunidades de práticas: a história dos saraus do EZS**

Diferente dos saraus típicos do século XIX e do início do século XX, que ocorriam em opulentos salões da metrópole e eram restritos a uma pequena elite apreciadora das artes da música e da literatura, os saraus literários que começam a surgir na periferia do extremo sul paulistano no início dos anos 2000 são profundamente populares<sup>93</sup> (Tavanti, 2018).

Embora atualmente iniciativas como essa tenham se espalhado pela cidade de São Paulo e região metropolitana afora, o movimento de saraus nas periferias teve como ponto de partida iniciativas de poetas e agitadores culturais moradores do EZS e das cidades vizinhas da região, como Taboão da Serra (Bin, 2009; Nascimento, 2011; Tennina, 2013; Tavanti, 2018)

Duas iniciativas marcam o início desse movimento. Uma delas consiste nos encontros informais realizados por Sergio Vaz e Marco Pezão<sup>94</sup>, em que eles se reuniam com amigos em bares do EZS para recitar poesias. Dessa iniciativa embrionária surge o que depois seria chamado de Sarau da Cooperifa<sup>95</sup>, hoje um dos saraus mais conhecidos não só no EZS como em todo o Brasil. A outra diz respeito às iniciativas de Robson Padial, mais conhecido como

---

<sup>93</sup> Especificamente no sentido de ser relativo/pertencente ao povo.

<sup>94</sup> Nome pelo qual era conhecido Marco Antonio Iadocicco.

<sup>95</sup> Cooperativa Cultural da Periferia.

Binho. Entre os anos de 1993 e 2003, Binho realizou uma série de intervenções poéticas pela cidade de São Paulo, que ficaram conhecidas pelo nome de "postesia". Essa iniciativa, que teve início nos distritos da zona sul e posteriormente se estendeu para outras áreas da cidade, envolvia a fixação de placas contendo poesias nas vias públicas de São Paulo. Como se exemplifica mais adiante, essa empreitada é frequentemente citada por figuras de destaque na cena cultural atual do EZS. Ela é reconhecida pelos articuladores culturais locais como um marco no surgimento de movimentos literários na periferia.

Nesse mesmo período, Binho promoveu também a Noite da Vela, que consistia em um evento à luz de velas realizado no primeiro bar aberto pelo agitador cultural. A ideia inicialmente consistia em uma noite em que os frequentadores pudessem escutar a diferentes discos musicais selecionados por Binho e Suzi Soares, sua companheira e parceira em cada uma das empreitadas culturais desenvolvidas ao longo dos anos. Nas noites em questão, durante as transições de um disco para o outro, várias pessoas passaram espontaneamente a utilizar o espaço como uma oportunidade para declamar seus próprios escritos. Marcelino Freire<sup>96</sup>, hoje um renomado escritor nacional, declamou pela primeira vez um de seus contos nessa ocasião. Outro nome amplamente conhecido na cena cultural do EZS, e em diversos outros espaços culturais da cidade, que declamou um de seus escritos pela primeira vez na "Noite da Vela" é Pezão. Em entrevista concedida para esta pesquisa<sup>97</sup>, o poeta relatou:

*Pezão: o Binho começou a fazer a Noite da Vela. Fechou assim a entrada do bar com um pano preto, fechou tudo, assim. Ai colocou uns dois músicos um saxofone, outro com guitarra, ai colocou velas na mesa. Ai, quem queria cantar, cantava. Foi a primeira vez que eu declamei um poema que eu tinha feito na época, [chamado] "Minas da Periferia". E os cara improvisando com sax.*

Como esse trecho ilustra, a história dos diferentes saraus e iniciativas culturais da região se entrelaçam desde seus momentos iniciais. Pezão, que, como já mencionado, veio a ser um dos cofundadores do renomado Sarau da Cooperifa, compartilha, ainda, detalhes sobre o episódio em que introduziu Binho a Sergio Vaz, também um dos cofundadores da Cooperifa.

---

<sup>96</sup> Autor de oito livros até o momento, entre os quais "Contos negreiros" (2005), vencedor em primeiro lugar na categoria contos pelo Prêmio Jabuti de Literatura (2006) e "Nossos Ossos" (2013), primeiro lugar na categoria romance pelo Prêmio Machado de Assis em 2014 e finalista do Prêmio Jabuti de Literatura no mesmo ano.

<sup>97</sup> Entrevista esta que compõem a amostra estratificada analisada nos capítulos de 3 a 6.

Além disso, o poeta aborda a participação de Binho no Sarau da Cooperifa e a subsequente criação do agora oficial "Sarau do Binho":

*Pezão: quando a gente fez o sarau da Cooperifa, eu levei o Binho. Ai apresentei o Binho pro poeta Sérgio Vaz, que eles não se conheciam. Ai o Binho começou a participar da Cooperifa. Ai passado uns anos, quando a gente mudou pra lá e tudo, fomo(s) pra Piraporinha... depois o Binho comprou o bar lá embaixo da faculdade Anhanguera e ali ele montou o sarau dele, de segunda-feira. A gente achou uma loucura. Segunda-feira, mano? Na Cooperifa era de quarta. Mas o sarau pegou. Foi bem bacana, né?*

O bar a que Pezão se refere diz respeito ao então “Bar do Binho”<sup>98</sup>, segundo bar gerenciado por Binho e Suzi na região do Campo Limpo, entre os anos de 2004 e 2012. Foi nesse período em que os saraus passaram a acontecer no bar de modo regular. Como relata Suzi em sua participação em uma das edições do Averso Podcast<sup>99</sup>, apresentado pelo escritor Ferrez e pela produtora cultural Diolanda, além das performances e apresentações, as noites de sarau eram também espaços de encontro entre diferentes pessoas engajadas na construção de iniciativas da região e articulação de novos projetos e parcerias:

*Suzi: é que no bar sempre tinha um sarau que acontecia do lado de fora, né. Porque ficava a galera do lado de dentro, no sarau. E do lado de fora acontecia tudo, assim... as pessoas se conheciam, as redes se formavam. Então muita coisa muito importante começou lá.*

O fato de que o surgimento dessas duas iniciativas pioneiras tenha se dado no ambiente do bar não consiste em mera coincidência, pois é uma decorrência direta das características das periferias urbanas, especialmente naquele período. Isso porque, mediante a ausência de praças e equipamentos culturais na periferia, o bar é originalmente um dos únicos espaços de socialização das pessoas da região (Silva, 1978; Challoub, 1986; Magnani, 1998). Ao mesmo tempo, com a chegada dos saraus, esses espaços, geralmente associados ao vício e a violência<sup>100</sup>, sofrem profundas transformações.

---

<sup>98</sup> De acordo com o que me foi relatado por Suzi, o nome “Sarau do Binho” foi cunhado por participantes do sarau, por assimilação ao local em que os encontros aconteciam, o “Bar do Binho”. Com a popularização do nome, Binho e Suzi resolveram adotar oficialmente o nome para denominar as atividades do que viria a ser o coletivo cultural Sarau do Binho.

<sup>99</sup> Disponível em: <[https://youtu.be/UK0\\_JHuRl8M](https://youtu.be/UK0_JHuRl8M)>. Acesso em: 20 fev. 2023.

<sup>100</sup> Esse cenário é retratado por algumas produções focalizadas na realidade da periferia, como a canção "Mano na porta do bar", faixa quatro do álbum "Raio X do Brasil" (1993), do grupo de rap Racionais MCs.

Um bom exemplo, nesse sentido, é o Bar do Zé Batidão. Localizado no Piraporinha, no EZS, o bar, que já existia antes do Sarau da Cooperifa, se tornou conhecido por toda a cidade depois de passar a ser o local de realização dos saraus. De acordo com Zé, dono do bar, em uma entrevista concedida ao documentário *Jogo de ideias*<sup>101</sup> (2008), se antes o espaço era frequentado apenas por adultos e tinha como seu nicho principal a venda de bebidas alcoólicas, após a vinda do sarau, seu público se diversificou e sua relação com o bairro também se alterou. Hoje, mesmo nos dias em que não há sarau, é possível visualizar seus impactos inclusive na configuração física do bar, que passou a contar com uma pequena biblioteca ao lado das caixas de cerveja, na qual as crianças do bairro podem fazer empréstimos dos livros para realizar trabalhos escolares. Além disso, graças aos saraus, esses bares passaram a ser espaços em que diversas outras práticas ocorrem: pessoas escrevem, leem, declamam seus escritos, reencontram conhecidos, conhecem novas pessoas e expandem suas redes.

A partir dessas iniciativas pioneiras, diversas outras surgiram em diferentes distritos do EZS. Os saraus passaram, então, a ser realizados em uma ampla diversidade de espaços: praças públicas<sup>102</sup> – construídas principalmente a partir dos anos 2000 –, espaços culturais diversos construídos seja por movimentos sociais locais<sup>103</sup> ou pelo poder público<sup>104</sup>, equipamentos culturais gerenciados pela iniciativa privada (como os SESCs), bibliotecas<sup>105</sup> e escolas.

Aos poucos, os saraus passaram a fazer parte da agenda social da região e se tornaram ponto de encontro de vários moradores dos arredores. Lá, a população encontrou espaços de diálogo e articulação coletiva acerca de suas realidades. Nos termos de Sérgio Vaz, “o sarau foi se firmando como um movimento na quebrada” e sem que os organizadores tenham pré-determinado, “as poesias românticas foram sendo substituídas pela temática social” (Reyes,

---

<sup>101</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=PKZ9TO\\_YCnM](https://www.youtube.com/watch?v=PKZ9TO_YCnM)>. Acesso em: 10 jan. 2022.

<sup>102</sup> Além dos saraus, a Feira Literária da Zona Sul (FELiZS), organizada por membros do Sarau do Binho, ocorre anualmente na Praça do Campo Limpo. Atualmente, este é o maior evento brasileiro voltado para a produção literária produzida na periferia. Para mais informações, acesse: <<https://www.felizs.com.br/>>. Acesso em: 19 abril 2022.

<sup>103</sup> Como o espaço I Love Laje, fundado por Pezão ou o Espaço Clariô de Teatro, local que passou a sediar as noites de sarau do Sarau do Binho desde 2012.

<sup>104</sup> Como as Casas de Cultura.

<sup>105</sup> No site da Prefeitura de São Paulo é possível obter mais informações sobre algumas dessas iniciativas: <<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/noticias/?p=27571>>. Acesso em: 24 julho 2022.

2011, p. 62). Desse modo, uma série de elaborações a respeito da vida na periferia passaram a ser produzidas coletivamente e, muitas vezes, materializadas textualmente por meio das poesias. Nelas, os sujeitos formulam narrativas que deslocam o eixo da experiência de viver na região das páginas policiais à construção coletiva de símbolos de resistência política e valorização das características da população local, composta majoritariamente por pessoas empobrecidas, negras, migrantes e descendentes de migrantes.

Narrativa é compreendida aqui nos termos de Bruner (1995, 1997), para quem esta consiste não em um gênero discursivo específico (como a reportagem, o poema ou uma carta), mas em uma produção em que o sujeito evoca e seleciona eventos de sua vida, expressando sua versão da realidade e dando a ela novos sentidos no processo narrativo. Por meio dela, os sujeitos organizam suas memórias e a reconstruem, potencialmente estabelecendo novas relações entre os eventos relatados. A depender do lugar social e do contexto em que essas narrativas sejam produzidas pelo sujeito, elas podem contribuir para a formulação de uma “memória coletiva”, compartilhada pela comunidade.

Assim como diversas músicas de rap narraram a vida nos bairros do EZS, geralmente a associando à baixa oferta de espaços de socialização, a violência e a luta pela sobrevivência, diversos poemas produzidos por frequentadores dos saraus passam a dar significado a suas vivências na região. Um dos poemas mais conhecidos nesse sentido é “Campo Limpo, Taboão, Capão”, de autoria de Binho<sup>106</sup>:

*Campo Limpo Taboão, Capão*

*Quando nasci tinha seis anos  
No lugar em que nasci  
Sonhava que era tudo nosso  
Tinha os campinhos e os terrenos baldios  
Era meu território  
Já foi interior,  
Hoje periferia com as casas cruas.  
As vacas com tetas cruas  
Não existem mais  
A cerca virou muro. Óbvio  
A cidade cresce*

---

<sup>106</sup> Poema escrito em 2002 e publicado em 2007 no livro “Donde Miras: dois poetas” pela Edições Toró. É possível ouvir Binho recitando o poema por meio do vídeo disponível em: <<https://youtu.be/pWSKFiE-lgg>>. Acesso em: 26 maio 2022.

*O muro cresce  
Vieram os prédios, as delegacias, os puteiros  
E as Casas Bahia  
Também cresci,  
Fiquei grande  
Já não caibo dentro de mim  
E de tão solitário  
Sou meu próprio vizinho  
E de tão solitário  
Sou meu próprio vizinho.*

O poema de Binho tematiza os processos de transformação ocorridos nos distritos Campo Limpo e Capão Redondo, bem como em Taboão da Serra, município da Grande São Paulo localizado ao lado do distrito Campo Limpo. A partir de sua experiência como morador do EZS desde a infância, Binho narra o processo de urbanização da região e as consequentes alterações nas formas de sociabilidade. Essas características, descritas pela literatura dedicada ao estudo do processo de urbanização da região (cf. Capítulo 2), são narradas por Binho atravessadas pelo olhar afetivo do sujeito que as vivenciou em primeira pessoa, estabelecendo uma relação entre as transformações do território e suas transformações enquanto sujeito que lá habita.

Desse modo, a compreensão de sua identidade, bem como a compreensão de seu território se misturam: o espaço transforma Binho e este, por sua vez, transforma o espaço a partir de seu olhar. Essa relação não apartada entre espaço privado (e a compreensão do "eu") e espaço público assemelha-se justamente àquilo descrito pelo antropólogo Magnani (1984) como parte das características comuns aos estilos de apropriação do espaço e as sociabilidades na periferia paulistana. Dessa forma, Binho constrói, por meio de sua narrativa, formas de significar a região desde um “local de fala”<sup>107</sup> de dentro, trazendo outros sujeitos que não os especialistas acadêmicos para a disputa do campo discursivo<sup>108</sup> (Maingueneau, 1997, 2000) que qualifica e descreve o território.

---

<sup>107</sup> No sentido similar à noção de "epistemologia do ponto de vista" (Harding, 1995), que considera que as perspectivas de um indivíduo são modeladas por meio de suas experiências sociais.

<sup>108</sup> Compreende-se por campo discursivo “um conjunto de formações discursivas que se encontram em relação de concorrência em sentido amplo” (Maingueneau, 1997, p. 116), isto é, “como um espaço no interior do qual interagem diferentes ‘posicionamentos’, fontes de enunciados que devem assumir os embates impostos pela natureza do campo, definindo e legitimando seu próprio lugar de enunciação” (Maingueneau, 2010, p. 50).

Outro tipo de formulação muito comum nas criações literárias produzidas nesse contexto retoma uma temática já presente nos raps produzidos por MCs e grupos da região: a concepção dos espaços periféricos como “quilombos urbanos”, relacionando a noção de territorialidade à identidade étnico-racial (Carril, 2006; Simões et al., 2010). Uma experiência que ilustra como essa elaboração é incorporada coletivamente diz respeito a um acontecimento observado em uma das incursões etnográficas realizadas ao longo desta pesquisa no Sarau da Cooperifa. Naquela ocasião, um dos participantes se deslocou até o microfone para recitar o poema “Rei Palmares”, de autoria de Luan Luando, um poeta, ator e militante das lutas populares na região. Entoadado em uma rítmica similar à utilizada nas músicas de rap, a recitação foi acompanhada por um coro de vozes que repetiam em conjunto os versos:

*Vamos reconstruir Palmares  
Vamos reconstruir Palmares  
Mesmo com nasa sobre os ares  
Mesmo que venham ogivas nucleares  
Mesmo que caíam corpos sobre os mares  
Vamos reconstruir Palmares*

A noção de “quilombo”, agora acompanhada pelo qualificador “cultural” aparece também em um poema de Sergio Vaz, presente em seu livro *Literatura, Pão e Poesia*<sup>109</sup>:

*Literatura das ruas*

*O Sarau da Cooperifa é nosso quilombo cultural.  
A bússola que guia a nossa nau pela selva escura da mediocridade.  
Somos o grito de um povo que se recusa a andar de cabeça baixa e se  
prostrar de joelhos.  
(...)  
Neste instante, neste país cheio de Machados se achando serra elétrica,  
nós somos a poesia: essa árvore de raízes profundas, regada com a água  
com que o povo lava o rosto depois do trabalho.*

Aliadas a essas temáticas, diversas outras aparecem de modo contundente nos saraus: a luta pela moradia, feminicídio, violência policial, fome, exploração do trabalho e tantos outros aspectos da realidade material de seus participantes. Os espaços do sarau passaram a ser, então,

---

<sup>109</sup> Para assistir à Dona Edite, uma das maiores figuras de referência do EZS, tida como a matriarca do Coletivo da Cooperifa, recitar ao poema completo, acesse: <<https://www.youtube.com/watch?v=7siV3oFCK1s>>.

não apenas um local para a recitação de poesias e performances artísticas, mas também um espaço de articulação entre diferentes movimentos sociais, que ali se encontram e estabelecem diálogo. Por meio desses encontros, diversas parcerias e novos projetos surgem. Além disso, as atividades dos saraus congregam pessoas inicialmente não ligadas a nenhuma iniciativa coletiva, mas que, nesse cenário, entram em contato com grupos e temáticas que podem lhes interessar.

Durante o período de observação participante conduzido nos saraus do EZS, foi possível presenciar anúncios feitos ao microfone a respeito de dezenas de atividades realizadas na região. As temáticas eram diversas: convites para apresentações artísticas em pontos de cultura da região, fossem esses eventos organizados pelo poder público ou independentes; ações de coletivos feministas locais; ações relacionadas a movimentos por moradia; convites para atividades voltadas para saúde e bem-estar; anúncios a respeito de cursinhos pré-vestibular populares e gratuitos; além de convites para outras atividades promovidas pelo próprio coletivo que organiza o sarau.

Do mesmo modo, ao participar das atividades realizadas em algumas dessas outras comunidades, foi possível observar que nesses espaços as iniciativas dos saraus também são (re)conhecidas e anunciadas pelos organizadores, que muitas vezes participam ao mesmo tempo de mais de uma dessas comunidades. Para mencionar apenas dois exemplos: Luan Luando, membro do Sarau do Binho, participa de outros saraus da região (como o Sarau Poesia Sem Miséria, organizado pelo espaço I Love Laje e o Sarau da Cooperifa), foi um dos cofundadores do Sarau da Vila Fundão, que ocorreu entre os anos de 2009 e 2014 no distrito do Capão Redondo, participa ativamente de movimentos sociais por moradia<sup>110</sup> e do movimento *hip-hop*. Helena Silvestre, também membro do Sarau do Binho, faz parte do movimento por moradia<sup>111</sup> e é fundadora da Escola Feminista Abya Yala<sup>112</sup>, um coletivo feminista composto por mulheres do EZS.

---

<sup>110</sup> Luan foi um dos cofundadores do Movimento Luta Popular.

<sup>111</sup> Helena foi uma das fundadoras do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e atualmente compõe o Movimento Luta Popular.

<sup>112</sup> De acordo com a própria definição disponível no perfil oficial do grupo, "A Escola Feminista Abya Yala é um espaço de estudo coletivo, fortalecimento e cuidado entre mulheres ativistas das periferias da zona sul de SP.". Para mais informações, acesse: <[https://www.instagram.com/escola\\_abyayala/](https://www.instagram.com/escola_abyayala/)>.

Esse intercâmbio entre as comunidades gera, gradativamente, novas relações entre pessoas que frequentam os eventos, de modo que começa a se articular uma rede no território, que conecta os diferentes saraus, movimentos sociais e culturais e equipamentos culturais da região, relações essas que são reconhecidas por seus usuários habituais. Tais características são o suficiente para afirmar que foi se formando na região aquilo que a Antropologia Urbana denomina por “circuito”, que é descrito por Magnani (2007) como:

o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial, mas é reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais (p. 5)

No contexto das comunidades que compõem esse circuito, cada uma delas tem suas particularidades e práticas sociais específicas. Além disso, cada uma delas se situa em pontos específicos (apesar de não fixos) desse circuito, estando algumas mais próximas a outras, com maior ou menor grau de intercâmbio entre seus participantes. No que diz respeito aos saraus, a Cooperifa, o Espaço Cultural I Love Laje<sup>113</sup> e o Sarau do Binho se configuram como comunidades vizinhas e com alto grau de intercâmbio entre os participantes.

Com relação às especificidades de cada um, por exemplo, durante o período de realização da observação em campo desta pesquisa, as noites do Sarau da Cooperifa aconteciam em um bar<sup>114</sup>, já o sarau do I Love Laje (Sarau Poesia sem Miséria) esse dava nas próprias dependências da sede do espaço cultural e o sarau do Coletivo Sarau do Binho acontecia em uma casa de teatro independente<sup>115</sup>. Além disso, entre as diferenças, destacam-se algumas práticas mais características de cada uma das comunidades. Por exemplo, no Espaço I Love Laje havia a oferta de aulas de teatro, ministrada por uma das organizadoras do sarau, a professora, poeta e articuladora cultural Alai Diniz. Já no Sarau do Binho, acontecia o “Conversas vai, com versos vem” – neste evento, que era aberto ao público, autores locais e/ou

---

<sup>113</sup> Como se explica no Capítulo 2, as atividades do Espaço Cultural I Love Laje foram encerradas ao final do ano de 2018. Boa parte de seus participantes, contudo, já eram frequentadores das atividades do Sarau do Binho e permanecem assíduos por lá.

<sup>114</sup> Como já mencionado, o Bar do Zé Batidão.

<sup>115</sup> O Teatro Clariô, em Taboão da Serra.

de projeção nacional<sup>116</sup> eram entrevistados por Binho, o anfitrião. Durante as entrevistas, o público tinha a oportunidade de fazer perguntas aos escritores. E no Sarau da Cooperifa, acontece todos os anos o “Ajoelhaço: noite do perdão”<sup>117</sup>, que consiste em uma noite em que os homens presentes no evento se ajoelham para pedir perdão para as mulheres “por todas as injustiças, atrocidades e crimes cometidos contra elas” (Vaz, 2012)<sup>118</sup>. Além disso, enquanto nos saraus promovidos pelo Sarau do Binho e pelo I Love Laje as declamações realizadas pelos participantes seguem uma ordem mais espontânea, no Sarau da Cooperifa há a realização de inscrição prévia dos participantes.

Por outro lado, ainda que cada sarau dê um tom característico para suas atividades, uma série de práticas se repete entre eles. A doação de livros é uma delas: realizada pela Cooperifa na noite da “Chuva de livros”, em que o coletivo distribui entre os participantes do evento exemplares de livros doados por editoras; e pelo Sarau do Binho, por meio da iniciativa “bicicloteca”, em que membros do sarau saem pedalando pelos bairros da região uma bicicleta repleta de livros<sup>119</sup> que são entregues aos transeuntes<sup>120</sup>. Ambos os saraus realizam também feiras literárias na região, como a Amostra Cooperifa<sup>121</sup> e a Feira Literária da Zona Sul (FELiZ)<sup>122</sup>. Cada um deles, além das noites de sarau regulares que ocorrem sempre no mesmo local, realizam também saraus itinerantes em escolas públicas, bibliotecas e diversos equipamentos culturais públicos e privados, tanto da zona sul quanto de outras regiões da cidade.

---

<sup>116</sup> Como os membros do Sarau do Binho como Tula Pilar, Helena Silvestre e Serginho Poeta. Autores chegados, como Marcelino Freire e Sergio Vaz. Ou autores de outros contextos, como Milton Hatoum e Ricardo Azevedo.

<sup>117</sup> Tal evento, vale dizer, é alvo de críticas por parte de algumas escritoras e articuladoras culturais locais, que questionam a efetividade desse tipo de ação no combate ao machismo. Uma discussão mais pormenorizada a respeito dessa controvérsia pode ser encontrada no trabalho de Jéssica Balbino (2016).

<sup>118</sup> Trecho disponível em: <<https://www.otaboanense.com.br/ajoelhaco-da-cooperifa-%E2%80%93-noite-do-perdao/>>. Acesso em>: 17 abril 2023.

<sup>119</sup> Geralmente originalmente doados para o coletivo por escolas, bibliotecas ou pessoas físicas.

<sup>120</sup> Há, ainda, a realização de um grande mutirão de doação de livros no Terminal Campo Limpo em todos os aniversários de Binho, além da iniciativa “Livro no Ponto”, em que o coletivo organiza gôndolas com livros em pontos de ônibus da região.

<sup>121</sup> Que até o ano de 2022 havia passado por 13 edições.

<sup>122</sup> No ano de 2023, ocorreu sua sétima edição.

As similaridades entre os saraus se dão também no que diz respeito aos ritos ocorridos nas noites de sarau, que seguem mais ou menos o mesmo padrão. De modo que, ao frequentar um dos saraus, o participante saberá o que esperar e como se comportar nos outros saraus da região. Há sempre uma pessoa responsável pela mediação e apresentação da noite de sarau. Essa pessoa geralmente é aquela que funciona como a “cara pública” do coletivo, ou seja, aquela que geralmente fala ao microfone e, conseqüentemente, se torna o nome mais conhecido do sarau. No caso do Sarau do Binho e do Sarau da Cooperifa, as pessoas que ocupam esse papel são, respectivamente, Binho e Sergio Vaz.

Em linhas gerais, as noites de sarau se desenrolam do seguinte modo: os anfitriões iniciam o evento com uma fala de boas-vindas, com a qual saúdam os presentes e destacam a importância da comunidade local, além de informar sobre eventos futuros. Às vezes, nesse momento, também aproveitam para discutir tópicos que ganharam destaque naquele período, compartilhando suas opiniões e considerações sobre o ocorrido com o público presente. Posteriormente, o anfitrião atua como mediador, passando o microfone para aqueles que vão fazer as recitações ou performances, além de atuar como comentador, por vezes elogiando as performances ou adicionando sua opinião àquilo que foi dito pelo participante. Ele também atua encorajando as pessoas a irem até o microfone e aos outros a permanecerem em silêncio e a aplaudirem a cada uma das apresentações. A noite de sarau tem fim quando o anfitrião toma a palavra e assim o anuncia, agradecendo aos presentes e os convidando para novos eventos.

Além desses elementos, é bastante comum que durante as práticas realizadas pelos saraus se façam constantes referências a figuras locais, sejam rappers, representantes de movimentos sociais ou escritores da região. Seus feitos e obras são reverenciados e, com frequência, recitados por membros dos saraus, ou mesmo são fonte de inspiração para novas criações. Adicionalmente, figuras de outras regiões e/ou outras épocas são reivindicadas como referência na literatura produzida por pessoas marginalizadas, como é o caso de Lima Barreto (1881-1922), escritor carioca pobre e negro, e Maria Carolina de Jesus (1914-1977), escritora negra, moradora da favela do Canindé, na zona norte de São Paulo, que passou a vida trabalhando como catadora de papel.

A repetição sistemática dessas práticas não se dá sem direção ou como mero produto do acaso, mas como um meio de construção de valores e normas que deem novo sentido para as vidas das pessoas que transitam por essas comunidades (Franco, 2006). Conforme argumenta Hobsbawn (2008 [1997]), “as práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento por meio da repetição” (p. 12), constituindo aquilo que o autor denomina por “tradições inventadas”. Estas são construídas nos mais diversos tempos e contextos históricos em que haja um momento de crise social decorrente de “uma transformação rápida da sociedade”, que “debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as ‘velhas’ tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais estas tradições são incompatíveis” (p. 12).

Tendo em vista o importante papel dos saraus do EZS na constituição de uma nova tradição cultural da periferia, ainda que cada uma dessas práticas que se cristalizam seja negociada entre os diversos membros que compõem essas comunidades, os anfitriões e rostos principais de cada uma delas destacam-se como porta-vozes e mediadores culturais dessa nova tradição. Isso se ilustra, entre outras coisas, por determinadas formulações discursivas produzidas por esses atores sociais que passam a se tornar verdadeiros bordões, amplamente reproduzidos pelos frequentadores dos saraus, como a saudação “povo lindo, povo inteligente” costumeiramente utilizada por Vaz nas aberturas das atividades dos saraus ou “vida loka é quem estuda”, verso de seu poema intitulado “A vida é loka”. Ou o verso “uma andorinha só não faz verão, mas pode acordar o bando todo”, que originalmente faz parte de um poema de Binho, frequentemente enunciado por outras pessoas durante os saraus e incorporado em diversas outras produções culturais.

O verso “vida loka é quem estuda”, aliás, chegou a ser grafitado não apenas em muros da zona sul da cidade (como este que é ilustrado na figura 15, situado no bairro Jardim Itapura), mas também em outras localidades, como a região do litoral norte de São Paulo (figura 16):

Figura 15- O verso “Vida loka é quem estuda” grafitado no muro de um bairro da zona sul



Fonte: Página do Facebook de Sergio Vaz<sup>123</sup>.

Figura 16 - O verso “Vida loka é quem estuda” grafitado em uma pista de skate em Caraguatatuba, litoral de São Paulo.



Fonte: Portal de notícias Costa Norte<sup>124</sup>.

<sup>123</sup>Disponível em: <[https://www.facebook.com/poetasergio.vaz2/photos/a.640773479335406/1863365393742869/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/poetasergio.vaz2/photos/a.640773479335406/1863365393742869/?locale=pt_BR)>. Acesso em: 22 março 2023.

<sup>124</sup> Disponível em: <<https://costanorte.com.br/cidades/caraguatatuba/vida-loka-e-quem-estuda-artista-de-caraguatatuba-sp-pinta-pista-de-skate-com-homenagem-a-poeta-1315523.html>>. Acesso em: 23 março 2023.

O verso de Binho “uma andorinha só não faz verão, mas pode acordar o bando todo” aparece também em produções de pessoas de outras regiões, como é o caso da canção “Trinta e três<sup>125</sup>”, faixa do álbum Tungstênio (2018) do grupo de rap Inquerito, originário de Nova Odessa, no interior de São Paulo. De acordo com informações disponíveis em uma das páginas oficiais de um dos membros do grupo, Renan, a música foi escrita por ele em virtude de seu aniversário de 33 anos e "une gratidão e celebração por quase duas décadas dedicadas ao *hip-hop* e ao 'tráfico de raciocínio’”.<sup>126</sup> Em uma de suas estrofes, a letra da canção diz:

*"Uma andorinha só não faz verão, não!  
Mas pode acordar o bando todo (é!)  
Assim disse o poema do Binho (salve, sarau)  
Por isso que eu sei que não tô sozinho"*

Embora as atividades dos sarau tenham surgido no EZS, e mantenham por lá seu lócus principal de atuação, como exemplificam o grafite presente no litoral do estado (figura 18) e a letra de música do grupo de rap da região interiorana, com o passar do tempo, os sarau e suas figuras mais publicamente proeminentes passaram a se constituir como referências culturais para diversas periferias, mesmo aquelas situadas em outras regiões. Inspiradas pelas iniciativas pioneiras do EZS, diversas outras passaram a surgir em outras periferias, configurando uma verdadeira cena de sarau periféricos. Para mencionar apenas alguns exemplos em São Paulo, entre dezenas de outros possíveis: na região da Brasilândia, zona norte da cidade, há atualmente o Sarau da Brasa; em Pirituba, região noroeste da cidade, há o Sarau Elo da Corrente; o Sarau Suburbano, que aconteceu por alguns anos na zona leste da cidade de São Paulo, atualmente ocorre mensalmente no Museu das Favelas, na região central da cidade e em São Sebastião, cidade do litoral paulistano. Ainda, há registros de sarau periféricos em diversos outros locais do país, como Curitiba, Recife, Fortaleza e Salvador<sup>127</sup>.

---

<sup>125</sup> A letra completa está disponível em: <<https://www.letas.mus.br/inquerito/trinta-e-tres/>>. Ela pode também ser ouvida pelo link: <<https://www.youtube.com/watch?v=2aD-49N-4Gg>>.

<sup>126</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2aD-49N-4Gg>> Acesso em: 23 março 2023.

<sup>127</sup> Uma lista com alguns desses sarau está disponível aqui: <<https://educacaoeterritorio.org.br/arquivo/mundial-da-educacao-sarau-das-cidades-sede-colaboram-com-a-mobilizacao-comunitaria/>>. Acesso: 20 mar. 2023.

Além de se espalhar por outras periferias ao redor do país, o sarau faz parte de um movimento cultural periférico que produz “centralidades descentralizadas” (Brito, 2021). Tal movimento é ilustrado pela recente ocupação, por parte dos saraus, de espaços públicos antes restritos às classes mais economicamente favorecidas. Vale mencionar alguns exemplos: os representantes do Brasil na 40ª Feira Internacional do Livro de Buenos Aires, em 2014, foram saraus periféricos<sup>128</sup>; em 2018, a Câmara Municipal de São Paulo conduziu sessão solene em homenagem ao Sarau do Binho e seu papel na preservação da cultura local da periferia da zona sul<sup>129</sup>; também em 2018, a Assembleia Legislativa de São Paulo concedeu a Sérgio Vaz o tradicional XXII Prêmio Santo Dias de Direitos Humanos, nomeado em homenagem ao operário morto pela ditadura no final da década de 1970 na zona sul<sup>130</sup>; a Biblioteca Mario de Andrade – a segunda maior biblioteca nacional, situada no centro de São Paulo – homenageou Tula Pilar Ferreira<sup>131</sup>, poetisa e membro do Sarau do Binho, dando seu nome à sala multiuso Sarauódromo<sup>132</sup>; por fim, é grande a quantidade de parcerias firmadas entre os saraus e organizações que promovem ações culturais, tais como o SESC, o Instituto Moreira Salles, o Itaú Cultural, entre outros.

As experiências descritas até então evidenciam a construção de um conjunto de práticas coletivas que, nos termos de Hobsbawm, inventam tradições. É necessário, neste momento, esclarecer o papel dos usos da linguagem no modus operandi da invenção dessas tradições coletivas, mais especificamente, como signos linguísticos são utilizados como elementos constituidores da centralização descentralizada e em favor da criação do ser periférico. Esse movimento tem como sua característica principal a subversão linguística de signos usualmente relacionados à criminalidade, à vulnerabilidade, à violência, dotando-os de sentidos positivos

---

<sup>128</sup> Disponível em: <<https://mural.blogfolha.uol.com.br/2014/05/13/periferia-de-sp-se-destaca-em-feira-do-livro-de-buenos-aires/>>. Acesso: 23 de mar. 2023.

<sup>129</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Sp3D7569hsY>>. Acesso em: 23 de mar. 2023.

<sup>130</sup> Disponível em: <https://ponte.org/poeta-sergio-vaz-recebe-premio-santo-dias-de-direitos-humanos-ta-no-meu-nome-mas-e-nosso/>. Acesso em: 17 de jun. 2023

<sup>131</sup> A poetisa e membro ativo dos saraus do EZS, Tula Pilar (1970-2019), negra e ex-trabalhadora doméstica, se autodeclarava uma seguidora de Carolina de Jesus. Tanto pela inspiração declarada pela poetisa quanto pelos elementos em comum nas trajetórias de ambas as escritoras, Pilar foi reverenciada em diversos momentos como a “Carolina de Jesus do Taboão ” ou “Carolina dos saraus”.

<sup>132</sup> Disponível em: <https://www.capital.sp.gov.br/noticia/biblioteca-mario-de-andrade-inaugura-sala-multiuso>. Acesso em: 10 de jun. 2023.

que potencializam a criatividade do ser periférico e sua capacidade como agente de mudança e transformação – no caso da cena cultural e principalmente dos saraus, mudança e transformação por meio da linguagem.

Exemplos dessa subversão por meio da linguagem são os trechos mencionados anteriormente do verso de um poema de Vaz chamado “Vida Loka” e da descrição realizada pelo rapper Renan Inquérito a respeito da música que cita um verso de Binho. Além disso, o Manifesto da Antropofagia Periférica (2008), escrito por Sergio Vaz, faz evidente referência ao Manifesto Antropofágico, de Oswald de Andrade. Em contraste ao movimento modernista, protagonizado por intelectuais da elite brasileira, o Manifesto da Antropofagia Periférica tem como protagonistas e tema principal os artistas periféricos. De acordo com Vaz, ao escrever o manifesto, um de seus objetivos consistia em justamente provocar a elite acadêmica por meio dessa subversão. Em seu conteúdo, o manifesto defende que “A arte que liberta não pode vir da mão que escraviza”, mas sim de “Um artista a serviço da comunidade, do país. Que armado da verdade, por si só exercita a revolução”. Desse modo, por meio da máxima presente no Manifesto, “a periferia unida no centro de todas as coisas”<sup>133</sup>, ilustra-se o processo de centralização descentralizada que se articula a partir de um projeto em andamento de fortalecimento da cultura urbana periférica.

Para além do trabalho de ressignificação das expressões relacionadas à periferia, há também destaque para práticas linguísticas relacionadas à utilização de determinados elementos linguísticos comumente associados aos falares das camadas populares. Isso se evidencia pela elaboração de discursos metalinguísticos que situam o falar da periferia como relacionado a determinados usos linguísticos. Um bom exemplo é oferecido por Binho no ano de 2016, na mesa “Conexões culturais: encontros e desencontros na cidade” do seminário internacional Cidades e Territórios: Encontros e Fronteiras na Busca da Equidade, realizado por meio de uma parceria entre a Folha S.Paulo e a Fundação Tide Setubal, na sede da Fecomércio, região central

---

<sup>133</sup> Para uma transcrição do Manifesto da Periferia Antropofágica, declamado por Sérgio Vaz na Amostra da Cooperifa: <https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/sergio-vaz-manifesto-da-antropofagia-periferica/> Acesso em: 24 mar. 2023.

da capital<sup>134</sup>. Nessa atividade, o poeta fala sobre as dinâmicas de funcionamento da periferia: “(...) *porque na periferia é uma coisa assim, é o singular e o coletivo, né? Até eu lembro que diz um poema assim ‘periferia, nossos plurais são tão, tão singulares’*”. Além de situar a coletividade como forma de atuação na periferia, o trecho em destaque classifica a marca zero de concordância como uma das características do falar periférico. Com lógica semelhante, o poema “Nóis é”, de Pezão, também articula um discurso sobre a forma linguística, o uso de marca zero de plural para CV e a construção do movimento de expansão da cultura periférica:

*Nóis é*

*Nóis é Ponte e atravessa qualquer rio  
Nóis é Ponte e atravessa qualquer rio  
Nóis é Ponte e atravessa qualquer rio*

*Conjogue esse verbo  
Errada consonância  
Na maneira de dizer*

*Nóis é Ponte e atravessa qualquer rio*

*O nóis pra nós  
É singular  
O nóis pra nós  
O plural é pessoal*

*Nóis é Ponte e atravessa qualquer rio  
(...)*

Desse modo, é possível observar que junto a esse cenário de valorização do ser periférico, há também uma valorização de jeitos de falar que a ele se associam. Além das variáveis que aparecem nos discursos destacados, como CN e CV, durante a observação em campo, conduzida ao longo de dois anos nesta pesquisa, a pesquisadora pôde constatar usos estilísticos dessas – CN e CV – e de outras variáveis, tais como /r/ em coda e determinados marcadores discursivos, como “mano” e “tá ligado”, na construção de estilos que mobilizam significados sociais associados ao “ser periférico”. Em vista de motivos que já foram explicitados no capítulo 2, não foi possível realizar a gravação dentro dessas comunidades de

---

<sup>134</sup> Um vídeo do evento pode ser acessado aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=pWSKFiE-lgg&t=544s>. Acesso em: 26 mar. 2023.

práticas, no entanto, o que se apresenta a seguir é uma análise de alguns desses elementos linguísticos na fala de três entrevistados para a amostra estratificada que são diretamente envolvidos em movimentos culturais da região. Posteriormente, considerando a importância dos mediadores culturais como potenciais ícones sociolinguísticos para essas comunidades, o que se segue é uma análise qualitativa da fala de três deles, Binho, Suzi e Sérgio Vaz. Tal análise tem a finalidade de verificar como essas variáveis são mobilizadas pelos falantes na construção de diferentes estilos sociolinguísticos.

#### **7.4 Construções estilísticas do “ser periférico”**

Esta seção se organiza em dois tópicos. No primeiro, como já explicitado, analisam-se brevemente os usos de algumas das variáveis linguísticas de interesse na fala de três sujeitos da amostra estratificada que participam ativamente de movimentos culturais do EZS (especificamente, o uso de MDs na fala de cada um deles e de CN na fala de um deles, que apresenta maior taxa de realização da variante com marca zero de plural). A finalidade de tal análise é mostrar que há indícios de usos estratégicos de alguns desses elementos linguísticos já na performance desses falantes em situação de entrevista sociolinguística, a fim de indiciar determinados significados sociais. No segundo, analisa-se qualitativamente a fala de três notórios articuladores culturais das comunidades de práticas dos saraus do EZS, com o objetivo de verificar como esses falantes mobilizam diferentes significados sociais por meio das variáveis (-r), CN, CV e de gírias e MDs e (re)constroem estilos tipificadores do falar periférico.

##### **7.4.1 Indiciação do “ser periférico” na fala de três falantes da amostra estratificada**

Embora as entrevistas sociolinguísticas sejam menos propícias a esse tipo de investigação, em virtude da pouca variedade contextual das interações (como argumenta Mendes, 2018), mesmo entre as entrevistas realizadas para a amostra estratificada analisada nesta pesquisa é possível observar o uso de alguns desses elementos, especialmente na fala de participantes que têm uma relação mais próxima com os movimentos culturais locais. São eles: Alessandro, com ensino médio completo, pertencente à primeira faixa etária da amostra, rapper e slammer morador do Grajaú; Glauber, com ensino médio completo, pertencente à segunda

faixa etária e membro de um coletivo local dedicado a produções audiovisuais; e Pezão, com ensino superior completo, pertencente à terceira faixa etária, cofundador da Cooperifa e do Espaço Cultural I Love Laje.

Com relação aos MDs, por exemplo, o emprego de formas como “tá ligado” e “mano”, que, de acordo com Bentes e Mariano (2013) podem ser elementos que caracterizem os registros populares urbanos paulistas, está presente nas falas dos três falantes. O MD “mano”, por exemplo, aparece 19 vezes ao longo da fala de Alessandro, 10 vezes na fala de Glauber e 9 vezes ao longo da fala de Pezão. A seguir, é possível observar alguns trechos que ilustram como esse elemento é empregado na fala de cada um deles:

- (1) *Alessandro: aí eu fui em outra loja, ele atrás de mim, atrás de mim e, **mano**, quando eu vi (es)tava tendo uma perseguição.*
- (2) *Alessandro: acho que essa questão de luta, essa questão de não abaixar a cabeça, tipo de... **mano**, a gente vai conseguir a parada.*
- (3) *Alessandro: tem gente que vem do centro e fala assim "nossa"... no próprio show do Criolo aqui, teve um senhor que chegou falou assim "que lugar maravilhoso esse Grajaú aqui". **Mano**, deu vontade de falar para ele assim "**mano**, vem aqui... mora aqui, todo dia aqui, pega uns busão aí e você depois você me fala". Você entendeu?*
- (4) *Glauber: a gente voltava em dia de chuva, assim, e tinha um córrego que passava e só tinha uma pinguela, né?! Então a gente passava e tinha chuva, só que, **mano**, o córrego tava acima da pinguela.*
- (5) *Glauber: aí a gente falou "vamos subir essa porra para ver como é que é", né?! Aí subiu lá, quando chego lá tava, **mano**, um desenho de tipo de um amigo lá do Capão...*
- (6) *Pezão: você encontra com os cara lá no bar, não fecha nunca. "Opa, beleza?! Boa noite, como é que vai?". É assim nossa vida... vamo(s) toca(r), entendeu?! Tem que se compreender todo mundo, tem que vive(r), aí vai dizer "eu não vou aí, não, porque isso e aquilo"... não, o negócio é todo mundo, **mano**!*
- (7) *Pezão: (...) eu vou fazendo as coisas eu e as pessoas se empolgam, as pessoas têm a palavra. Elas falam, todo mundo aplaude. Fala o que quiser, é livre a fala, fala o que você quiser. Transforma o seu pensamento em poesia e tem coragem de dizer e vai e fala. E a gente aplaude. Não, **mano**, fala, entendeu? O importante é falar.*

Com relação aos tópicos conversacionais relativos a cada um dos trechos, eles podem ser compreendidos a partir de dois eixos temáticos principais. O primeiro deles diz respeito a narrativas relativas a situações de discriminação, segregação e condições de vida produzidas por esses processos. Ele aparece sobretudo no trecho 1, em que Alessandro narra uma situação em que foi perseguido pelo segurança de um shopping frequentado pelas classes mais altas da cidade; e no trecho 3, em que o mesmo falante se refere ao desconhecimento por parte de um

morador de outras regiões da cidade a respeito do distrito do Grajaú. Também relacionada a essa temática, há o trecho 4, em que Glauber narra como era o cenário urbano de sua infância na periferia.

O segundo tema consiste na afirmação das conquistas almeçadas ou alcançadas por pessoas da periferia. Isso aparece no trecho 2, em que Alessandro fala sobre aquilo que em sua visão deve ser a postura adotada pelos jovens da periferia; no trecho 5, em que Glauber narra o momento em que ele e outros amigos da região identificaram um grafite feito por um artista do Capão Redondo em um ponto turístico de Buenos Aires; e os trechos 6 e 7, em que Pezão fala sobre os saraus como um espaço democrático, em que todos são bem-vindos e ouvidos.

Ainda que em menor frequência, outro MD que aparece na fala de Alessandro (1 ocorrência) e de Glauber (4 ocorrências) é "tá ligado":

- (8) *Alessandro: depois disso eu fiquei sabendo que ele (es)tava trabalhando na biblioteca da escola com o irmão dele e que ele saiu numa coletânea de vários poetas da quebrada, então isso é o melhor dos reconhecimentos, **tá ligado?***
- (9) *Glauber: eu estava lá em Buenos Aires assim, e tipo, amiga minha me zoando "meu, você de costas andando dá para saber que é brasileiro" **tá ligado?***
- (10) *Glauber: o Ferrez uma vez falou "mano, quando eu pensei em criar o IDaSul os cara falaram que eu era louco, tava crazy total"... **tá ligado?***

Para fins de comparação, em uma investigação conduzida a respeito do processo de gramaticalização da expressão "tá ligado" como MD, Casimiro (2020) buscou por ocorrências dessa forma linguística entre os falantes da amostra do Projeto SP 2010 e não encontrou nenhuma ocorrência do MD, mesmo entre os falantes residentes em áreas periféricas da cidade de São Paulo. A única menção à "tá ligado" ocorre na resposta de uma das entrevistadas, moradora da periferia da Zona Leste de São Paulo, ao ser questionada a respeito de quais características seriam próprias de um falar paulistano:

*Ruth C: eu só acho assim que, ah, ficou "meu", "falou", "tá ligado". Uma juventude fala meio assim, né. "Tá ligado", "falou", né... puxa mais, fala com um pouco de gíria, né, alguma coisa assim, desse tipo.*

Com relação à associação entre “juventude” e o MD “tá ligado”, esta parece ser realmente uma forma linguística inovadora. Isso porque, por meio da análise de músicas de rap e de entrevistas concedidas por rappers paulistas, Casimiro (2020) chegou ao marco de 1994 como data do primeiro registro desse tipo de ocorrência. Além disso, enquanto “tá ligado” parece continuar mais associado ao falar das periferias paulista(na)s, “mano” parece estar em um estágio mais avançado de difusão, em que deixa de ser uma “gíria de grupo” no sentido estrito e passa a ser mais largamente utilizada por falantes de outros setores sociais que não apenas os jovens da periferia. Uma das evidências que corroboram essa compreensão diz respeito ao fato de que, diferente de “tá ligado”, o termo “mano” já foi oficializado por alguns dicionários, como o Dicionário Aurélio: “Ma.no sm. Fam. 1. Irmão (1) 2. Amigo cordial (2)” (2008, p. 535) e o Dicionário Michaelis: “Ma.no sm. 2 COLOQ Indivíduo com quem se tem amizade estreita; amigo, camarada. 3 Indivíduo com quem se partilha uma opinião ou uma atividade; companheiro, parceiro. 4 COLOQ Forma usada como interlocutório pessoal; cara.” (2023)<sup>135</sup>.

Isso poderia explicar por que “tá ligado” aparece menos vezes na fala dos participantes desta amostra do que “mano” e por que tal expressão não é utilizada por Pezão, um homem próximo aos 70 anos de idade, durante sua entrevista. Já na fala de Alessandro e Glauber, “tá ligado” aparece em momentos em que ambos narram eventos envolvendo a valorização da cultura/identidade periférica: no trecho 8, Alessandro conta sobre como a realização de uma de suas palestras em uma escola parece ter tido impactos positivos na vida de um dos estudantes, que antes se sentia desvalorizado no ambiente escolar e, depois de ouvir Alessandro falar sobre literatura periférica e *slams*, passou a se interessar pela leitura e pela escrita; no trecho 10, Glauber fala sobre a criação da grife de roupas idealizada pelo escritor Ferrez, a 1DaSul, como um dos meios de reafirmação da identidade local.

Além disso, é interessante perceber que em boa parte dos trechos ilustrados, há a utilização dos MDs junto a outros elementos que potencialmente se combinem na construção de um estilo “da periferia”, como “mano” + a gíria “parada” no trecho 2, “mano” + o palavrão

---

<sup>135</sup> Disponível em: < <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=mano> >. Acesso em: 24 mar. 2023.

“porra” no trecho 5, “mano” + CNØ nos trechos 3 (“uns busãoØ”) e 6 (“os caraØ”), “tá ligado” + CNØ (“o melhor dos reconhecimentoØ”) no trecho 8 e “mano” + CNØ (“os caraØ”) + “tá ligado” no trecho 10.

O uso de CNØ em alguns desses trechos chama a atenção porque, se observadas as taxas gerais de ocorrência de marca zero ao longo das entrevistas de Alessandro (19%) e Glauber (10%), estas são menores do que a taxa geral encontrada para a amostra, que é de 22,7%. Tal constatação contribui para a compreensão de que, possivelmente, a marca zero de concordância seja utilizada de modo estratégico junto a outras variáveis (como os MDs ilustrados) quando se quer mobilizar determinados significados sociais associados ao “ser periférico”. Um exemplo disso é a construção “os caraØ”, que aparece na fala de dois outros falantes da amostra além de Glauber, Alessandro e Pezão:

- (11) *Rogério: Para alguma pessoa que curte Racionais lá da Bahia e falar... O sentido de "da ponte para cá" os caraØ não vão saber. Eles não vão saber que ponte é essa. (M1M)*
- (12) *Timoteo: tipo assim, como ninguém ganha dinheiro a não ser o tráfico, o crime, que deve ganhar dinheiro com isso... ninguém ganha. Então os carasØ não se preocupam, né? (M3M)*

Em ambos os trechos, os falantes fazem referência a elementos relacionados à vida na periferia. No trecho 11, Rogério argumenta que alguém que vive em outra região do país (na Bahia) não conseguiria compreender o sentido da expressão “da ponte pra cá”, popularizada pelo grupo Racionais MC’s. Já no trecho 12, Timoteo se refere às festas de funk que tomam as ruas das periferias da zona sul e lamenta que um evento que reúna tantas pessoas não seja mobilizado ao redor de pautas sociais referentes à melhoria da qualidade de vida na região, como explica em momento anterior: “Porque já pensou um movimento desse organizado? Seria uma coisa louca, né?”.

O uso desse tipo de construção linguística como um modo de indiciar signos associados à periferia já foi identificado por Cerqueira (2020), ao analisar letras de músicas de rap em que, de acordo com a autora, construções “como 'os mano', 'os cara', 'os menor' e 'os homi', refletem aspectos estilísticos decorrentes de identidade racial, quando produzidos no dialeto hip hop” (Cerqueira, 2020, p. 11).

Desse modo, enquanto os dados gerais relativos à CN no EZS apontam para a relação entre baixa escolaridade e favorecimento de marca zero de plural, bem como para seu desfavorecimento entre os falantes mais jovens, seu uso estilístico parece se associar menos a essas categorias e mais a uma estratégia de mobilização de signos associados à uma identidade periférica, amplamente elaborada e reivindicada pelo movimento hip-hop e pelos movimentos de literatura periférica, como os saraus.

A entrevista de Pezão é um exemplo nesse sentido, uma vez que embora o poeta tenha ensino superior completo<sup>136</sup> e tenha trabalhado por diversos anos como jornalista, o que pressupõe conhecimento a respeito das regras formais de marcação de concordância de número, sua taxa de CNØ é de 50% ao longo da conversação. Ainda que haja variação ao longo de toda entrevista, é mais recorrente a utilização de marca explícita de plural em momentos em que ele narra memórias relacionadas à sua vida no bairro e relacionamentos afetivos não necessariamente relacionados aos saraus, como nos trechos a seguir:

- (13) *"um amigo meu foi um dentista meu durante uns bons anos, entendeu?"*
- (14) *"é essa amizade que a gente vai conquistando é o ficar no lugar, curtir o lugar as pessoas, né?"*
- (15) *"antigamente as pessoas tinham acho que mais liberdade pra ir e vir do que hoje, aqui já foi um lugar bem mais tranquilo"*

Nos trechos 13 e 14 Pezão comenta sobre as amizades que estabeleceu na região, como um amigo que havia falecido recentemente (trecho 13) e as amizades que mantém no bairro e que, de acordo com ele, são parte de suas motivações para nunca ter se mudado da região. Já no trecho 15, ele fala sobre como a vida no EZS era diferente durante a sua juventude, momento em que a região estava ainda em seus estágios iniciais de urbanização.

Por outro lado, em diversos momentos em que o poeta se refere aos movimentos de literatura periférica e aos saraus, a marca zero de concordância é utilizada, como nos trechos:

- (16) *"a literatura marginal foi da época da ditadura **outros caraØ**, outra pegada"*
- (17) *"me senti em casa porque **os caraØ** eles são poetas de lá e tudo então foi tranquilo"*

---

<sup>136</sup> É relevante mencionar que esse não é um dos perfis mais comuns em uma região em que homens da terceira faixa etária com ensino superior completo apresentam-se em número reduzido, como se explica no Capítulo 2.

- (18) *"isso, fomos os pioneiro***O** *entendeu eu fui chamado pra fazer o Mapa da Poesia isso lá em dois mil e nove, dois mil e dez"*
- (19) *"começou a vir pro sarau gente de todas região***O** *de São Paulo"*

É relevante mencionar que, ainda que os dados de fala de Pezão sejam originários de um mesmo tipo de situação comunicacional do que os dados dos outros participantes da amostra (isto é, a entrevista sociolinguística), o contexto que circunda a realização da gravação é um pouco distinto das demais. Enquanto os outros falantes gravados para a amostra estratificada foram convidados a participar da entrevista por serem moradores do EZS, sem ter necessariamente qualquer conexão com os movimentos culturais locais, Pezão foi contactado pela pesquisadora desde o início como uma das figuras de referência no movimento de saraus da região. A realização da entrevista se deu como uma das estratégias utilizadas pela pesquisadora como um modo de aproximação com relação ao poeta antes que o período de observação participante no Espaço Cultural I Love Laje tivesse início.

A própria gravação da entrevista foi realizada nas dependências do Espaço Cultural I Love Laje, especificamente na sala que comporta as noites de sarau. Ou seja, em linhas gerais, Pezão foi interpelado desde o início como poeta e articulador cultural, de modo que faz sentido inferir que tais condições possam ter gerado efeito na performance linguística de Pezão, ao destacar a persona “poeta da periferia” em detrimento de outras facetas de sua identidade que respondem às diferentes comunidades de práticas que compõem sua vida. Tal hipótese, contudo, só poderia ser confirmada por meio da comparação entre os padrões linguísticos de Pezão em diferentes situações comunicacionais. No entanto, infelizmente, pelos motivos explicitados no Capítulo 2 e em virtude da pouca variedade de gravações de falas do poeta disponíveis na internet, este cotejamento não pôde ser realizado.

Não obstante, a seguir, analisa-se a utilização das variáveis linguística /r/ e, coda, CN, CV e de gírias e MDs nas falas dos organizadores de outros dois saraus em que se realizou a observação participante, o Sarau do Binho e a Cooperifa, que compunham o mesmo circuito – nos termos propostos pela Antropologia Urbana, conforme Magnani (1997) – em que se situa o Espaço I Love Laje. De cunho qualitativo, tais análises buscam ilustrar como essas figuras de

referência na cena cultural do EZS constroem diferentes estilos sociolinguísticos a depender do contexto interacional.

#### **7.4.2 Significados sociais e estilo sociolinguístico na performance de ícones culturais dos saraus do EZS**

Considerando que o significado social de um estilo emerge da combinação de diversos elementos e seus significados, argumenta-se que há, entre os mediadores culturais do EZS, o uso estilístico de variáveis associadas ao registro popular paulistano, seja por serem mais comumente associadas à periferia, como no caso da variante retroflexa (Oushiro, 2015), seja por serem mais comuns entre falantes com menor nível de escolaridade e classes sociais mais baixas, como a marca zero de concordância. Além disso, são ainda mobilizados na construção desses estilos determinadas gírias (Pretti, 2002) e MDs como "mano" e "tá ligado", que emergem como elementos significativos na formação do "registro popular paulista", como indicado por Bentes e Mariano (2013) e Lucca (2016).

O estudo de Bentes (2009), em específico, apresenta evidências relevantes a respeito do uso de CN, CV e MDs por Mano Brown em diferentes situações comunicativas, mais especificamente um depoimento, dado dentro de seu carro, para a equipe de produção do DVD "100% Favela", e seu discurso em agradecimento ao recebimento do prêmio da Cooperifa. Brown, amplamente visto como um ícone da periferia paulista(na) e de forte influência cultural sobre as gerações posteriores, "a um só tempo manipula recursos semióticos de forma a dar uma identidade de classe à sua linguagem, construindo, ao mesmo tempo, uma legitimação para o lugar enunciativo que ocupa e, portanto, uma distinção social" (p. 16). Estudos como esse de Bentes oferecem uma perspectiva importante para o papel do falante individual na construção de estilos a depender de sua posição enunciativa.

Nesse cenário, e visto que as variantes linguísticas não aparecem uniformemente pelas interações, mas são usadas estrategicamente a depender de fatores como tópico conversacional, posição do falante (*stance*) e a relação entre os interlocutores (Podesva, 2007b), analisa-se a seguir o uso estilístico das variáveis de interesse na fala de três mediadores culturais

responsáveis por dois dos maiores saraus do EZS: Suzi e Binho, do Sarau do Binho, e Sergio Vaz, da Cooperifa.

Para tanto, utilizam-se duas estratégias distintas para a identificação da construção desses estilos. Primeiramente, analisam-se trechos de fala de Suzi e Binho em momentos distintos de um mesmo contexto interacional, uma mesma entrevista. Esse tipo de análise se baseia na noção de que em uma mesma situação, conversando com os mesmos interlocutores, um falante pode fazer uso de diferentes variáveis para constituir diferentes estilos sociolinguísticos a depender de como quer se posicionar a respeito de cada tema. Posteriormente, analisam-se trechos da fala de Sergio Vaz em duas situações distintas: em uma entrevista concedida a um programa de entrevistas veiculado pela TV Cultura e em outra, para um Podcast veiculado pela internet e apresentado por dois rappers do distrito do Capão Redondo, no EZS. Esta análise se apoia na compreensão de que um mesmo falante pode produzir variadas combinações de múltiplos elementos linguísticos, com significação social diferente a depender de como se posiciona com relação a diferentes contextos e audiências, diferenciando-se de si próprio, construindo estilos sociolinguísticos que se contrastam mutuamente.

A situação em que se dão os trechos da fala de Binho e Suzi que aqui se analisam consiste na participação de ambos no Averso Podcast em 2022<sup>137</sup>, programa apresentado pelo escritor Ferrez e pela produtora cultural Diolanda Lopes, ambos do Capão Redondo. Nessa entrevista há, portanto, a interação entre quatro notórias figuras da cena cultural do EZS. Além disso, a relação entre Ferrez e Binho e Suzi, por sua vez, é de longa data, uma vez que, como ilustra o trecho a seguir, os momentos iniciais das trajetórias de ambos como articuladores culturais no EZS se entrecruzam.

Apesar da proximidade entre apresentador e convidados, tal situação comunicacional não se trata, é claro, de uma conversa íntima e privada. A gravação ocorre no estúdio oficial do podcast e não em um contexto cotidiano, além disso, o Averso Podcast possui um público mais amplo do que apenas as pessoas da região, uma vez que Ferrez é um escritor de projeção

---

<sup>137</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ltwvGO73-vU&t=3551s>>. Acesso em: 24 mar. 2023.

nacional e o podcast é parceiro do Estúdios Flow, maior estúdio do ramo de podcasts no país. Isso significa que, embora a afinidade entre entrevistados e entrevistadores não possa ser ignorada na compreensão das performances linguísticas de cada um deles, o possível efeito da “audiência pressuposta”, que seria composta pelos ouvintes do programa, não deve ser descartado.

Nos trechos a seguir, entrevistadores e entrevistados transitam por dois tópicos conversacionais, o primeiro é o projeto Apostesia, e o segundo, a busca de parcerias do Sarau do Binho com escolas do território. Os elementos linguísticos de interesse estão em destaque:

(3min54seg)

*Binho: "Um dia em (19)96 eu falei assim "pô, a gente podia colocar poesia em poste". Daí su[r]giu, passado um ano, estávamos colocando poesia em poste, o apostesia. Que você até tem história assim, né?"*

*Ferrez: "Sim. Que é a apropriação **das placaØ** dos políticos, você pegava placas de políticos e pintava com as suas poesias e pendurava no me(s)mo poste que tava a placa do político. É isso?"*

*Binho: "Não. Às vezes não era o mesmo poste. Pela cidade, assim. Não eram assim específico aquele poste, né.*

*Suzi: "É. Ele pegava **os bêbadoØ** do **ba[.j]**, que sobrava no final da noite para ajudar pôr **as placaØ nos posteØ**."*

*Binho: Não entrega **essas coisaØ** (risos)*

*Diolanda: **Vocês meio que reciclavaØ**, então, **esses bannerØ** que o político colocava... pegava, colocava **as duas madeirinhaØ** do lado e ...*

*Suzi: Não. **EraØ as placaØ** mesmo, de madeira. Sabe? Fazia **umas gigantonaØ**, assim.*

*Ferrez: Era de eucatex, né? **Aquelas placaØ** de Eucatex*

*(...)*

(5min28seg)

*Ferrez: (...) eu descobro a poesia **nos postesiaØ**. Po(r)que o **A[.j]naldo** Antunes lança o disco, eu começo a acompanhar a carreira do **A[.j]naldo** e depois eu vejo **seus postesiaØ** quando eu vou trabalhar. Eu trabalhava na oficina [informação omitida] em Santo Amaro, (como) **auxilia[.j]** de **a[.j]quivo mo[.j]to** e eu começo a ver **esses postesiaØ**, começo a anotar o que você faz de postesia, **tá ligado?!***

Trecho mais adiante, sobre as tentativas de estabelecimento de parceria entre o sarau e as escolas da região:

(15min25seg)

*Binho: "(...) eu falei "pô, já sei, vamo(s) apresentar um sarau **nas escolaØ**. Ai, cheguei, **pe[.j]to** de casa, Ferrez! Uma escola po(r)que nem todas **as escolas são credenciadaØ**, nem **todas as ONGØ são credenciadaØ com essas coisaØ**, né. Então tem que tá esses parceiros. Ai eu cheguei lá eu vi, assim, um grafite na escola, cara... [escrito] "Sarau do Binho" no muro da escola. Eu falei: "**puta**, aqui vai ser legal! é aqui me(s)mo! Ai dei **dois passoØ** e encontrei um professor que me conhecia"*

Como é possível observar nos trechos destacados, ao longo desses dois momentos discursivos, todos os participantes (tanto entrevistados quanto entrevistadores) fazem uso de CNØ, estabelecendo como que uma espécie de norma compartilhada. Além disso, Suzi combina as variáveis CNØ e (-r) retroflexo no trecho "Ele pegava os bêbadoØ do ba[.j]". Mais adiante, ela combina também CVØ + CNØ, no trecho "EraØ as placaØ".

Ainda que o interesse principal nesta análise sejam as falas de Suzi e Binho, é interessante observar que os elementos utilizados pelos interlocutores imediatos dessa situação comunicacional seguem os mesmos padrões do que aqueles utilizados pelos entrevistados (e vice e versa, poderia se dizer). Na fala de Ferrez, por exemplo, há também a combinação de CNØ + (-r) retroflexo e a adição de "tá ligado", um MD interacional do tipo *checking* (URBANO, 1999), que é utilizado em sua fala como uma forma de evocar a participação de seus interlocutores, salientando o caráter dialógico daquela situação comunicacional. Esses elementos caracterizam também a informalidade com que os participantes estão se comunicando nos trechos, o que permite a utilização da palavra "puta" por Binho com a função de interjeição, sem que isso caracterize uma impolidez.

O uso dessas variáveis diz respeito a momentos não apenas mais informais, mas também indiciam a empolgação dos participantes ao narrarem as situações abordadas naqueles tópicos interacionais. No primeiro deles, essa empolgação parece estar associada às possíveis "transgressões" relatadas por Suzi a respeito da realização do Apostesia, como o fato de que eles se apropriavam de placas de vereadores nas vias públicas para transformá-las em quadros com poemas. Um segundo elemento que indica essa "transgressão" é a intervenção feita por Binho ("não entrega essas coisaØ") após Suzi relatar que o poeta recrutava pessoas que já estivessem alcoolizados no bar em que o casal gerenciava para ajudar na distribuição das placas modificadas pelas vias públicas, ao que ambos reagem com risos. No segundo tópico interacional, tal empolgação diz respeito ao fato de que, em sua primeira investida em estabelecer uma parceria entre o Sarau do Binho e as escolas da região, Binho foi surpreendido não apenas por encontrar na instituição pessoas que o conheciam como também por se deparar com um grafite em homenagem ao sarau nos muros da escola.

É importante notar que o uso de tais variáveis não é consequência de falta de conhecimento por parte desses falantes a respeito das regras formais de utilização dessas formas linguísticas. Suzi, por exemplo, é pedagoga formada e produtora cultural experiente, responsável pela redação de uma série de documentações e projetos culturais avaliados por grandes instituições. Binho, além de escritor, é leitor voraz, com vasto repertório em literatura. Nos trechos a seguir, a presença de tal repertório formal fica evidente:

(37min48)

*Suzi: aproveitando para fazer a propaganda aqui, que em setembro a gente vai realizar a oitava edição da FELIZS. A muito custo, com muito **su[o]**, **po(r)** que é muito difícil você **o[r]ganizar** um evento do tamanho da FELIZS sem saber que dinheiro você tem, porque a gente começou a **o[r]ganizar** essa feira já desde **ma[r]ço** sem um tostão no bolso. Então a gente tá trabalhando para isso sem ganhar nada. E aí, todo ano... Você imagina, **oito anos** realizando essa feira e **oito anos** essa mesma dificuldade de conseguir o dinheiro para fazer. (...)  
A Secretaria de Cultura para ajudar é uma dificuldade, aí vamo(s) tentando. Aí tem uma **ve[r]ba** que foi destinada pelo PMLLLB, que é o Plano Municipal do Livro, Literatura, Leitura e Bibliotecas, que é uma lei que existe, né. E essa lei conseguiu uma **ve[r]ba** destinada **para as feiras literárias**, só que a gente não consegue alcançar esse dinheiro. Tem uma burocracia tão **eno[r]me** em **to[r]no** disso que é capaz o dinheiro voltar para **os cofres públicos** e a gente não conseguir usar para a feira, **né?** Então **eles dão, mas não dão. Entendeu?***

(57min)

*Binho: então, como **su[r]giu** ele, **né**, a ideia. A gente tinha uma história de caminhada, eu e **Se[r]ginho** Poeta com uma história de fazer uma caminhada pela América Latina. Aí começamos a juntar gente, eu, Suzi, a construir isso. **Várias pessoas** do Sarau, **né**. E aí, a ideia era sair andando pela América Latina. Aí a gente falou assim, "bom, vamo(s) construir isso, vamo(s) chegar em Curitiba". Se a gente chegar em Curitiba, tá provado que a gente chega no Chile. **Fizemos** essa caminhada, fazendo sarau de cidade em cidade, quilombos, aldeias pelo Vale do Ribeira. E **nós fomos ce[r]ca de quinhentos e cinquenta quilômetros** mais ou menos, **chegamos lá em trinta e três pessoas** em Curitiba. E dialogando com **as cidades**, apresentando. A ideia é chamar **as pessoas, os a[rt]istas locais** de cada comunidade ali.*

Nesses outros trechos, tanto Suzi quanto Binho estão explicando em maiores detalhes os processos de produção de algumas das iniciativas realizadas pelo coletivo. Enquanto Suzi narra o processo de captação de recursos para a concretização das atividades do coletivo, Binho narra o processo de elaboração do projeto Donde Miras. Como se pode observar, nos dois casos há o uso categórico de marca explícita de plural, tanto para CN quanto para CV. Além disso, ainda que haja variação na utilização de /r/ em coda, há uma maior proporção de ocorrências da variante tepe do que da variante retroflexa.

As diferenças entre os padrões utilizados nestes momentos interacionais, em que Suzi e Binho narram elementos relativos às etapas de produção de eventos culturais, e nos anteriores, em que ambos relatam situações mais descontraídas, dizem respeito a duas posturas interacionais distintas adotadas por eles. Nas interações relativas à produção de eventos, os falantes fazem uso de formas mais prestigiadas, como a marca explícita de plural para CN e CV e o (-r) tepe, mais associado por falantes de São Paulo a noções como maior competência (Oushiro, 2015). Além disso, nenhuma gíria ou qualquer outro elemento que possa ser considerado destoante de um contexto mais formal de fala foi utilizado. Desse modo, argumenta-se que durante esses momentos interacionais Suzi e Binho constroem um estilo mais associado à persona “articulador cultural”, preocupado sobretudo em demonstrar de modo claro sua competência, conhecimento e habilidade nas minúcias da produção cultural.

Já nas interações relativas aos primeiros trechos ilustrados, os falantes fazem uso de marca zero de plural para CN e CV e de (-r) retroflexo, este comumente mais associado entre paulistanos não apenas a pessoas da periferia como também a significados como maior solidariedade (Oushiro, 2015). Alguns dos significados mobilizados nesses trechos seriam, então, “solidariedade” ou “conexão com a comunidade”, uma vez que em suas narrativas ambos relatam acontecimentos que demonstram haver uma relação próxima entre eles e as pessoas do EZS. O Apostesia, tema do primeiro trecho destacado, diz respeito a um dos projetos que foram responsáveis pela conexão entre Binho e Suzi e diversas outras figuras que se tornariam relevantes na construção dos movimentos literários do EZS, com quem estabeleceriam parcerias futuras e mesmo relações mais próximas, como é o caso do próprio apresentador Ferrez e de outras figuras importantes como Pezão. No que concerne à situação narrada por Binho, na escola que o poeta visitou, os professores o reconheceram, e ele foi surpreendido com um grafite em homenagem ao sarau nos muros da escola. Essa manifestação de reconhecimento por parte da comunidade ilustra a apreciação pelo trabalho desenvolvido pelo coletivo Sarau do Binho. Além disso, as posturas adotadas ao longo desses trechos também estão associadas a significados como "descontração" e "sagacidade", haja vista o modo como as interações se desenrolam enquanto os interlocutores dialogam sobre as estratégias utilizadas nas ações narradas, por meio de risos e um tom de fala mais energético.

Diante disso, argumenta-se que, em contraste com o estilo “articulador cultural”, mais associado à demonstração de competência e expertise por parte de Suzi e Binho, nos momentos interacionais mais descontraídos, há a construção de um estilo mais associado à marcação de pertença à periferia da zona sul, que indicia sobretudo solidariedade entre os interlocutores.

Os estilos inferidos a partir da análise dos trechos de Suzi e Binho demonstram como é possível o mesmo sujeito apresentar duas performances diferentes numa mesma situação comunicacional, combinando diferentes variantes linguísticas em função da postura que se adota mediante o tópico conversacional. No caso de Vaz, a seguir são analisadas duas circunstâncias comunicacionais diferentes, realizadas em momentos e com interlocutores diferentes. Embora ambas consistam em entrevistas, a primeira delas, na ordem desta apresentação, diz respeito a um programa de veiculação em um canal de televisão aberta (TV Cultura), que recebe pessoas de diferentes setores sociais, geralmente vinculados ao campo das artes, política, acadêmicos ou pessoas que passaram a receber algum destaque na mídia. Trata-se de sua participação em 2012 no programa *Provocações*, apresentado por Antonio Abujamra entre os anos de 2000 e 2015. A segunda consiste na participação de Vaz em um dos episódios do programa em podcast “Az Ideia Podcast”, apresentado pelos rappers do Capão Redondo Big da Godoy e Boy Killa, em 2022. Esse podcast é dedicado a entrevistar pessoas conhecidas da cena cultural da periferia, especialmente no EZS, convidados como o integrante do grupo Racionais MC’s e DJ brasileiro KL Jay, e o motofretista, ativista e artista de rap brasileiro Paulo Galo.

A princípio, é interessante avaliar a apresentação que Abujamra faz de seu convidado, Vaz, no início do programa. O interesse específico nela diz respeito ao potencial “enquadre” dado à Vaz pelo apresentador, que tem o potencial de moldar a expectativa da audiência e a performance do entrevistado:

*Abujamra: (...) o nosso convidado de hoje vem ao Provocações pela segunda vez. Na primeira vez, há seis anos, e há exatamente 300 números deste programa, ele organizava com sucesso um sarau de poesias no Jardim Guarujá, periferia de São Paulo. Aquela área da cidade onde mora a esmagadora maioria da população e em que não se vê o dinheiro da cultura. Criador da Cooperifa, Cooperativa Cultural da Periferia, ele era um nome local no sul da cidade. Hoje, seis anos e dezenas de badalações depois, dizem que está virando um nome nacional. Será? Os saraus de poesia e os agitos culturais se multiplicam na*

*periféria da megalópole e o nome dele é citado nos mais refinados ambientes acadêmicos. Vamos ver se ele continua autenticamente periférico e provocador ou se ele mudou. Ele é Sergio Vaz.*

Tal apresentação seleciona elementos bastante específicos para a caracterização de Vaz, tais como “criador do sarau da Cooperifa”, alguém que passa por “dezenas de badalações” e alcança o status de “nome nacional”, citado nos “mais refinados ambientes acadêmicos”, referência para outros saraus e “agitos culturais” ao redor da cidade e, por fim, coloca em questão seu status atual como “autenticamente periférico” em face da ampliação de sua projeção nos últimos anos. O argumento que é aqui apresentado e será ilustrado ao longo da análise é de que esse enquadre é parte do contexto geral dessa situação comunicacional, o delimita e gera efeitos na performance estilística do entrevistado – além disso, difere bastante essa situação comunicacional da que é analisada posteriormente.

Diante dessa provocação, é relevante observar que Vaz fará uso de (-r) tepe e marca explícita de plural para CV e CN, que consistem em formas linguísticas mais prestigiadas socialmente, além de serem as mesmas utilizadas pelo apresentador:

*Abujamra: dizem que há hoje em São Paulo pelo menos cinquenta saraus de poesia do tipo do seu, a maioria na periferia. Você pessoalmente tem alguma coisa a ver com isso?*

*Sergio Vaz: Eu acho que não, mas acho que a Cooperifa em si **po[r]** conta da simplicidade com que é feito, **po[r]que** às vezes o cara (es)tá na quebrada dele, em um outro bairro, na periferia da zona leste, da zona oeste ou da zona **no[r]te** e ele vai conhecer o Sarau da Cooperifa. Chega lá, ele vê que é num **ba[r]**. Ele (es)tá esperando um teatro, um espaço físico e não tem. E, de repente, ele olha aquele bando de maluco, porque nós **somos malucos, né**. Ele fala "puta **me[r]da**, aqui que é o lugar, é o **ba[r]**" e o que não falta na periferia é **ba[.]**. Então eu acho que de **ce[r]ta fo[r]ma** a gente inspirou **alguns saraus, que inspiraram outros, que inspiraram outros, nesse ato contínuo** aí.*

(...)

*Abujamra: O anunciado crescimento da classe média no gove[r]no Lula é visível nas áreas em que você ci[r]cula? Taboão da Serra, por exemplo?*

*Sergio Vaz: É visível. Eu acho que hoje... só que esqueceram de falar uma coisa, somos Classe C. C de Correria, C de Cultura, né. **As pessoas não querem** só consumir no shopping, **as pessoas estão** querendo livros, fazendo cursos, **né?! Então tem uma coisa, o IPEA (es)tá escondendo alguns fatos** aí, **elas querem** estudar, querem ler, **as pessoas estão** adquirindo livros e a gente sente isso a grosso modo na rua" (9min)*

(13min44seg)

*Abujamra: Eliane Brum escreveu na revista Época "esse homem marrento [que é você] tem despe[r]tado um Brasil que do[r]me aco[r]dado". Você se sente um líde[r]?*

*Sérgio Vaz: Não, não me sinto. Eu sinto que eu dei **so[r]te** de estar com **pessoas maravilhosas**. Para eu estar aqui, tem **muitas pessoas que seguram** esse palanque para eu falar o que eu estou falando aqui.*

*Abujamra: Palavras de Heloisa Buarque de Hollanda, "Sergio Vaz e a Cooperifa democratizaram a palavra numa operação política brilhante". Como é ser elogiado pela elite? Sérgio Vaz: (risos) eu não sei... te explica[r]... como é ser elogiado... a gente não faz **essas coisas** para ser elogiado, para ganhar prêmio, para nada... a gente simplesmente faz.*

*Abujamra: Não fazem mais do que a obrigação de elogia[r]?!*

*Sergio Vaz: A gente ficou a vida inteira saindo no Gil Gomes, no Datena... então quando alguém elogia, a gente fica até contente.*

*Abujamra: Me diga uma coisa, Se[r]gio, se[r] brasileiro te faz sentir alguma emoção cívica?*

*Sergio Vaz: Olha, para falar a **ve[r]dade, cara**, eu me sinto um estrangeiro. Eu sempre me senti um estrangeiro, assim. Eu sou... eu moro na Palestina, **cara...** eu moro em um lugar **que as pessoas não querem** reconhecer que existe um povo lá. Eu faço parte desse povo. Eu sou praticamente criando a OLP ali, a Organização de Libertação da Periferia. A gente é daquele povo que atira pedra no sistema.*

Com relação ao primeiro MD, “cara”, este se configura como um elemento lexical com um escopo de utilização mais amplo entre os falantes de São Paulo, menos ligado a grupos sociais mais específicos – caso de marcadores como “mano”, “tio” e “jão”, mais associados ao falar da periferia, por exemplo. Com relação ao segundo MD, “né”, este aparece no trecho com efeito atenuador, uma vez que marca a interação com relação ao interlocutor em um trecho no qual Vaz contrapõe o discurso de uma instituição governamental oficial, o IPEA, em relação aos interesses da população naquele momento histórico em específico. Essa agência governamental se configura no discurso de Vaz como o outro, “de fora” da realidade periférica, em descompasso com os interesses da “correria” e da “cultura”, que estariam para além dos dados apresentados sobre o consumo dessa população.

Nesse sentido, o estilo que constrói se dá pela combinação de variantes que são mais prestigiadas socialmente e que permitem inferir uma postura mais formal enquanto Vaz se posiciona como “porta-voz” da periferia ao explicar para o entrevistador sobre a realidade dessa população. Isso porque, ainda que, quando perguntado a respeito de se considerar como um líder o poeta declare não se enxergar nessa posição, naquele contexto, Vaz é chamado a responder como representante de sua comunidade de origem (isto é, a periferia de SP).

Desse modo, delimitam o contexto geral dessa situação comunicacional o enquadre do apresentador, mencionado anteriormente, a circunstância de estar em um programa de prestígio e que recebe com frequência pessoas das elites intelectuais e culturais, e a importância destacada por Vaz de estar sob o “palanque” que “muitas pessoas seguram (...) para eu falar o que eu estou falando aqui”, como mencionado por ele. Nesse sentido, passam a ser elementos

explicativos de sua performance na construção do estilo que combina o uso dessas variantes a uma postura de porta-voz da periferia.

Em termos do estilo construído por Vaz nessa primeira situação comunicacional, pode-se dizer que, em sua performance linguística, são mobilizados significados sociais como competência e polidez. Além disso, sua performance deve ser avaliada também no contexto mais amplo de sua fala, ao se posicionar como “autenticamente periférico” ao discorrer a respeito de cada tópico conversacional que lhe é apresentado com a propriedade de quem vive e conhece a realidade da periferia.

Já no caso da segunda situação comunicacional, o contexto geral é diferente. Seguindo o mesmo itinerário proposto para a análise da situação anterior, observa-se a seguir como Sergio Vaz é definido na abertura do programa pelos entrevistadores do podcast Az Idea:

*Big da Godoy: Salve, salve, família! Fala aí, boy! Começando mais um Az Ideia Podcast.*

*Junior Boykill: Tranquilidade, família! E aí, big?!*

*Big da Godoy: Mais um dia muito especial, hein, boy?! Podcast vem crescendo, vai evoluindo cada vez mais.*

*Junior Boykill: graças a Deus*

*Big da Godoy: graças a Deus, mano.*

*Junior Boykill: (es)tamo(s) aqui no garimpo, na nossa luta e vamo(s) que vamo(s).*

*Big da Godoy: vamo(s) que vamo(s). E hoje tendo mais uma **opo[.j]tunidade** de entrevista(r) um **dos caraØ** mais **impo[.j]tanteØ** da Zona Sul de São Paulo. Não só pela cultura, que ele é **impo[.j]tante** sim, mas, assim, a literatura da quebrada. **Ce[.j]to**?*

*Junior Boykill: Posso dize(r) que é uma lenda viva, big.*

*Big da Godoy: um **dos caraØ** mais **impo[.j]tanteØ**. Igual eu falei, da zona sul de São Paulo e do Brasil. Esse eu tenho **ce[.j]teza**.*

*Junior Boykill: extremamente respeitado. Respeito muito essa pessoa.*

*Big da Godoy: **os caraØ** do rap também **gostaØ** muito dele, no rap...*

*Junior Boykill: **os caraØ** do rap, inclusive, **gostaØ** muito dele, big. E é isso. Vamo(s) lá?*

*Big da Godoy: Nosso **i[.j]mão, pa[.j]ceiro**...*

*Junior Boykill: **Se[.j]gio** Vaz.*

*Big da Godoy: Seja bem-vindo!*

*Sergio Vaz: Dahora. Muito obrigado! Obrigado pela honra!*

*[apresentadores e convidado se cumprimentam com um gesto informal, em que as mãos de cada um deles se tocam, deslizam e se encostam novamente com os pulsos cerrados]*

*Sergio Vaz: Você foi falando desse cara aí eu falei "vai entra(r) daqui a pouco" (risos)*

*Big da Godoy: (risos) quem que vai entra(r) aqui?*

*Sergio Vaz: quem que vai entra(r) aqui? (risos)*

*Sergio Vaz: que satisfação! Fico feliz! Queria agradece(r) também. Acompanho. Fico muito feliz você abri(r) esse espaço aqui pra poesia, p(r)a literatura, p(r)a cultura... dahora! Parabéns pelo trabalho de toda a equipe, de vocês. Tô muito honrado de tá aqui!*

*Big da Godoy: quebrada agradece. Eu só tenho isso p(r)a te fala(r). Quebrada agradece!*

Fica perceptível que Vaz é uma figura de referência para os apresentadores, rapazes mais jovens e da mesma região do que o poeta, que o definem não apenas como o fundador da Cooperifa e menos ainda colocam em questão sua “autenticidade” como um ator social da periferia. Pelo contrário, o poeta é definido por eles como "um dos caraØ mais impo[.]tanteØ da zona sul de São Paulo e do Brasil", "uma lenda viva", que é "extremamente respeitado", inclusive pelos “caraØ do rap”. Além de alvo de admiração, Vaz também é apresentado como alguém próximo, tido pelos entrevistadores como um dos seus, como ilustra o trecho "nosso i[.]mão, pa[.]ceiro". Esse clima de amistosidade e proximidade é reforçado ainda pelo gesto físico de cumprimento compartilhado entre o entrevistado e os entrevistadores:

Figura 17-Sergio Vaz no Az Ideias Podcast



Fonte: Canal do YouTube do Az Ideia Podcast.

Adicionalmente, trata-se de uma apresentação que é menos roteirizada e formal, em comparação à estrutura do programa de televisão Provoações. Há espaço, inclusive, para o entrevistado brincar com a apresentação que foi feita a seu respeito pelos apresentadores, dizendo "você foi falando desse cara aí eu falei 'vai entra(r) daqui a pouco' (risos)". Além de contribuir para a manutenção do tom informal da entrevista, ao dizer isso, Vaz se coloca em uma posição de humildade com relação ao status a ele atribuído pelos apresentadores. Ainda com relação ao tom da conversa, o poeta diz ser uma honra ter sido convidado para o programa e elogia o trabalho que está sendo realizado por Big e Boykilla, ao que um deles responde

“quebrada agradece”, o que reafirma o lugar social a partir do qual o podcast se situa, a periferia da cidade.

Considerando esses elementos, selecionou-se um momento da entrevista em que Vaz narra as origens dos seus primeiros contatos com o universo da literatura. Narrativa esta que tem como cenário o EZS:

*Sergio Vaz: Oh, quando eu tinha dezoito **dezenove anoØ**, o **Ba[.ŋ]** do Zé Batidão era do meu pai. Eu cresci ali. Ali foi minha escola, ali foi minha faculdade, ali eu fiz psicologia, ali eu fiz sociologia, ali eu fiz antropologia. **Tá ligado?***

*E aí tinha um cara chamado [informação omitida], até finado, malandro **das antigaØ**. Às vezes eu tava ali, **mano**, sentado ali, eu sempre gostei de ler, eu já fazia **umas letraØ** de música. E ele passava ali, **trocando uma ideia**. E eu admirava. Quem não admirava? **Os ladrãoØ** e **os boleroØ** da antiga, **né...** que é o que tinha, **né?!***

*Aí ele falava assim 'eu vou **sai(r) fora!**'... Eu vou até atualizar a gíria, o dialeto, **né**, que ele falava assim '**mano**, eu vou **sai(r) fora** que o **baguio tá sinistro!**'. E eu olhava assim e não via nada, **mano**. **Ce[r]to?!** Aí depois ele vinha, **trocava ideia** e aí no outro dia ele falava a mesma coisa 'vou embora, **mano**, **tá embaçado!**'. E eu, curioso, ia no me(s)mo luga(r) em que ele ia e não via nada, **mano**. Um dia eu não (a)guntei e falei '**pô, tio, chega aí, mano!**', não era essa a gíria, né, era outra gíria. Eu falei '**mano**, às vezØ você chega aqui, **dá uma ideia**, fala que **o bagulho (es)tá embaçado** e aí eu vou olhar e não vejo nada, **mano!**'. Ele falou '**mano**, como que você que(r) se(r) poeta se você não vê o que não pode se(r) visto, **mano?**'*

***Tá ligado?** O cara que nunca leu um livro me deu uma aula de poesia, (vo)cê entendeu? E a **pa[.ŋ]ti(r)** daí eu passei a **obse[.ŋ]va(r)**, **mano...** tudo e a todos. O movimento, o jeito que fala, a entonação da voz... Na Cooperifa, se uma coisa sai fora, a gente já (es)tá **ligado** o que é que é.*

*(...)*

*desde cedo, cara, eu me sentia um cara fora da caixa. Aquele cara que **os caraØ falavaØ** 'esse cara aí vai fica(r) louco.*

Vaz dá início à sua explicação afirmando que “as ruas” e, mais especificamente “o bar”, foram sua faculdade, tensionando a dicotomia entre esse espaço e as instituições formais de educação, estas historicamente negadas às populações periféricas. Já nesse trecho ele utiliza a combinação de CNØ, (-r) retroflexo, e o MD “tá ligado”, do tipo *checking*, trazendo seus interlocutores para dentro do discurso (Urbano, 1999).

No trecho seguinte, Vaz apresenta uma figura que teria sido fundamental em seu processo de descoberta como poeta, um “malando das antigaØ”. Nas construções que se seguem, o entrevistado faz uso de CNØ, da gíria “trocando uma ideia” e dos MDs “mano” e “né”. Com relação ao primeiro MD, “mano”, que é um marcador discursivo interacional interpelativo, sua função consiste em chamar a atenção dos interlocutores para o ato da

interação, possibilitando, assim, sua progressão. Enquanto diversos outros vocábulos poderiam cumprir essa função, como se observa nos trechos seguintes, “mano” é aquele mais utilizado por Vaz. Isso porque soma-se à sua função textual seu aspecto discursivo, que o situa com relação a significados sociais mais associados ao falar periférico (do que “cara” ou “meu”, por exemplo).

Já o uso de “né”, com a função de *checking*, ao mesmo tempo chama a atenção dos interlocutores e os interpela no sentido de consentirem o que está sendo dito. O MD “né”, por sua vez, é utilizado tanto para interpelar seus interlocutores sobre a afirmação de que antigamente era comum que “os ladrãoØ e os boleroØ” fossem alvo de admiração na periferia quanto como um atenuador dessa declaração, que é acompanhada pela justificativa “que é o que tinha, né?”.

No trecho seguinte, chama a atenção o discurso metalinguístico produzido por Vaz na passagem “eu vou até atualizar a gíria, o dialeto, né”. Essa afirmação indica que Vaz não apenas tem consciência a respeito de um “jeito” específico de se falar mais associado ao falar periférico, mas também que esse “jeito” sofreu alterações com o passar do tempo. Ao “atualizar o dialeto”, Vaz não simplesmente demonstra seu conhecimento a respeito de um estilo sociolinguístico mais “periférico”, mas o personifica como parte de sua performance. Além de continuar a utilizar as variantes mobilizadas nos trechos anteriores, desse momento em diante Vaz passa a utilizar também uma série de gírias, como “sair fora”, “bagueio”, “tá sinistro”, “trocava ideia”, “embaçado” e “dá uma ideia”.

Diversos recursos linguísticos, portanto, são combinados pelo poeta para compor o estilo de alguém que “teve a rua como sua escola” e que admirava “os bandidoØ” da “quebrada”. Embora sua performance combine uma série de elementos associados a determinadas figuras sociais que poderiam ser sintetizadas pelo estereótipo do “mano de quebrada”<sup>138</sup>, Vaz dá indícios de que tem plena consciência sobre estar adotando essa postura

---

<sup>138</sup>Utiliza-se aqui a expressão “mano de quebrada” por caracterizar um tipo social, em contraste com alternativas como “mano da quebrada” ou “mano da periferia”, que caracterizam pertença ou localização geográfica.

mais prototípica, o que denota que sua “fluência” no estilo de grupo não é irrefletida, mas mobilizada de modo estratégico.

Tal postura interacional estabelece, ainda, uma relação de solidariedade com relação aos seus interlocutores imediatos, isto é, os apresentadores do programa, que fazem uso de boa parte das variantes utilizadas pelo poeta, como é possível observar nos trechos de abertura do programa. Além disso, considerando-se o escopo temático do Podcast, que recebe como convidados sobretudo artistas e ativistas das periferias paulistas, a postura adotada por Sergio Vaz dialoga com seus interlocutores premeditados, isto é, a audiência do programa.

A adoção desses elementos por parte de Vaz não se trata, contudo, da realização de uma mera reprodução desse estilo. Isso porque, como argumenta Eckert (2018), compreender os empreendimentos estilísticos dessa forma “exigiria que aceitássemos três coisas como estáticas: a existência do grupo, o estilo e a relação entre o grupo e o estilo” (p. 112). A transitoriedade de cada um desses elementos fica clara na própria narrativa de Vaz, que afirma que vai “atualizar a gíria/o dialeto”, demonstrando que os elementos linguísticos e textuais que se associavam a determinados tipos sociais (como “os bandidoØ” da periferia) durante sua juventude, agora são outros. Essa mudança se deu, é claro, não apenas com relação às práticas linguísticas, mas também com relação às formas de organização da vida social nas periferias (e no EZS, em particular), como melhor se explica no Capítulo 2.

Se antes determinados elementos linguísticos eram associados ao falar de pessoas envolvidas com a criminalidade, neste momento histórico os elementos mobilizados por Vaz em sua fala são associados também a outros tipos sociais que passaram a existir desde então, como as pessoas vinculadas ao movimento *hip-hop*, por exemplo. Desse modo, o estilo, o “tipo social”, e mesmo a relação entre ambos estão em um processo contínuo de transformação. No que diz respeito à performance de Vaz, por exemplo, enquanto ele se aproxima, em algum grau, das figuras sociais mencionadas por ele como parte da paisagem social de sua juventude, ele conclui sua narração a respeito desse período demonstrando algum grau de distinção de sua parte com relação às normas vigentes naquele contexto, ao dizer que “desde cedo” se “sentia um cara fora da caixa. Aquele cara que os caraØ falavaØ ‘esse aí vai ficar louco’”.

Ele se coloca, portanto, como parcialmente parte dessa categoria social, mas ligeiramente diferente. A construção dessa postura por parte de Vaz, que reivindica elementos da vida na periferia ao mesmo tempo em que os (re)cria e modifica é sintetizada, por exemplo, em alguns dos versos de sua autoria, como o já mencionado “vida loka é quem estuda” ou seu poema “Pé-de-pato”, nome comumente atribuído a matadores de aluguel que atuaram nas periferias paulistas principalmente durante o período da ditadura:

*Pé-de-pato*

*Bruno matou a mãe  
matou o pai  
os irmãos  
os avós  
os vizinhos;  
Matou todo mundo de saudade  
quando foi pra faculdade.*

Do mesmo modo com que Vaz faz uso de variantes linguísticas comumente associadas à figura do “mano de quebrada”, assim o faz enquanto narra seu processo de descobrimento como escritor. Assim, dialeticamente, Vaz transita entre os signos associados ao universo da “bandidagem” e da contravenção e os ressignifica, colocando o estudo e a literatura como as “armas” da periferia para combater a opressão e a exploração sofridas por sua população.

Em resumo, no caso de Vaz existem dois estilos sendo mobilizados, um do “articulador cultural”, que aparece sobretudo em sua participação no programa Provoações, associada a significados relacionados à competência e polidez, que, junto ao conteúdo apresentado em sua fala nos trechos analisados, demonstram sua legitimidade como representante da periferia, que apenas conhece, mas também pertence à realidade da periferia e possui um amplo repertório que o possibilita apresentá-la a pessoas externas à essa realidade. O segundo, mais próximo ao “mano de quebrada”, associado a significados relacionados à “sagacidade” e “subversão” e, no caso específico daquela interação, a significados de “igualdade”, “união” e “identificação” entre ele, Vaz, e “os seus”, como os apresentadores do podcast e a audiência do programa.

Como se argumenta adiante, a combinação dessas variáveis linguísticas por parte dos indivíduos permite a ressignificação de elementos comuns ao registro das camadas populares, criando estilos sociolinguísticos, sem que, contudo, esses usos sejam monolíticos e

homogêneos. Em outras palavras, embora a performance de Vaz na segunda situação comunicacional seja comparativamente mais prototípica do “falar dos mano”, é possível que um falante incorpore estrategicamente em sua fala apenas alguns elementos desse estilo e se associe estrategicamente a parte dos elementos e dos significados sociais associados a esse grupo social. Esse é o caso de Binho e Suzi na situação comunicacional analisada, por exemplo. Embora eles não incorporem em suas performances tantos elementos desse estilo quanto Sergio Vaz o faz em sua participação no programa Az Ideia Podcast, é possível identificar como eles transitam por elas durante a construção de suas posturas interacionais enquanto narram eventos relacionados à sua conexão com a comunidade local do EZS.

Ainda sobre os processos de construção de estilos e dos tipos sociais reconhecíveis, é preciso compreender como as mudanças no contexto social em que o EZS se situa se relacionam a eles. Nos estágios iniciais do processo de urbanização da região, a ausência de amparo do Estado e a segregação socioespacial vivida por seus moradores produziu uma série de formas de organizações sociais que buscavam lidar de forma autônoma na resolução de problemas que vinham se apresentando conforme a região passava por seu adensamento populacional. Em termos simplificados, é possível elencar dois tipos principais de organização. O primeiro diz respeito aos movimentos sociais por moradia e melhoria das condições de vida na região, como já descrito no Capítulo 2. O segundo tem como característica principal a prática de atos de contravenção legal que, embora possam gerar transformações (benéficas ou não para a coletividade) na região em que atuam, ocorrem visando a geração de lucro ou benefício para os próprios contraventores.

Considerando-se o poder coercitivo do Estado na vida das pessoas que vivem nessas regiões, o “bandido”, que subverte a ordem em alguma medida e que, eventualmente, atua na resolução de problemas locais, torna-se uma figura de referência local para parte da população que vive nesse contexto. De modo que, ao mesmo tempo em que possa haver, por parte de alguns moradores da região, desaprovação com relação ao modus operandi dessas figuras, por outro lado, elas também são objeto de admiração de outros moradores. Esse tipo de fenômeno social se materializa, por exemplo, na história contada por Sergio Vaz, em que ele narra sua

admiração “pelos bandidoØ” na juventude e a relação entre isso e seu desenvolvimento como poeta.

Com o objetivo de identificarem-se entre si e não serem entendidos por pessoas externas ao grupo, geralmente essas figuras sociais acabam por desenvolver uma linguagem específica, ou, dizendo em outros termos, formulam entre si um “estilo de grupo”. Elementos desse estilo vão sendo, então, utilizados por pessoas de fora desses grupos, que pretendem se aproximar de determinados significados sociais a eles atribuídos, como “subversivos”, “corajosos”, “poderosos”, “durões”, entre outros possíveis.

Esse processo se ilustra em alguns dos movimentos culturais periféricos que começam a surgir nos anos seguintes. As letras de rap, por exemplo, tematizam a realidade vivida na periferia (cf. Capítulo 2) e, em diversos casos, mobilizam elementos linguísticos associados à figura social do “bandido”, como determinadas gírias. O movimento *hip-hop*, que ganha tração sobretudo a partir do final dos anos 1990, estabelece uma relação próxima com a chamada Literatura Carcerária, que, como o nome sugere, consiste em literatura produzida por pessoas em situação de cárcere. Uma das canções mais icônicas desse período, “Diário de um detento”, lançada pelo grupo Racionais MC’s em 1997, teve sua letra escrita por um interno da Casa de Detenção de São Paulo, popularmente conhecida como “Presídio do Carandiru”.

Poucos anos depois, Ferrez lança seu livro “Capão Pecado” (2000), considerado como um dos marcos inaugurais do que seria então chamado de Literatura Marginal (ou, Literatura Hip-Hop, nos termos propostos por Leite, 2014). Esse tipo de literatura compartilhava diversos elementos com as produções de rap do período e tinha como eixo temático principal a violência e o crime vividos na periferia. Nesse mesmo período, como se explicou anteriormente, começam a surgir as iniciativas de saraus literários, como o Sarau do Binho e a Cooperifa. A partir dos saraus começa a surgir o que pode ser denominado como Literatura Periférica ou, como preferem alguns mediadores culturais, a Literatura de Sarau. Esta, como descreve o pesquisador Leite (2014) após analisar todas as obras literárias lançadas nesse contexto até o ano de 2012, tem como ênfase os “(...) elementos de coletividade, festividades, culto às ancestralidades (negras, principalmente), orgulho de ser da periferia, muitos poemas de amor e

sexo, superando o denunciamento e o ceticismo sombrio que caracteriza a Literatura Hip Hop" (Leite, 2014, p. 15).

Ainda que haja certa sucessão cronológica entre esses diferentes acontecimentos, um não sobrepõe a existência do outro. Diferente disso, esses movimentos culturais se entrecruzam e modificam uns aos outros ao longo do tempo. Essas transformações interessam na compreensão dos estilos sociolinguísticos mobilizados pelos membros dos saraus aqui analisados porque, enquanto pesquisas anteriores argumentem que o *hip-hop* ressignifique a variedade das classes populares urbanas por meio do empoderamento racial (Cerqueira, 2020) ou, ainda, constituam ícones sociolinguísticos (como Mano Brown) que tipificam o registro popular urbano paulista (Bentes et al, 2013), argumenta-se que os saraus literários não apenas reproduzem essa ressignificação e essa tipificação, mas também a alteram por meio de suas práticas.

Dessa forma, os mediadores culturais dos saraus atuam como “bricoleiros”<sup>139</sup> (Eckert, 2018) que se apropriam e recombina recursos de uma paisagem social mais ampla na constituição de diferentes estilos, que dialogam tanto com a valorização/ressignificação de formas linguísticas comumente associadas a grupos marginalizados, quanto com a apropriação de formas de prestígio e o incentivo para que as pessoas da periferia tornem-se fluentes também nesta que seria a “língua legítima” (Bourdieu, 1982) ou “língua estranha” (hooks, 2008) – ou seja, aquela que é legitimada pelas camadas sociais detentoras de maior poder em uma sociedade desigual. As práticas conduzidas pelas comunidades dos saraus incentivam, contudo, que essa relação entre “registro popular urbano” e “variedade culta” não se dê como uma adequação daquela com relação a esta, mas sim por meio de seu projeto de “centralidades descentralizadas”, que disputam os espaços originalmente restritos às classes mais socioeconomicamente favorecidas.

Isso não se refere, contudo, a uma característica específica do EZS. Ainda que as práticas dos saraus (e dos outros movimentos culturais mencionados) tenham como cenário o território em questão e os saraus façam parte de sua constituição, a postura de contraposição construída por essas comunidades de práticas não se dá com relação a outras periferias, mas sim com

---

<sup>139</sup> Ou "artesãos" em outra tradução possível para "bricoulers".

relação às classes sociais mais favorecidas que, em geral, habitam as regiões mais centrais<sup>140</sup> ou abastadas da cidade. Ao contrário de antagonistas de outras periferias, haja vista o pioneirismo do EZS no surgimento de movimentos culturais periféricos, como o movimento *Hip-hop*, protagonizado por artistas da região (como Sabotage, Mano Brown, entre outros) e os saraus literários (entre os quais, os mais conhecidos são justamente o Sarau do Binho e o Sarau da Cooperifa), estes inspiraram a criação de uma série de iniciativas em diferentes periferias paulistas e mesmo de outros estados do país. Desse modo, é razoável afirmar que esses elementos permitam dizer que faz menos sentido pensar em um “jeito de falar” próprio do EZS do que pensar em estilos sociolinguísticos tipificados pelos mediadores culturais do EZS, que podem se configurar como verdadeiros ícones sociolinguísticos para pessoas de outras periferias ou que queiram se associar aos significados sociais mobilizados por esses atores sociais.

---

<sup>140</sup> Ou “centralizadas”, como no caso dos grandes condomínios de luxo da Grande São Paulo que dispõem de uma série de serviços construídos para atender a demanda de seus moradores, constituindo-se como uma “cidade murada”.

## Conclusão

O conjunto de análises da produção sociolinguística de (EN), (-r), (CN) e (CV) na fala de paulistanos do EZS (Capítulos 3 a 6) mostra que, embora haja algumas correlações entre variáveis linguísticas e sociais específicas para o EZS em alguns casos, os padrões gerais revelados não são muito distintos daqueles encontrados por Oushiro (2015), para a cidade de São Paulo como um todo. Em outras palavras, dessa perspectiva, o EZS difere menos de São Paulo do que se esperaria, tendo em conta o nível de circulação de um discurso local acerca da “realidade diferente ‘da ponte pra cá’”.

Já do ponto de vista das avaliações sociolinguísticas, à luz de comentários metalinguísticos estimulados por perguntas diretas nas entrevistas da “primeira amostra” (estratificada macrossocialmente), os falantes do EZS diferem daqueles que possivelmente são das regiões mais centrais da cidade, especialmente no que toca à variável (-r), aqui menos frequentemente associada ao interior do estado de São Paulo. Entre os paulistanos do EZS, as variantes retroflexa e tepe são consideradas, ambas, “próprias” do falar paulistano. A diferença que aparece nos seus discursos metalinguísticos, contudo, não se equipara às taxas de ocorrência da variante retroflexa, que não são maiores no EZS do que na cidade, de maneira geral.

Outra diferença interessante reside nas taxas de ocorrência de ditongação de /e/ nasal entre os falantes do EZS, superiores àquelas encontradas para a cidade de São Paulo. Os elementos associados à distribuição da variável, contudo, seguem padrões similares àqueles encontrados por Oushiro (2015): a variante ditongada é favorecida por falantes do gênero feminino e com ensino superior completo. A similaridade entre as variáveis sociais correlacionadas a (EN) no EZS e em São Paulo, bem como as taxas gerais encontradas para a variante ditongada sugerem que a variável esteja em processo de propagação mais intenso nessa região, mas se comporte de modo análogo àquele descrito por Oushiro (2015). De todo modo, mais estudos, envolvendo outras variáveis previsoras de natureza social, poderiam ser realizados com relação a essa variável linguística, no sentido de melhor compreender os elementos que expliquem sua potencial disseminação.

Assim, a partir do construto “comunidade de fala”, não se pode afirmar que o EZS se constitua como uma comunidade distinta da paulistana, pois não apresenta padrões nem avaliações gerais substancialmente distintos daqueles encontrados para a cidade de São Paulo. Contudo, considerando que o EZS, apesar de produto da segregação socioespacial, não é uma ilha, mas sim uma parte da cidade, onde reside boa parte dos trabalhadores das regiões centrais da cidade de São Paulo, seria estranho que naquela região os padrões gerais de variação diferissem – intensa e extensamente – daqueles encontrados para o restante da cidade

Nesse sentido, cabem aqui algumas reflexões com relação às características do construto “comunidade de fala”. Embora este seja particularmente útil para a realização de investigações voltadas para a identificação de padrões gerais presentes em uma dada região e sustentem noções como “variedade paulistana”, questiona-se quais limites definem esse conceito que seria, em teoria, empírico e não dedutivo: onde começa e termina uma comunidade de fala? Quantos quilômetros um pesquisador deve percorrer até garantir que, a partir de um tal marco geográfico, a comunidade de fala é distinta? Ainda que um pesquisador se propusesse a assim fazê-lo, quais seriam os critérios que guiariam a definição das “unidades” em que os padrões seriam observados? A divisão entre quem se inclui ou não dentro dessa comunidade de fala seria medida por meio de unidades administrativas/municípios? Independente de qual seja a resposta para essas questões, fato é que a abstração produzida pela noção de “comunidade de fala”, embora seja útil para diversos tipos de pesquisa, talvez não seja a melhor forma de investigar como uma determinada população desempenha um trabalho (socio)linguístico voltado à construção de identidades localmente reconhecidas.

Além disso, o próprio modelo de estratificação da amostra é, em alguma medida, uma distorção a respeito da comunidade representada, que em sua configuração oficial não tem entre seus membros uma quantidade equânime de pessoas dos diferentes perfis sociais analisados. Com relação ao EZS, por exemplo, de acordo com os dados do relatório do Seade (2020)<sup>141</sup>, apenas 10% da população têm ensino superior completo (uma das menores taxas da cidade), enquanto 32% estudaram até o final do ensino médio, 16,5% têm ensino fundamental completo

---

<sup>141</sup> Disponível em: < <https://trajetoriasocupacionais.seade.gov.br/wp-content/uploads/sites/6/2021/05/sp-diversa-analise-regioes-cidade.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2023.

e 41,4% fundamental incompleto (esta última, a maior taxa da cidade de São Paulo). Em síntese, mais da metade da população da região (57,9%) não continua os estudos depois de completar o ensino fundamental.

Nesse sentido, a replicação dos critérios utilizados pelo Projeto SP2010 para a construção da amostra não reflete as características sociodemográficas do EZS. Ainda que os testes estatísticos utilizados permitam visualizar a correlação entre escolaridade<sup>142</sup> e a distribuição das variáveis, a taxa geral de utilização destas consiste em uma média gerada a partir de todos os falantes, de diferentes escolaridades, que compõem a amostra.

Desse modo, em uma situação hipotética em que um pesquisador pegue um ônibus em horário de pico para o Grajaú, ou para o Capão Redondo, e se depare com falantes moradores da região retornando para suas casas, pode se surpreender se estiver esperando encontrar a mesma prevalência de concordância padrão que a amostra estratificada sugere como média geral da população dessa região.

Tomando os falantes desta amostra do EZS como exemplo, enquanto a taxa de CVØ na distribuição geral é de 10,3%, quando se focalizam os falantes com até ensino fundamental, essa taxa aumenta para 31,6%, quase três vezes a média geral. Quanto à CNØ, a média geral é de 22,7%, porém, entre os falantes com até o ensino fundamental, essa taxa mais do que duplica, representando 52,8% das ocorrências. Considerando a prevalência desses perfis sociodemográficos na região, em termos de números totais, a marca zero de plural parece ser mais frequente no EZS do que sugere a média geral, derivada da consideração de todos os perfis sociais, incluindo aqueles menos prevalentes na população.

Uma das formas de produzir uma amostra que fosse mais representativa com relação a esses falantes seria adicionar mais níveis de escolaridade como elementos estratificadores em seu desenho. Desse modo, seria garantida maior presença de pessoas com até o ensino fundamental entre os entrevistados<sup>143</sup>. Por outro lado, à luz do processo de coleta realizado

---

<sup>142</sup> Recodificada entre “ensino fundamental”, “ensino médio” e “ensino superior” para as variáveis relacionadas à concordância.

<sup>143</sup> Que nesta amostra, consistiram em 5 falantes.

durante a construção da amostra, é possível dizer que alguns empecilhos se apresentariam na execução desse plano.

Ainda que a pesquisadora tenha tido acesso à indicação de mais pessoas com até o ensino fundamental do que aquelas que efetivamente passaram a integrar a amostra, conseguir um horário disponível na agenda de parte dessas pessoas, para que elas pausassem seus afazeres e concedessem uma entrevista, demonstrou-se um verdadeiro desafio. Para viabilizar a realização de algumas das gravações, foi necessário ir até o local de trabalho ou estudo de algumas das pessoas indicadas para realizar a entrevista. Em alguns casos, esses espaços foram locais de certo modo inadequados, como oficinas mecânicas, bares ou mesmo o pátio da escola durante o momento de intervalo entre as aulas (no caso dos alunos do CIEJA ou MOVA)<sup>144</sup>, bastante ruidosos e pouco propícios para a realização das gravações. Por conta disso, infelizmente, diversas entrevistas gravadas precisaram ser descartadas, pois a qualidade dos áudios impossibilitava a transcrição e, principalmente, a codificação adequada dos dados.

Uma sugestão para a realização de pesquisas futuras, nesse sentido, seria a tentativa de estabelecimento de “pontos” de entrevista em locais estratégicos da região, que fossem locais mais silenciosos e ao mesmo tempo próximos aos locais de trânsito dos falantes com esse perfil. Um exemplo bem-sucedido nesse sentido diz respeito à parceria estabelecida com o Núcleo de Convivência do Idoso, no Jardim Ângela, que disponibilizou uma sala para que as entrevistas fossem realizadas. Ou ainda os responsáveis pelo Centro Cultural do Grajaú, que disponibilizaram o anfiteatro para a gravação de uma das entrevistas. Uma estratégia também utilizada nesta pesquisa e que poderia ser mais bem aproveitada futuramente foi a aproximação com instituições religiosas, que são muitas vezes um dos principais espaços de socialização na região. Uma das entrevistas desta amostra foi gravada em uma sala gentilmente oferecida por uma dessas instituições, algumas horas antes do início de suas atividades no local.

Enfim, em resumo, para tornar mais provável a realização de entrevistas com pessoas com esse perfil sociodemográfico, determinadas estratégias devem ser pensadas para

---

<sup>144</sup> Mesmo nos casos em que a escola concedeu uma sala para a realização das entrevistas durante o intervalo, o barulho produzido do lado de fora da sala ainda era significativo o bastante para que a qualidade das gravações fosse comprometida.

possibilitar não apenas o acesso a esses falantes, mas também a realização da gravação em condições propícias para um trabalho de análise linguística. Outro aspecto que poderia ser proveitoso para ampliar as possibilidades analíticas é a codificação<sup>145</sup> de informações relacionadas a classe socioeconômica<sup>146</sup> e raça/etnia dos participantes – pois, embora a escolaridade possa ser considerada um indicador de classe socioeconômica, uma análise que inclua a codificação da classe social pode contribuir para uma melhor compreensão de como esses elementos operam de maneira semelhante ou distinta na distribuição das variáveis.

Já com relação a raça/etnia, a codificação desta variável se justificaria em face de dois elementos principais. O primeiro deles consiste na presença proporcionalmente maior de pessoas negras no EZS do que nas regiões centrais da cidade. De acordo com os dados do relatório do Mapa da Desigualdade (2021), a maior taxa de pessoas pretas e pardas da cidade se localiza no distrito do Jardim Ângela (60%), seguido por diversos outros distritos do EZS, como Grajaú (56,8%), Parelheiros (56,6%) e Capão Redondo (53,9%). Para que se tenha uma noção da disparidade entre essas taxas na cidade de São Paulo, os distritos da Consolação e Santa Cecília, ambos na região central, apresentam, respectivamente, taxas de 10,6% e 19,7% de moradores pretos ou pardos. Além disso, tendo em vista discussões que vêm crescendo na linguística a respeito da relação entre o português popular brasileiro (Mattos & Silva, 2004; Lucchesi, 2015) e o português afro-brasileiro (Lucchesi et al., 2009), seria interessante investigar se, quando se trata de variáveis mais marcadas por fatores como escolarização e classe socioeconômica, há também correlação com elementos étnico-raciais.

Os trabalhos que assim o fizerem, seja no EZS, ou em outras periferias da cidade de São Paulo, podem se beneficiar também dos trabalhos desenvolvidos pelo grupo coordenado pelo Prof. Dr. Eduardo Cesar Leão Marques, que se dedicaram ao estudo dos processos de segregação na metrópole<sup>147</sup>. De acordo com as obras publicadas por Marques (2015, 2018), em que são analisados os dados de diversos censos populacionais realizados na cidade, tanto classe

---

<sup>145</sup> Não necessariamente a estratificação.

<sup>146</sup> Embora classe socioeconômica não tenha sido um elemento estratificador da amostra do SP2010, foi uma das características codificadas a respeito dos falantes. Para esta pesquisa, contudo, essa codificação não foi realizada.

<sup>147</sup> Para mais informações, acesse: <<https://centrodametropole.fflch.usp.br/pt-br/>>.

socioeconômica quanto raça/etnia são fatores importantes na segregação urbana de São Paulo (contudo, esta seria estruturada sobretudo por classe socioeconômica). Considerando a discussão proposta por Marques e demais pesquisadores do Centro de Estudos da Metrópole, seria interessante investigar como a relação entre essas duas variáveis se dá na distribuição dos fenômenos linguísticos comumente associados ao falar das camadas populares, como o uso de marca zero para as variáveis (CN) e (CV).

No que diz respeito à análise qualitativa das falas dos mediadores culturais do EZS, a discussão desenvolvida no Capítulo 7 contribui para uma compreensão mais abrangente dos elementos característicos do registro popular urbano paulista. Confirmam-se descobertas anteriores: como as pesquisas de Lucca (2017) e Bentes et al. (2013), que identificaram o uso estilístico de MDs como "mano" e "tá ligado" nas falas de motoboys e rappers paulistas, respectivamente; e como Coelho (2006), que demonstrou o uso de "nós" + marca zero de plural por indivíduos localmente tipificados como "manos" em uma periferia paulistana. Nesse sentido, a presente pesquisa adiciona (CV-3PP), (CN) e (-r) ao rol de variáveis linguísticas estudadas no registro popular urbano paulista, mas também como elementos mobilizados na construção de estilos associados a tipos sociais mais específicos, como os "mano de quebrada".

Além disso, argumenta-se que, mediante a disseminação dos movimentos culturais que surgem na periferia paulistana, especialmente no EZS, para outras regiões do país, excetuando-se a coda (-r) (que se constitui como um traço distintivo das variedades regionais no Brasil), as outras variáveis linguísticas e elementos linguísticos aqui analisados potencialmente também sejam adotados por falantes de diferentes regiões do país que desejam se afiliar aos significados sociais relacionados ao "ser periférico". No entanto, essa interpretação só poderia ser confirmada por meio da realização de pesquisas em outras regiões do país.

Indo um pouco mais longe, uma vez que se argumenta, por meio da análise dos trechos de fala dos organizadores dos saraus, que esses mediadores culturais não apenas reproduziriam o estilo já iconizado por outras figuras culturais relevantes na periferia (como os rappers), mas, mais do que isso, ressignificam tal estilo, por meio da mobilização simultânea de elementos de prestígio e de elementos tipificados como próprios do falar popular, seria interessante conduzir uma investigação que comparasse a manipulação de padrões sociolinguísticos nas

performances linguísticas de rappers e de figuras notórias dos saraus do EZS, a fim de identificar em que momentos interacionais cada um desses falantes mobiliza (de forma mais similar ou mais distinta) esse ou aquele significado social por meio das variáveis linguísticas.

Por fim, ainda que a análise dos trechos de fala dos organizadores dos saraus possa ter contribuído para a compreensão da relação entre práticas linguísticas e demais práticas sociais, mediante a contextualização das comunidades de práticas em que esses falantes se inserem como figuras de destaque, a realização das gravações dentro das comunidades de práticas teria propiciado outras possibilidades analíticas – entre elas, a análise das negociações de significados sociais realizadas no curso das práticas em que os membros da comunidade estão engajados, sem que suas performances fossem mediadas por uma situação comunicacional mais controlada, como é o caso das entrevistas que se analisaram. Nesse sentido, caso outros pesquisadores se interessem por realizar esse tipo de pesquisa nos saraus ou demais comunidades de práticas que façam parte do circuito de movimentos culturais do EZS, coloque-me à disposição para facilitar seus percursos na pesquisa de campo.

## Referências

- AGUILERA, V. D. A.; SILVA, H. C. D. Dois momentos do /r/ retroflexo em Lavras - MG: no Atlas Linguístico de Minas Gerais e nos dados do projeto do Atlas Linguístico do Brasil. *Revista Diadorim*, v. 8, n. 1, 24 abr. 2011.
- AGUILERA, V. DE A.; SILVA, H. C. DA. Uma nova configuração do caipira: ecos do /r/ retroflexo. *Revista da ABRALIN*, 8 ago. 2015.
- ALMEIDA, D. C. DE; HANADA, L. K. Variação na Concordância Nominal de Número em Redações de Surdos. *Calidoscópico*, v. 18, n. 3, p. 738–749, 4 nov. 2020.
- AMARAL, A. O. *Dialeto*. Casa Editora: São Paulo, 1920.
- ANTONINO, V. A concordância nominal em predicativos do sujeito e em estruturas passivas no português popular do interior do Estado da Bahia. 27 jun. 2013.
- ARAUJO, L. M. B. M. DE; RUIZ, M. A. A. Estereótipos básicos e estereótipos opostos: Representações do dialeto caipira em discursos institucionais e científicos. *Fórum Linguístico*, v. 16, n. 4, p. 4316–4327, 31 dez. 2019.
- BARCELLOS, M. E. M. O falar paulistano e os significados sociais de (AN): correlações entre origem do ouvinte e percepção. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo: São Paulo-SP, 2020.
- BATTISTI, E. Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha. 1993.
- BATTISTI, E. Redes sociais, identidade e variação linguística. Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística. São Paulo: Editora Edgar Blucher, p. 79-98, 2014.
- BATTISTI, E. A redução dos ditongos nasais átonos. BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 183-202, 2002.
- BENTES, A. C. "Tudo que é sólido desmancha no ar": sobre o problema do popular na linguagem. *Revista Gragoatá*, Niterói, 2009, pp. 117-134.
- BENTES, A. C. & RIOS, V. C. "Razão e rima: reflexões em torno da organização tópica de um rap paulista." *Cadernos de Estudos Linguísticos*, vol. 48(1), 115–124, 2006.
- BENTES, A. C.; FERRARI, N. E agora o assunto é trabalho: organização da experiência social, categorização e produção de sentidos no programa *manos e minas*. *Revista Diadorim*, v. 10, 2011.

BENTES, A. C.; FERREIRA-SILVA, B.; MARIANO, R. D. Atenuação e impolidez como estratégias estilísticas em contexto de entrevista televisiva. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 23, n. 47, 2013.

BENTES, A. C.; MARIANO, R. D.; FERREIRA-SILVA, B. Marcadores discursivos e sequências textuais no programa “Manos e Minas”: Uma análise inicial para a tipificação do programa em relação a aspectos textuais-discursivos. *Web-Revista Sociodialeto*, Dourados (MS), v. 3, p. 239-265, 2013

BORTONI-RICARDO, S. M. A análise do português em três continua: o continuum ruralurbano, o continuum de oralidade-letramento e o continuum de monitoração estilística. In: GroBe, S. & Zimmermann, K. <<Substandard>> e mudança no português do Brasil. Frankfurt am Main: TFM, 1998.

BOTASSINI, J. O. M. A importância dos estudos de crenças e atitudes para a sociolinguística. *Signum: Estudos da Linguagem*, v. 18, n. 1, p. 102–131, 11 jan. 2015.

BOURDIEU, P. The production and reproduction of legitimate language . *The Routledge language and culture reader*, 2000 [1982].

BRANDÃO, S. F. Nas trilhas do -R retroflexo. *Signum: Estudos da Linguagem*, v. 10, n. 2, p. 265–283, 15 dez. 2007.

BRANDÃO, S. F. Sobre o apagamento de r em coda final em variedades urbanas do português Cuadernos de la alfal. 2022.

BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. Concordância nominal e verbal: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do português. *ALFA: Revista de Linguística*, v. 56, n. 3, 18 dez. 2012.

BRITAIN, D. Space, Diffusion and Mobility. In: CHAMBERS, J. K.; SCHILLING, N. (Eds.). *The Handbook of Language Variation and Change*. Wiley, 2013.

BRITO, G. A. de Sá. Depois que o barro acaba: cultura e novas utopias nas periferias de São Paulo. (Dissertação de mestrado). Universidade de São Paulo: São Paulo-SP, 2021.

BRUNER, J.; WEISSER, S. A invenção do ser: a autobiografia e suas formas. In: OLSON, D. R.; TORRANCE, N. (org.). *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo: Ática, 1995.

BRUNER, J. *Realidade mental, mundos possíveis*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CALDEIRA, T. P. R. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. Editora 34, 2016. [2000]

- CALLOU, D.; SERRA, C.; CUNHA, C. Mudança em curso no português brasileiro: o apagamento do R no dialeto nordestino. *Revista da ABRALIN*, 8 ago. 2015.
- CAMACHO, R. G. A relevância social da sociolinguística: o efeito de escolaridade na marcação de número. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 58, n. 3, p. 461–479, 19 dez. 2016.
- CAMACHO, R. G.; SALOMÃO-CONCHALO, M. H. A variação de plural no SN como um indexador de identidade. *Todas as Letras - Revista de Língua e Literatura*, v. 18, n. 2, 8 dez. 2016.
- CARLOS, V. G.; DO CARMO, M. C. Ditongação variável diante de /s/ em coda silábica na fronteira brasil/paraguai. *Revista Diadorim*, v. 20, n. 2, p. 238–254, 28 dez. 2018.
- CARVALHO, D.; BRITO, D. (EDS.). *Gênero e língua(gem): formas e usos*. Salvador, Bahia: EDUFBA, 2020.
- CASIMIRO, S. Um estudo histórico da formação do marcador discursivo “tá ligado?”. *Web Revista SOCIODIALETO*, v. 10, n. 30 SER. 2, p. 185-219, 2020.
- CERQUEIRA, F. DE O. O pretoguês como comunidade de prática: concordância nominal e identidade racial. *Traços de Linguagem - Revista de Estudos Linguísticos*, v. 4, n. 1, 21 set. 2020.
- COELHO, R. F. *É nós na fita! Duas variáveis linguísticas numa vizinhança da periferia paulistana: o pronome de primeira pessoa do plural e a marcação de plural no verbo*. 2006. 178 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006
- CORRÊA, R. L. A periferia urbana. *Revista Geosul*. v. 1 n. 2, 1986.
- CORREA, B. T.; GONÇALVES, G. F.; SEARA, I. C. Há controvérsias! O estatuto fonológico das vogais nasais e a sua discussão na literatura. *Revista Letras Raras*, v. 11, n. 2, 2022.
- COULMAS, F. Introduction. Em: COULMAS, F. (Ed.). *The Handbook of Sociolinguistics*. Oxford, UK: Blackwell Publishing Ltd, 2007.
- COUPLAND, N. *Style: variation and identity*. New York: Cambridge University Press, 2007.
- CORREA, B. T.; GONÇALVES, G. F.; SEARA, I. C. Há controvérsias! O estatuto fonológico das vogais nasais e a sua discussão na literatura. *Revista Letras Raras*, v. 11, n. 2, p. 235-263, 2022.
- DA SILVA, J.; SANTOS, R. L. DE A. A influência da escolaridade no processo de variação de concordância verbal na língua usada em Serra Talhada. *A Cor das Letras*, v. 19, 2018.

DE PAULA, A. (Ed.). Uma história de investigações sobre a língua portuguesa: homenagem a Sílvia Brandão. Blucher, 2018.

DURKHEIM, É. As regras do método sociológico. São Paulo: Martins Fontes. Tradução de P. Neves; E. Brandão. 3ª Edição, 2007. [1895]

ECKERT, P. Variation, convention, and social meaning. Paper presented at the Annual Meeting of the Linguistic Society of America. Oakland CA. Jan. 7, 2005.

ECKERT, P. Linguistic Variation as Social Practice: The Linguistic Construction of Identity in Belten High. Oxford: Wiley-Blackwell, 2000.

ECKERT, Penelope. Communities of practice. Concise encyclopedia of pragmatics, 2nd edition. Oxford: Elsevier, p. 109-112, 2006.

ECKERT, P. Three Waves of Variation Study: The Emergence of Meaning in the Study of Sociolinguistic Variation. Annual Review of Anthropology, v. 41, n. 1, p. 87–100, 2012.

ECKERT, P. Meaning and linguistic variation: The third wave in sociolinguistics. Cambridge University Press, 2018.

ECKERT; P; MCCONNELL-GINET, S. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. Linguagem, sexo, sexualidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. [1992]

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. DA. Etnografia: Saberes e Práticas. ILUMINURAS, v. 9, n. 21, 4 set. 2008.

FERRAZ, I. DA S. Características fonético-acústicas do /r/ retroflexo do português brasileiro: dados de informantes de Pato Branco (PR). 2005.

FREITAG, R. M. KO. Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística. [s.l.] Editora Edgard Blücher, 2014.

FREITAG, R. M. K. Sociolinguística no/do Brasil. Cadernos de Estudos Linguísticos, v. 58, n. 3, p. 445–460, 19 dez. 2016.

FREITAG, R. M. K. et al. Como o brasileiro acha que fala? Desafios e propostas para a caracterização do “português brasileiro”. Signo y seña, n. 28, p. 65–87, 2015.

FREITAG, R. M. KO.; SAVEDRA, M. M. G. Mobilidades e Contatos Linguísticos no Brasil. [s.l.] Editora Blucher, 2023.

GARCIA, R. R. O dialeto caipira no interior de São Paulo sob a perspectiva da filologia. Percorrendo trilhas filológicas: estudos para a história da língua portuguesa, 1 jan. 2011.

GONÇALVES, S. C. L. Balanço crítico da Sociolinguística Variacionista no estado de São Paulo e a proposição de uma frente programática de investigação. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), v. 41, n. 2, p. 869–884, 2012.

GUTIERRES, A.; ROCKENBACH, L. M.; BATTISTI, E. Mobilidade e variação linguística: realização da aproximante retroflexa [ɹ] no português de Passo Fundo – RS. 2023.

HARDING, S. Subjectivity, experience, and knowledge: an epistemology from/for rainbow coalition politics. In J. Roof and R. Wiegman (eds), *Who Can Speak?: Authority and Critical Identity*. Urbana: University of Illinois Press, 1995.

HOBBSAWN, E.; RANGER, T. A invenção das tradições. Paz e Terra: Rio de Janeiro-RJ, 2008 [1997].

HOOKS, B. Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens. *Revista Estudos Feministas*, v. 16, p. 857-864, 2008.

KAILER, D. A.; ALMEIDA, E. DE F. DE; MACIEL, S. C. L. M. O Retroflexo em Dados do Estilo Monitorado do ALIB: uma análise da leitura em sete cidades paulistas. *Signum: Estudos da Linguagem*, v. 24, n. 3, p. 117–128, 27 dez. 2021

LABOV, W. “Contraction, deletion, and inherent variability of the English copula. *Language*, vol. 45(4), 715–762, 1969.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford UK & Cambridge USA: Blackwell, 1994.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford & Cambridge: Blackwell, 2001.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. São Paulo: Cambridge University Press, 2006 [1966].

LABOV, W. “A motivação social de uma mudança sonora.” In: *Padrões sociolinguísticos*, vol. 19, pp. 273–309. São Paulo: Editora Parábola, 2008 [1963].

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Editora Parábola, 2008 [1972].

LEITE, A. E. Marcos fundamentais da Literatura Periférica em São Paulo. *Revista Estudos Culturais*, n. 1, p. 1–20, 25 jun. 2014.

LIMA Jr, R. “Análise Quantitativa de Dados Linguísticos”. Disponível em: <<https://ronaldolimajr.github.io/quant-data-analysis/>>. 2021.

- LUCCA, J. F. O diário moderno de um motoboy de São Paulo: construção identitária e recursos estilísticos. (Tese). Universidade Estadual de Campinas: Campinas-SP, 2017
- LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. O português afro-brasileiro. Salvador: EDUFBA, 2009.
- LUCCHESI, D.; DÁLIA, J. Novos condicionamentos estruturais da variação na concordância nominal de número. Fórum Linguístico, v. 19, n. 1, p. 7369–7387, 2022.
- MARQUES, E. C. L. A metrópole de São Paulo no século XXI: espaços, heterogeneidades e desigualdades. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp/CEM, 2015.
- MARQUES, E. C. L. As políticas do urbano em São Paulo. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp/CEM, 2018.
- MAINGUENEAU, D. Novas tendências em análise do discurso. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.
- MAINGUENEAU, D. Campo discursivo: a propósito do campo literário. In:
- MAINGUENEAU, D. Doze conceitos em análise do discurso. São Paulo: Parábola Editorial, p. 49-62, 2010.
- MAGNANI, J. G. C. Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- MAGNANI, J. G. C. O velho e bom caderno de campo. Revista Sexta-Feira, v. 1, n. 1, p. 8-12, 1997.
- MAGNANI, J. G. C. "Vai ter música?": para uma antropologia das festas juninas de surdos na cidade de São Paulo. Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, n. 1, 2007.
- MAGNANI, J. G. C. Da periferia ao centro. Editora Terceiro Nome: São Paulo-SP, 2012.
- MATTOS E SILVA, R. V. O português no Brasil: sua formação na complexidade multilinguística do Brasil colonial e pós-colonial. Leituras Contemporâneas, Salvador, v. 1, n. 1, p. 95-105, 2004.
- MENDES, R. B. "A pronúncia retroflexa do /-r/ na fala paulistana." In: Hora, D. & Negrão, E. V. (Eds.), Estudos da Linguagem. Casamento entre temas e perspectivas, pp. 282–299. João Pessoa: Ideia, 2011.
- MENDES, R. B. "Gendered perceptions of noun agreement in Brazilian Portuguese." Revista Internacional de Linguística Iberoamericana, vol. 12(23), 93–108, 2014.

- MENDES, R. B. “Nonstandard noun phrase agreement as an index of masculinity.” In: Levon, Erez & Mendes, Ronald Beline (Eds.), *Language, sexuality and power: studies in intersectional sociolinguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2016.
- MENDES, R. B. Diphthongized (en) and the indexation of femininity and Paulistinity. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v. 58, n. 3, p. 425, 19 dez. 2016.
- MENDES, Ronald Beline. *A terceira onda da Sociolinguística*. In: FIORIN, J. *Novos caminhos da linguística*. Editora Contexto: São Paulo-SP, 2017.
- MENDES, R. B. *Percepção e performance de masculinidades: efeitos da concordância nominal de número e da pronúncia de/e/nasal*. (Tese de Livre Docência). Universidade de São Paulo: São Paulo-SP, 2018.
- MENDES, R. B.; OUSHIRO, L. “Percepções sociolinguísticas sobre as variantes tepe e retroflexa na cidade de São Paulo.” In: Hora, D. & Negrão, E. V. (Eds.), *Estudos da Linguagem. Casamento entre temas e perspectivas*, pp. 229–245. João Pessoa: Ideia, 2011.
- MENDES, R. B.; OUSHIRO, L. O paulistano no mapa sociolinguístico brasileiro. *Alfa: Revista de Linguística (São José do Rio Preto)*, v. 56, n. 3, p. 973–1001, 2012.
- MENDES, R.B.; OUSHIRO, L. Documentação do Projeto SP2010 – Construção de uma amostra da fala paulistana., 2013. Disponível em <<http://projetosp2010.fflch.usp.br/producao-bibliografica>>.
- MILANI, S. E.; SILVA, D. M. DA. Fatos fonéticos e fonológicos constatados na pesquisa do Atlas Linguístico de Goiás – ALINGO. De volta ao futuro da lingua portuguesa. *Atas do V SIMELP - Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*, v. 0, n. 0, p. 589–606, 6 out. 2017.
- MILROY, L. *Language and Social Networks*. Oxford: Blackwell, 1980.
- MILROY, L. Social Network. In: CHAMBERS, J.K; TRUGDILL, P.; SCHILLINGESTES, N. (Eds.). *The handbook of language variation and change*. Oxford:Blackwell, 2002,
- MINCHONI, T. *Coletivo Sarau do Binho: insurgência (po) ética nas tramas afetivas do território*. (Tese de doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis-SC, 2019.
- MIRANDA, L. S. *Da diversidade linguística do Português brasileiro: a concordância nominal no Português falado no Brasil*. *Caletroscópio*, v. 4, p. 352–365, 2016.
- OLIVEIRA, R. J. DE. *Segregação urbana e racial na cidade de São Paulo: as periferias de Brasilândia, Cidade Tiradentes e Jardim Ângela*. (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo-SP 2008.

- OLIVEIRA, J. H. P. DE. As múltiplas dimensões da participação grupal: um estudo de caso sobre um clube de mães da Zona Sul de São Paulo. (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo-SP, 2015.
- OUSHIRO, L. Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo. (Tese de Doutorado), Universidade de São Paulo: São Paulo-SP, 2015.
- PADIAL, B. Campo Limpo Capão Taboão. In: PADIAL, Binho; POETA, Serginho. *Donde Miras: dois poetas, um caminho*. São Paulo: Edições Toró, 2007.
- PEREIRA, D. C. Concordância verbal na língua falada nas trilhas das bandeiras paulistas. Universidade de São Paulo: São Paulo-SP, 2004.
- PODESVA, R. J. “Phonation type as a stylistic variable: the use of falsetto in constructing a persona.” *Journal of Sociolinguistics*, vol. 11(4), 478–504, 2007a.
- PODESVA, R. J. Three sources of stylistic meaning. In: *Texas Linguistic Forum*. 2007b.
- RATINAUD, P. IRaMuTeQ ©. Distribué sous les termes de la licence GNU GPL. 2008-2023.
- RENNICKE, I. The retroflex r of Brazilian Portuguese: theories of origin and a case study of language attitudes in Minas Gerais. v. 6, 2011.
- RENNICKE, I. Representação fonológica dos róticos do Português Brasileiro: uma abordagem à base de exemplares. *Scripta*, v. 20, n. 38, p. 70–97, 2016.
- REYES ARIAS, A. *Voices dos Porões: A literatura periférica do Brasil*. (Tese de Doutorado. UC Berkeley, 2011).
- RODRIGUES, J. F. *Juventude e Literatura: um estudo sobre práticas literárias, ações e representações sociais juvenis na periferia da Zona Leste*. 2013.
- RODRIGUES, T. B. A. et al. Os significados sociais da Concordância Nominal: um olhar etnográfico para a página Jhowsiel. 2021.
- ROSA, F. F. S. DA. *Concordância nominal interna ao SN e monitoração estilística*. 2016.
- SALOMÃO-CONCHALO, M. H. *A variação estilística na concordância nominal e verbal como construção de identidade social*. (Tese). Universidade Estadual Paulista: São José dos Campos-SP, 2015.
- SANTANA, R. S. *O singular no sujeito e a genericidade no português brasileiro infantil*. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo: São Paulo-SP, 2019.

- SANTOS, L. S. M. Sobre a ausência de concordância nominal no português falado em Pedro Leopoldo-MG: uma abordagem variacionista. 2010.
- SCHERRE, M. M. P. A regra de concordância de número no sintagma nominal em português. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 1978.
- SCHERRE, M. M. P. Reanálise da concordância nominal em português. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro-RJ, 1988.
- SCHERRE, M. M. P. “Concordância nominal e funcionalismo.” *Alfa*, vol. 41(n.esp.), 181–206, 1997.
- SCHERRE, M. M. P. “Paralelismo linguístico.” *Revista Estudos Linguísticos*, vol. 7(2), 29–59, Belo Horizonte. 1998.
- SCHERRE, M. M. P. “Phrase-level parallelism effect on noun phrase number agreement.” *Language Variation and Change*, vol. 13, 91–107, 2001.
- SCHERRE, M. M. P. Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola, 2 ed., 2008.
- SCHERRE, M. M. P; NARO, A. J. “The serial effect on internal and external variables.” *Language Variation and Change*, vol. 4, 1–13, 1992.
- SCHERRE, M. M. P; NARO, A. J. A concordância de número no português do Brasil: um caso típico de variação inerente. In: HORA, D. (Org.). *Diversidade lingüística do Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997.
- SCHERRE, M. M. P; NARO, A. J. “Sobre a concordância de número no português falado do Brasil.” In: RUFFINO, G. (Ed.), *Dialettologia, geolinguística, sociolinguística (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza)*, vol. 5, pp. 509–523. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 5, 1998.
- SCHERRE, M. M. P; NARO, A. J. “Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro.” *SCRIPTA*, vol. 9(18), 107–129, 2006.
- SCHERRE, M. M. P; NARO, A. J; & CARDOSO, C. R. “O papel do tipo de verbo na concordância verbal no português brasileiro.” *DELTA*, vol. 23(n.esp.), 283–317, 2007.
- SCHERRE, M. M. P; NARO, A. J; MATTOS, S.; FOEGER, C; BENFICA, S. “Concord without concord: 1st plural pronoun nós ‘we’ in Brazilian Portuguese.” Trabalho apresentado no NWAV44, Chicago–IL, EUA, 2014.

- SEARA, I. C.; PACHECO, F. S.; AMELOT, A. Considerações sobre a aerodinâmica das vogais nasais do português brasileiro: a variedade florianopolitana. *Caderno de Letras*, n. 33, p. 13–40, 19 jul. 2019.
- SILVA, C. C. C. DA. Um estudo sobre a redução dos ditongos nasais na fala fluminense. *Revista Diadorim*, v. 20, n. 0, p. 409–427, 30 dez. 2018.
- SILVA, F. G. DA. Alagoanos em São Paulo e a concordância de número. Universidade de São Paulo, 6 nov. 2014.
- SILVA, C. K. DA. Estudo do “r” retroflexo no falar dos Uberlandenses. 8 abr. 2022.
- SILVA, H. C. DA. Pelas veredas do /r/ retroflexo. (Tese de Doutorado). Universidade de Santiago de Compostela: Espanha/Universidade de Londrina: Londrina-PR, 2016.
- SILVA, R. A. L. DA; CUNHA, G. W. Variação linguística: ocorrência de apagamento do fonema /R/ em final de sílaba. *Revista de Letras*, v. 21, n. 32, 14 mar. 2019.
- SILVA, G. A. O /R/ em posição de coda silábica na cidade de Uberlândia. 24 fev. 2016b.
- SILVEIRA, G. DE C. P. DA. Efeitos do abaixamento na frequência do terceiro formante na pronúncia aproximante do /r/ em coda sobre a percepção social de falantes em São Bernardo do Campo. *Domínios de Linguagem*, v. 16, n. 3, p. 928–952, 17 jun. 2022.
- SOUZA RODRÍGUEZ, A. C. Concordância verbal, sociolinguística e história do português brasileiro. *Fórum Linguístico*, v. 4, n. 1, p. 115–145, 2007.
- SPINK, M. J. P. Viver em áreas de risco: reflexões sobre vulnerabilidades socioambientais. Editora Terceiro Nome, 2019.
- TABORDA, I. R.; CARMO, M. C. DO. Apagamento de /r/ em coda silábica na variedade do interior paulista. *Letras Escreve*, v. 9, n. 3, p. 39–51, 6 maio 2020.
- TAVANTI, R. M. A rebelião das andorinhas: saraus como manifestação político-cultural na zona sul de São Paulo. (Tese de doutorado). Pontifícia da Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2018.
- TRUDGILL, P. *The social differentiation of English in Norwich*. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.
- VIEIRA, M. M. Para um estudo das influências fonológicas do italiano no português falado na cidade de São Paulo. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo: São Paulo-SP, 2010.

VOLÓCHINOV, V. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2018 [1929].

WENGER, E. Communities of practice: Learning as a social system. *Systems thinker*, v. 9, n. 5, p. 2-3, 1998.

ZILLES, A. M. S; MAYA, L. Z; SILVA, K. Q. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre, RS. *Organon*. Porto Alegre. Vol. 14 n. 28/29 (2000), p. 195-219, 2000.

## ANEXOS

### Anexo I- Roteiro da entrevista para a amostra estratificada

#### I. Primeira Parte: BAIRRO (apox. 10 min)

Objetivos: descobrir o “grau de enraizamento” do informante no bairro onde vive/outros bairros; descobrir padrões de sociabilidade nos diferentes bairros; descobrir o “grau de mobilidade” da pessoa

1. \*Há quanto tempo você mora nessa região da Zona Sul?
2. \*Você gosta de morar aqui?
3. \*Por que você escolheu morar nesta região? (manter em mente que o informante pode não ter “escolhido” morar ali: pode ter sido porque a família já morava lá etc.)
  - a. (Se o informante mora lá desde sempre) Como era o bairro antigamente? Mudou muito?
  - b. (Se o informante mora há bastante tempo) Como era o bairro antes/quando você se mudou pra cá? Mudou muito?
  - c. (Se o informante nem sempre viveu ali) Em que outros lugares você já morou? Como era lá comparado com esse bairro aqui? Onde você preferia morar?
4. \*Você conhece seus vizinhos?
5. O que esse bairro tem de diferente de outros bairros na cidade?
6. Aqui costuma haver festas do bairro? Existe algum lugar no bairro em que as pessoas se reúnem?
7. Como é sua relação com seus vizinhos? Você conversa bastante com eles? Têm bastante contato?
8. \*Já aconteceu alguma coisa aqui que te fez pensar em se mudar?
9. \*Hoje, tem algum outro bairro ou região em que você gostaria de morar? INFÂNCIA (aprox. 5 min.)

Objetivos: relaxar o informante (em geral, as pessoas gostam de falar de sua infância); obter informações sobre mudanças no bairro/cidade; grau de mobilidade do informante; obter informações sobre escolaridade

10. E como foi a sua infância (no bairro X)? Você pode contar um pouco de como foi, o que você fazia...?
  - a. brincava na rua/dentro de casa? Do que vocês brincavam?
  - b. Como eram os seus pais? Eram rígidos...? Você tinha horário para estar em casa?
  - c. Vocês tinham alguma tradição de família?
11. Você foi pra escola no mesmo bairro? Como era a escola? Você sempre estudou na mesma escola? Você gostava de ir pra escola? Tem algum professor que te marcou? Até que série você estudou? Você acha que a escola fornece aquilo que uma pessoa precisa para encontrar um emprego?

12. \*Enquanto ainda era criança/adolescente, você ia pra outros lugares dentro da cidade de São Paulo? (pra onde, pra fazer o quê...)

13. Que roupas você usava? Que tipo de corte de cabelo as pessoas usavam? FAMÍLIA (aprox. 5 min.)

Objetivos: obter informações sobre rede social do informante, grau de enraizamento no bairro/região

14. Você tem irmãos? (é possível que esta informação já tenha aparecido na parte sobre infância; neste caso, falar algo como: “Você disse que tem uma irmã... Você tem outros irmãos?”) Quantos anos eles têm?

15. \*Onde seus pais nasceram? (Se não são paulistanos, perguntar também sobre avós, bisavós... até encontrar a primeira geração da família que veio pra cá e se moraram naquela região). Quantos anos eles (pais) têm? Quando seus (pais/avós/bisavós) vieram pra São Paulo? Você sabe por que eles vieram?

16. \*E o resto da família, tios, primos, também vivem aqui em São Paulo?  
(Se sim, em que bairros? Moram próximo? Se não, onde? Têm contato sempre?)

17. Você é casado? Você tem filhos? Quantos anos eles têm?

18. Com quem você mora?

19. Como você acha que é a vida em família hoje aqui na região?

a. (Para os mais velhos) É muito diferente de quando você era criança?

b. (Para os mais jovens) É muito diferente do que seus pais contam para você?

c. Muitas pessoas falam que as crianças hoje são mal-educadas. O que você acha disso? Você acha que as crianças hoje têm menos respeito pelos adultos?

20. \*No passado, esperava-se que as mulheres ficassem em casa para tomar

conta das crianças. E hoje, como que você percebe que é isso na região em que você mora? Mudou?

a. Na sua casa, os homens ajudam nos afazeres domésticos? O que você acha de um homem ficar em casa e cuidar dos filhos?

21. Você acha que as famílias mudaram hoje em dia? Conhece alguma diferente? (perguntar sobre casais do mesmo sexo) TRABALHO/OCUPAÇÃO (aprox. 5 min.)

Objetivos: obter informações sobre rede social do informante; características socioeconômicas

22. Você trabalha aqui por perto? (se não souber onde a pessoa trabalha)

23. Como você faz para chegar até o seu trabalho? Quais meios de transporte você utiliza?

24. O que você faz? Faz tempo que você trabalha nesse serviço?

25. Você gosta do seu serviço? (Se não, o que a pessoa preferiria fazer?)

26. Você se sente reconhecido no seu trabalho?

27. Você quer alcançar outro cargo? O que você almeja no seu trabalho?

28. Qual é a profissão dos seus sonhos?

29. Se você ganhasse na mega-sena, o que você faria?
30. As pessoas devem continuar trabalhando, mesmo se elas têm muito dinheiro?

LAZER (aprox. 5 min.)

Objetivos: obter informações sobre rede social do informante; mobilidade na cidade; características socioeconômicas

31. E nas horas de lazer, o que você e sua família gostam de fazer? (Se saem, vão pra que lugares?)  
Você acha que a região tem boas opções de lazer? Quais?
32. A maioria dos seus amigos mora aqui nesse bairro mesmo? (Se não, onde?)
33. Você tem algum atividade de recreação em grupo, algum clube...?
34. Quais são seus amigos mais antigos? Você mantém contato com os amigos de colégio?
35. \*Você costuma viajar? Pra que lugares já viajou? Que lugares gostaria de conhecer?

II. \*Segunda parte

A CIDADE DE SÃO PAULO (aprox. 20 min.)

37. \*Você gosta de morar aqui na região? (Se não, em que lugar preferiria morar?) Por quê?
38. \*O que você acha que caracteriza a região em que mora (tanto as coisas boas quanto ruins)?
39. \*O que você acha que caracteriza um morador desta região (tanto as coisas boas quanto ruins)?
40. \*Olhando pra mim, você diria que eu sou daqui? Por quê?
41. \*O que você mais gosta daqui?
42. \*O que você não gosta daqui? (a depender do tópico mencionado pelo informante - violência, trânsito, poluição etc. - procurar explorar mais o assunto.

P.ex.: você já foi assaltado? O que aconteceu? (para obter narrativa pessoal) O

que o governo deve fazer pra solucionar esse problema? (para obter uma fala mais distanciada)) (explorar o subtópico por aproximadamente 10 min.)

43. \* O que você acha sobre a atual prefeitura da cidade de São Paulo? Acha que tem diferença com relação à anterior? Acha que a prefeitura é presente aqui na região? Você percebe ela fazendo coisas aqui?
44. \*Pras pessoas que não moram nessa região, como você acha que elas imaginam que seja aqui?  
Qual é a imagem que as pessoas de fora daqui têm da região?
45. \*Você falou que já foi pra (X, Y, Z). Quando você foi pra esses lugares, as pessoas percebiam que você era paulistano? (Se sim) como elas percebiam?
46. E que você é daqui dessa região da Zona Sul, elas percebiam? (Se sim) como elas percebiam?
47. \*Quando você conhece alguém, você percebe se a pessoa não é daqui?
  - a. (Se sim) como você percebe? (Se o informante mencionar o modo de falar, seguir nessa linha e tentar conseguir informações mais precisas. É normal as pessoas não saberem definir o porquê, mas devemos tentar tirar mais informações).

b. (Se não) Quando você ouve uma pessoa falando, por exemplo, você percebe que ela é de fora pelo sotaque?

PRODUÇÃO/PERCEPÇÃO/AVALIAÇÃO LINGUÍSTICA (aprox. 10 min.)

48. \*Qual o sotaque do Brasil que você mais gosta? E tem algum que te irrita? Como é que (o gaúcho/o carioca/o mineiro/o caipira etc. – a depender dos

sotaques mencionados) fala(m)?

49. Aqui onde você mora tem muita gente que vem de fora? De outros estados, cidades ou de outra região?

50. \*E como é que as pessoas falam na cidade de São Paulo? (evitar usar a palavra “sotaque”)

51. \*Dentro da cidade de São Paulo, você consegue identificar se a pessoa é de alguma região ou bairro específico da cidade? (Se sim) Você poderia dar alguns exemplos?

52. Você acha que as pessoas daqui do bairro/região tem um jeito específico de falar?

53. \*Você já ouviu a expressão “da ponte pra cá”? O que acha dela?

LISTA de PALAVRAS:

Apresentar ao informante a lista de palavras e dizer: “Agora eu queria te pedir pra ler algumas coisas. Eu tenho aqui uma lista de palavras, e eu queria que você lesse cada uma delas. Você pode dar uma olhada primeiro, antes de começar a ler.” Esperar que o informante leia a lista de palavras. Depois perguntar:

54. \*A gente estava falando de sotaques agora há pouco... Como você acha que uma pessoa do interior falaria algumas dessas palavras? Tem diferenças?

55. Você acha pessoas de outros bairros de São Paulo fariam algumas dessas palavras diferente?

56. \*E como um carioca falaria algumas dessas palavras?

57. \*Tem mais algum sotaque no Brasil que você conhece?

\*LEITURA DE NOTÍCIA:

Dizer ao informante: “Agora eu queria que você lesse esse texto. Você pode ler em voz baixa antes de falar em voz alta.” Esperar que o informante leia a notícia.

\*LEITURA DE TRECHO:

Dizer ao informante: “Por último, queria que você lesse esse trequinho.” Esperar que o informante leia o trecho.

58. (Sobre /e/ nasal) O que você acha desse modo de falar: “Você tá entendendo o que eu tô dizendo?” (com “en” ditongado e exagerado). Se a pessoa manifestar uma atitude negativa, perguntar: Como você acha que deveria ser? O que tem de errado aí?

59. Quem você acha que fala assim? (se falar “paulistanos”, perguntar: “você acha que todos os paulistanos falam assim ou é uma coisa de uma região ou grupo mais específico na cidade?”)

60. Você fala desse modo?

61. (Sobre concordância nominal) E o que você acha de “Me vê dois pastel e um chopps?” (Repetir as perguntas 56-57)
62. (Sobre /r/ retroflexo) E o que você acha de “A porta tá aberta.” (com retroflexo exagerado). (Repetir as perguntas 56-57).
63. E “A porta tá aberta”? (com tepe exagerado)
64. E tem algum modo de falar que você acha assim bem zona sul

## Anexo II - Lista de palavras (leitura)

alma	gula
amargo	Hércules
animação	hilário
argola	irmã
atitude	justiça
barqueiro	lento
biscoito	mortadela Marba
cacique	mosca
carteiro	necessidade
cerca	noite
chácara	orca
circo	Ordem e progresso
cisne	orgânico
curto	órgão
defender	ostracismo
discoteca	penteadado
elefante	pertencimento
enchente	perto
entender	porto
entretenimento	presente
erguer	rapidez
fazenda	riqueza
felicidade	sabor de menta
firme	soberba
fornalha	trabalho
furgão	turco
fusquinha	urgente
geleira	utilidade
gérmen de trigo	vulto
gordo	zebra

### **Anexo III - Leitura de notícia**

#### **Projeto Distribui Livros Em Pontos De Ônibus Na Zona Sul De SP**

Idealizada pelo poeta Binho, a ação transforma o cotidiano das pessoas por meio da leitura. Assim como na frase citada acima, a democratização da literatura é o que move as ações criadas pelo poeta Binho, 52, do Sarau do Binho, na zona sul de São Paulo.

A mais recente delas, intitulada “Livro no Ponto”, oferece diariamente livros de diferentes áreas e linguagens em dois pontos de ônibus na estrada do Campo Limpo, altura do nº 5.100, também na região sul da capital paulista. Criada há três anos, o objetivo da iniciativa é distribuir obras gratuitas aos moradores do bairro e promover o acesso à leitura.

“Há muito tempo vinha pensando sobre a dificuldade que muitas pessoas têm pra terem acesso aos livros, da burocracia das bibliotecas e do preço dos livros nas livrarias. Nos pontos de ônibus, a circulação de pessoas é muito grande, por isso nós começamos este projeto” conta Suzi, uma das idealizadoras do projeto. Com a repercussão positiva, eles pretendem expandir a iniciativa para outros pontos de ônibus no futuro. Quer doar livros para o projeto? Entre em contato pela página no Facebook.

### **Anexo IV - Leitura de depoimento**

Olha, aqui nesse bairro é bem ruim pra transporte, sabe?! Às vezes a gente fica horas parado no ponto de ônibus e nada. Passa quinze, vinte, cinquenta minutos... uma... duas horas... e nada de ônibus. É complicado. O shopping que tem mais perto fica há uma hora e pra ir pro centro da cidade é difícil porque o transporte é ruim e é longe. Sobra o que? Quase nada. Os jovens que moram lá no centro vivem diferente nesse sentido porque eles podem escolher o que fazer, mas nós não temos opção pra juventude não. Às vezes meus amigos ficam bravos comigo quando eu digo essas coisas. Eles dizem “ah, você tá desmerecendo a região” e não sei o que... Mas isso não tem nada a ver... porque uma coisa são as pessoas daqui que eu gosto, outra é o bairro, né?! Gosto das pessoas, mas o bairro é complicado.

**Anexo V - Tabela com as ocorrências das variáveis por participante (amostra estratificada)**

PARTICIPANTE	CV0 (3PP)	CVP (3PP)	CV0 (1PP)	CVP (1PP)	CNO	CNP	[em]	[ejn]	Retroflexo	Tepe	Aspirado (N. Totais)
Adelia (Ens. Fund., 3ª F. Etária)	4	43	0	1	6	30	7	23	31	14	11
Ainda (Ens. Sup. 1ª F. Etária)	0	27	0	11	2	34	3	27	39	6	0
Airton (Ens. Médio. 2ª F. Etária)	8	31	0	8	18	18	15	13	8	37	19
Alessandro (Ens. Médio. 1ª F. Etária)	9	37	0	2	7	29	7	23	14	31	0
Aurora (Ens. Sup. 2ª F. Etária)	2	30	0	6	12	24	15	14	14	31	9
Betina (Ens. Médio. 2ª F. Etária)	18	22	0	6	10	26	14	16	2	13	133
Clayson (Ens. Fund. 3ª F. Etária)	19	4	0	3	32	20	6	24	9	36	7
Cleber (Ens. Sup. 1ª F. Etária)	3	19	0	2	1	29	11	19	10	14	34
Coralina (Ens. Fund. 3ª F. Etária)	6	28	0	0	26	4	15	15	30	15	6
Dandara (Ens. Sup. 1ª F. Etária)	1	110	0	7	0	30	2	28	8	37	10
Daniel (Ens. Sup. 2ª F. Etária)	0	53	0	3	1	29	22	8	21	24	1
Dora (Ens. Sup. 3ª F. Etária)	1	65	0	4	1	29	0	30	6	39	0
Eliane (Ens. Médio. 2ª F. Etária)	0	29	0	0	2	28	2	28	10	35	2
Erick (Ens. Sup. 1ª F. Etária)	0	42	0	0	3	27	2	28	12	33	0
Fernanda (Ens. Sup. 3ª F. Etária)	5	46	4	38	8	22	14	16	22	23	0
Francisca (Ens. Fund. 3ª F. Etária)	12	7	2	3	28	2	25	5	15	30	11
Glauber (Ens. Médio. 2ª F. Etária)	6	18	2	0	3	27	14	16	0	1	93
Hilda (Ens. Sup. 2ª F. Etária)	0	52	0	13	1	29	13	17	15	30	11
Horácio (Ens. Sup. 3ª F. Etária)	4	32	0	0	9	21	8	22	0	45	56
Joaquim (Ens. Médio. 1ª F. Etária)	3	28	0	0	4	26	5	25	42	3	0
José (Ens. Médio. 2ª F. Etária)	4	38	0	7	6	24	10	20	40	5	0
Josefa (Ens. Fund. 1ª F. Etária)	3	13	0	0	2	28	7	22	21	24	0
Kelly (Ens. Médio. 1ª F. Etária)	1	32	0	0	1	29	3	27	4	41	0
Luzia (Ens. Sup. 2ª F. Etária)	4	8	0	3	21	9	15	15	4	6	32
Maiara (Ens. Sup. 3ª F. Etária)	2	24	0	1	0	30	6	24	9	36	0
Pezão (Ens. Sup. 3ª F. Etária)	2	32	0	8	15	15	6	24	7	38	7
Marly	0	37	0	0	4	26	5	25	6	39	0

(Ens. Médio. 2ª F. Etária)											
Michele (Ens. Médio. 1ª F. Etária)	1	70	0	1	0	30	0	30	16	29	0
Paulo (Ens. Sup. 2ª F. Etária)	1	22	0	7	1	29	20	10	30	15	0
Robson (Ens. Sup. 2ª F. Etária)	10	36	0	0	8	22	11	19	26	19	0
Rogério (Ens. Médio. 1ª F. Etária)	2	58	0	1	2	28	15	15	33	12	0
Rosa (Ens. Sup. 1ª F. Etária)	2	55	0	0	2	28	3	27	39	6	0
Timoteo (Ens. Médio. 3ª F. Etária)	4	73	1	20	8	22	7	23	11	34	19
Victor (Ens. Médio. 3ª F. Etária)	1	28	0	36	6	24	16	14	5	40	0
Wagner (Ens. Sup. 1ª F. Etária)	1	18	0	0	2	28	13	17	6	39	0

## Anexo VI - Teste de significância do modelo de regressão para (EN)

Backwards Step-down - Original Model

Deleted	Chi-Sq	d.f.	P	Residual	d.f.	P	AIC
CONT.FON.PREC	1.96	2	0.3746	1.96	2	0.3746	-2.04
ESCOLARIDADE	0.04	1	0.8414	2.00	3	0.5716	-4.00
PAIS.NASCIMENTO	0.71	1	0.3992	2.71	4	0.6067	-5.29
RAIZ.AFIXO	0.90	1	0.3422	3.62	5	0.6058	-6.38
SONORIDADE.CONT.FON.SEG	1.94	1	0.1641	5.55	6	0.4751	-6.45

Approximate Estimates after Deleting Factors

	Coef	S.E.	Wald	Z	P
Intercept	1.4857	0.3998	3.7162		2.022e-04
FAIXA.ETARIA=2a	-1.6872	0.3326	-5.0730		3.916e-07
FAIXA.ETARIA=3a	-1.5024	0.3378	-4.4480		8.669e-06
GENERO=Masculino	-1.3654	0.3309	-4.1269		3.677e-05
NASCIDO.EM.SP=Sim	0.7848	0.2304	3.4058		6.597e-04
SONORIDADE.CONT.FON.PREC=surda	-0.5203	0.1734	-3.0011		2.690e-03
CONT.FON.SEG=labial	-1.3882	0.1902	-7.2971		2.940e-13
VOGAL.SIL.SEG=i	1.9674	0.2491	7.8980		2.887e-15
VOGAL.SIL.SEG=u	-0.1643	0.2308	-0.7118		4.766e-01
FAIXA.ETARIA=2a * GENERO=Masculino	0.6171	0.4189	1.4731		1.407e-01
FAIXA.ETARIA=3a * GENERO=Masculino	1.5684	0.4355	3.6016		3.162e-04

Factors in Final Model

[1] FAIXA.ETARIA            GENERO  
[3] NASCIDO.EM.SP        SONORIDADE.CONT.FON.PREC  
[5] CONT.FON.SEG        VOGAL.SIL.SEG  
[7] FAIXA.ETARIA \* GENERO

	index.orig	training	test	optimism	index.corrected	n
Dxy	0.6821	0.6909	0.6699	0.0209	0.6611	200
R2	0.4101	0.4221	0.3959	0.0262	0.3839	200
Intercept	0.0000	0.0000	0.0294	-0.0294	0.0294	200
Slope	1.0000	1.0000	0.9399	0.0601	0.9399	200
E <sub>max</sub>	0.0000	0.0000	0.0187	0.0187	0.0187	200
D	0.3463	0.3587	0.3321	0.0266	0.3197	200
U	-0.0019	-0.0019	0.0009	-0.0028	0.0009	200
Q	0.3482	0.3607	0.3313	0.0294	0.3189	200
B	0.1494	0.1468	0.1526	-0.0058	0.1552	200
g	1.8641	1.9185	1.7987	0.1198	1.7443	200

gp 0.2959 0.2994 0.2903 0.0091 0.2868 200

## Anexo VII - Resumo do teste de regressão de efeitos mistos de (EN) para a 3ª Faixa Etária

binomial (logit)

Formula: VD ~ GENERO + ESCOLARIDADE + NASCIDO.EM.SP + PAIS.NASCIMENTO + SONORIDADE.CONT.FON.PREC + VOGAL.SIL.SEG + (1 | PARTICIPANTE) + (1 | ITEM.LEXICAL)

Data: dados\_e

AIC	BIC	logLik	deviance	df.resid
316.1	354.1	-148.1	296.1	320

Scaled residuals:

Min	1Q	Median	3Q	Max
-4.0100	-0.5052	0.1596	0.4170	2.5623

Random effects:

Groups	Name	Variance	Std.Dev.
ITEM.LEXICAL	(Intercept)	1.851	1.360
PARTICIPANTE	(Intercept)	1.198	1.094

Number of obs: 330, groups: ITEM.LEXICAL, 134; PARTICIPANTE, 11

Fixed effects:

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z )
(Intercept)	-0.6193	0.9993	-0.620	0.5354
GENEROMasculino	0.2737	0.7900	0.346	0.7290
ESCOLARIDADEEns Superior	1.4352	0.8022	1.789	0.0736 .
NASCIDO.EM.SPSim	0.9832	1.0588	0.929	0.3531
PAIS.NASCIMENTOSim	0.4402	0.9484	0.464	0.6425
SONORIDADE.CONT.FON.PRECsurda	-0.3979	0.5148	-0.773	0.4396
VOGAL.SIL.SEGi	2.4740	0.7884	3.138	0.0017 **
VOGAL.SIL.SEGu	-0.7884	0.6572	-1.200	0.2303

---

Signif. codes: 0 '\*\*\*' 0.001 '\*\*' 0.01 '\*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1

Correlation of Fixed Effects:

(Intr)	GENERO	ESCOLS	NASCID	PAIS.N	SONORI	VOGAL.SIL.SEGi
GENEROMscln	-0.288					
ESCOLARIDAS	-0.311	0.064				
NASCIDO.EM.	-0.419	-0.237	0.004			
PAIS.NASCIM	-0.013	0.171	-0.142	-0.546		
SONORIDADE.	-0.226	0.020	0.022	-0.035	0.010	
VOGAL.SIL.SEGi	-0.452	0.001	0.086	0.044	0.031	0.126
VOGAL.SIL.SEGu	-0.458	-0.029	0.000	-0.033	-0.016	0.093
						0.553

## Anexo VIII - Resumo do teste de regressão de efeitos mistos de (EN) para a 2ª Faixa Etária

Generalized linear mixed model fit by maximum likelihood (Laplace

Approximation) [glmerMod]

Family: binomial (logit)

Formula: VD ~ GENERO + ESCOLARIDADE + NASCIDO.EM.SP + PAIS.NASCIMENTO + SONORIDADE.CONT.FON.PREC + VOGAL.SIL.SEG + (1 | PARTICIPANTE) + (1 | ITEM.LEXICAL)

Data: dados\_e

AIC	BIC	logLik	deviance	df.resid
331.3	370.1	-155.6	311.3	347

Scaled residuals:

Min	1Q	Median	3Q	Max
-----	----	--------	----	-----

-3.9516 -0.3761 0.0854 0.3803 3.5232

Random effects:

Groups	Name	Variance	Std.Dev.
	ITEM.LEXICAL (Intercept)	1.4596	1.2081
	PARTICIPANTE (Intercept)	0.8696	0.9325

Number of obs: 357, groups: ITEM.LEXICAL, 125; PARTICIPANTE, 12

Fixed effects:

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z )
(Intercept)	0.03825	1.05536	0.036	0.97109
GENEROMasculino	-0.77668	0.72107	-1.077	0.28143
ESCOLARIDADEEns Superior	-1.92813	0.66705	-2.891	0.00385 **
NASCIDO.EM.SPSim	1.22567	0.89114	1.375	0.16901
PAIS.NASCIMENTOSim	-0.96438	0.98210	-0.982	0.32612
SONORIDADE.CONT.FON.PRECsurda	-0.45574	0.49224	-0.926	0.35453
VOGAL.SIL.SEGi	3.72760	0.77203	4.828	1.38e-06 ***
VOGAL.SIL.SEGu	-0.48369	0.64728	-0.747	0.45490

---  
Signif. codes: 0 '\*\*\*' 0.001 '\*\*' 0.01 '\*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1

Correlation of Fixed Effects:

(Intr)	GENERO	ESCOLS	NASCID	PAIS.N	SONORI	VOGAL.SIL.SEGi
GENEROMscln	-0.346					
ESCOLARIDAS	-0.276	0.043				
NASCIDO.EM.	-0.665	0.086	-0.051			
PAIS.NASCIM	0.109	-0.436	0.029	-0.231		
SONORIDADE.	-0.149	0.015	0.005	0.007	0.042	
VOGAL.SIL.SEGi	-0.346	-0.070	-0.186	0.043	0.026	-0.054
VOGAL.SIL.SEGu	-0.396	-0.010	0.008	-0.067	0.078	-0.050

optimizer (Nelder\_Mead) convergence code: 0 (OK)  
Model failed to converge with max|grad| = 0.00672058 (tol = 0.002, component 1)

## Anexo IX - Resumo do teste de regressão de efeitos mistos de (EN) para a 1ª Faixa Etária

Generalized linear mixed model fit by maximum likelihood (Laplace Approximation) [glmerMod]

Family: binomial ( logit )

Formula: VD ~ GENERO + ESCOLARIDADE + PAIS.NASCIMENTO + SONORIDADE.CONT.FON.PREC + VOGAL.SIL.SEG + (1 | PARTICIPANTE) + (1 | ITEM.LEXICAL)

Data: dados\_e

AIC	BIC	logLik	deviance	df.resid
283.9	318.9	-133.0	265.9	350

Scaled residuals:

Min	1Q	Median	3Q	Max
-7.3035	0.0683	0.1765	0.3797	1.4851

Random effects:

Groups	Name	Variance	Std.Dev.
	ITEM.LEXICAL (Intercept)	0.5552	0.7451
	PARTICIPANTE (Intercept)	0.5306	0.7284

Number of obs: 359, groups: ITEM.LEXICAL, 123; PARTICIPANTE, 12

Fixed effects:

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z )
(Intercept)	3.9843	1.1414	3.491	0.000481 ***
GENEROMasculino	-2.9616	1.0194	-2.905	0.003672 **
ESCOLARIDADEEns Superior	0.4958	0.5642	0.879	0.379524
PAIS.NASCIMENTOSim	-1.8402	1.0599	-1.736	0.082517 .
SONORIDADE.CONT.FON.PRECsurda	-1.0937	0.4562	-2.397	0.016515 *
VOGAL.SIL.SEGi	2.0374	0.7144	2.852	0.004346 **
VOGAL.SIL.SEGu	-0.7713	0.6090	-1.267	0.205316

---

Signif. codes: 0 '\*\*\*' 0.001 '\*\*' 0.01 '\*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1

Correlation of Fixed Effects:  
(Intr) GENERO ESCOLS PAIS.N SONORI VOGAL.SIL.SEGi  
GENEROMscln -0.807  
ESCOLARIDAS -0.203 0.011  
PAIS.NASCIM -0.746 0.826 0.026  
SONORIDADE. -0.151 0.051 -0.039 -0.003  
VOGAL.SIL.SEGi -0.215 -0.068 0.036 -0.057 -0.150  
VOGAL.SIL.SEGu -0.434 0.066 -0.099 0.024 -0.042 0.599  
optimizer (Nelder\_Mead) convergence code: 0 (OK)  
Model failed to converge with max|grad| = 0.00262501 (tol = 0.002, component 1)

## Anexo X - Teste de regressão de efeitos mistos para CN sem a adição de “Falante” como efeito aleatório

Generalized linear mixed model fit by maximum likelihood (Laplace Approximation) [glmerMod]  
Family: binomial (logit)  
Formula: VD ~ FAIXA.ETARIA \* GENERO + ESCOLARIDADE + NASCIDO.EM.SP + PAIS.NASCIMENTO + PARALELISMO + CONF.SINTAGMATICA + (1 | PARTICIPANTE)

Data: dados\_cn  
AIC BIC logLik deviance df.resid  
914.6 984.7 -443.3 886.6 1094

Scaled residuals:  
Min 1Q Median 3Q Max  
-2.7542 -0.4347 -0.2468 -0.0908 6.5346

Random effects:  
Groups Name Variance Std.Dev.  
PARTICIPANTE (Intercept) 0.8651 0.9301  
Number of obs: 1108, groups: PARTICIPANTE, 35

Fixed effects:

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z )
(Intercept)	-1.8329	0.9030	-2.030	0.042388 *
FAIXA.ETARIA2a	2.7271	0.8661	3.149	0.001640 **
FAIXA.ETARIA3a	2.1603	0.7836	2.757	0.005835 **
GENEROMasculino	1.7855	0.8964	1.992	0.046385 *
ESCOLARIDADEEns Médio	-1.2008	0.6499	-1.848	0.064670 .
ESCOLARIDADEEns Superior	-1.5448	0.5968	-2.588	0.009644 **
NASCIDO.EM.SPSim	-0.8435	0.6002	-1.405	0.159950
PAIS.NASCIMENTOSim	0.5521	0.5522	1.000	0.317389
PARALELISMOPREC.CNO	0.9554	0.2679	3.566	0.000362 ***
PARALELISMOPRIMEIRO	0.6118	0.2030	3.013	0.002584 **
CONF.SINTAGMATICAsem.posicao	-0.6368	0.2238	-2.845	0.004435 **
FAIXA.ETARIA2a:GENEROMasculino	-2.4944	1.1847	-2.106	0.035243 *
FAIXA.ETARIA3a:GENEROMasculino	-1.0826	1.0580	-1.023	0.306190